

ASTROLOGIA, KARMA E TRANSFORMAÇÃO

Stephen Arroyo, que é licenciado em Psicologia e conselheiro familiar na Califórnia, tem posto em prática diversos métodos de psicoterapia, ioga e outras técnicas de cura.

Apresenta-nos agora um trabalho de grande seriedade que é ao mesmo tempo uma desmistificação de certa charlatanice erradamente denominada astrologia e a revelação dessa antiga ciência onde os iniciados lêem as determinantes do universal e individual históricos.

A obra de Arroyo é um estudo profundo, apresentado em linguagem concisa, que atinge o principal objectivo de esclarecer e explicar a astrologia integrada na psicologia de Jung e na filosofia oriental.

«Signos kármicos», «Chaves para a transformação» e «Horóscopos compostos» são alguns dos pontos deste livro, que proporcionará ao leitor, mesmo não iniciado, um manancial de conhecimentos que conferem uma base psicológica significativa à interpretação astrológica.

Portas do  Desconhecido.

095

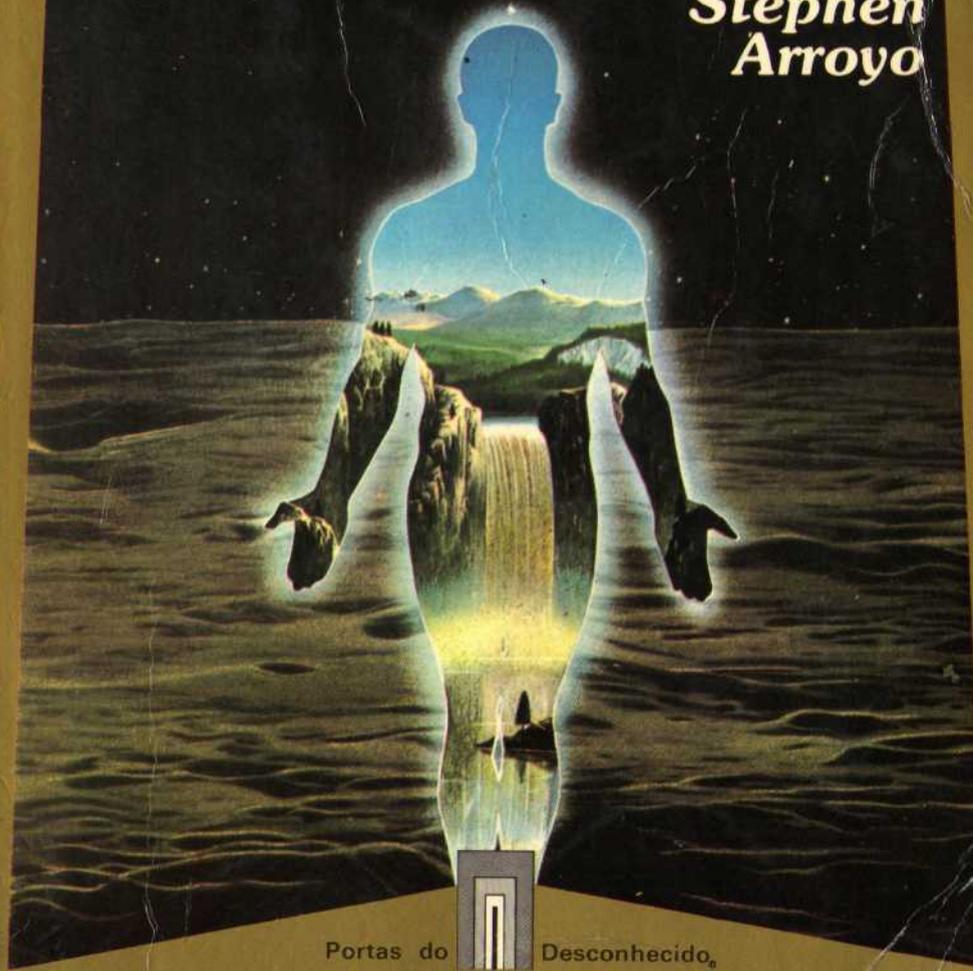
Stephen
Arroyo

ASTROLOGIA, KARMA E TRANSFORMAÇÃO



ASTROLOGIA, KARMA E TRANSFORMAÇÃO

Stephen
Arroyo



Portas do  Desconhecido.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



PORTAS DO DESCONHECIDO

Astrologia, karma e transformação

OBRAS PUBLICADAS NESTA COLEÇÃO

- 1— *As Possessões Diabólicas*, Roland Villeneuve
- 2— *A Ciência face aos Extraterrestres*, Jean-Claude Bourret
- 3— *A Telepatia e os Reinos Invisíveis*, René Bertrand
- 4— *Profetas, Videntes e Astrólogos*, Pascale Maby
- 5— *A Vida depois da Morte — Novas Pesquisas Parapsíquicas*,
Alain Sotto e Varinia Oberto
- 6— *Os Segredos da Alquimia*, Arnold Waldstein
- 7— *Lobsang Rampa — O Enigma*, Alain Stanké
- 8— *Os Segredos da Magia*, Prof. D'Arbó
- 9— *OVNI — O Fim do Segredo*, Robert Roussel
- 10— *O Enigma dos Monstros de Loch Ness*, Jean Berton
- 11— *Astrologia, Karma e Transformação*, Stephen Arroyo

STEPHEN ARROYO

**ASTROLOGIA,
KARMA
E TRANSFORMAÇÃO**

2.ª edição

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Titulo original: Astrology, Karma and Transformation

Tradução de Carolina O. Sá

Capa: estúdios P. E. A.

© 1978, Stephen Arroyo

© Mandala Illustrations, 1978 by Pacia Ryneal

*Direitos para Portugal e Brasil reservados
por Publicações Europa-América, Lda.*

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum interpretar-se como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

*PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.
Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX
PORTUGAL*

Edição n.º 32 011/3971

*Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins*

AGRADECIMENTOS

Embora a maior parte dos autores não agradeçam os contributos de editores, revisores de provas e outras pessoas que concorreram para criar determinada obra, é minha convicção que os esforços dessas pessoas são subestimados e merecem, por isso, gratidão e reconhecimento. Um livro como este nasce do esforço conjunto do autor e de todas as outras pessoas que contribuem para aperfeiçoar e definir as intenções de quem o escreve. E através de todas elas e não só do autor que um livro nasce.

Assim, quero agradecer especialmente a Joanie Case e Barbara McEnerney pelo trabalho de edição e de revisão de provas; devo-lhes ainda, além disso, inúmeras e excelentes sugestões, tanto sobre a forma como sobre o conteúdo deste livro. Foram os seus profundos conhecimentos, não só sobre matéria editorial, como também sobre astrologia, que tornaram claro e acessível ao leitor o que eventualmente a obra possuía de válido.

Quero também agradecer a Pacia Ryneal pela capa e pelos *mandalas* que, sem dúvida, enriquecem muito este livro; a Dierdre Engstrom pelo desenho dos gráficos nos capítulos VI e X; e a Diane Simon pela revisão de provas e pelas suas sugestões tão positivas.

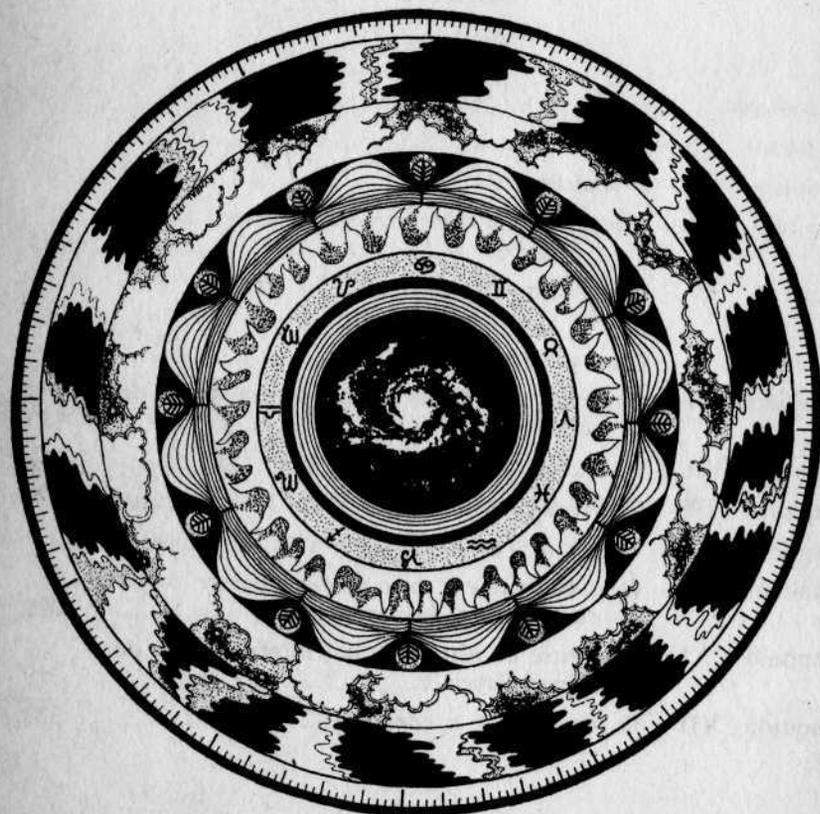
Por fim, quero agradecer a Jim Maynard e a Sharon Saltzman pela competência, pelos conhecimentos práticos e também pelo entusiasmo com que se devotaram à concepção e produção deste livro.

Uma pequena parte do material incluído na obra foi anteriormente publicada sob forma de artigo na revista *Horoscope*, de Dell, no *Aquarian Astrology*, da Popular Library, e no *Astrology Now*, de Llewellyn. Agradecemos, portanto, a autorização dos editores para a nova apresentação desse material, noutra contexto e inteiramente revisto.

ÍNDICE

	Pág.
<i>Introdução</i>	9
Capítulo I — <i>Karma</i>	19
Capítulo II — <i>Transformação</i>	47
Capítulo III — <i>Chaves para a transformação. Parte I: Úrano e Neptuno</i>	63
Capítulo IV — <i>Chaves para a transformação. Parte II: Plutão</i>	83
Capítulo V — <i>Saturno: natureza e ciclos</i>	109
Capítulo VI — <i>Aspectos de transformação no horóscopo de nascimento</i>	153
Capítulo VII — <i>Karma e relações</i>	213
Capítulo VIII — <i>Ciclos de transformação. Parte I: Progressões</i>	235
Capítulo IX — <i>Ciclos de transformação. Parte II. Trânsitos</i>	259
Capítulo X — <i>O ascendente e o meio do céu: factores vitais da estrutura da personalidade</i>	295
Capítulo XI — <i>Conceitos de astrologia nas interpretações de Edgar Cayce</i>	319
Capítulo XII — <i>O astrólogo e a consulta</i>	333

A Kathy, minha mulher, colaboradora e conselheira, pelo seu encorajamento e a sua ajuda prática e espiritual, e o seu modo de ser.



INTRODUÇÃO

Uma pessoa pode conhecer o mundo todo sem andar a correr de um lado para o outro; uma pessoa pode ver o caminho do céu sem olhar pela janela. Quanto mais se avança, menos se sabe.

LAO TZU

Desde que comecei a estudar astrologia — tema pelo qual principiei a interessar-me durante um período de grandes alterações na minha vida, após um estudo profundo das obras de C. G. Jung — descobri que a astrologia era muito mais do que aquilo que a maior parte dos livros sobre esta matéria apresentam. Por outras palavras, sempre tive a consciência intuitiva de que, por detrás dos símbolos e da linguagem arcaica de astrologia, existia um vasto mundo de sabedoria potencial, de mais profunda compreensão das autênticas leis da vida, de revelações que podem conduzir um estudante aplicado a um entendimento mais perfeito das dimensões espirituais da experiência. Por isso, quando comecei a devorar, um após outro, livros sobre astrologia, dei imediatamente comigo à procura dos mais profundos significados dos símbolos, do significado oculto dessa linguagem cósmica que me parecia encerrar uma grande força, propícia ao desenvolvimento espiritual e à elevação da consciência.

A medida que continuava os meus estudos, ia-se-me tornando cada vez mais claro que a astrologia trabalha com níveis de consciência psicológica e dimensões da experiência muito para além da compreensão do espírito lógico terreno. Percebi que só o mais elevado espírito intuitivo (aquilo a que podemos chamar o «olho da alma») podia verdadeiramente entender a astrologia em todas as suas profundas ramificações, em todo o seu significado; e, ano atrás de ano, descobri que uma pessoa pode realmente apurar a intuição através da meditação, da prática constante e da abertura de espírito, a ponto de imediatamente ser capaz de sentir a realidade essencial que os autores tentam explicar verbalmente em tantos livros.

Nos meus primeiros estudos, todavia, embora encarasse a astrologia sem o cepticismo que muitas pessoas, na cultura ocidental,

têm de vencer em idênticas circunstâncias, fiquei rápida e profundamente desapontado com a qualidade de pensamento, análise, objectividade e consciência espiritual demonstrada nas obras da maior parte dos astrólogos antigos e modernos. Esta desilusão estendia-se não só aos trabalhos que abordavam principalmente acontecimentos, previsão e análises superficiais de carácter, mas também àqueles textos sobre «astrologia esotérica» que, embora num ou noutro caso aceitáveis para algumas pessoas são, regra geral, bastante ridículos nas suas generalizações e prédicas, ignorando, assim, qualquer debate sobre o significado *essencial* dos vários factores astrológicos. Felizmente que depressa me embrenhei nas obras de Dane Rudhyar e em estudos aprofundados sobre ioga, cura, religiões orientais, e também em dissertações e escritos de muitos mestres espirituais, além das incomparáveis investigações científicas de Jung que continuei a estudar por muitos anos. Tudo este trabalho, combinado com as minhas percepções, cada vez mais claras, nos domínios da energia, com um demorado estudo de centenas de sonhos, altamente instrutivos, e com uma síntese intuitiva das muitas dimensões da vida em torno de um ideal espiritual central, acabaram por me permitir elaborar um método de compreensão e de aplicação da astrologia que agora manejo bastante bem.

Não quero com isto dizer que criei um «sistema fechado» de «interpretação» astrológica. Pelo contrário; tais concepções tão «perfeitas» depressa se tornam rígidas e irrelevantes, e foi precisamente este género de sistema que achei tão intoleravelmente limitativo. Quero apenas dizer que estou agora convencido de que a direcção que sigo nos meus estudos e nas consultas que dou é a direcção correcta para o meu próprio desenvolvimento e, na verdade, muito mais útil e construtiva para os meus clientes e estudantes do que o sortido de teorias e presunções por comprovar que integram tão grande parte da astrologia tradicional orientada para os acontecimentos ou «esotérica». As falsidades e generalizações abusivas que se encontram em tantos livros de astrologia são profundamente destrutivas quando aplicadas em situações individuais sem aperfeiçoamento ou ajustamento inteligente ao nível de consciência psicológica da pessoa. E são extremamente ridículas quando se descobre que até uma verificação apressada de tais afirmações feita com seriedade e sem auto-ilusão pode demonstrar, na prática, a sua total irrelevância para a experiência da vida real na maior parte dos casos.

Talvez tenha interesse, para o leitor, saber que quando comecei os meus estudos astrológicos ocorriam os seguintes trânsitos: Saturno em conjunção com o ascendente natal Neptuno formando

aspecto com Vénus, e Plutão e Úrano em Virgem, formando aspecto quase perfeito com Úrano natal — todos aspectos ou posições chamados «difíceis» ou «pressionantes». Faço esta referência para mostrar que, para mim, a astrologia envolve não só uma carreira em tempo completo e um modo de pensar e de perseguir a verdade, como também foi, e continua a ser, um instrumento para aperfeiçoar a minha própria natureza e me inspirar na conquista de níveis mais elevados da experiência imediata. Este livro é o resultado das ideias que reuni enquanto investigava os princípios unificadores da vida e mais os profundos significados da astrologia. Inclui uma grande variedade de temas que eu tinha dificuldade em compreender a partir dos livros tradicionais no decurso dos meus próprios estudos, ou que não são adequadamente tratados em qualquer outra obra. Não procurei escrever um «livro de receitas» com centenas de «interpretações» prefabricadas e parto do princípio que o leitor já conhece, *pelo menos*, os significados e características tradicionais básicos dos signos, dos planetas, das casas e dos aspectos ou posições.

Nesta obra, pretendo, em primeiro lugar, esclarecer algumas dimensões da astrologia. Existem muitos níveis de interpretação astrológica. Aquilo que a literatura astrológica mais tem negligenciado são os significados profundos, as dimensões ocultas e o nível experimental de interpretação orientado para o desenvolvimento. Para os que satisfazem com fórmulas de previsão, com conceitos arcaicos e com análises simplistas de carácter, este livro não terá interesse. Os que o considerarão útil e informativo são os que continuam a fazer perguntas como estas: como funciona realmente a astrologia? Por que motivo determinada pessoa nasceu com certos aspectos no horóscopo natal? Qual o *objectivo* deste aparentemente difícil período de tempo? Por que razão determinada pessoa é incapaz de enfrentar com eficácia determinado problema?

Este livro baseia-se, antes de tudo, na experiência pessoal e clínica, e tentei torná-lo o mais prático possível. Todavia, dada a subtilidade e o âmbito imenso de alguns dos temas discutidos é, por vezes, altamente especulativo; por isso, não reivindico resposta para questões últimas e tão-pouco me vanglorio de ter atingido o nível de consciência espiritual necessário para um conhecimento definitivo das mais altas dimensões da vida. Este livro não é, de facto, um conjunto de regras através das quais uma pessoa possa interpretar horóscopos de uma maneira mecânica; é um guia para usar em sintonia com a intuição e a experiência pessoal de cada um. As regras específicas podem ajudar-nos nas primeiras fases dos nossos estudos astrológicos, mas acabam por ter de ser postas de lado, quando a

Unidade e o Amor, que transcendem todas as nossas regras e leis, tão cuidadosamente elaboradas, se tornam cada vez mais uma realidade viva que ilumina cada momento individual e cada encontro com o mistério de outro ser humano.

Um grande perigo em qualquer tipo de estudo «oculto» é o de o estudante se poder perder nas intermináveis manifestações periféricas da Unidade, deixando, assim, de ver tudo como apenas um reflexo ou aspecto da realidade central, unificadora. A citação de Lao Tzu que fizemos ao abrir esta introdução exprime maravilhosamente o valor essencial e a verdade da *simplicidade*, noção que deve tornar-se imediatamente aparente a qualquer praticante da astrologia que queira começar a sintetizar a multidão de factores de qualquer horóscopo num todo significativo e coerente. A Unidade que aparece aos altos níveis da consciência psicológica estilha-se quando reflectida nos mais baixos níveis do ser. Quanto mais nos afastamos da realidade central, mais diversa e contraditória a vida surge. No entanto, à medida que nos harmonizamos com esse centro, com essa mais alta Unidade, percebemos, com crescente clareza, que o horóscopo de nascimento é um símbolo integral, unificado e vivo; que uma pessoa não é *apenas* um composto de muitos factores diversos, mas uma unidade viva de potencial divino. E os processos de aperfeiçoamento com que a astrologia lida (por exemplo, trânsitos e progressões) não são ciclos isolados que ocasionalmente coincidem, antes aspectos de uma consciência psicológica unificada e em desenvolvimento que trabalha simultaneamente a muitos níveis distintos e em muitas dimensões diferentes. Creio, por isso, que um estudante ou praticante de astrologia, se se dedicar, antes do mais, à utilização destes conhecimentos como uma arte incisiva, útil e individualizada, não precisa de se preocupar com as diferentes «técnicas» de previsão ou interpretação que agora brotam de quase todas as publicações astrológicas. Como muitas vezes digo aos meus alunos, quando me perguntam «Por onde devo começar para fazer um horóscopo?», se conseguirmos compreender *inteiramente* um factor do horóscopo, ele levar-nos-á ao centro donde tudo emana. Por outras palavras, comecemos simplesmente a falar daquilo que *compreendem, relacionem-no* com a experiência pessoal e a compreensão do indivíduo e, depois, deixem que as coisas se encadeiem por si próprias. Tal como Albert Einstein afirmava, quando se penetra no âmago de qualquer coisa acaba-se por encontrar a realidade e a verdade mais profundas.

A simplicidade que tenho vindo a defender não constitui ideal inatingível; não se trata de uma bela palavra, na prática inaplicável e irrelevante. Trata-se de uma qualidade que se desenvolve a partir

da consciência individual da Unidade e das infinitas potencialidades da vida interior de cada um. O espírito pode ser o «assassino do real», como diz a sabedoria oriental, e, nesse caso, é o inimigo da clareza e da luz. De facto, o espírito de um astrólogo pode absorver-se de tal modo nos pormenores intrincados de um horóscopo que acabe por perder de vista a totalidade do cliente e os seus valores pessoais. Quando isso acontece, o espírito é o inimigo da verdade e apenas serve para encobrir os problemas com pormenores confusos. O cliente pode sentir-se melhor durante algum tempo, visto que o seu cérebro foi levado a pensar em muitas coisas novas; mas durante quanto tempo durará este alívio, antes que a pessoa se veja de novo confrontada com a necessidade de enfrentar a situação de uma maneira concentrada e profunda?

O espírito, contudo, pode também servir como instrumento aperfeiçoado da personalidade, caso em que ajuda a iluminar a insondável realidade da vida e do destino individual. A qualidade de qualquer diálogo astrológico depende, acima de tudo, da pureza do espírito, da profundidade da concentração e dos ideais da vida próprios do conselheiro. E os que procuram negar a importância dos valores filosóficos ou espirituais do astrólogo, alegando que tal orientação é «mística», anticientífica ou irrelevante para um conhecimento de «fundamentos astrológicos sólidos», parecem-me compreender muito mal o impacto do seu trabalho e a responsabilidade que assumem ao aconselhar outrem. O caos aparente de alguns círculos astrológicos modernos e a confusão que, por vezes, se apossa do espírito de novos estudantes de astrologia só podem ser eliminados se reconhecermos a supremacia das atitudes filosóficas e espirituais subjacentes ao nosso trabalho. É o que o Dr. Kenneth Negus escreve num excelente artigo:

A astrologia, na sua mais válida expressão, não se preocupa apenas com a matéria e a energia que constituem os primeiros objectos das ciências. Só uma perspectiva altamente *filosófica* pode enfrentar adequadamente as supremas forças formativas que fazem do nosso mundo, e das suas imediações, um cosmos. Esta é uma das *mais profundas* verdades astrológicas — e não é certífica.

Temos de reconhecer uma hierarquia do conhecimento no seio da própria astrologia. Isto significa que os níveis filosóficos e humanísticos do conhecimento astrológico não devem ser apenas ingredientes essenciais dos estudos astrológicos, mas possuir uma superioridade transcendente. (In *Astrology Now*, vol. 1, n.º 11, p. 18.)

Ao incitar o leitor à busca desta totalidade e desta simplicidade, não me sinto, obviamente, muito capaz de dizer aqui o que é verdadeiro e o que é falso. A própria natureza deste livro exige, contudo, que utilize a minha compreensão e os meus valores para sugerir possíveis significados ou para distinguir entre vários factores. Nesta obra, tentei fundamentalmente revelar a simplicidade global da astrologia, falando muitas vezes daquilo a que chamo os «temas» de um horóscopo. Esta perspectiva da astrologia tem sido explorada por muitos astrólogos: o Dr. Zipporah Dobyns refere-se repetidamente às doze letras do alfabeto astrólogo, às quais todos os factores do horóscopo podem ser reduzidos; Richard Ideman fala dos variados «diálogos» entre esses factores essenciais, integrando planetas, signos e casas num todo coerente. Eu uso muitas vezes o termo «intercâmbio» para descrever qualquer das possíveis interacções entre os doze princípios astrológicos essenciais¹. Creio que qualquer estudante de astrologia pode beneficiar desta perspectiva — um modo de ver os factores do horóscopo que, se for levado à sua conclusão lógica, transcende por completo o nível de interpretação que classifica tudo como bom/mau ou favorável/desfavorável.

A globalidade de que falo foi maravilhosamente exemplificada neste livro pelos *mandalas* de cada um dos doze signos do Zodíaco, desenhados por Pacia Ryneal. Um *mandala* é um símbolo perfeito de unidade e forma concentrada, e muitos astrólogos defendem, evidentemente, o estudo do horóscopo de nascimento a partir do *mandala* individual da pessoa. Existem *mandalas* antigos zodiacais árabes, hebraicos, indianos, babilónicos, gregos, romanos, tibetanos, sumérios e das culturas cristãs europeias; creio que estes *mandalas*

¹ Será conveniente explicar alguns exemplos destes «intercâmbios» para os leitores não familiarizados com esta perspectiva da astrologia. Um exemplo podem ser os vários intercâmbios entre aquilo a que poderíamos chamar as letras (ou princípios) VII e X do alfabeto astrológico, que são todas, na generalidade, semelhantes, embora cada uma delas se manifeste um tanto diferentemente em aspectos específicos: Saturno em Balança; Saturno na VII casa; Vénus em Capricórnio; Vénus na X casa; todos os aspectos de Vénus-Saturno; e, em certa medida, todas as quadraturas entre as casas VII e X, e entre Balança e Capricórnio.

Outro exemplo poderá ser todos os intercâmbios entre os princípios IV e X: Lua em Capricórnio; Saturno em Caranguejo; Lua na X casa; Saturno na IV casa; todos os aspectos Lua-Saturno; e, de certo modo, todas as oposições entre as casas IV e X, e entre Caranguejo e Capricórnio.

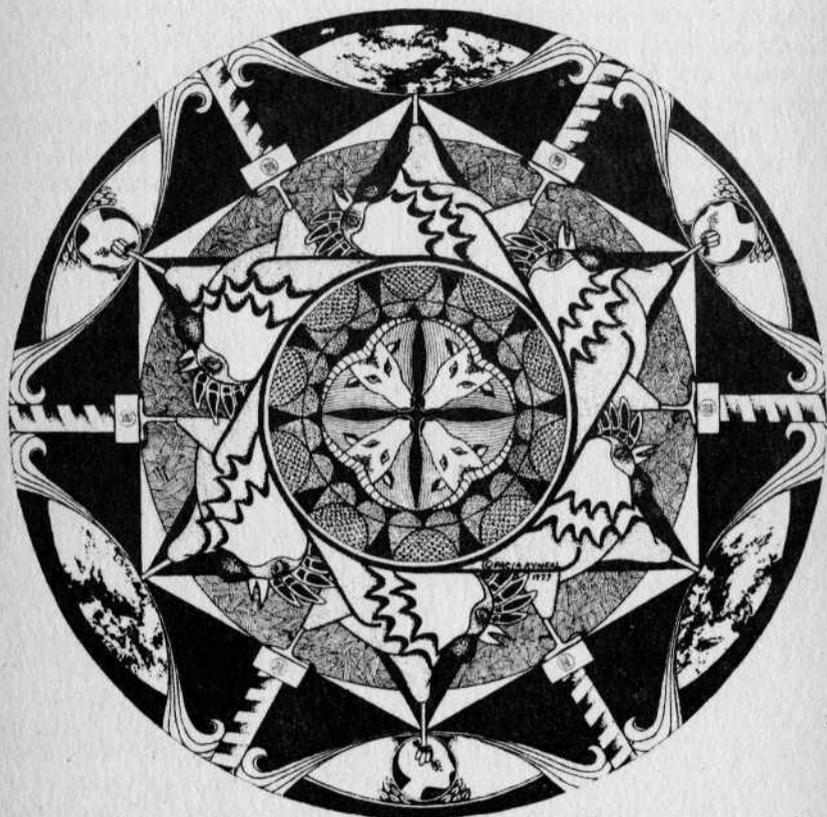
Se qualquer horóscopo individual contiver dois ou mais casos de determinado tipo de intercâmbio, essa dinâmica particular constituirá, pelo menos, um «tema» menor na vida dessa pessoa. Se o horóscopo contiver três ou mais casos, é provável que um tema maior seja, assim, indicado.

modernos incorporam o simbolismo antigo e a intensidade moderna, de tal modo, que revelam graficamente as dimensões ocultas dos símbolos astrológicos. É tempo de modernizar a astrologia, quer em teoria, quer na interpretação prática — e a arte de Pacia Ryneal reflecte esta tendência para uma modernização que se impõe

Por fim, devo salientar que um livro como este (que trata de questões como o karma, a reencarnação e a autotransformação) se baseia necessariamente em presunções que contradizem por completo muitas das presunções não expressas subjacentes ao «senso comum» e à maior parte dos tipos de interpretação astrológica. Isto acontece porque quando se vêem a reencarnação e o karma como *factos da vida* e se baseia a autotransformação num ideal espiritual, todos os tradicionais rótulos, significados e interpretações da astrologia orientada para o acontecimento se subvertem. Quando se opta por esta perspectiva mais englobante, firmada na aceitação de uma realidade mais elevada do que aquela que os nossos sentidos físicos percebem, vê-se que a maior parte das soluções importantes não provêm do mundo exterior, mas de dentro de nós. Em vez de nos debruçarmos sobre a facilidade ou conforto que experimentamos numa certa situação ou período de tempo, penetramos nas lições e no potencial de desenvolvimento inerente a todas as experiências «difíceis», e submetemo-nos às experiências «fáceis» sem esforço, sem perder o equilíbrio ou sem nos sobrevalorizarmos. Nesta perspectiva, o factor de maior importância não é a conveniência e o conforto na vida, no plano material, mas o estado interior do ser e o processo de autodesenvolvimento.

Por exemplo, se uma pessoa nasceu com Vénus em quadratura com a Lua, Neptuno, Úrano ou Saturno, não é particularmente importante o facto de essa pessoa ter determinado grau de problemas no amor ou nas relações. O importante é saber o que essa experiência significa no âmbito mais vasto do nosso desenvolvimento consciente, o que pode ensinar-nos e que objectivo tem. Neste livro, portanto, tentei indicar ao leitor a direcção da compreensão do horóscopo de nascimento, dos trânsitos, das progressões e da comparação dos factores do horóscopo a um nível de profundidade que suscitará — desejemo-lo — um despertar interior para as necessidades, as potencialidades e os objectivos pessoais. Não é tarefa fácil, porque a vida é um processo que se desenrola a múltiplos níveis. Embora se possa saber, com alguma certeza, que determinado trânsito, por exemplo, se manifestará à superfície de uma maneira que a maior parte das pessoas reconhecerá e à qual reagirá, existe muitas vezes, simultaneamente, um significado mais profundo para esse período de tempo, um acontecimento na vida ou uma alteração na

consciência que podem ter muitas ramificações a longo prazo. É dever do astrólogo — e o mais difícil dos desafios que enfrenta — esclarecer esse significado ao cliente e ajudá-lo a centrar a sua atenção no processo *essencial* que decorre e não apenas nas alterações superficiais. Como Jung salientou muitas vezes nos seus escritos, aquilo com que não estamos conscientemente em contacto aparece-nos como «destino». Parece acontecer-nos e, assim, não nos responsabilizamos por isso, nem reconhecemos o nosso papel na sua manifestação. Quanto mais uma pessoa está conscientemente em contacto com a sua vida interior, mais a astrologia oferece — não surpresas sensacionais ou um modo de manipular o destino — mas um meio de clarificar as fases de autodesenvolvimento que devemos vencer e utilizar como oportunidades para a transformação pessoal.



Carneiro

CAPÍTULO I

KARMA

O que acontece a uma pessoa é característico dessa pessoa. Uma pessoa representa um modelo onde todas as peças encaixam umas nas outras. Uma a uma, à medida que a vida decorre, ocupam o seu lugar, de acordo com um desígnio predestinado.

C. G. JUNG

A palavra «karma» é usada em tantos sentidos por ocultistas, astrólogos e outros especialistas dedicados ao estudo das leis universais que guiam as nossas vidas que, ao considerarmos a relação da astrologia com o karma, devemos, primeiro, esclarecer o significado do termo. Basicamente, a palavra refere-se à lei universal de causa e efeito, idêntica à ideia bíblica de que «o homem deverá colher tudo o que semeia». Esta lei é apenas a aplicação mais ampla das nossas ideias terrenas de causa e efeito; é evidente que alguém que plante cardos não pode esperar colher rosas. A lei do karma é semelhante à lei da mecânica de Newton, que estabelece: «Toda a acção desencadeia uma reacção igual e oposta». A única diferença entre a lei universal do karma e a lei física de causa e efeito é o âmbito de existência que cada uma delas abrange. A lei do karma parte do princípio de que a vida é uma experiência contínua, de modo algum limitada a uma encarnação no mundo material. A lei universal do karma pode, pois, ser vista como um método para atingir e manter a justiça e o equilíbrio universais. Ela é, de facto, uma das mais simples e envolventes leis da vida, inseparável daquilo que alguns chamam a «lei da oportunidade», isto é, uma lei universal que coloca cada um de nós em condições que proporcionam as exactas lições espirituais de que necessitamos, em ordem a tornarmos-nos mais semelhantes a Deus.

O conceito de karma baseia-se no fenómeno da polaridade, pelo qual o universo mantém uma situação de equilíbrio. Situação de equilíbrio não quer, porém, dizer estado de inércia, mas antes um

equilíbrio dinâmico, constantemente em alteração. Inerente a este conceito é a presunção de que uma «alma» individual (ou «entidade», segundo algumas escolas de pensamento) tem dentro de si o poder causal que eventualmente dará fruto: os «feitos». A faculdade que desencadeia o processo é a «vontade», e toda a estrutura do fenómeno causal chama-se «desejo». O «desejo» pode ser visto como a aplicação da vontade, de modo a dirigir-se a energia da pessoa para a manifestação de um impulso ou ideia.

A ideia de karma é, evidentemente, inseparável da teoria (ou lei) da reencarnação. Embora alguns autores tenham considerado o karma e a reencarnação como metáforas ou símbolos de um processo cósmico muito mais subtil do que dá a entender a concepção popular destes termos, a maior parte das pessoas que aceitam as doutrinas da reencarnação e do karma como uma realidade viva não rejeitam o significado tradicional, óbvio, das palavras. Para a maior parte das pessoas, o processo da reencarnação refere-se simplesmente à manifestação periódica de seres imortais, almas ou espíritos, através do mundo físico, a fim de aprenderem determinadas lições a desenvolver processos específicos de ser, como preparação para um estado mais elevado de ser (ou consciência psicológica). De acordo com a teoria da reencarnação exposta nas interpretações psíquicas do grande vidente Edgar Cayce (agora muitas vezes chamado «O Profeta Adormecido», do título do *best seller* de Jess Stern), todas as «entidades» foram criadas «no princípio» e encarnam periodicamente para aprenderem as fundamentais lições espirituais: amor, paciência, moderação, equilíbrio, fé, devoção, etc. De acordo com Cayce, é com frequência útil, para o desenvolvimento espiritual, possuir o conhecimento das leis básicas universais, tais como reencarnação, karma, graça «o semelhante gera o semelhante» e o «espírito é o construtor». A «lei da graça» é a mais importante nas interpretações psíquicas de Cayce.

Tal como a mecânica newtoniana comparada com a moderna física nuclear, a lei do karma parece operar a um nível bastante rudimentar, comparada com a lei da graça que, segundo Cayce, suplanta a do karma quando uma pessoa se abre à «consciência psicológica de Cristo». Esta «consciência psicológica de Cristo» é a experiência humana da *Unidade* que não tem *reação* porque não ocorre ao nível onde a lei da polaridade (ou dos opostos) actua. Por isso, se aceitarmos o conceito de lei da graça de Cayce, concluímos que a lei do karma não é a força última subjacente às nossas vidas. No entanto, pode ser útil compreender o karma, que é e como funciona. O próprio Cayce declarou que «cada vida é a soma total de todos os egos previamente encarnados» e que «tudo o que foi

previamente construído, bom ou mau, se contém nesta oportunidade» (isto é, a encarnação presente). Através de milhares de interpretações psíquicas gravadas, Cayce salientou sempre que quando uma pessoa experimenta um determinado tipo de problema ou uma fase angustiada da vida está simplesmente a «encontrar-se consigo próprio» — por outras palavras, que o indivíduo se confronta precisamente com a experiência que criou no passado.

A lei do karma exprime-se, na sua forma mais rudimentar, no axioma bíblico «olho por olho, dente por dente»². Não podemos sobrestimar o poder do desejo como a força mais profunda que desencadeia o karma. Apenas o ego terreno pode desejar, visto que o ego essencial (ou alma) é já algo com tudo e, por isso, nada deseja. Na sua essência, a lei do karma diz-nos: «Tu obténs o que queres ... eventualmente». Mas claro que podemos não compreender as ramificações dos nossos desejos, salvo quando os experimentarmos.

Consideraremos, por exemplo, o caso de um homem que deseja a riqueza material. No futuro, ele nasce numa família de grande fortuna que vive rodeada do maior luxo. Tem agora o que queria; mas estará satisfeito? Não. Outros desejos surgem imediatamente, porque é próprio do espírito insatisfeito produzir desejos. Na verdade, o homem pode chegar a compreender que a sua riqueza é não só insatisfatória, como também um terrível fardo! Pelo menos quando era pobre nada tinha a perder e, por isso, era livre. Agora que é rico, está permanentemente preocupado com a possibilidade de perder aquilo que, na realidade, já não quer, mas a que está preso. A questão passa a ser esta: como poderá uma pessoa libertar-se (ou ser libertada) das cadeias forjadas pelos seus desejos, a fim de poder ser outra vez livre? (O grande poeta inglês William Blake chamava a estas cadeias «algemas feitas pelo espírito».) Esta liberdade é o objectivo máximo de todas as vias de libertação e técnicas de auto-realização.

O melhor da análise da natureza e acção da lei kármica está nos escritos e doutrinas de vários mestres espirituais, a maior parte do Oriente, doutrinas que radicam, por isso, nas tradições budistas ou hindus. Paramahansa Yogananda, um dos primeiros mestres espirituais do Oriente a divulgar amplamente as suas teorias no

² Para os que estiverem interessados em investigar a abundância de referências ao karma e à reencarnação na Bíblia, ver: Job, XIV, 14; Eclesiastes, I, 11; Jeremias, I, 5; S. Mateus, XVII, 9-13 e XVI, 13-14; S. Marcos, VI, 15; S. Lucas, IX, 8; S. João, III, 7 e I, 21, 25, Col. III, 3; S. Judas, I, 4; e Apocalipse, III, 12.

mundo ocidental, escreveu um belo e inspirado livro, intitulado *Autobiography of a Yogi*, no qual encontramos a seguinte citação:

Sorte, karma, destino — chamem-lhe o que quiserem — existe uma lei de justiça que de algum modo, mas não por acaso, determina a nossa raça, a nossa estrutura física e algumas das nossas características mentais e emocionais. O importante é compreender que se não podemos fugir ao nosso modelo básico, podemos agir em conformidade com ele — e, assim, sermos livres. Somos livres de seleccionar e de escolher até aos limites do nosso entendimento; e se exercermos correctamente o nosso poder de escolha, o nosso entendimento desenvolve-se. Depois de ter escolhido, então um homem deve aceitar as consequências da sua escolha e continuar a partir dela.

Yogananda explica mais adiante como lidar, na prática, com o karma, e qual a atitude correcta que deve ser tomada perante o destino:

As sementes do karma passado não podem germinar se foram queimadas no fogo divino da sabedoria ... Quanto mais profunda for a autocompreensão de um homem, mais ele influenciará todo o universo pelas suas subtis vibrações espirituais e menos será afectado pelo fluxo fenomenal (karma).

Yogananda conhece também por dentro a astrologia, visto que o seu *guru* era um mestre de todas as artes e ciências antigas. Vale, por isso, a pena considerar os seus comentários sobre astrologia e o âmbito da sua relevância:

Uma criança nasce num dia e a uma hora em que os raios celestes estão em harmonia matemática com o seu karma individual. O seu horóscopo é um retrato desafiador que revela o seu passado inalterável e os seus prováveis resultados no futuro. Mas o horóscopo de nascimento só pode ser correctamente interpretado por homens de sabedoria intuitiva; e destes há poucos.

Pedi algumas vezes a astrólogos para me seleccionarem os meus períodos piores, de acordo com indicações planetárias, e continuei a desempenhar as tarefas que a mim próprio impusera. É verdade que nessas alturas o meu êxito era acompanhado de extraordinárias dificuldades, mas a

minha convicção sempre se demonstrou justa: a fé na protecção divina e no uso adequado da vontade que Deus deu ao homem são forças mais formidáveis do que quaisquer outras.

Na tradição budista, o objectivo das técnicas de libertação e das práticas espirituais chama-se «nirvana», um termo que não tem sido correctamente interpretado por muitos ocidentais interessados em penetrar no âmago da sabedoria budista. O significado literal do termo «*nirvana*» é «onde o vento do karma não sopra». Por outras palavras, o único meio para atingir o progresso espiritual é despertar («*Buda*» significa simplesmente «um que está acordado») para um nível de consciência que esteja para além do domínio do karma e dos planos da ilusão. Destas doutrinas pode-se concluir que o único processo de lidar com o karma é, em última análise, elevar-se acima dele. Contudo, enquanto estamos encarnados na forma física, a lei do karma afecta-nos de uma maneira ou de outra; e seria, por isso, extremamente útil que pudéssemos obter a compreensão dos modelos kármicos com que temos de lidar na vida, quanto mais não seja para podermos enfrentar o nosso destino com graça, conformação e fortaleza.

Uma antiga tradição da Índia entra em grande profundidade na análise da lei kármica, dividindo os tipos de karma em três grupos. *Pralabd karma* é considerado a sorte, ou destino, karma que deve ser enfrentado na vida presente. O modelo básico do destino é tido como fundamentalmente inalterável, tratando-se apenas de um modelo e sequência de experiências que o indivíduo deve enfrentar na sua encarnação. Explica-se, contudo, que uma perspectiva espiritual da vida, a ajuda de um mestre espiritual ou, tão-somente, a graça do Senhor podem ocasionalmente intervir para aliviar o impacto de um karma particularmente pesado, transformando, assim, uma «espadeirada» numa «picada de alfinete». O *Kriyaman karma* é aquele que fazemos nesta vida e cujos efeitos só teremos de enfrentar mais tarde. A primeira razão de ser da disciplina, às vezes tão severa, das várias escolas espirituais está em que o controlo do comportamento pode ajudar o viajante a inibir-se de fazer mais karma que, no futuro, prejudicaria o seu progresso espiritual. Além da prática dessa disciplina, o processo básico para evitar a criação de karma no presente é refrear desejos e ligações intensos e simultaneamente, cultivar a pureza de espírito e uma atitude de desprendimento no desempenho das tarefas diárias. Claro que manter o espírito puro e liberto é muito difícil, e a maior parte das doutrinas espirituais consideram isso absolutamente impossível

sem a ajuda da meditação. Por fim, *Sinchit karma* é a expressão que designa a reserva de karma que acumulámos ao longo de muitas vidas, mas que não está especificamente em actividade nesta encarnação. Segundo estas teorias, acumulámos, em milhares de encarnações, emaranhados kármicos de tal ordem que seria impossível descobrir todos os resultados dos pensamentos e acções do passado numa só vida; seríamos pura e simplesmente soterrados, física e emocionalmente. Por isso, a porção do nosso karma que não está adstrita à sorte da nossa vida presente, ou *Pralabd karma*, constitui uma reserva. Teremos, porém, de acordo com estas doutrinas, que enfrentar todo este karma em qualquer momento do futuro, a não ser que um perfeito mestre espiritual nos alivie de parte dessa carga.

Um mestre espiritual com larga aceitação nos E.U.A., Meher Baba, explica do mesmo modo a acção do karma:

Tu, como um corpo tosco, nasce uma e outra vez até realizares o teu Verdadeiro Ego. Tu, como espírito, nasce apenas uma vez e morres apenas uma vez. Neste sentido, não reencarnas. O corpo tosco continua a mudar, mas o espírito (o corpo mental) permanece sempre o mesmo. Todas as impressões (*sanskaras*) estão armazenadas no espírito. As impressões ou são consumidas ou não neutralizadas através do karma novo, em sucessivas encarnações. Nascestes macho ou fêmea; rico ou pobre; alegre ou triste (...) para teres aquela riqueza de experiência que ajuda a transcender todas as formas de dualidade.

Duvido que alguém familiarizado com o rigor e a autêntica utilidade da astrologia possa negar que o horóscopo de nascimento revela, de forma simbólica, o modelo primário de vida do indivíduo: as potencialidades, os talentos, as inclinações, os problemas e as características mentais dominantes. Sendo assim, então o horóscopo de nascimento revela, obviamente, uma impressão digital, ou radiografia, do actual *Pralabd karma* ou destino da alma. Como mostrei bastante pormenorizadamente no meu livro *Astrology, Psychology and the Four Elements*, o horóscopo de nascimento pode ser considerado como revelador do modelo de energia do indivíduo que se manifesta simultaneamente a todos os níveis: físico, mental, emocional e inspiracional, correspondentes aos quatro elementos — *terra, ar, água e fogo*. O *sinchit*, ou karma de reserva, não vem indicado no horóscopo de nascimento, visto que não está adstrito a esta vida. O mesmo acontece com o *kriyaman karma* porque parece que possuímos um certo grau de liberdade, por limitado que seja, na determinação do karma que criaremos no presente. Por isso, não quero

dar a impressão, ao falar de «sorte», «destino» e de ideias semelhantes, que nada há que possamos fazer *ou ser* relativamente ao nosso karma, capaz de modificar as nossas vidas de uma maneira positiva. Pelo contrário; embora o horóscopo de nascimento mostre o karma e, assim, as restrições que nos são impostas e impedem que nos sintamos livres, também constitui um instrumento que nos habilita a ver claramente em que áreas da vida necessitamos de agir com vista a modificar o nosso modo corrente de expressão. Como Edgar Cayce diz nas suas interpretações, «o espírito é o construtor». Seremos aquilo a que o nosso espírito se dedicar. Se, portanto, podemos subtilmente alterar as nossas atitudes e modo de pensar, se podemos dirigir a nossa consciência psicológica para uma mais alta frequência através da meditação, não só *tendo* mas também *vivendo* um ideal, então podemos começar a libertar-nos das cadeias e a respirar livremente, de harmonia com o ritmo da vida.

De facto, como um dos maiores astrólogos do século xx, Dane Rudhyar, tem sublinhado nos seus numerosos escritos, seria mais correcto dizer que as *pessoas acontecem às coisas* do que as coisas acontecem às pessoas. Estas quatro palavras resumem as possibilidades do nosso desenvolvimento espiritual e psicológico ao enfrentarmos o nosso karma, agradável ou desagradável. Por outras palavras, a nossa atitude relativamente à experiência é o factor crucial. Só a nossa atitude determinará se, ao enfrentarmos experiências difíceis, sofreremos (e amaldiçoaremos a nossa «sorte») ou se nos aperfeiçoaremos, aprendendo as lições que a vida nos ensina.

O horóscopo mostra, portanto, os nossos modelos espirituais, o nosso condicionalismo do passado, as impressões mentais e os modelos referidos por Meher Baba como *sanskaras*. O horóscopo mostra o que somos agora, devido àquilo que pensámos e fizemos no passado. Estes modelos, velhos e profundamente arraigados, não se alteram com facilidade. Digamo-lo claramente: não é simples modificar poderosos modelos de hábitos apenas através da aplicação da antiquada «força de vontade»; nem fazer com que tais modelos se alterem, revestindo-os da caprichosa linguagem de qualquer uma das psicoterapias ou filosofias da «Nova Idade» que sobrevalorizam o ego, ao encorajar as pessoas a afirmar: «Eu domino a minha vida; eu faço acontecer tudo; sei agora que estou a sofrer por minha iniciativa, etc». A evolução espiritual humana é muito mais subtil do que isto. O velho método de «onde está uma vontade está um caminho» para enfrentar os problemas desmorona-se quando o desafio é demasiado intenso. E a tentativa de racionalizar os conflitos e as crises espirituais apenas obstruirá o fluxo das energias vitais por pouco tempo, ao que rapidamente se seguirá uma libertação torren-

cial de força que nitidamente revele a superficialidade da fuga pseudo-espiritual. Os modelos kármicos são autênticos e poderosos. Aqueles hábitos não vão desaparecer de um dia para o outro, a seguir a uma breve conversa encorajadora, estimulante de pensamentos positivos. Estas forças da vida devem ser aceites, reconhecidas e objecto da devida atenção.

O autoconhecimento e a auto-realização constituem o prelúdio necessário à compreensão de Deus; mas, nas primeiras fases, um estudante das verdades espirituais ou das mais altas formas de astrologia sente-se muitas vezes desencorajado quando as suas novas perspectivas do ego revelam tantas características, emoções e hábitos de sinal negativo. É neste ponto do desenvolvimento do indivíduo que a pessoa — astrólogo ou não — que tenta aconselhar ou guiar o estudante deve ter cuidado. Deve-se explicar que, tal como ao abrir uma porta com ruído e ao acendermos um foco luminoso num quarto escuro se nos revela todo o tipo de poeira no ar e, talvez, outro lixo que antes não se tornava visível, também quando se dão os primeiros passos no caminho do autoconhecimento quer se utilize a luz conhecida como astrologia, quer outro método de iluminação, o estudante desenvolve muitas vezes rapidamente uma atitude negativa em relação ao seu ego, destino, horóscopo de nascimento, etc. Explicar-se-lhe-á, depois, que, à medida que a intensidade da luz aumentar, se tornará cada vez mais consciente das suas faltas, fraquezas ou qualidades negativas, mas que tal consciência deve ser bem-vinda como indicação de maior autoconhecimento e sólido progresso no desenvolvimento mental. O estudante deve ser encorajado a usar essa penetração como estímulo para uma acção construtiva consolidada na transformação positiva da vida individual, mais do que como um motivo ou desculpa para o medo ou ansiedade. Posteriormente, pode-se-lhe dizer que, à medida que o autoconhecimento aumenta, o karma da pessoa começa, muitas vezes, a manifestar-se a um nível subtil, visto que ele está agora predisposto a aprender o que deve ser aprendido acerca do ego e, por isso, já não precisa de choques ou acontecimentos dramáticos que o despertem da letargia espiritual. Como Jung sublinha:

A regra psicológica diz que quando uma situação profunda não se torna consciente, acontece exteriormente, como sorte. O mesmo é dizer que quando o indivíduo [...] não tem consciência das suas contradições profundas, o mundo deve necessariamente encarnar o conflito e dividir-se em metades opostas. (*Aion*, p. 71.)

Assim, parece correcto dizer-se que o empenhamento no auto-desenvolvimento e no autoconhecimento não só encerra a promessa de ajudar o indivíduo a ser uma alma mais completa, feliz e iluminada no futuro, como também permite, muitas vezes, começar a aliviar muito do sofrimento no presente, uma vez que a confusão e o desencorajamento iniciais são vencidos.

Podemos, pois, verificar que todos temos certas influências kármicas que devemos enfrentar: todos devemos colher os frutos do que semeámos. A astrologia, ao munir-nos de uma impressão digital das nossas inclinações, problemas, talentos e tendências mentais, oferece-nos um caminho — um passo inicial — não só para compreendermos, num sentido específico, o que é exactamente o nosso karma e nos ajudar a agir perante essas confrontações dentro e fora de nós, como também um meio de começar a transcender e a obter uma perspectiva desse karma. A ideia de que o horóscopo de nascimento individual reflecte o que fizemos no passado é confirmada pela interpretação psíquica de Edgar Cayce 5124-L-1:

Desde o princípio, os signos e as estações e os anos têm os seus planetas e as suas estrelas; muitos podem, de facto, descobrir as suas mais íntimas relações, contemplando o universo, porque o homem foi feito co-criador com a divindade. Não que o homem seja bom ou mau consoante a posição das estrelas; mas a posição das estrelas indica o que a entidade individual fez do plano de Deus nas actividades terrenas, durante os períodos em que ao homem foi dada a oportunidade de se manifestar materialmente.

O horóscopo de nascimento mostra, assim, o *uso criativo* ou o *mau uso* dos nossos poderes no passado. Se aceitamos a ideia do poder do espírito e da vontade do indivíduo, então temos também de aceitar a ideia de que somos responsáveis pela nossa sorte, destino e problemas indicados no horóscopo de nascimento. Podemos mesmo dizer — e isto é importante — que o horóscopo apenas mostra o karma, que tudo o que nele se lê brota directamente dos nossos desejos, êxitos e acções no passado. Embora apenas Saturno tenha sido denominado o «planeta do karma» em muitos escritos, trata-se de uma excessiva simplificação. Na realidade, a astrologia poderia ser legitimamente chamada a «ciência do karma», isto é, um processo de compreender e aceitar as responsabilidades pessoais de um modo preciso.

Factores específicos do horóscopo

Na interpretação dos horóscopos, quase todos os factores podem ser considerados como kármicos ou com implicações kármicas. Todavia, existem alguns factores astrológicos específicos a que devemos prestar atenção especial neste tipo de investigação. Muitos deles serão tratados mais adiante, neste livro, com outro pormenor; a seguir, faremos tão-só uma breve abordagem de factores específicos.

Saturno

Saturno, muitas vezes chamado o «Senhor do Karma», representa, para muitos astrólogos, o principal problema kármico na vida de qualquer indivíduo. O planeta Saturno foi denominado «Senhor do Karma» não por ser o único elemento do horóscopo que simboliza um aspecto do karma pessoal, mas porque a posição e aspectos de Saturno revelam as áreas onde enfrentamos as nossas provas mais específicas e concentradas, bem como onde, muitas vezes, experimentamos dor e frustração. E como a concepção popular do karma diz que todo o karma é negativo e causador de problemas, o teste de Saturno é considerado por muitos como idêntico à acção do «karma». Trata-se, evidentemente, de uma grosseira simplificação e também de uma falsa interpretação daquilo que o karma é na realidade. Será mais correcto dizer que Saturno, no horóscopo de nascimento (especialmente consoante a casa em que se encontra e os aspectos de quadratura, oposição e conjunção), mostra onde o nosso karma «difícil» se manifesta mais especificamente. Estes aspectos desafiadores de Saturno mostram modelos de hábitos cristalizados de pensamento e acção que inibem o fluxo da nossa energia criativa. Tal aspecto pode revelar o mau uso, no passado, de um talento ou poder que agora devemos disciplinar e redirigir para canais construtivos. É nesta área que se torna necessário um *ajustamento* radical na nossa perspectiva e atitude. Este aspecto (e, em menor extensão, o mesmo poderia aplicar-se aos aspectos de quincócio, semi-quadratura e semi-sextil) gera grande energia a partir da sua tensão profunda; e podemos utilizar esta energia para desenvolver uma maior consciência e criatividade. Saturno é o planeta da forma e da estrutura, e muitas vezes descobrimos que ao planeta em aspecto quase perfeito com Saturno necessitamos de dar uma nova forma de expressão. (Ver capítulo V para mais pormenores sobre Saturno.)

Saturno, contudo, não é a única indicação, no horóscopo de nascimento, dos obstáculos que teremos de enfrentar. Quase todo o excesso de ênfase, carência vital ou configuração particularmente pressionante — sejam quais forem os planetas envolvidos — podem indicar uma importante necessidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento. A primeira coisa a compreender é que a vida *tem um objectivo*, que devemos enfrentar estas várias dificuldades por uma razão positiva. Como o médium Arthur Ford diz:

Quanto maiores são os obstáculos no corpo físico, maior é a oportunidade, para uma alma, de pagar as dívidas kármicas e atingir um desenvolvimento espiritual mais rápido. As barreiras são as pedras que nos permitem atravessar um curso de água quando vencidas com êxito, e a alma que no corpo de carne alegremente enfrenta e vence diminuições físicas, desenvolve-se mais rapidamente do que outra que parece, segundo padrões terrenos, dispor de tudo para viver. A recompensa não está na forma física, mas no desenvolvimento espiritual, e quanto mais barreiras forem ultrapassadas na vida física, menos vezes a alma necessitará, por isso, de regressar à forma física para alisar as rugas do seu carácter. (In *A World Beyond*, por Ruth Montgomery, p. 46.)

Aspectos e elementos

O tema dos aspectos será tratado em pormenor no capítulo VI, mas podemos mencionar aqui, brevemente, alguns pontos importantes. Na interpretação kármica do horóscopo de nascimento todos os aspectos de quadratura (90°) e oposição (180°) mostram a necessidade de nos harmonizarmos com a nossa própria complexidade, desenvolvendo de algum modo a consciência necessária para abranger com nitidez diferentes perspectivas da vida³. As forças indica-

³ Parece-me uma razoável hipótese a que afirma que, pelo menos em muitos casos, estas «perspectivas de vida nitidamente diferentes» provêm de o indivíduo possuir tipos de experiências nitidamente diferentes em várias vidas passadas. Por exemplo, se uma pessoa foi treinada como guerreiro durante toda uma vida e depois como tradicional dona de casa e mãe noutra, a sua alma pode nascer para a vida presente digamos com um aspecto de quadratura entre os planetas de Carneiro e Caranguejo, indicando a tensão interior que a pessoa sente ainda agora, derivada de orientações de vida e modos de auto-expressão tão diversos.

das no aspecto de quadratura possuem objectivos contrários e interferem na expressão uma da outra. Estas forças têm, por isso, de se harmonizar dentro do indivíduo, processo que geralmente leva anos, à medida que a pessoa desenvolve lentamente novos modelos de comportamento e maior autocompreensão. As forças envolvidas no aspecto de oposição revelam impulsos opostos e, no entanto, complementares para a expressão do que o indivíduo sente mais imediatamente ao relacionar-se com os outros. Nestes aspectos está, por isso, também indicada uma necessidade de harmonizar tais polaridades, mas a oposição realça especificamente a necessidade de desenvolver maior consciência, não só do próprio ego, como também dos desejos, expectativas e pontos de vista das outras pessoas. A harmonização que referimos só pode verificar-se através do desenvolvimento de uma maior consciência das forças e dos ímpetus envolvidos. O eminente psicólogo C. G. Jung, nos seus estudos sobre alquimia, cita muitas vezes a antiga máxima alquimista *tertium nun datur* que significa que o terceiro factor (o único que pode resolver o problema dos opostos e dos conflitos pessoais) não é dado. Jung explica que um conflito nunca é resolvido ao mesmo nível a que surge, só o podendo ser a um nível mais elevado, com base num nível de consciência psicológica e numa perspectiva mais alta. Por isso, os aspectos de quadratura e oposição mostram as áreas de maior tensão dentro de nós, mas também — facto que devemos saudar vivamente — as áreas de maior desenvolvimento potencial.

Outro factor relacionado com os aspectos pressionantes, aos quais tenho vindo a dar grande atenção, é o elemento ou elementos onde se encontram os planetas mais altamente pressionados. Como os aspectos pressionantes podem considerar-se indicadores de áreas nas quais devemos aprender a apurar a nossa natureza, a fazer ajustamentos e a elaborar novas perspectivas, segue-se que qualquer planeta (especialmente qualquer planeta «pessoal») envolvido nesses aspectos deve ser considerado não só em função da sua *própria* natureza e do seu princípio fundamental, mas também do elemento do signo em que está colocado. Visto que, conforme mostrei em pormenor em *Astrology, Psychology and the Four Elements*, os quatro elementos revelam os verdadeiros níveis de energia e dimensões de vida que o indivíduo pode imediatamente experimentar, o elemento de qualquer signo que contenha um ou mais destes planetas altamente carregados, fortemente pressionados, é inevitavelmente uma dimensão de vida onde existe a necessidade de ajustamento e apuramento. O elemento em que encontramos tais planetas mostra que tipo de *ligações* e *desejos* é mais forte para nós, um dos principais objectivos da vida presente, e quais as áreas de vida que con-

tinuam a causar-nos problemas e necessitam, assim, de transformação. Se uma pessoa tem uma conjunção quase perfeita ou *stellium* num determinado signo e se todos os componentes desta configuração formam aspecto pressionante com outro ou outros planetas, então o elemento desse signo indica invariavelmente a dimensão de vida em que a pessoa tem de agir, quer para exprimir essa energia mais harmoniosa e positivamente, quer apenas para dominar a intensidade e a rudeza das dependências nessa área.

Alguns exemplos podem ajudar a esclarecer este último ponto. Se o planeta (ou planetas) pressionado está num signo da água, há necessidade de aperfeiçoar as emoções e o modo de expressão emocional. Uma pessoa com tal colocação planetária pode, nesta vida, exprimir as suas emoções de um modo demasiado rude ou compulsivo. Será provavelmente exigido um certo tipo de disciplina emocional (o que nada tem a ver com repressão!) para proporcionar a pressão interior necessária a uma transmutação apurada desta energia. As reacções instintivas da pessoa podem ser demasiado reprimidas ou demasiado e incontrolavelmente dominadoras; por isso, ela deve aprender a orientar construtivamente o seu poder emocional e a proteger-se de influências negativas externas sem, no entanto, se fechar a toda a seiva da vida. A pessoa pode ser também muito dependente da satisfação emocional, pondo-a acima de tudo.

Se o planeta ou a configuração pressionados estão num signo do fogo, pode ser necessário controlar a impulsividade e o comportamento egocêntrico, e desenvolver o amor, a sensibilidade e a paciência. Um uso disciplinado e apurado da abundante energia ígnea é de longe mais eficaz e criativo que simples gestos frustrados de desafio ou de auto-enaltecimento. A pessoa deve aprender a viver no presente e a desenvolver a humildade, o que se consegue pela submissão a uma vontade mais alta ou ao poder divino. Outras lições que podem ser indicadas por uma pressão nos signos do fogo são: como ser receptivo, como admitir as fraquezas e as necessidades profundas próprias, e como pedir ajuda quando se sofre. As pessoas ígneas são muitas vezes demasiado orgulhosas para reconhecer que também têm necessidades; e esta tendência, ao lado de um excessivo pendor para a *acção* impensada como único processo de enfrentar a existência, impede-as frequentemente de desenvolver uma consciência imediata da sua vida mais profunda.

Se o planeta ou configuração pressionados estão num signo do ar, o indivíduo pode ter que disciplinar os processos de pensamento — não só o modo *como* pensa, mas também o modo pelo qual os pensamentos são expressos aos outros. Fantasias, fugas intelectuais, projecções desnecessárias no futuro, esquemas irrealistas e

o hábito da racionalização podem ter já desempenhado o seu papel e, por isso, a pessoa talvez enfrente a necessidade de reestruturar toda esta área de vida e de aprender que o intelecto é um bom servo quando devidamente disciplinado, mas um amo muito mau. Pode haver demasiado pendor para o conhecimento intelectual, ideias inteligentes, provas «científicas» e conceitos metódicos. Este indivíduo deve ter a noção exacta de que uma pessoa instruída que não age de acordo com os seus conhecimentos e não os materializa através da experiência imediata, não vale mais do que um burro carregado de livros. O chamado conhecimento pode não passar de um simples fardo, e o intelecto da pessoa pode transformar-se num monstro devorador, cuja fome de mais e mais «conhecimento» não conheça limites.

Se o planeta (ou planetas) pressionado estiver num signo da terra, pode haver demasiado pendor para os sentidos físicos, valores temporais, conforto físico, reputação, haveres e «sabedoria» terrena. A pessoa terá indubitavelmente que decidir sobre o que real e permanentemente lhe proporciona a profunda segurança por que anseia. A consciência das necessidades imediatas de sobrevivência (dinheiro, comida, abrigo, etc.) podem impor-se de tal modo a actividades mais profundas ou inspiradoras que a pessoa tenta compensar a falta de alegria e de entusiasmo na vida, trabalhando duramente na interminável tarefa de construir a segurança, uma segurança que — desnecessário será dizê-lo — pode ser destruído a todo o momento. Uma pessoa com esta ênfase da terra pode apaixonar-se pela vida e pelo pensamento de uma maneira tão «prática» que nunca concederá lugar, no seu estilo de vida, a qualquer pensamento ou actividade mais transcendentais ou inspirados.

Como diz um mestre espiritual, «o karma é ligação». O horóscopo de nascimento, portanto, e principalmente os seus componentes altamente acentuados, mostram as nossas sintonias — e, por conseguinte, as nossas ligações, logo, o nosso karma. A observação do horóscopo e da vida de uma pessoa por esta óptica dá a tudo uma nova perspectiva. As distinções arbitrárias, subjectivas e falsas entre os aspectos «positivos» e «negativos» do horóscopo de nascimento começam a dissipar-se. Já não há horóscopos, aspectos ou seres humanos «bons» ou «maus». Fazemos todos parte do vasto drama cósmico e — neste plano material — todos estamos presos nas nossas próprias redes kármicas. Uma vez entendido isto, a pergunta é: que deve uma pessoa fazer para se *libertar* desses envolvimentos kármicos, desses padrões limitativos do ser? O consenso que pude retirar das lições de muitos mestres espirituais é que pouco se pode esperar do *desejo*, do *querer* ou da *esperança*, quando se procura a

libertação ou o «esclarecimento». Só nos podemos libertar de velhos hábitos se nos ligarmos a qualquer coisa de melhor. Por exemplo, se um mendigo só possuir cinco tostões e, de repente, os deixar cair, apanhá-los-á aflito para defender o pouco que tem. Todavia, se, no mesmo momento em que o mendigo deixa cair a sua moeda, vir uma nota de vinte escudos na rua, ignorará, de imediato, os seus cinco tostões e irá apanhar a nota. Assim, podemos ver que não basta cansarmo-nos do nosso velho ego, dos nossos velhos processos de viver, dos nossos velhos conflitos. Como os hábitos do passado exercem uma pressão forte e constante sobre nós e visto que nos sentimos inseguros se nos afastarmos demasiado desses hábitos, devemos encontrar algo de muito poderoso a que nos liguemos se nos quisermos libertar das tendências kármicas. A única coisa suficientemente poderosa e de potencialidades ilimitadas, capaz de operar esta libertação é uma força espiritual de qualquer tipo. Deixo ao leitor o trabalho de descobrir o método de se harmonizar com este poder mais alto, apropriado para o seu estágio de desenvolvimento. Mas, seja qual for o caminho escolhido, o axioma bíblico proporciona-nos uma fé muito nutritiva: «Procura e encontrarás; bate e as portas abrir-se-ão».

Signos «kármicos»

Não interessa tratar aqui as várias características dos doze signos que podem estar relacionadas com o karma e a transformação. Há muitos livros de qualidade que explicam as lições a aprender e as novas atitudes a desenvolver para cada um dos signos⁴. Quero, no entanto, mencionar aqui alguns aspectos de três signos: Virgem, Peixes e Escorpião. Dos doze signos, estes são os que mais claramente têm a ver com crises que sem dificuldade se relacionam com o karma. Parece, com frequência, que as pessoas de Virgem e de Peixes (isto é, aquelas que têm estes signos altamente acentuados nos seus horóscopos e não propriamente as pessoas com o Sol nestes signos) suportam mais do que lhe deveria caber de sofrimentos — trabalhos e deveres excessivos (Virgem), e confusão e conflitos emocionais (Peixes). Isto acontece porque estes signos representam

⁴ Cf. especialmente *The Pulse of Life* e *Triptych*, por Dane Rudhyar; *From Pioneer to Poet*, por Isabel Pagan; e *Wisdom in the Stars*, por Joan Hodgson. Todos estes livros constituem excelentes e penetrantes análises dos mais profundos significados dos signos.

fases cruciais no autodesenvolvimento, fases de evolução e crescimento nas quais a pessoa deve confrontar-se com os frutos das suas acções e atitudes. (Note-se que Peixes, o 12.º signo, assinala o fim de um ciclo completo de vida e que Virgem é o signo da *colheita*). Ambos os signos simbolizam um processo de purificação, como preparação para um aperfeiçoamento posterior. Virgem está relacionado com a purificação do ego e dos motivos pessoais que estão por detrás do comportamento visível, e Peixes com a purificação das emoções, das imagens mentais acumuladas ao longo dos séculos. O signo de Escorpião pode ser especificamente relacionado com o karma porque é durante esta fase de desenvolvimento que uma pessoa deve honestamente enfrentar os seus verdadeiros desejos e chegar a compreender o poder que lhes é inerente. Eis por que tantas pessoas com uma forte influência de Escorpião se sentem tão atraídas pelos mistérios, pelo oculto, pelas áreas «proibidas» da experiência e pelas revelações acerca do Além. Estas pessoas estão em contacto com os mais poderosos aspectos negativos do seu ser, e a sua bem conhecida desconfiança nos outros provém do facto de, como não ignoram quanto as suas próprias emoções são indignas de confiança e quanto as suas motivações podem ser, brutais, presumirem naturalmente que os outros não diferem deles. Escorpião é o signo da morte e do renascimento, e qualquer pessoa que possua uma influência acentuada de Escorpião no horóscopo de nascimento dilacera-se entre permanecer fiel aos velhos desejos compulsivos, já fora de hábito, e o profundo desejo de renascimento próprio do seu ego mais autêntico.

As casas de «Água»

As chamadas casas de «água» (casas IV, VIII e XII) têm sido denominadas a «trindade da alma» ou a «trindade psíquica» e constituem, juntas, outro factor fundamental relacionado com o karma pessoal⁵. Embora só a XII casa tenha sido denominada a casa das «sujeições kármicas» na astrologia tradicional, *todo* o karma é uma sujeição que nos prende ao plano material e a um nível limitado de consciência psicológica. E todas as casas de água têm a ver com o passado, com respostas condicionadas que são agora *instintivas* e

⁵ Cf. o livro do autor, *Astrology, Psychology and the Four Elements*, Capítulo 16, «Os Elementos e as Casas», para informação mais pormenorizada sobre cada uma das casas de água.

actuam através das emoções; por isso, com o karma, a determinado nível, estas casas se relacionam com os mais profundos *anseios* da alma, os quais, pela sua própria natureza, são, pelo menos, parcialmente inconscientes. O ciclo das casas de água mostra o processo de obtenção da consciência psicológica através da *assimilação* da essência do passado e do abandono dos resíduos que sobreviveram à sua utilidade. O desperdício emocional e os modelos de comportamento emocional exaustos devem ser removidos antes que a alma possa exprimir claramente. As pessoas com ênfase nas casas de água vivem consigo próprias e são extremamente difíceis de conhecer (especialmente se o Sol, o símbolo do *ego* individual, está numa dessas casas). Muita da sua energia vital actua num nível subliminal; muitas das suas motivações são influenciadas por gradações irracionais, inexplicáveis, e, com frequência, desconcertantes. As suas sensibilidades são imprevisíveis, visto que nunca se sabe o que irá activar uma velha recordação, irritar uma antiga ferida ou reactivar um complexo perturbador. Todas estas casas, portanto, estão relacionadas com a necessidade de atingir a paz emocional e a libertação do passado, e todas as pessoas com uma ênfase determinante nestas casas, no horóscopo de nascimento, têm necessidade de trazer à superfície as obsessões e os medos gerados pelas experiências passadas e de deixar que tais sensações sejam iluminadas por uma completa consciência psicológica.

Richard Ideman, um astrólogo pioneiro na reformulação de conceitos astrológicos relacionados com a terminologia psicológica, afirma que as casas de água podem indicar vários tipos de medo; o medo de regressar à fase da infância desprotegida (IV), dos tabus sociais (VIII) e do caos (XII). De onde provém estes medos? Claro que do passado, quer do passado condicionador e orientador de determinado tipo, quer de tipos específicos de choques ou experiências traumáticos. Os planetas que caem nas casas de água representam, portanto, impulsos de expressão, influenciados por modelos kármicos, preconceitos emocionais ou medos e motivações inconscientes. Mostram, muitas vezes, os fantasmas do passado que continuam a perseguir uma pessoa — e o facto de serem, pelo menos em certo grau, inconscientes explica a razão pela qual esses complexos de energia tendem, com frequência, a minar a orientação consciente da vida. Tais forças, tais impulsos e energias estão, por assim dizer, à espera de renascer através do nosso esforço consciente; e não nos deixarão em paz enquanto não os enfrentarmos honestamente e enquanto não libertarmos essa energia através de uma acção corajosa.

Os planetas nas casas de água mostram o que acontece a níveis subtis ou subconscientes; mostram fontes de experiência profunda

na vida presente, as quais — embora brotando do passado distante — continuam vivas e constituem uma concentração fundamental de energia vital. Enquanto permanecermos inconscientes destes aspectos da nossa natureza, a energia e as funções psíquicas representadas pelos planetas nas casas de água não podem ser utilizadas criativamente nem como adjuvantes de uma direcção *consciente*. Quando estas partes de nós próprios se tornam conscientes podem, todavia, ressuscitar com grande força. O facto de os planetas das casas de água revelarem, muitas vezes, factores das nossas vidas que transcendem, subjagam ou minam a nossa orientação consciente deve ser bem-vindo, visto que a consciência psicológica do eu se atrofia com frequência em modelos limitados de expressão e necessita, por isso, de uma confrontação periódica com as fontes mais profundas da vida que existem dentro de nós. Tal experiência pode ser renovadora porque o «auto-aniquilamento», o caos, a autoperda ou a posterior dissolução da personalidade consciente experimentada por uma pessoa com grande ênfase nas casas de água pode abrir-lhe uma perspectiva de penetração e iluminação espiritual. Uma grande ênfase nas casas de água pode mostrar que estes factores da vida de um indivíduo lutam pelo *reconhecimento*, isto é, pela aceitação à luz da consciência psicológica. (Repare-se que a palavra «reconhecimento» significa *conhecer outra vez*, referida a um conhecimento passado do factor indicado que, no presente, está «esquecido» ou inconsciente.) Os efeitos emocionais negativos de planetas fortemente pressionados nestas casas podem, com frequência, ser melhorados pelo reconhecimento e atenção conscientes às forças da vida assim simbolizadas, tal como os antigos adoravam cada planeta como uma divindade (isto é, um poder ou lei universal), sabendo que a *nemesis* do Deus surgiria sem a menor dúvida se uma pessoa ignorasse arrogantemente as exigências de forças mais fortes.

Abordemos agora, em linhas gerais, os significados específicos das casas de água. A IV casa revela o condicionamento que nos liga à família desta vida, à casa, ao sentido de privacidade e tranquilidade doméstica e a outros factores de segurança afins. Está associada à assimilação da nossa experiência na juventude e à compreensão dos laços kármicos específicos com os pais ou com outros indivíduos que tenham tido um forte impacto na nossa criação. A IV casa representa, além disso, um anseio de ambiente pacífico em que a pessoa se sinta protegida e acarinhada. Aqueles que têm ênfase nesta casa não só tendem a sentir a necessidade de tal ambiente, como também adoptam um comportamento protector e carinhoso para com os outros. (Note-se, contudo, que alguns planetas na IV casa — especialmente Úrano e Marte — diminuem as possibilidades

de a pessoa exprimir *tranquilidade* nesta área de vida). A paz por que estas pessoas anseiam é, muitas vezes, procurada através de um estilo de vida muito particular e/ou da libertação de complicações emocionais próprias de relações familiares, quer através da distância física, quer de uma mais subtil harmonização do que sentem pela família a um nível mais profundo.

A VIII casa revela também uma forte necessidade de privacidade. A pessoa é, regra geral, muito mais difícil de se tornar conhecida intimamente. Todavia, em contraste com o tipo de pessoa da IV casa, este indivíduo não se satisfaz *apenas* com a privacidade porque também quer *poder*. Tal tipo de pessoa é fortemente motivado para exercer uma poderosa influência no mundo, ao mesmo tempo que mantém essa inclinação bastante secreta; a motivação é, regra geral, de tipo compulsivo, levando a pessoa a perseguir vários fins dos quais está kármicamente dependente. A VIII casa mostra um passado condicionador, de vidas anteriores, do qual temos, por vezes, consciência, mas que continua a agir instintivamente e que faz derivar grande poder emocional mais de fontes ocultas do que conscientes. Os planetas na VIII casa mostram tendências emocionais compulsivas que tentamos controlar e geralmente manter secretas, mas que, no entanto, exercem uma influência formidável nas nossas vidas. É difícil *eliminar* estes impulsos apenas através da força de vontade, como muitas pessoas com ênfase de Plutão, Escorpião ou da VIII casa tentam fazer; tais impulsos podem, contudo, ser transformados, ou regenerados e dirigidos mediante um empenho na auto-reforma, combinado com intensa experiência imediata. A repressão ou o autocontrolo nunca são, por si, suficientes para enfrentar os factores de vida que os planetas da VIII casa evidenciam. As pessoas devem envolver-se voluntariamente com os outros e aprender a correr riscos de vez em quando, a fim de permitirem que a energia flua livremente e as mais profundas sensações e inclinações venham à superfície. A VIII casa pode, assim, relacionar-se com a assimilação de experiências de muitas vidas nos domínios da sexualidade, dos valores ligados às relações íntimas humanas, e das responsabilidades próprias do uso de qualquer tipo de poder que tenha impacte nos outros. A VIII casa representa um anseio de profunda paz emocional que ajudará a pessoa a libertar alguma da pressão que os instintos e as emoções compulsivas durante tanto tempo exerceram. Claro que esta paz e harmonia estão relacionadas com o anseio que a alma tem de segurança e tranquilidade (salvação), o qual só pode ser atingido através da libertação de desejos e propósitos compulsivos. Mas relativamente poucas pessoas com ênfase na VIII casa compreendem a verdadeira natureza dos seus

desejos mais profundos; pelo contrário, procuram, muitas vezes, estabelecer a paz emocional através da *satisfação* das emoções (com dinheiro, sexo, poder temporal, «conhecimento oculto», etc.), em vez de lutarem para *vencer* o poderoso domínio que as suas emoções sobre elas exercem e, assim, experimentarem a paz emocional como um sucedâneo natural de um empenho na auto-reforma, acompanhando a evolução espiritual.

A XII casa, ao contrário, revela influências total e *obviamente* fora do nosso controlo. As pessoas vêm, muitas vezes, sem margem para dúvidas, que não são capazes de satisfazer os seus anseios mais profundos através de qualquer actividade vulgar, embora essa consciência possa implicar anos de sofrimento para se desenvolver. O desejo de paz emocional encontrado na VIII casa continua presente, mas, aqui, está fundido com uma consciência da necessidade de paz *última* para a alma. Os planetas na XII casa simbolizam forças que, com frequência, nos dominam e que só podem ser eficazmente enfrentadas se redirigirmos essa energia para um ideal que nos inspire, *intimamente*, a conquista de um maior autoconhecimento e de uma maior devoção pela Unidade de todas as coisas, e, *externamente*, uma maior generosidade de espírito e sentido do dever. Esta casa está relacionada com o processo de assimilação de um vasto manancial de experiências em todas as dimensões da vida, particularmente o modo como enfrentamos as responsabilidades para com os outros seres vivos. Através da devoção, da prática espiritual e da abnegação a pessoa começa a obter liberdade dos resultados das acções passadas e das impressões mentais que as acompanham. O contacto com um vasto panorama de experiência de vida passada pode também habilitar a pessoa a exprimir uma imaginação sem limites nas artes criativas, bem como a compreender e a identificar-se imediatamente com as dores e alegrias de todas as criaturas vivas. Quer a VIII quer a XII casas estão relacionadas com estudos e práticas ocultos e metafísicos, com o sofrimento, a um nível profundo, como prelúdio de uma certa forma de renascimento e com uma consciência imediata das realidades das dimensões psíquicas e espirituais da vida. A diferença fundamental entre a VIII e XII casas é que enquanto os planetas da VIII têm que ser imediatamente enfrentados, *postos ao nosso serviço*, os planetas da XII casa podem, muitas vezes, ser *transcendidos*. No primeiro caso, trazem-se à superfície as velhas tendências, a fim de as transformar através de um envolvimento imediato e intenso e, no segundo, uma pessoa coloca-se inteiramente acima dos problemas.

Dos comentários que fizemos, pode deduzir-se que os planetas nas casas de água têm um poderoso impacte a níveis subtis do ser.

Por isso, a sua influência nem sempre é clara nem fácil de interpretar. Diz-me a experiência que as casas IV, VIII e XII são as mais difíceis de interpretar num horóscopo de nascimento, pois nunca se sabe a que nível essas energias se manifestam. Por exemplo, Saturno em qualquer das casas de água pode indicar uma rigidez a níveis profundos, uma resistência subconsciente a expressão emocional. Em certos casos, existe uma acentuada timidez, uma natureza reservada ou fortes sentimentos de culpa, obrigação ou peso emocional generalizado que invadem a consciência psicológica do indivíduo. Mas, às vezes, estas mesmas pessoas têm grande capacidade para compreender as forças ocultas ou inconscientes; é o caso de Sigmund Freud, da astróloga Vivian Robson e da teosofista Annie Besant, que têm, todos, Saturno na XII casa.

Alguns outros, breves, exemplos de planetas em casas de água servirão para dar uma ideia mais completa do que tenho vindo a explicar. Assim, com a Lua nestas casas, o sentido pessoal de segurança profunda ou de apoio emocional pode ser vago ou inconsciente. Por isso, faz, muitas vezes, falta um sentido de *ordem* para alicerçar o sentido pessoal de segurança e é talvez por essa razão que tantos astrólogos têm a Lua nestas casas; parecem descobrir o apoio e o sentido de ordem de que necessitam nos seus estudos.

Com Mercúrio nas casas de água, a nota-chave do modo de acção do espírito é mais a intuição do que a lógica estrita. A percepção e a comunicação são, muitas vezes, desordenadas, mas, em certas alturas, extremamente subtis e incisivas. O espírito tende, naturalmente, para o pensamento profundo e, embora possam manifestar-se vias obsessivas de pensamento, existe também, com frequência, talento para estudos ocultistas, psíquicos ou espíritas, e para a produção de obras nos mesmos domínios.

Com Marte nestas casas, a pessoa é impelida por forças que estão para além do seu controlo, e os seus objectivos mais vinculados podem não ser de carácter facilmente definível. A pessoa pode ser conduzida até à obsessão, como Vincent Van Gogh, que tinha Marte na XII casa, ou dirigir as suas paixões para uma luta enérgica em prol dos que se acham em dificuldades ou contra as suas próprias tendências negativas. Esta última orientação levará eventualmente a pessoa a ser dura consigo própria, mas é inegável que Marte nas casas da água pode ser um estímulo eficaz para o autodesenvolvimento.

Vénus nas casas da água mostra geralmente que o indivíduo não é capaz de encontrar satisfação emocional numa actividade ou relação superficial vulgar, facto que é muito lamentado por alguns escritores astrológicos. No entanto, ele pode levar a pessoa a explo-

rar mais proveitosamente a sua vida profunda ou a dirigir as suas energias para objectivos espirituais, como meio de atingir a satisfação emocional. A pessoa precisa de solidão para explorar o seu mundo oculto. Com Júpiter nestas casas, as necessidades religiosas só podem ser satisfeitas através da sintonia com as mais profundas forças da vida. Existe, muitas vezes, uma intensa generosidade de espírito que sustenta o indivíduo em momentos difíceis e lhe proporciona inspiração quando tudo à superfície da vida parece morto. Ter qualquer dos planetas transaturninos nas casas da água indica frequentemente uma acentuada sensibilidade psíquica e/ou forças inconscientes de marcada actividade.

Em resumo, os planetas nas casas da água revelam o que não pode ser encontrado — ou facilmente experimentado de modo satisfatório — à superfície da vida e que só se pode atingir nas profundidades da realização própria. Qualquer planeta em qualquer casa de água pode, assim, ser interpretado como um aspecto da natureza da pessoa, como uma dimensão da experiência de vida que a pessoa só será capaz de preencher, procurando dentro de si própria. O indivíduo deve tornar-se um pesquisador, um explorador dos mais recônditos domínios do ser, antes de adquirir uma compreensão suficiente da vida mais profunda que lhe permita satisfazer os seus anseios. Por isso, os planetas nestas casas indicam os mais problemáticos aspectos do ser quando a pessoa é espiritualmente imatura, quando ainda não deu passos definidos para conhecer e enfrentar a sua natureza e as suas motivações mais ocultas. Uma vez que o indivíduo tenha percebido o mais subtil propósito que está por detrás desses anseios e a razão última da sua frustração temporária, estará no caminho que o vai levar a experimentar a necessária transformação da consciência psicológica.

A Lua

Na vida presente, a personalidade é construída sobre os alicerces do passado. Tal como a IV casa é a base do horóscopo de nascimento, constituindo, assim, o alicerce sobre o qual construímos toda a nossa personalidade operacional, assim a Lua — que tradicionalmente «dirige» Caranguejo e a IV casa, que partilha de idêntico princípio — representa os nossos sentimentos originais sobre nós próprios. O princípio da Lua é semelhante ao que muitos psicólogos chamam a «auto-imagem», embora o sentimento do «auto» representado pela Lua não seja uma imagem visual consciente, antes

uma sugestão subliminal, geralmente bastante vaga, do que realmente somos. Os astrólogos têm tradicionalmente associado a Lua ao passado, quer se trate apenas do passado desta vida, relacionado com os condicionalismos da primeira infância e com as relações com os pais (especialmente a mãe), quer se trate da sua relação com uma mais ampla compreensão do passado no contexto da teoria da reencarnação. Tem-se escrito em muitas obras sobre astrologia que, enquanto a Lua mostra a orientação passada, o Sol mostra a orientação presente e o Ascendente aponta para o desenvolvimento futuro. Existe, sem dúvida, um sólido raciocínio por detrás desta afirmação, e a um nível abstracto ela é provavelmente correcta na maior parte dos casos. No entanto, tudo se junta no *presente*; o que *fomos* continua a influenciar as nossas orientações, as nossas atitudes, as nossas acções, *agora*. O que sentimos acerca de nós próprios e os modelos de expressão que surgem mais naturalmente e que sentimos como mais agradáveis (a Lua), tudo tem grande impacte no nosso modo de viver *presente*.

Tal como a Lua, no nosso sistema solar, reflecte a luz solar para a Terra e, assim, canaliza a força da vida para objectivos práticas (simbolizados pela Terra), também a Lua em astrologia representa um reflexo daquilo que fomos no passado. É uma imagem da experiência e de modelos de comportamento do passado, já assimilados, com a qual nos sentimos agora à vontade porque nos são familiares e porque, de facto, exemplificamos essas qualidades no nosso ser autêntico. Por outras palavras, a Lua simboliza — especialmente consoante a sua posição de signo — modelos kármicos específicos, mentais e emocionais, que nos inibem ou ajudam na nossa busca de auto-expressão e de ajustamento ao mundo exterior. Se os aspectos com a Lua são harmónicos, revelam condicionalismos do passado e modelos de reacção espontânea que podem auxiliar a pessoa a adaptar-se à vida e à sociedade, e a exprimir o seu ego. Se os aspectos com a Lua são pressionantes, simbolizando, assim, uma incapacidade de adaptação à vida e/ou uma auto-imagem negativa, predisposições emocionais que devem ser dominadas. É importante observar que quando a Lua simboliza essa reacção *espontânea* e esses modelos de comportamento, tais orientações são principalmente evidentes na infância, quando o comportamento da pessoa é bastante puro e desinibido. Por isso, o signo e os aspectos lunares são mais imediatamente actuantes na primeira parte da vida. À medida que uma pessoa envelhece, é possível pôr de parte alguns dos velhos modelos emocionais, a ponto de os *bloqueios* emocionais que o horóscopo mostra através dos aspectos lunares poderem deixar de ter qualquer significado importante. Não quero dizer com isto que

o signo da Lua deixe de ser importante, pois ele sempre simbolizará uma tónica dominante no modo de ser fundamental do indivíduo; estou apenas a sublinhar que os problemas e conflitos associados aos aspectos da Lua e à expressão das qualidades que ela simboliza podem ser quase totalmente vencidos ou, pelo menos, controlados de uma maneira saudável.

Como a Lua é um símbolo tão complexo e visto que os seus significados são muitos e distintos, a melhor maneira de os explicar é fazê-lo através de um esquema:

- a) A Lua simboliza a imagem da pessoa que ela vê reflectida na sua relação com o público. Por isso, uma Lua fortemente pressionada pode mostrar uma incapacidade de o indivíduo *se projectar* harmoniosamente, a fim de que os outros respondam de maneira positiva. Uma Lua envolvida em aspecto harmónico mostra, muitas vezes, que uma pessoa pode exprimir-se harmoniosamente ao relacionar-se com os outros e que tem um bom sentido daquilo que os outros gostam. (Por outras palavras, quando se responde intuitiva e *correctamente* aos outros, estes correspondem de um modo positivo.) Aspectos harmónicos com a Lua mostram, portanto, áreas nas quais nos podemos projectar facilmente, em ordem a obter boa resposta.
- b) Uma Lua fortemente pressionada mostra, muitas vezes, uma auto-imagem acentuadamente *incorrecta*, pois aquilo que a pessoa sente a seu próprio respeito, baseada em modelos e na identidade do passado, pode não constituir uma descrição correcta da sua verdadeira natureza no presente. Esta incorrecção da auto-imagem reflecte-se, com frequência, em comportamento tais como: encaras as coisas pelo lado errado, hipersensibilidade, hiper-reatividade a ninharias, vestir de uma maneira que não se adequa à natureza profunda e à verdadeira personalidade, e espírito excessivamente defensivo.
- c) A posição de casa da Lua no horóscopo de nascimento mostra a área de actividade na vida em que necessitamos de obter resposta, em que podemos chegar a vermo-nos mais objectivamente e entrar em sintonia com um sentido do ego que nos proporcione uma tranquilidade mais profunda.
- d) O signo da Lua mostra como nos defendemos instintivamente. Por exemplo, a Lua em fogo reage com cólera;

a Lua em ar com racionalização ou argumentação; a Lua em água com reserva ou efusão emocional; a Lua em Terra com tenacidade.

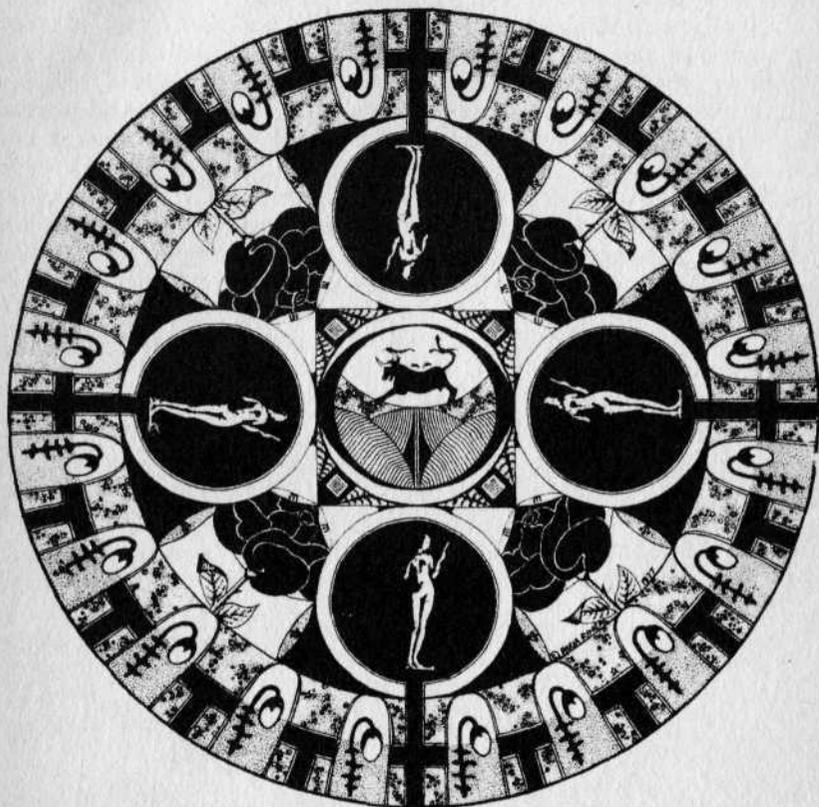
- e) O signo da Lua também simboliza um modo de expressão natural e de comportamento naquilo em que nos sentimos seguros; na verdade, o signo da Lua mostra um antigo modelo de vida que é, regra geral, bastante agradável (a não ser que os aspectos sejam demasiado pressionantes). Alguns exemplos: a Lua em Capricórnio significa segurança na idade, em actuar como adulto, em cultivar um comportamento adulto. A Lua em Touro pode significar segurança em agir como um camponês rude. A Lua em Leão significa segurança em exibições dramáticas ou, pelo menos, em ser-se socialmente reconhecido.
- f) Como a Lua representa um forte impulso para exprimir um modo de ser que é uma parte natural e íntima de nós próprios, o signo da Lua também mostra o que precisamos de exprimir para nos sentirmos *bem conosco*. Como Grant Lewi escreveu, a Lua mostra o «desejo do coração». Os aspectos relativamente à Lua indicam simplesmente com que *facilidade* uma pessoa pode exprimir este modo de ser e atingir esta sensação de bem-estar.
- g) O signo da Lua simboliza a aplicação prática da energia e do desígnio solares. Eis a razão pela qual um trino, um sextil ou, em certa medida, uma conjunção Sol-Lua (bem como o facto de se ter simplesmente o Sol e a Lua em elementos compatíveis) constituem um aspecto estabilizador e potencialmente criativo; na verdade, nestes casos, a energia solar pode facilmente ser expressa de modo prático.

De tudo o que acima fica dito se poderá compreender a importância do signo, da casa e dos aspectos da Lua em qualquer estudo das revelações kármicas do horóscopo. Talvez, até, não exista outro factor no horóscopo de nascimento tão imediatamente relacionável com experiências e modelos de hábitos do passado.

Devemos, no entanto, ter o cuidado de não simplificar excessivamente a associação da Lua com vidas passadas, a ponto de produzir afirmações como esta: «Se tem a Lua em Leão, deve ter sido actor numa vida passada.» Tais interpretações serão ocasionalmente válidas, mas não têm, regra geral, um propósito construtivo e podem

dar ao cliente a impressão de que o astrólogo está apenas a tentar impressioná-lo com declarações sensacionalistas — suspeita que pode ser muito acertada. A questão importante a tratar é a necessidade que a Lua simboliza *nesta* vida, e o método mais construtivo de interpretar horóscopos do ponto de vista kármico passa por esclarecer as mais profundas motivações e pressões que a pessoa possa sentir, mas que não sabe identificar ou inserir numa perspectiva mais ampla.

Em conclusão deste capítulo, podemos dizer que cada um de nós tem oportunidade de harmonizar, dentro de si próprio, as diversas manifestações do universo e de aceitar todos os outros seres humanos, mesmo aqueles com quem nem sempre estamos sintonizados ao nível da personalidade. Poderemos viver sem pedir que todas as experiências e todos os seres humanos afinem pelo nosso tom? Poderemos desenvolver uma consciência psicológica madura, isenta, que nos permita observarmo-nos no desempenho do papel que nos coube no drama cósmico? Poderemos rir da nossa complexidade, dos nossos conflitos, das nossas inconsistências? Mais importante do que isto — poderemos ter fé em que o universo é harmonioso e em que só a nossa estreita visão o vê em conflito? As respostas a estas perguntas determinarão em grande medida o modo como enfrentamos o nosso karma nesta vida e que tipo de karma estamos a criar agora.



Touro

CAPÍTULO II

TRANSFORMAÇÃO

Nenhum astrólogo — e também nenhum psicanalista — pode interpretar uma vida e um destino a um nível superior àquele em que ele próprio funciona.

DANE RUDHYAR

Tem havido períodos na história em que estudantes de astrologia, de outras ciências «ocultas» e de diversas vias espirituais foram perseguidos, exilados, torturados, ou de qualquer modo molestados. Nesses períodos, tornou-se para esses estudantes necessário criar uma linguagem secreta, um código ou conjunto de símbolos através do qual pudessem comunicar entre si sem que estranhos pudessem saber o que diziam. Durante essas épocas históricas, a linguagem «oculta» — ou *escondida* — servia para garantir a segurança dos indivíduos iniciados em tais ciências. Na América dos fins do século xx, contudo, as condições — pelo menos por agora e em muitas zonas — alteraram-se profundamente. Existe ainda uma ocasional má vontade contra o indivíduo que pratica astrologia, cura espiritual e ciências afins, mas, regra geral, a liberdade para explorar vários métodos de aperfeiçoamento pessoal que os cidadãos, numa democracia, se presume gozem, torna-se cada vez mais uma realidade. Com efeito, um significativo número de pessoas tem mostrado um crescente interesse por todas as formas de temas ocultos, espirituais e psíquicos, como se prova pela venda de livros, frequência de cursos e conferências, e relevo que os meios de comunicação social lhes dão. Talvez que um dia a vaga do interesse popular passe e, mais uma vez, fiquemos reduzidos ao pequeno número de fiéis convictos e estudantes dedicados que em todas as épocas existiu; não nos enganemos, pois, com os números, confundindo, assim, quantidade e qualidade de interesse.

Independentemente daquilo que o futuro reserva à astrologia, creio que duas coisas são indubitáveis. Primeiro, muitos estudantes sérios de astrologia anseiam por uma linguagem astrológica moder-

nizada, nova — e estimulam aqueles que a desenvolvem; segundo, muitas pessoas que têm curiosidade pela astrologia estão rapidamente a aderir a esta ciência, depois de lerem alguns livros tradicionais ou de frequentarem alguns cursos sobre o tema. Muitas delas manteriam provavelmente este interesse se a astrologia fosse apresentada de uma maneira moderna e construtiva, que a tornasse mais acessível ao pensamento positivo e à gente prática. Como a astrologia é hoje, muitas vezes, apresentada de um modo arcaico, sobretudo baseado na crença e não o bastante no conhecimento e na compreensão reais, um estudante deve aderir com grande força à astrologia e sentir um poderoso fascínio que lhe permita manter, a longo prazo, o interesse pela ciência. Hoje, já não é necessário prender a astrologia ao «esotérico» ou ao «misterioso», embora possamos continuar a lidar com os aspectos «esotéricos» da astrologia de uma maneira directa e experimental, como tento fazer neste livro. O tema em si possui capacidade suficiente para incutir nas pessoas uma apreciável dose de assombro perante os mistérios do universo; não há, pois, necessidade de contribuir para esse misterioso. Aliás, creio que, muitas vezes, o esforço para conservar o carácter misterioso da astrologia não passa de um jogo do ego, como se a pessoa dissesse: «Como sou inteligente e perspicaz desde que consigo perceber todos estes mistérios cósmicos!» Noutros casos, é por demais evidente que o astrólogo ou candidato a astrólogo apresenta as coisas como misteriosas ou nebulosas, simplesmente porque não as entende. Quanto mais uma pessoa compreende verdadeiramente a realidade, através da experiência imediata (e não só através de mera dedução teórica), mais simples e prática se torna a expressão dessa compreensão. Como Einstein dizia, se uma pessoa realmente compreende uma coisa, deve ser capaz de a explicar até a uma criancinha. E, como afirmo na introdução, o que mais falta faz, não só no campo da astrologia como em todos os outros, são princípios simplificadoros, sintetizadores. Por outras palavras, porquê persistir em jogos egocêntricos de hipóteses em astrologia quando podemos trabalhar directa e imediatamente com os princípios arquetípicos e estruturais da própria vida?

Por que ideias simplificadoras, sintetizadoras da astrologia podemos começar? Antes do mais, devemos convir em que tudo o que diz respeito à astrologia — quando aplicada à vida dos indivíduos — se prende com transformação, ou seja, é o meio de perceber claramente, de obter uma perspectiva das constantes alterações, dos ciclos e dos períodos de desenvolvimento e de refluxo que caracterizam toda a natureza. Devemos também convir em que a astrologia nos oferece uma linguagem *empírica*, isto é, a mais útil se for usada

para descrever uma *experiência* íntima individual da vida e das suas incessantes modificações⁶. A astrologia não simboliza *necessariamente* a situação ou os acontecimentos externos da vida de uma pessoa, embora isso possa ocorrer em muitos casos. Na maior parte deles, porém, simboliza a experiência profunda e o modo como essa experiência se encaixa no modelo total de vida. Suponhamos, por exemplo, que alguém «se apaixona» quando Saturno transita em quadratura com o Sol no horóscopo de nascimento. Poucos astrólogos seriam capazes de deduzir correctamente, apenas dessa configuração, que a pessoa tinha, de facto, iniciado uma nova relação «amorosa»; mas qualquer astrólogo familiarizado com o mais profundo sentido dos trânsitos de Saturno poderia descrever, em certa medida, o *significado* dessa experiência, de que modo a pessoa se *sentiria* no seu decurso e a duração aproximada da fase mais intensa da relação. Este exemplo mostra a necessidade de diálogo no trabalho astrológico com os clientes e a razão pela qual uma consulta sob forma de *diálogo* consultivo é muito mais especificamente correcta e útil do que uma «leitura» monologada.

Escrevi no parágrafo anterior que tudo o que diz respeito à astrologia, quando aplicada à vida dos indivíduos, se prende com transformação. Talvez valha a pena esclarecer melhor esta afirmação de uma forma esquemática. A astrologia baseada na observação da configuração planetária, trata estes tipos de transformação pessoal:

- SOL: transformação da identidade e do modo de exprimir a energia criativa.
- LUA: transformação dos sentimentos de cada um acerca de si próprio e da harmonia de cada um consigo próprio.
- MERCÚRIO: transformação do modo de pensar e da percepção, e da maneira pela qual uma pessoa exprime a sua própria inteligência.
- VÊNUS: transformação dos valores emocionais de cada um e do modo de exprimir e compreender as necessidades próprias de intimidade.
- MARTE: transformação da capacidade para uma pessoa afirmar a sua vontade e conhecer o que realmente quer.
- JÚPITER: transformação das crenças, aspirações e planos do indivíduo a longo prazo — tudo o que prometa qualquer tipo de melhoria.

⁶ Cf. p. 79 de *Astrology, Psychology and the Four Elements*, onde defini os factores astrológicos básicos em termos de *experiência*: os planetas como *dimensões de experiência*; os signos como *qualidades de experiência*; e as casas como os *vários campos de experiência*.

SATURNO: transformação das ambições, prioridades e estrutura de trabalho pessoais.

ÚRANO: transformação do sentido de liberdade, dos objectivos individuais e do sentido de singularidade pessoal.

NEPTUNO: transformação dos ideais espirituais e/ou sociais.

PLUTÃO: transformação do uso dos poderes e recursos interiores, particularmente o cérebro e a força de vontade.

Referir-nos-emos repetidamente a estes vários tipos de transformação pessoal noutro capítulo deste livro e essas referências, mais pormenorizadas, esclarecerão o âmbito e o significado das alterações acima indicadas. Mas, digamos desde já, com vista à experiência destas transformações de uma maneira saudável e relativamente harmoniosas, que uma pessoa deve assumir uma atitude, uma relação correcta com as várias energias e poderes que os planetas representam. Deve existir um alinhamento consciente, dentro de nós próprios, entre todos os aspectos do nosso ser, a fim de que este se abra totalmente às intermináveis transformações que a vida exigirá de nós. E este alinhamento, esta abertura, têm uma influência directa na nossa saúde física, mental e espiritual. Como o psiquiatra Robert M. Stein, da escola de Jung, escreveu:

A investigação psicossomática tem-se quase exclusivamente limitado a investigar a relação espírito-corpo em termos de causa e efeito. Por oposição ao modelo causal usado na moderna medicina científica, o antigo modelo acausal da medicina teúrgica afirma que a doença é uma consequência da acção divina. Na base da medicina teúrgica está a asserção de que a divindade que inflige o golpe é, ao mesmo tempo, a doença e a cura. O objectivo, portanto, não é combater a doença, como na medicina alopática, mas estabelecer uma conexão, isto é, *uma relação correcta com o poder divino*. (In «Body and Psyche: An Archetypal View of Psychosomatic Phenomena», *Spring*, 1976.)

Para usar a terminologia antiga, os planetas são os «deuses» que devemos adorar; portanto, é necessário prestar a devida atenção a essas forças, dentro e fora de nós, a fim de vivermos num estado de saúde e de plenitude. Se, como se afirma na anterior citação, «a divindade que inflige o golpe é, ao mesmo tempo, a doença e a cura», podemos ver que qualquer *problema* da vida indicado no horóscopo individual é uma pista que nos permite perceber a neces-

sidade de uma melhor relação com esse poder ou princípio universal. Por outras palavras, é nesta área de vida que se impõe uma transformação, seja de que tipo for. É inútil pretender que tal problema não passe de um contratempo que, sem dificuldade, poderá ser reprimido ou ignorado, atitude, aliás, demasiado aparente nos conselhos astrológicos correntes: «Não se preocupe muito com isso. Logo que este planeta passe ao próximo signo, tudo voltará a compor-se.» O que aqueles que dão este tipo de conselho não compreendem é que pode não haver propriamente um problema no *presente*, se o indivíduo tiver obtido a perspectiva e a integração correcta através da aprendizagem do *passado* e da assimilação da experiência do *passado*. Todos os conflitos ou necessidades de tomadas de decisão que sejam agitados no presente, reaparecerão no futuro, embora talvez de forma ligeiramente diversa, se não forem tratados agora como devem ser.

Em muitas culturas antigas, os planetas eram considerados como divindades celestes reais, ou, pelo menos, como representação de forças ou manifestações espirituais. Em certos ramos do hinduísmo, os planetas eram considerados como «deuses» que o Deus Supremo destacava para governar as várias regiões da criação e conceber o karma de cada um. Ora, se podemos considerar uma «divindade» como a encarnação de uma força divina ou de uma lei universal, é fácil dar o passo seguinte e ver os planetas como os antigos os viam, isto é, como símbolos ou reflexos das várias leis, princípios e forças universais que, de facto, podiam — a julgar pela influência que exercem nas nossas vidas — ser considerados divinos. Um estudo aprofundado dos vários escritos antigos do Oriente pode também fornecer-nos um quadro mais elaborado e pormenorizado, não só da estrutura do universo, mas também do verdadeiro significado e modo de operar dos factores astrológicos. Por exemplo, os ensinamentos do Vedanta — uma tradição popular na Índia — dizem que os simples *princípios* de um plano governam as *complexidades* da existência nos planos inferiores. Aquilo que é *um* no plano mais alto, torna-se *muitos* nos planos mais baixos. Por isso, ao estudar astrologia, quer o compreendamos ou não, estamos realmente a estudar os mais altos princípios que «governam» toda a vida nos planos inferiores. Esperemos, pela compreensão dos mais altos princípios que operam nas nossas vidas, poder, mais fácil e harmoniosamente, adequarmo-nos ao objectivo cósmico que está por detrás da nossa experiência imediata.

Princípios do Sol e da Lua

A tradição vedante fala de muitos subplanos da existência entre o mundo físico e o puro plano causal (ou mental). Primeiro são referidos os «mundos do Sol», depois os «mundos da Lua» e a seguir numerosas subzonas. Além disso, diz-se, muitas vezes, que o Sol e a Lua vistos com os olhos físicos são meros reflexos do Sol e da Lua, fontes do poder em planos mais subtis. Os Vedas e os Shastras, duas escrituras sagradas indianas tão antigas que ninguém sabe realmente que idade têm ou donde partiram os seus ensinamentos, dizem que *as almas individuais descem das regiões astrais ao mundo material, juntamente com os raios do Sol e da Lua*. Talvez seja por este motivo que o Sol e a Lua são tão importantes em astrologia e que tudo o que figura no horóscopo deve ser relacionado com os signos e os aspectos do Sol e da Lua. Se, de facto, a alma é uma *unidade* essencial do poder divino, então é em si própria total e completa. Mas quando a alma encarna nos reinos da dualidade, tal como o mundo material, onde há sempre bom e mau, dia e noite, polaridades macho e fêmea, parece que a alma se polariza de acordo com as posições do Sol e da Lua. Por outras palavras, reflecte-se em dois aspectos do ser, manifestando-se como consciente e inconsciente, activa e passiva, macho e fêmea — os princípios do Sol e da Lua. A totalidade perde-se, a divisão começou. Na maior parte dos casos, as mulheres estão mais em contacto com as suas qualidades lunares e os homens com as suas qualidades solares, embora devamos lembrar aqui que lidamos com princípios arquetípicos que não se manifestam numa forma pura nos seres humanos vivos: Por isso, há muitos homens (por exemplo, aqueles que têm ênfase em Caranguejo, Touro e Peixes) intimamente em contacto com as qualidades lunares, que são capazes de exprimir; e há mulheres (especialmente aquelas com ênfase em Carneiro, Aquário e Escorpião) que se sentem muito bem ao exprimir a força e a independência características do Sol.

Embora a visão científica do mundo descreva o Sol como imensamente maior do que a Lua, sempre me pareceu um símbolo particularmente impressionante o facto de os diâmetros e distâncias relativas do Sol e da Lua serem tais que, *quando vistos da Terra*, ambos os discos subtendem quase exactamente o mesmo ângulo visual (0,5°) e *parecem ter o mesmo tamanho*. Isto ilustra que, simbolicamente, as forças lunar e solar nas nossas vidas são de importância absolu-

tamente *igual*, e também *demonstra* com clareza como é, na verdade, grande um grau completo quando observamos o céu da Terra⁷.

Além disso, o facto de o Sol e a Lua serem visualmente do mesmo tamanho deve dar aos astrólogos ainda mais razão para considerarem o signo da Lua como de importância igual ao do Sol em qualquer horóscopo, e para basearem as suas interpretações numa síntese das posições do Sol e da Lua relativamente um ao outro.

Quais são exactamente os princípios solar e lunar? De novo podemos encontrar a explicação mais clara do seu significado psicológico nos escritos de C. G. Jung. Jung relaciona a força lunar com o princípio feminino arquetípico, e a energia solar com o princípio masculino, tal como os astrólogos e alquimistas fazem há milénios. Define, depois, o princípio feminino como *Eros*, não no moderno sentido de atracção puramente física, mas no sentido mais amplo da relação com outros seres humanos. Define a seguir o princípio masculino como *Logos*.

A psicologia feminina baseia-se no princípio de *Eros*, o grande atador e desatador, enquanto, desde tempos antigos, o princípio regente atribuído ao homem é *Logos*. (In *Woman in Europe*, Collected Works, vol. 10, § 254.)

Enquanto a lógica e a objectividade são, regra geral, os aspectos predominantes da atitude externa do homem ou são, pelo menos, considerados como ideais, no caso da mulher o ideal é o sentimento. Mas na alma passa-se o contrário: por dentro, é o homem que sente e a mulher que reflecte. Daí a maior aptidão do homem para o desespero total, enquanto a mulher consegue sempre encontrar conforto e esperança; consequentemente, um homem é mais capaz de se suicidar do que uma mulher. No entanto, por maior vítima das circunstâncias sociais que uma mulher possa ser, por exemplo como prostituta, um homem não é menos vítima dos impulsos do inconsciente, sob a forma do alcoolismo e de outros vícios. (In *Psychological Types*, C. W., vol. 6, § 805.)

A consciência psicológica da mulher tem um carácter mais lunar do que solar. A sua luz é a luz «branda» da Lua que funde as coisas mais do que as separa. Não mostra os

⁷ Este tipo de compreensão pode também servir para levar os astrólogos a utilizar «órbitas» mais pequenas para aspectos interplanetários, uma vez que verificam que um simples grau é o dobro do diâmetro do Sol ou da Lua, e que as órbitas de 10°, tantas vezes usadas para os aspectos lunares ou solares, têm vinte vezes o diâmetro do Sol ou da Lua!

objectivos em toda a sua cruel descontinuidade e separabilidade, como a luz crua e brilhante do dia; mistura numa luz difusa e ilusória o perto e o longe, transformando magicamente as pequenas coisas em grandes coisas, altas em baixas, reduzindo todas as cores a uma névoa azulada e a paisagem nocturna a uma unidade insuspeitada.

É, de facto, preciso uma consciência psicológica muito semelhante à Lua para manter unida uma grande família, independentemente de todas as diferenças, e falar e agir de tal maneira que a relação harmoniosa das partes com o todo não só não seja perturbada mas ainda reforçada. E quando o fosso é demasiado profundo, um raio de luar elimina-o. (In *Mysterium Coniunctionis*, C. W., vol. 14, §§ 223 e 227.)

Embora existam grandes diferenças entre culturas e entre gerações quanto a saber-se que modos de expressão são encorajados nos actos sexuais (facto muitas vezes ignorado pelos astrólogos), a busca da plenitude pessoal torna-se cada vez mais uma preocupação entre muita gente do mundo ocidental. Num breve parágrafo, Jung descreve concisamente a nossa necessidade de desenvolver ambas as faces da nossa natureza (Sol e Lua); e este mesmo desenvolvimento, que visa a integração pessoal, é uma das principais áreas da vida em que a astrologia pode ser particularmente útil.

A relação humana conduz ao mundo da psique, àquele reino intermédio entre os sentidos e o espírito que contém algo de cada um e, no entanto, nada perde do seu próprio carácter único. Neste território deve um homem aventurar-se se deseja encontrar, a meio caminho, a mulher. As circunstâncias forçaram-na a adquirir alguns traços masculinos para que não ficasse presa numa feminilidade antiquada, puramente instintiva, perdida e sozinha no mundo dos homens. Por isso, também o homem será forçado a desenvolver o seu lado feminino, a abrir os olhos à psique e a Eros. Eis uma tarefa que não pode evitar, a não ser que prefira andar atrás da mulher como um garoto sem emenda, adorando-a de longe, mas correndo sempre o risco de ela o meter no bolso. (In *Woman in Europe*, § 258.)

O conceito de plenitude individual é, evidentemente, um ideal para o qual deve tender o desenvolvimento psicológico e o espiritual. Não se trata, sem dúvida, de um fenómeno comum. Na verdade, muitos

dos problemas experimentados por pessoas de sexos opostos podem ser, muitas vezes, directamente atribuídos ao facto de lhes faltar a plenitude. Citemos, de novo, Jung:

É quase uma ocorrência vulgar uma mulher ser totalmente contida, espiritualmente, no marido, e um marido ser totalmente contido, emocionalmente, na mulher. (In «Marriage as a Psychological Relationship», C. W., vol. 17, § 331 c.)

À medida que desenvolvemos a consciência da nossa própria plenitude, o tipo de astrologia que fazemos deve também desenvolver-se para reflectir esta unidade em desenvolvimento. Uma vez que tenhamos obtido a perspectiva da função sexual na nossa cultura, através da nossa própria experiência, então podemos começar a ver os nossos clientes como seres humanos individuais que, mediante as suas autênticas forças, transcendem as limitações de tal função. Enquanto não conseguirmos obter esta perspectiva, haverá muitas situações que não poderemos enfrentar objectivamente e que tentaremos resolver dando conselhos tão condicionados pelos nossos preconceitos culturais e sexuais que serão, no essencial, inúteis ao indivíduo em conflito que procura a nossa ajuda. (Há também consideráveis preconceitos sexuais em muitas tradições astrológicas, embora não tantos como alguns extremistas gostam de acreditar; aqueles que dizem que a astrologia é «sexista» somente porque fala dos princípios arquetípicos macho e fêmea, simplesmente não entenderam a sua própria plenitude potencial). Pode ser, por exemplo, muito desaconselhável usar as rígidas correlações astrológicas do século XIX para o casamento num trabalho astrológico como uma pessoa jovem e moderna. Mas seria igualmente desaconselhável utilizar termos e presunções que são relevantes para muita gente jovem de hoje, ao atender uma pessoa mais velha, cuja padrão de vida é muito mais tradicional.

As posições do Sol e da Lua no horóscopo de nascimento reflectem também a nossa experiência com os pais e da nossa relação com eles. Nesta vida, os pais constituem, por assim dizer, as fontes concretas e aparentes da nossa vida, da nossa identidade e do nosso carácter. Muitos dos velhos livros sobre astrologia dão a impressão de que podemos invariavelmente deduzir com exactidão do horóscopo que tipo de relação temos com os pais e de que modo estes se relacionavam um com o outro, se se divorciaram, se um deles morreu mais cedo, etc. Não tenho achado assim tão fácil deduzir estes dados específicos como algumas obras poderiam levar a supor.

É, muitas vezes, possível arriscar uma suposição baseada nos dados do horóscopo que se revelará correcta, mas — mesmo nestes casos —, isso nada prova nem proporciona qualquer aprofundamento útil. Trata-se de um simples jogo de hipóteses. Por que deveremos usar a energia psíquica e perder tempo — tão precioso — tentando adivinhar uma coisa que, muitas vezes, podemos descobrir através de uma simples pergunta ao nosso cliente? Creio que as posições do Sol e da Lua e, especialmente, os seus aspectos, simbolizam, regra geral, a experiência interior pessoal com os pais, aquilo que os pais, como casal, representavam para a pessoa, se lhe pareciam possuir uma relação positiva mútua e de que modo a pessoa se sente relacionada com cada um deles. Devemos ter presente que o horóscopo de nascimento mostra fundamentalmente a nossa experiência e não necessariamente os factos «objectivos» da situação. Tenho, por exemplo, visto muitos casos em que, embora os pais muitas vezes briguem e eventualmente se divorciem, o horóscopo do filho tem um trino Sol-Lua e mostra uma ausência total das tradicionais indicações de uma vida de família destrocada. Aparentemente, em tais casos, a pessoa não é seriamente afectada pelo conflito entre os pais. Tenho visto outros casos de pessoas com horóscopos contendo uma quadratura Sol-Lua e numerosas indicações de um «complexo» paternal cujos pais, no entanto, eram bastante felizes e levavam uma harmoniosa vida de casados havia mais de quarenta anos. Nestas circunstâncias, pode presumir-se que o indivíduo *percebeu* que os pais representavam maneiras conflituosas de ser e modos de auto-expressão (mostrados muito especificamente pela quadratura Sol-Lua) que lhe geravam certos problemas na sua relação com eles, bem como um conflito profundo entre papéis activo e passivo, dominante e receptivo. Na imensa maioria dos horóscopos de nascimento, o Sol e/ou a Lua têm ambos aspectos harmónicos, fluentes, e também pressionantes e desafiadores com outros planetas. Uma análise apurada destes factores do horóscopo, combinada com um estudo profundo dos mais ocultos sentimentos da pessoa, revelará geralmente que, embora ela tenha tido ou ainda tenha uma relação harmoniosa com um dos pais a certos níveis, existem outros níveis em que experimenta grande frustração ou conflito. Por exemplo, se a Lua de uma pessoa faz trino com Mercúrio, mas está em quadratura com Vénus, o indivíduo terá provavelmente boa relação intelectual com a mãe, mas já terá dificuldades na troca de sentimentos de amor e na proximidade física.

A coisa mais útil que podemos fazer ao analisar psicologicamente a infância de um indivíduo a partir de uma perspectiva astrológica, é compreender que a nossa sintonia, o nosso karma e os

nossos modelos de auto-expressão provocarão inevitavelmente certas reacções nos outros, em particular naqueles com quem vivemos no dia a dia. Os pais não podem, em última análise, ser culpados por nenhum dos nossos problemas e não há qualquer propósito construtivo em tal projecção das nossas responsabilidades nos outros. Não estou a inferir que não existem relações entre pais e filhos necessitando de um exame atento e, por vezes, até de tratamento psicoterapêutico; pelo contrário. Parece que muitas vezes nascemos como o pai ou o filho de uma entidade com quem temos um karma particularmente intenso. Mas se essa própria relação, mais do que a atitude de um indivíduo perante ela é, de facto, um problema real, então é invariavelmente necessário olhar não só para o horóscopo de nascimento da pessoa, como fazer também uma comparação pormenorizada dos horóscopos das pessoas em questão. Alguns indivíduos têm naturezas, pontos de sintonia tão diferentes que são pura e simplesmente incompatíveis e, nestes casos, não há acção sobre a relação que torne essas duas pessoas mais semelhantes. Podem ser capazes de aprender a aceitar-se um ao outro mais completamente e a dar um ao outro espaço suficiente para a auto-expressão, mas continuarão a não querer-se juntos durante muito tempo.

Uma criança vive no campo de energia dos pais. Por outras palavras, *a criança vive e respira na atmosfera que os pais criam através das suas relações um com o outro.* Por isso, à medida que uma pessoa cresce e vive cada vez mais independentemente dos pais, pode descobrir, mediante o aprofundamento da perspectiva, que a sua verdadeira natureza não é compatível com a atmosfera paterna e materna que continua a trazer consigo sob a forma de modelos de hábitos psicológicos. Se é este o caso, então essa pessoa precisa de descobrir e desenvolver a sua própria atmosfera, um modo de viver e de se relacionar que a conduza à sua própria natureza total. Muitas vezes, o signo na extremidade da IV casa simboliza o tipo de atmosfera de que um indivíduo precisa, a fim de se sentir bem consigo próprio. Uma comparação de horóscopos, mais do que uma simples análise do horóscopo individual, pode geralmente revelar se uma pessoa se sentirá bem e sadia na atmosfera familiar e se os modelos condicionadores associados a essa atmosfera ajudarão ou inibirão a sua auto-expressão. O indivíduo pode ter de se debater com este problema para atingir o tipo de perspectiva isenta que lhe permite enfrentar objectiva e eficazmente os seus próprios filhos e reconhecer as necessidades de espaço independente que eles sentem. Se esta objectividade não for alcançada, então o indivíduo repetirá, regra geral, inconscientemente os erros dos pais. Como Jung escreve:

A desastrosa repetição do modelo familiar pode ser descrita como o pecado original psicológico ou como a maldição dos Atridas que percorre as gerações. (In *Mysterium Coniunctionis*, C. W., vol. 14, § 232.)

Transformação no contexto social

Na cultura americana, mais do que um ritual de iniciação que redundaria na transformação pessoal necessária para permitir cortar, rápida e completamente, os laços da infância que nos ligam aos pais e encaminhar o indivíduo para a idade adulta, existe apenas um longo e arrastado período em que uma pessoa tenta convencer-se a si própria de que é um adulto, um ser independente, auto-suficiente. Em vez de palavras sagradas ou mitos que o protejam durante este período de incerta transformação, o indivíduo apenas dispõe de vagas promessas combinadas com uma carta de condução e licença para beber álcool. Nos Estados Unidos, como não existe *rite de passage* de um modo de viver para outro, este processo prolonga-se, regra geral, no mínimo, pela casa dos vinte anos; e, muitas vezes, nunca se completa e o indivíduo nunca alcança uma total libertação dos modelos e necessidades da infância. Os ideais culturais nos Estados Unidos são tão elevados, tão irrealistas, que nunca ninguém os pode atingir. Assim, tornamo-nos uma nação de carneiros, uma nação de crianças perdidas que jogam «no crescimento». Nos EUA não há nenhum rei, nenhuma autoridade absoluta fora de nós próprios. Por isso, temos que nos voltar para os nossos recursos pessoais, o que nos assusta terrivelmente. Reagimos através da busca, muitas vezes desesperada, de segurança em qualquer função social, profissional ou familiar. Fugimos, assim, da nossa própria responsabilidade e tentamos agradar *a toda a gente*, evitando, deste modo, a dificuldade de enfrentarmos o nosso próprio ego e os nossos próprios ideais. Muitos de nós começam a morrer por dentro; e, no fim da vida, descobrimo-nos vagamente ressentidos, sem conhecermos claramente o objecto do nosso ressentimento. Em vez de compreendermos que aquilo de que nos ressentimos é a nossa própria ignorância, as nossas tolices e a nossa covardia, voltamo-nos com frequência contra um grupo, um segmento da nossa sociedade vagamente definido que pavoneia a sua indiferença pelos nossos valores opressivos ou de algum modo representa as estruturas sociais opressivas que reconhecemos terem-nos escravizado.

Numa sociedade em que devemos descobrir os nossos próprios meios de iniciação e de transformação, a astrologia tem um papel

particularmente válido a desempenhar. Mas temos que nos lembrar de que a astrologia não é algo separado da vida. Não é uma religião em si nem uma ciência que contenha todas as outras perspectivas do entendimento humano. É apenas um instrumento, um dos muitos instrumentos possíveis que pode ser usado de diversíssimas maneiras. Nas nossas vidas individuais, a astrologia pode servir o objectivo de nos guiar através de várias iniciações, transformações e transições cruciais. Pode fornecer-nos aquela estrutura e aquele significado cósmicos que infunde a todas as experiências fundamentais um profundo significado, algo que a maior parte das religiões tenta fazer, mas sem êxito. E, na prática da consulta astrológica como profissão, é de absoluta necessidade, para um auxílio eficaz, a consciência dos papéis sociais, laços, influências paternas e necessidades individuais com que se ultrapassem as fases arquetípicas da transformação humana. Quando uma sociedade ou uma religião não conseguem proporcionar os meios de compreender tão importantes processos e necessidades, deve descobrir-se outro caminho. E a astrologia é um método de compreensão que milhares de pessoas procuram como guia.

Para uma mais elevada consciência psicológica

Ao longo deste livro, empregaremos muitas vezes as expressões «mais elevada consciência psicológica», «um mais alto nível de consciência» e expressões semelhantes. Antes de analisarmos factores astrológicos específicos será, portanto, útil clarificar estas expressões. Alguns astrólogos têm escrito e afirmado em conferências que se pode averiguar o nível de consciência psicológica através do horóscopo de nascimento, que se pode dizer — de acordo com certos aspectos e posições planetárias — se um indivíduo é uma «alma em evolução» ou uma «alma velha», simplesmente a partir de dados astrológicos. Creio que se trata de um grave erro, um erro que não só pode confundir a pessoa nos seus esforços com vista à autocompreensão, como também levá-la a uma atitude pesporrente, hipócrita, para com os outros seres humanos, especialmente entre os estudantes que se iniciam na astrologia e que ainda não desenvolveram a sofisticação que só a experiência pode proporcionar. Todos nós não passamos de almas que se debatem no caminho que leva a mais amor e a mais luz. Podemos estar em diferentes fases do percurso, mas todos seguimos na mesma estrada, quer o compreendamos ou não. O horóscopo de nascimento é um mapa simbólico de

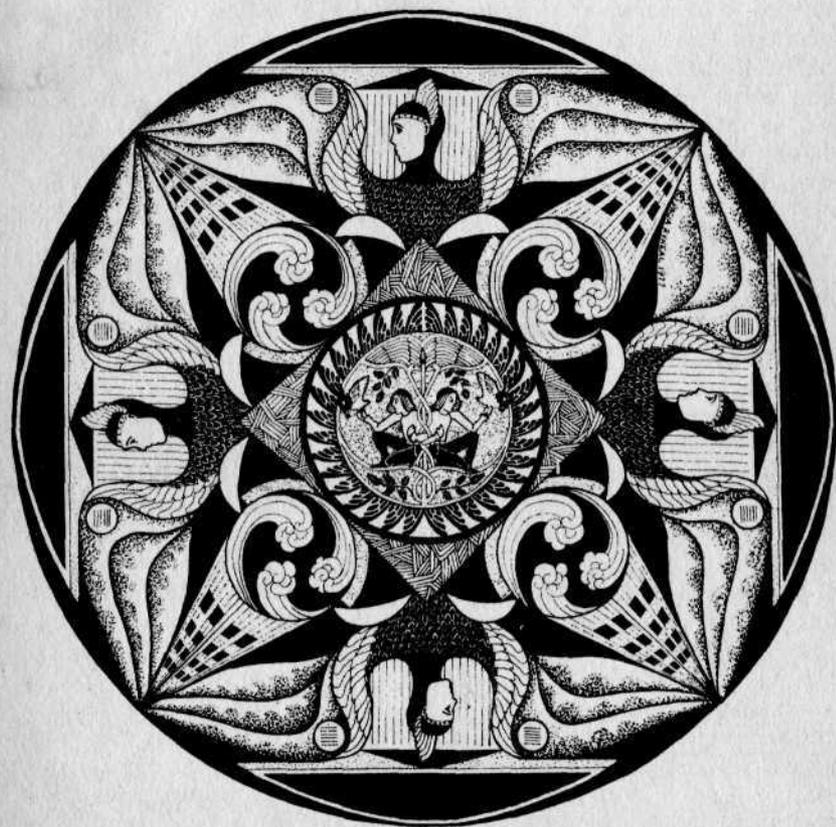
determinada zona do caminho, que atravessamos nesta vida. Como Dane Rudhyar se esforçou por explicar nos seus volumosos escritos, o horóscopo de nascimento revela os modelos estruturais da vida⁸. O conteúdo e a consciência psicológica desta estrutura não são indicados no horóscopo. Embora um astrólogo sensível, orientado espiritual e psiquicamente, possa, muitas vezes, intuir o nível de consciência psicológica de outra pessoa (e, na verdade, precisará de ser capaz de o fazer em aplicações sofisticadas da astrologia no auto-conhecimento) tal percepção provém mais do astrólogo do que do horóscopo em si. Em teoria, pode-se intuitivamente sintetizar os modelos de um horóscopo com a impressão directa obtida da pessoa, a fim de atingirmos uma compreensão aprofundada do indivíduo; mas, mesmo que sejamos suficientemente sensíveis para detectarmos o nível de consciência psicológica de uma pessoa, devemos ser extremamente cuidadosos em não basear quaisquer julgamentos nessa intuição pessoal. A afirmação de Rudhyar citada no princípio deste capítulo explica o motivo pelo qual essa precaução é tão necessária: na verdade, todos nós temos limitações e o nosso nível de compreensão, bem como os nossos valores pessoais, podem limitar a nossa objectividade e a eficácia do nosso conselho.

Admitir que o horóscopo mostra o nível de consciência psicológica ou o nível de desenvolvimento espiritual, é também uma perspectiva muito limitada das potencialidades da pessoa. Não seremos capazes de desenvolver a nossa consciência durante esta vida? Somos com certeza! Por sorte, tenho irmãs gémeas dez anos mais novas do que eu, e tenho podido vê-las crescer, individualizar-se, desenvolver os seus próprios estilos de vida. Nasceram com pequeníssimo intervalo e os seus horóscopos de nascimento são quase iguais; os Ascendentes estão a 1 grau e 1/2 um do outro. Segundo os astrólogos que garantem ser capazes de averiguar o nível de consciência psicológica a partir do horóscopo de nascimento, estas almas teriam um nível de desenvolvimento espiritual idêntico. E, no entanto, embora os seus horóscopos descrevam correctamente cada uma delas quanto a modos gerais de ser e características psicológicas, estas mulheres são tão diferentes como o dia da noite ao nível espiritual. Uma é particularmente espiritual, vegetariana, interessada pela astrologia e muito reflectida; a outra muito mais extrovertida e, pelo menos por enquanto, menos interessada por estes assuntos do que a irmã.

⁸ Cf. o capítulo 4 de *Astrology, Psychology and the Four Elements* para uma explicação completa dos princípios estruturais e formativos.

Como o uso construtivo da astrologia exige que conheçamos não só o que a astrologia pode fazer, mas também quais são as suas limitações creio ser necessário realçar aqui que o nível de consciência psicológica do indivíduo não pode ser avaliado apenas com base em dados astrológicos. Além disso, embora os modelos kármicos arquetípicos estejam claramente simbolizados num horóscopo de nascimento, o caminho preciso que esses modelos indicarão e os exactos encontros kármicos que a pessoa experimentará não podem ser conhecidos apenas através do horóscopo. O horóscopo pode ser utilizado como uma lente que polariza a nossa atenção e através da qual se concentram os nossos poderes psíquicos; e, claro, algumas pessoas, têm, de facto, a capacidade de detectar experiências kármicas específicas em grande pormenor, utilizando tais sentidos psíquicos. Mas isso é outro método completamente diferente de usar apenas o horóscopo de nascimento.

Como poderemos então compreender a expressão «mais elevada consciência psicológica»? A melhor analogia que me ocorre é a da electricidade e de uma lâmpada. Quando o poder da consciência (a corrente eléctrica) flui com mais intensidade, a consciência (quantidade de luz) aumenta. Uma alma muito inconsciente pode ser comparada a uma lâmpada de 15 W, uma pessoa de tipo médio a uma lâmpada de 60 W e um estudante das mais elevadas formas de meditação atingirá, talvez, os 200 W. O mestre espiritual perfeito (chamado, na Índia, um *Sant Sat Guru*, ou verdadeiro santo) pode ser um canal para esse poder e luz infinitos, e nem uma lâmpada com um trilhão de watts chegaria para simbolizar tal nível de consciência psicológica. Quando o nosso poder de consciência flui com mais concentração e pureza, a nossa luz pode chegar aos 75 W, digamos a uns 200 W numa vida. A questão fundamental a compreender, a despeito da insuficiência da analogia, é que o nosso horóscopo de nascimento mostra a estrutura do potencial de vida que é animado e desejavelmente iluminado pelo nosso nível de consciência. Se cultivarmos, alimentarmos e deixarmos desenvolver a luz da consciência, então o que o horóscopo indica em contornos arquetípicos pode exprimir-se de um modo cada vez mais aperfeiçoado e positivo na vida de todos os dias. Se formos capazes de permitir que isto aconteça, trata-se de verdadeiro desenvolvimento — psicológico e espiritual — e, portanto, de verdadeira transformação.



Gêmeos

CAPÍTULO III

CHAVES PARA A TRANSFORMAÇÃO

Parte I: ÚRANO E NEPTUNO

... alegre-te, senhor.

*Os nossos divertimentos terminaram. Estes nossos actores,
Como pressagiei, eram todos espíritos e
Fundiram-se no ar, no ar subtil:
E como os fios irrealis desta visão,
As torres encobertas de nuvens, os palácios magnificentes,
Os templos solenes, o próprio globo terráqueo,
Sim, tudo o que ele recebeu se dissolverá
E como este espectáculo etéreo se apagará,
Não deixando nem um fumo atrás de si. Somos aquela substância
De que os sonhos são feitos; e a nossa pequena vida
Acaba num sono ...*

SHAKESPEARE. *A Tempestade*

Na última década, escreveu-se muito acerca do significado dos planetas trans-saturninos — Úrano, Neptuno e Plutão. Seria impossível condensar aqui todos os significados sugeridos no espaço de um ou dois capítulos, e não é esse, aliás, o meu principal objectivo. Neste capítulo, tentarei esclarecer o significado funcional desses planetas, isto é, a qualidade dinâmica das alterações de vida e das transformações pessoais por eles simbolizadas, enquanto essas energias e dimensões da experiência são imediatamente sentidas pelo indivíduo. Lê-se, muitas vezes, em obras sobre astrologia que tais planetas se referem, única e simplesmente, a qualidades de grupo, diferenças entre gerações ou «karma de massas». Embora estes planetas estejam indubitavelmente relacionados com tais factores, o astrólogo-conselheiro psicologicamente orientado precisa de conhecer o significado dos trans-saturninos na vida do indivíduo de um ponto de vista experimental. Essas forças, no fim de contas, apenas podem actuar através de determinado grupo se actuarem através dos indivíduos que compõem esse grupo. Como creio que Úrano e Neptuno

são geralmente melhor compreendidos e explicados com maior clareza do que Plutão nos livros existentes sobre astrologia, dedicarei todo o próximo capítulo a analisar Plutão com alguma profundidade, enquanto neste tratarei dos três planetas trans-saturninos como grupo de energias transformadoras relacionadas entre si, dedicando particular atenção a Úrano e Neptuno. Através da «influência» destas forças transcendentais o ser humano experimenta profundas alterações nos seus modelos de pensamento, no nível de consciência psicológica, no estilo de vida e na capacidade de auto-expressão.

Estou convencido de que os planetas trans-saturninos influenciam mais imediatamente do que todos os outros a mais profunda vida psíquica do indivíduo. Contudo, o poder destas forças é, muitas vezes, tão grande que transborda dos seus limites psíquicos, por assim dizer, para o mundo; assim, manifestam-se também como alterações no mundo físico. Há uma escola de pensamento na moderna astrologia (que trata o desenvolvimento humano como desenvolvimento da alma) segundo a qual os trans-saturninos apenas influenciam poderosamente uma alma que, em certa medida, tenha sido despertada para a verdade espiritual. Estas energias dos planetas, diz-se, afectam os nossos corpos subteis, mas só quando a alma atingiu a fase de evolução em que aquelas estão prontas para serem despertadas. Afirma-se que à medida que a Idade de Aquário avança, mais e mais almas serão influenciadas pelos trans-saturninos; e estas planetas desencadearão na alma uma «mais elevada espiral» de desenvolvimento. Concordo em que os trans-saturninos se referem a uma «mais alta vibração» (ou, pelo menos, a forças mais refinadas e penetrantes) do que os sete planetas da astrologia antiga; também perfito a ideia de que o nível de consciência do indivíduo afecta o modo como as «influências» dos trans-saturninos serão experimentadas. Mas creio que será uma generalização excessiva declarar que só as almas «altamente evoluídas» respondem às energias desses planetas. Será mais correcto dizer-se que uma pessoa mais consciente é capaz de ser um canal de expressão das mais puras, refinadas e construtivas manifestações destas forças como acontece com todos os planetas. De modo algum, porém, se pode afirmar que os revolucionários destruidores são insensíveis a Úrano, os membros da Mafia a Plutão e os viciados na droga a Neptuno. Estas pessoas exprimem seguramente um aspecto do poder dos trans-saturninos nas suas vidas, embora, evidentemente, não atinjam o modo óptimo de expressão.

Úrano, Neptuno e Plutão simbolizam forças que constantemente impelem à mudança (e, desejavelmente, ao desenvolvimento) nas nossas consciências psicológicas. O eminente astrólogo Dane

Rudhyar refere-se aos trans-saturninos como «embaixadores da galáxia». Num artigo publicado na revista *Astrovie*, afirma:

Qualquer sistema orgânico ou unidade cósmica está submetido a duas forças contrárias. Há a força que puxa todas as partes do sistema para o centro (por exemplo, a força da gravidade); mas há também a força exercida pelo espaço exterior que realmente pressupõe um sistema maior dentro do qual o primeiro funciona.

Todos os planetas do nosso sistema solar e todos os seres vivos da Terra são, em alguma medida, afectados pelas pressões e forças que nos atingem vindas da galáxia; igualmente somos afectados, em direcção oposta, pela força gravitacional do Sol, centro do nosso sistema.

Saturno, todavia, representa uma linha básica de demarcação entre estas duas forças opostas, da galáxia e solar. Os planetas que estão no interior da órbita de Saturno são principalmente criaturas e vassalos do Sol, enquanto os planetas para lá de Saturno são o que chamo há muitos anos «embaixadores da galáxia». Concentram sobre o sistema solar o poder dessa vasta comunidade de estrelas, a galáxia. Não pertencem por completo ao sistema solar; estão dentro da sua esfera de influência para desempenhar uma missão, para ligar o nosso pequeno sistema (do qual o Sol é o centro e a órbita de Saturno a circunferência) ao sistema maior, a galáxia.

Que os planetas trans-saturninos são os símbolos das forças cósmicas (ou da galáxia) que impelem (e, na prática, muitas vezes expellem) o indivíduo ao crescimento e a alcançar a sua consciência psicológica com mais profundas, mais englobantes forças da vida, eis o que se revela de numerosas maneiras. Primeiro, os trans-saturninos, observados da Terra, movem-se lentamente e, por isso, permanecem num signo do Zodíaco durante muitos anos. Assim, encontramos gerações inteiras de homens e mulheres que experimentam, na generalidade, mudanças semelhantes, embora a incidência específica das alterações difira de pessoa para pessoa, consoante as posições e aspectos de casa relativamente a outros planetas.

Em segundo lugar, podemos ver, através de comparações de horóscopos, de que modo as forças evolutivas operam nas pessoas e atingem uma incidência específica nas relações de uma pessoa com outra. O perene «fosso entre gerações» constitui um bom exemplo do modo como os planetas trans-saturninos se harmonizam com a experiência da pressão dirigida para o desenvolvimento e para uma

consciência psicológica mais total. Existe, muitas vezes, um despertar bastante doloroso para a nossa necessidade de desenvolver uma perspectiva mais aberta e englobante da vida, que resulta de um contacto profundo com pessoas de gerações diferentes. Numa comparação de horóscopos de duas pessoas nascidas com intervalo de algumas décadas, os três planetas exteriores não só cairão em diferentes signos nos horóscopos individuais, como também, geralmente, em casas diferentes das do horóscopo da outra pessoa, quando se usa o método comparativo que consiste em colocar os planetas natais de uma pessoa no horóscopo de nascimento da outra. Por outras palavras, se colocar o meu Plutão natal de II casa (que está, digamos a 2º de Leão) a 2º de Leão do horóscopo de meu pai, ele pode cair em qualquer uma das suas casas natais; mas é muito improvável que caia na mesma casa quando o seu Plutão natal for localizado. Por outro lado, se colocar o meu Plutão natal a 2º de Leão no horóscopo de uma pessoa cuja idade difira da minha em poucos anos, há grandes possibilidades de que o meu Plutão natal caia na casa do seu horóscopo em que se localize o seu Plutão natal. Podemos, assim, ver que os tipos das principais alterações favorecidas por relações íntimas entre pessoas de idades bastante diferentes podem ser de uma ordem inteiramente nova, afectando-as de modos totalmente novos e pressionando-as no sentido de transformarem ou alterarem radicalmente a sua perspectiva em relação a áreas específicas da vida. Para esclarecer melhor este ponto, suponhamos que Úrano, Neptuno ou Plutão natal de uma pessoa vinte anos mais velha ou mais nova do que eu cai na minha IX casa; haverá, então, forte acentuação de influência desse indivíduo nos meus ideais, crenças, orientações religiosas e planos para automelhoria (IX casa) num sentido revolucionador (Úrano), aperfeiçoador ou espiritualizador (Neptuno) ou profundamente transformador (Plutão). Numa situação como esta, portanto, as energias de Úrano, Neptuno e Plutão afectam ambas as pessoas de modos novos e desafiadores. A conjugação com pessoas de gerações diferentes pode ser, por isso, mais difícil do que a relação com os da nossa idade porque tais relações nos projectam necessariamente para fora dos nossos velhos modelos de pensamento e de comportamento, numa ou noutra esfera da vida. Tais relações exigem que nos desenvolvamos em ordem a tornarmo-nos mais englobantes (poderíamos dizer «cósmicos»). Por isso, as relações com pessoas de gerações diferentes são, muitas vezes, ameaçadoras e exigem de nós grande esforço. Podemos ter que enfrentar uma situação dolorosa na área indicada ou uma certa forma de ansiedade quando somos desafiados a transformar as nossas atitudes; mas, como Jung escreveu, «não há caminho sem dor para a cons-

ciência psicológica». Alguns de nós, claro, consideram bem-vindos os desafios e as oportunidades para aprender com aqueles que têm uma perspectiva diferente da vida e uma variedade acentuadamente diversa de experiência. Se conseguirmos permanecer abertos à vida e aos novos ensinamentos, baseados, em certa medida, na nossa consciência do valor da experiência dos outros, esses contactos desafiadores com pessoas de gerações diferentes serão bem recebidos e mesmo desfrutados.

Os factores básicos pessoais da vida de qualquer indivíduo são sempre os mesmos. Essas forças essenciais ou dimensões da vida existem em todos os seres humanos desde sempre. Motivam orientações diferentes na vida consciente de um indivíduo, embora o grau em que são admitidas como consciência dependa em grande parte não só da inter-relação entre esses factores e o indivíduo (simbolizada nos «aspectos»), como também das influências do meio e das normas culturais em determinado tempo e lugar. Astrologicamente, essas forças (que são, repito, os factores pessoais essenciais da vida consciente de qualquer indivíduo) são simbolizadas pelo Sol, Lua, Mercúrio, Vénus e Marte⁹. Júpiter e Saturno constituem uma fase intermédia entre os planetas pessoais e as forças transpessoais, impessoais, dos trans-saturninos, visto que eles têm, muitas vezes, a ver com a nossa participação na sociedade e com normas, crenças e ambições influenciadas pela sociedade. Os signos, casas e aspectos nos quais encontramos estes sete planetas indicam os modos particulares pelos quais essas forças actuam num indivíduo. Os factores simbolizados pelos sete planetas são, em certa medida, modificáveis através da experiência consciente e do uso concentrado da vontade.

Úrano, Neptuno e Plutão estão, por outro lado, completamente para além do controlo consciente, tal como os planetas estão para além da Terra. Por isso, uma pessoa não pode, de modo algum, controlar as energias desses planetas; mas pode controlar a sua atitude para com a sua influência na vida. Pode modificar a sua orientação consciente em relação às manifestações dessas forças mais fortes. Em termos das suas funções, Úrano, Neptuno e Plutão, como disse atrás, propiciam sempre alterações na área de vida afectada. Esta alteração processar-se-á, regra geral, harmoniosamente e sem demasiadas rupturas se os planetas estiverem numa posição «fácil» relativamente aos outros. No entanto, se os trans-saturninos estiverem em posições pressionantes em relação aos outros planetas, a alteração

⁹ Cf. p. 86 de *Astrology, Psychology and the Four Elements* para uma abordagem esquemática completa dos factores pessoais, colectivos e transpessoais representados pelos planetas.

será mais difícil de «controlar», isto é, sentiremos dificuldade em dominar a situação e podemos ser vencidos por essas forças, visto que os trans-saturninos simbolizam energias muito mais poderosas do que as de qualquer outro planeta. Força de vontade e determinação nunca são suficientes para enfrentar estas energias. Se, por exemplo, um dos trans-saturninos estiver em quadratura com outro planeta estas forças incompatibilizam-se entre si. Necessariamente, alguma terá que ceder. Por vezes, podemos resistir à crescente pressão de mudança nas nossas vidas durante bastante tempo, mas acabamos por compreender que resistimos àquilo que nos tornará mais completos e, portanto, mais humanos. Essa resistência é-nos, por isso, em última análise, prejudicial. Um exemplo de um aspecto «pressionante» no horóscopo de nascimento aparece no de Meher Baba, um mestre indiano reverenciado pelos seus devotos como uma encarnação de Deus. Na verdade, o próprio Meher Baba, quando lhe perguntavam se era Deus, respondia: «Quem mais poderia ser?» No horóscopo de Meher Baba encontramos o Sol na I casa, em quadratura com uma conjunção de Plutão e Neptuno na IV casa. A conjunção Plutão-Neptuno está também em quincécio com a Lua na IX casa. Por isso, o sentido da identidade consciente (o Sol especialmente forte na I casa) em Meher Baba era incompatível com as poderosas forças representadas por Plutão e Neptuno (na IV casa — as raízes fundamentais do ser). Com tão grande energia gerada nesta posição tensa algo havia de ceder. O que «cedeu» foi o sentido de ser um indivíduo, uma entidade própria. O factor Sol, portanto, tornou-se um canal através do qual forças mais poderosas se podiam manifestar. A Lua tornou-se (simbolicamente) um factor de disseminação e polarização dessas forças. Se compreendermos que Neptuno simboliza, em parte, a consciência psicológica «mística» e que Plutão representa um renascimento espiritual em potência, temos a chave simbólica para o tipo de energias cósmicas que operava através deste grande mestre. As posições do Sol e da Lua (os canais pelos quais essas forças operavam) revelam em que áreas de vida tais influências se manifestaram. O Sol na I casa (a casa da identidade) constitui um símbolo apropriado para quem se identificava tão completamente com o poder criativo da vida. A Lua na IX casa (a casa da religião e da busca da verdade) é o símbolo de um mestre espiritual.

Este exemplo demonstra de que modo devem os trans-saturninos ser interpretados num horóscopo de nascimento. A polarização das mudanças na vida ocasionadas pela pressão de forças mais poderosas que «desejam» manifestar-se pode ser localizada pelo exame dos aspectos quase perfeitos relativamente a Úrano, Neptuno e Plutão.

Os trans-saturninos, portanto, actuam através de nós, activando, por assim dizer, os factores psicológicos representados por Mercúrio, Júpiter, Vénus, Marte, Sol e Lua. É como se a energia brotasse de Úrano, Neptuno e Plutão por canais simbolizados pelos outros sete planetas. Os aspectos presentes proporcionam uma chave para este fluxo de energia. (Ver capítulo VI para mais pormenores.)

Como Úrano, Neptuno e Plutão se movem muito lentamente em relação à Terra, exercem efeitos específicos sobre determinadas gerações de seres humanos. Estas influências alteram-se consoante a cultura que prevalece em determinada área. As posições dos planetas relativamente aos trans-saturninos no horóscopo de nascimento revelam, assim, de que modo um indivíduo está sintonizado com as forças de mudança que se manifestam não só dentro de si próprio, como também durante uma época particular. Em consequência e quanto ao meio ambiente e em relação às várias correntes de mudança social numa determinada época, podemos perguntar: será a pessoa um arquiconservador, um revolucionário absoluto ou algo de mais moderado? Estará sintonizada com as forças de mudança do seu tempo e aberta às mensagens dos «embaixadores da galáxia»? Ou resistirá ou será indiferente a essas dores de parto de uma nova consciência psicológica?

Além das posições natais de casa e dos aspectos, os trânsitos de Úrano, Neptuno e Plutão são também altamente significativos. Deles trataremos com algum pormenor no capítulo IX, mas podemos desde já dizer que os trânsitos destes planetas sobre pontos sensíveis do horóscopo de nascimento são os mais penetrantes e os de maior alcance de todos os trânsitos; e os seus efeitos últimos são os mais englobantes e duradouros. Mais adiante, neste capítulo, descreverei em linhas gerais o significado de cada um dos planetas trans-saturninos e referir-me-ei também ao modo como os seus trânsitos são sentidos pelo indivíduo.

Úrano

O planeta Úrano simboliza a força que se manifesta em mudanças súbitas do padrão de vida e da consciência psicológica, em relances de penetração e no rápido florescimento de novas ideias e de concepções originais. Úrano pode ser considerado um canal através do qual forças poderosas penetram na consciência com a rapidez da electricidade. Úrano manifesta-se também sob a forma de impulsos dirigidos à independência, à revolta, à excentricidade, ao inconven-

cional, ao original, ao inesperado. A «influência» de Úrano não torna uma pessoa particularmente estável, antes a transforma num canal através do qual podem nascer novas ideias. Quando Úrano é forte num horóscopo, este factor simbolizado pelo planeta (ou planetas) em posição com Úrano é eletrizado, magnetizado, altamente potencializado e, se tudo correr bem, iluminado. Podemos, portanto, ver que Úrano «actua» electricamente, através de impulsos súbitos. Este poder é necessário para romper as barreiras saturninas do ego e as de pensamento do espírito consciente. Ao contrário do que alguns sustentam, Úrano nem sempre actua destrutivamente; apenas se manifesta como destruição quando existe resistência à sua influência. Mas como existe, regra geral, uma certa forma de resistência (especialmente se Úrano estiver envolvido em aspectos pressio-nantes), o trânsito de Úrano é, muitas vezes, sentido como altamente perturbador.

Ao transitar, Úrano relega o velho e revoluciona a maneira de ser do indivíduo na área indicada. Produz mudanças radicais que reorganizam (muitas vezes, ao princípio, desorganizam) a consciência da pessoa, de modo a permitir-lhe um novo desenvolvimento. Psicologicamente, manifesta-se uma explosão de consciência sob a forma de ideias, sentimentos e percepções até então subliminais, isto é, anteriores ao limiar da consciência psicológica. Os seus trânsitos são, por isso, inimigos de qualquer tipo de repressão. Se um indivíduo vive de uma maneira reprimida, se tem um modo de vida em que os elementos vitais da sua natureza estão bloqueados, desprezados ou ignorados, é quase certo que um trânsito de Úrano, em conjunção, quadratura ou oposição com qualquer um dos planetas pessoais trará à superfície, com rapidez, um intenso confronto com essas partes da natureza da pessoa. Úrano acelera sempre o ritmo da natureza e, por isso, um indivíduo que experimente um destes trânsitos sente-se, muitas vezes «em franja», excitável, inquieto e conduzido por um poderoso desejo de mudança e liberdade. Úrano, no máximo da sua força, é o grande libertador, o despertador, o iluminador que agita a vida interna e externa da pessoa com tal intensidade que as coisas nunca serão as mesmas depois. Este planeta pode ser comparado à figura mitológica de Prometeu que roubou o fogo dos deuses e, assim, permitiu aos seres humanos ampliarem o âmbito do seu conhecimento. A maior parte das pessoas sente uma ânsia, durante os trânsitos de Saturno, de agir fora do quadro das suas necessidades, em busca de excitação, de liberdade e de descobertas. Tomam, muitas vezes, atitudes radicais para mudarem aquilo que concluem ser uma situação repressiva. Uma pequena percentagem de indivíduos, contudo, sentirá os trânsitos de Úrano quase totalmente

a um nível interior, período durante o qual revolucionam subtilmente as suas atitudes, faculdades de compreensão e modo de auto-expressão nas áreas indicadas. A vida exterior reflectirá, com frequência, esta nova perspectiva, mas nesses casos, nem sempre isso se manifesta com rapidez. Durante os trânsitos de Úrano, o indivíduo sente, muitas vezes, um impulso para fugir das situações que vê como inibitórias ou frustrantes da sua auto-expressão. Mas, em alguns casos, é mais construtivo, se a situação for fundamentalmente sólida e vitalmente flexível; a pessoa experimentar as mudanças radicais nos limites da situação antiga — casamento, emprego, etc. A ampliação da auto-compreensão que pode resultar deste desafio é geralmente maior do que a que se ganharia apenas através de um salto do velho para o novo e diferente. Isto, é claro, não quer dizer que a revolução ou a repolarização totais, numa ou noutra área da vida, não sejam, por vezes, necessárias.

Em muitos casos, a influência de Úrano pode definir-se culturalmente, visto que Úrano começa quando Saturno acaba. Saturno marca os limites da consciência psicológica da pessoa, simbolizando as normas e padrões culturais colectivos (uma espécie de «super-ego» cultural, em termos freudianos). Saturno é, por isso, rígido e contraído. Úrano, por outro lado, irrompe desta velha estrutura com impulsos revolucionários, e a rigidez dos limites saturninos faz com que estes se despedacem. As manifestações psicológicas das forças uranianas experimentadas pelo indivíduo não são apenas compreensíveis, mas também tonificantes do espírito, que se abre ao novo. Na astrologia antiga, o planeta Mercúrio era conhecido como mensageiro dos deuses, expressão muito semelhante à descrição que Rudhyar faz dos planetas trans-saturninos como «embaixadores da galáxia». Mercúrio era, nesses tempos, associado às faculdades criativas do ser humano. Claro que os astrólogos antigos, tanto quanto sabemos, não tinham qualquer conhecimento da existência de Úrano. No entanto, muitos dos alquimistas tinham consciência de uma função criativa mais profunda (ou mais elevada) do que o nível do espírito racional, significado fundamental de Mercúrio na astrologia moderna. Esses alquimistas associavam tal actividade criativa ao significado oculto de Mercúrio como unificador dos opostos. Na nossa perspectiva moderna, podemos muito bem imaginar que talvez se referissem à função de Úrano, sem dispor, contudo, de qualquer símbolo planetário para exprimir o que sentiam. Esta hipótese parece extremamente provável se considerarmos que numerosos astrólogos modernos concluem que — ao contrário da antiga versão grega da exaltação e dignidade de Mercúrio em Virgem — a exaltação de Mercúrio deve ser colocado em Aquário, o signo de Úrano.

Dane Rudhyar, no seu profundo e inspirado livro *Triptych*, refere-se a Úrano como «o poder criativo do espírito universal». Rudhyar diz que Úrano se refere à fase de «transfiguração» pessoal e que «o indivíduo transfigurado se tornou um centro focal para a libertação do poder do Espírito Universal». Rudhyar afirma também que Úrano pode ser concebido como a «Voz de Deus», «o poder criativo do som místico que, segundo a velha tradição da Índia, percorre todos os espaços...» O «poder do espírito universal» é evidente nas percepções extraordinariamente rápidas que acompanham a sintonia uraniana e que provêm da capacidade para obter conhecimentos e penetração noutras dimensões, através de uma sensibilidade psíquica refinada. Úrano representa a penetração intuitiva e a extensão do processo racional para além das barreiras do espaço e do tempo. A experiência para a qual as energias de Úrano impelem o indivíduo provêm deste sentido profundo de que não existem limites para o conhecimento humano e da profunda fé em que um indivíduo possui a capacidade para compreender a vida de uma maneira mais englobante, e o *direito* divino de procurar conhecê-la, diga o que disser a sabedoria convencional. (Naturalmente, muitos uranianos absorvem-se de tal maneira na ânsia da descoberta e da experiência que não raro chegam a ser extremistas nas atitudes e opiniões, caso em que são dados ao fanatismo, ao desprezo excessivo da tradição e à teimosia mais inabalável). Esta «intuição» de que os uranianos são capazes não é, porém, incompatível com a lógica. Grant Lewi salientava há trinta anos que Úrano actua de uma maneira muito lógica, mas que a lógica opera tão depressa que parece ser intuição. Grant Lewi escreveu também que Úrano representa a extensão da percepção aos domínios da mentalidade superconsciente que podemos interpretar como a capacidade de nos sintonizarmos com o nível arquetípico do conhecimento do espírito universal. Uma vez que uma pessoa ultrapasse os limites de Saturno e se aventure no reino de Úrano e Neptuno, começam a desaparecer todas as dualidades, todas as oposições percebidas em virtude da «lógica» limitada e todas as formas isoladas. Tudo começa, neste ponto, a ser uma fusão de dicotomias que, na percepção uraniana, se manifesta por um modo de ver as coisas *simultaneamente* em vez de *disjuntivamente*. Por outras palavras, os opostos do espírito lógico materialista são agora vistos num relance de percepção imediata como partes de um todo, de uma perspectiva englobante da vida.

A posição de Úrano mostra em que áreas se pode potencialmente *experimentar* e *usar* este poder, que permite o despertar da consciência, em que áreas as alterações súbitas, as penetrações e um sentimento de necessidade de uma maior liberdade pessoal são mais

imediatamente sentidas. Esta casa mostra em que áreas uma pessoa tem ânsia de abandonar as normas convencionais de expressão e nas quais, muitas vezes, rejeitará a tradição e os estorvos inúteis para atingir esse objectivo. Se um indivíduo tem Úrano numa casa angular sentirá um impulso especialmente forte para agir fora das convenções, com dinamismo e coragem. Se Úrano estiver em casas sucedentes ou cadentes, a pessoa pode sentir impulsos revolucionários ou inconventionais igualmente fortes, mas é provável que os utilize na vida diária de uma maneira subtil, mostrando-se, ao mesmo tempo, conservadora à superfície.

Neptuno

O planeta Neptuno simboliza a força que está em absoluto para além do nosso controlo, pois se situa para lá dos limites da razão ou de algo compreensível para o espírito lógico. A única maneira pela qual Neptuno pode ser inteiramente compreendido na sua essência é o da rendição à sua força, porque ela está, por definição e função, para além de limites. Só quando nos fundimos com ele — isto é, perdemos os nossos limites — podemos conhecê-lo. Por isso, Neptuno está associado ao misticismo, ao mistério, a um sentido de unidade, ao desenvolvimento espiritual e à inspiração. Diz-se também que representa a ausência de forma, a ilusão, a dissolução, a imaginação e o idealismo. Para mim, a maneira mais fácil de descrever o significado essencial de Neptuno é dizer que representa a ânsia de libertar o ego para outra fase de consciência psicológica («mais elevada» ou «mais inferior») e de fugir a todas as limitações, quer às da essência material e do seu tédio, quer às da personalidade e do ego. Claro que uma pessoa pode procurar fugir através de actividades autodestrutivas ou pessoalmente construtivas. Um neptuniano pode ser evasivo ou fugitivo, ou ter uma profunda percepção das subtilidades e mostrar-se extremamente compassivo — ou ser ambas as coisas.

A experiência individual da «influência» de Neptuno simbolizada pelas configurações natais, posições de casa e trânsitos é, com frequência, caracterizada por um sentido de confusão, de incerteza, de «estar nas nuvens» e de «desdobramento». É, pelo menos, assim que, muitas vezes, se sente o indivíduo quando começa a enfrentá-la conscientemente e antes de estar «enraizado» o bastante para ser capaz de manter o seu equilíbrio psíquico. Esta confusão resulta, em parte, da atitude comum que exige que cada nova experiência

«encaixe» perfeitamente nas nossas categorias mentais pré-concebidas. No entanto, nem sempre se pode ter êxito na limitação de Neptuno. Como é possível conter dentro dos nossos conceitos e estruturas de vida, tão limitados, aquilo que pela sua natureza não tem limites nem forma? Por outras palavras, a confusão ou a sensação de «desdobramento» tantas vezes sentida em relação a Neptuno surge principalmente quando uma pessoa resiste à desintegração e dissolução inevitáveis de alguns padrões de vida ou de alguns aspectos da personalidade. Este lado negativo da manifestação de Neptuno é também muito mais aparente, como dissemos acima, quando uma pessoa não está bem fixa ao mundo material. Pode dizer-se que, salvo se uma pessoa tiver conseguido compatibilizar-se com as pressões, realidades e obrigações de Saturno, não estará suficientemente enraizada para enfrentar a intensidade e a perturbação causada por qualquer um dos planetas trans-saturninos. O mesmo é dizer que o indivíduo tem de tomar a intuição e a liberdade de Urano, e a inspiração e idealismo de Neptuno, e torná-las reais, fazendo descer essa consciência à Terra, verificando essas inclinações remotas e incorporando-as na vida de todos os dias¹⁰. O fracasso na realização desta integração interior que deverá ser feita com grande honestidade e diligência, redundará, muitas vezes, numa tremenda sensação de descontentamento ou, nalguns casos, em perturbações psicológicas que podem eventualmente levar a uma desintegração em larga escala da personalidade.

Um excelente exemplo da necessidade de se terem os pés bem firmes na realidade prática como equilíbrio complementar durante um trabalho físico ou espiritual, encontra-se na autobiografia de C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections*. Neste livro, Jung escreve que a única coisa que lhe permitiu submeter-se à transformação total da sua consciência psicológica quando experimentava a fase mais intensa do seu «confronto com o inconsciente» — período durante o qual contactava e comunicava com numerosos seres e figuras arquetípicas — foi o facto de sempre poder olhar para trás e ver que tinha um lugar certo no mundo, juntamente com deveres profissionais e familiares específicos. Sem tão sólida âncora para o segurar à terra, Jung sabia que podia ter sido facilmente derrubado e psiquicamente devastado, tal como um pequeno barco fica à mercê dos elementos durante uma tempestade no mar. Facilmente compreenderemos como essa devastação pode ser destrutiva se observarmos os

¹⁰ Isto é especialmente necessário se um horóscopo de nascimento contiver um aspecto quase perfeito de Saturno com Urano ou Neptuno, particularmente a conjunção, a quadratura ou a oposição.

resultados das experiências que muitas pessoas fazem com drogas psicadélicas, as quais abrem artificialmente os canais psíquicos às vibrações intensas que os trans-saturninos representam. Muitas dessas pessoas sentem realidades espirituais e psíquicas que alteram profundamente as suas vidas. Mas a maior parte delas, como são muito novas e não possuem, por isso, um sólido enraizamento no mundo dos deveres e realidades práticos, têm grande dificuldade em integrar essas profundas penetrações na sua personalidade ainda por formar. A luta para integrar tais relances de realidades mais elevadas na estrutura da personalidade em desenvolvimento exige uma acentuada transformação da consciência psicológica e do estilo de vida que, em muitos casos, se demonstra, em última análise, frutuosa e criativa. No entanto, chegar à outra praia depois de ter sido jogado nas vagas do inconsciente colectivo não é tarefa fácil e quase todas as pessoas que experimentam com insistência essas drogas podem contar aos outros que nunca atingiram o outro lado, ou que continuam, após muitos anos de esforço, tentando encontrar algo de estável a que possam agarrar-se.

Em qualquer horóscopo de nascimento este factor simbolizado por um planeta em aspecto quase perfeito com Neptuno é altamente sensibilizado e refinado. Esta sensibilidade manifesta-se, muitas vezes, como uma susceptibilidade à ilusão, ao auto-engano, à confusão ou mesmo à desintegração desta dimensão da vida, porque Neptuno impele a pessoa para uma idealização irrealista ou fantástica em determinada área da vida.

Estes problemas podem, todavia, levar o indivíduo a uma busca frutuosa de soluções. Durante a procura de respostas, quando a pessoa já percebe que está, de facto, a aprender uma realidade mais elevada através da experiência da *desilusão*, um aspecto de Neptuno pode indicar uma idealização prática e positiva e mesmo uma espiritualização do factor indicado. O significado de Neptuno na busca espiritual de cada um será explicado com mais pormenores no capítulo VI, mas como ele é tão raramente entendido como deve ser e claramente explicado em livros de astrologia, devem mencionar-se já aqui algumas ideias.

Dissemos que Neptuno dissolve os velhos padrões de consciência psicológica perfeitamente ordenados. Assim, tomámos consciência das limitações das nossas percepções habituais e do facto de que existe algo maior e mais englobante do que presumíamos. Esta intervenção nas nossas vidas de um «algo» mais unificado (apesar de etéreo) é recebida por algumas pessoas como um profundo mistério espiritual ou como um acto de «graça». Pessoalmente, tenho encontrado Neptuno em conjugação, quadratura ou oposição (os chama-

dos «maus» aspectos) com os planetas pessoais ou com o Ascendente no horóscopo de todos os indivíduos que perseguem activamente um qualquer caminho espiritual e disso fazem o principal objectivo da vida. Claro que tais aspectos «pressionantes» não são assim tão «maus» para os pesquisadores espirituais. Pode supor-se que a energia gerada por estes aspectos é necessária para impelir um indivíduo a agir sobre as suas inclinações espirituais e a esforçar-se ao máximo nesta área da vida. C. E. O. Carter considera também estes aspectos relativamente a Neptuno mais indicadores de criatividade artística e de progresso espiritual do que os chamados aspectos «fáceis». No seu livro *The Astrological Aspects* um estudo que na minha opinião atinge uma profundidade maior do que qualquer outro livro sobre o tema. Carter escreve o seguinte acerca dos aspectos «desarmónicos» entre Vénus e Neptuno:

Em certa medida, eles parecem levar a resultados mais definidos do que o trino e o sextil, pois suscitam um descontentamento divino e uma constante busca irrequieta de um ideal que não é facilmente realizável na Terra. Isto é particularmente verdadeiro em matéria de afectos. Os ideais são, de facto, muito elevados e pode haver uma insatisfação persistente relativamente às coisas e às pessoas, variando entre uma atitude petulante ou impertinente, e uma aspiração nobre em contínuo empenhamento na procura de uma mais completa realização das visões interiores.

As combinações desarmónicas encontram-se frequentemente nos horóscopos de nascimento de grandes artistas. Embora os bons aspectos destes dois planetas favoreçam mais, naturalmente, a felicidade e as condições desafogadas, parece no respeitante a realização, carácter moral e talento artístico, os aspectos desarmónicos não são, de modo algum, inferiores àqueles: na verdade, podem ser até melhores uma vez que são capazes de produzir mais energia (p. 119).

O «descontentamento divino» referido por Carter encontra-se, de facto, muitas vezes, nos que têm quase todas as conjunções, quadraturas ou oposições de Neptuno com os planetas pessoais ou o Ascendente. O descontentamento provém de Neptuno sensibilizar ou sintonizar uma pessoa para a realidade das forças invisíveis, imateriais, da vida. Quando uma pessoa sente que existe, na verdade, um plano mais subtil, mais elevado, do ser, acessível à consciência psicológica é, muitas vezes, difícil viver pacientemente uma existên-

cia terrena num mundo material que cada vez mais se parece e se impõe como uma prisão. Creio que a chave para construir uma correcta relação com a força neptuniana nas nossas vidas é compreender que nenhuma satisfação ou libertação virá da nossa busca constante do ideal por que ansiamos *no mundo exterior*, que elas só poderão surgir quando aceitarmos a responsabilidade (Saturno) de construir o ideal das nossas vidas através da nossa criatividade e da nossa devoção. Por outras palavras, temos de nos voltar para dentro de nós, que viver com o ideal, a fim de o tornar real. Não vale a pena andar sempre irrealisticamente à procura da situação perfeita — do emprego perfeito, do casamento perfeito, da casa perfeita com o belo cenário à volta. Neptuno leva-nos a pendurarmo-nos em quadros, em imagens de perfeição para os quais corremos na ânsia de fugir aos dissabores da vida quotidiana. Claro que uma pessoa extremamente sensível pode necessitar de viver em determinado ambiente ou de ter um tipo de trabalho que, pelo menos, não esgote a sua energia psíquica pelo stress constante; mas insistir em que tudo seja perfeito antes de o termos vivido na íntegra, antes de nos termos empenhado nisso por completo, é uma atitude que nunca nos trará a paz interior.

Tem-se escrito em alguns livros sobre astrologia que Neptuno representa o nosso sentido de obrigação para com a sociedade e para com as pessoas, manifestando-se, em casos extremos, como um sentimento de culpa. É este, sem dúvida, o modo como muitas pessoas experimentam a energia de Neptuno e pode até dizer-se que, neste caso, o planeta mostra um canal através do qual devemos pagar aos outros certas dívidas kármicas. No entanto, esta afirmação não é completamente correcta, visto que a motivação interior que está por detrás desses sentimentos e desse comportamento não é explicada. Uma pessoa sente-se obrigada para com os outros sem razão? Tratar-se-á, em todos os casos, apenas de uma dívida kármica que sentimos subliminalmente? Ou existirá uma explicação mais geral?

Creio que este sentimento de obrigação para com a sociedade, para com a humanidade ou para com qualquer ser humano ou animal que sofre provém do facto de sentirmos a nossa unidade com todas as outras criaturas vivas. Se uma pessoa sente intensamente que é igual a outro ser humano (ou até que, em essência, somos iguais aos animais), como poderá impedir-se de ajudar quem precisa? Não se trata, realmente, de generosidade ajudar quem, na essência, é igual a mim; trata-se mais de uma obrigação imediata e se eu não a executo posso, de facto, sentir-me culpado. Esta tendência para a identificação com os outros deve, todavia — embora seja,

sem a menor dúvida, uma bela qualidade espiritual — relacionar-se com factos práticos, caso contrário uma pessoa predispõe-se a ser manipulada e mesmo esgotada pelas exigências dos outros, visto que não há praticamente ninguém que não precise de ajuda. O facto de sentirmos que fazemos uma unidade com todas as outras vidas não significa que tenhamos dentro de nós a energia, os recursos necessários para apoiar todas as outras criaturas. Devemos compreender que Deus também tem um papel a desempenhar. Deus desempenhará o seu papel independentemente daquilo que façamos, e por isso, não devemos substituí-lo nas suas responsabilidades. Com frequência encontramos neptunianos gastando toda a sua força vital na tentativa fútil de satisfazer o seu insaciável sentido de obrigação para com os outros. Trata-se de uma aplicação distorcida de ideias espirituais, muitas vezes acompanhada por várias formas de auto-ilusão sobre o alto nível de desenvolvimento espiritual que se possui. Neptuno é talvez o mais subtil planeta de todos no seu modo de actuar, e os aspectos pressionantes em relação aos planetas pessoais indicam frequentemente que a pessoa possui uma forma subtil de «egotismo espiritual»¹¹.

De tudo o que dissemos atrás podemos concluir que a natureza da influência neptuniana depende, para cada um de nós, da atitude que tomarmos em relação a ela, do valor que lhe atribuímos e do modo como inserirmos as experiências da subtileza na estrutura das nossas vidas. Se aceitarmos bem a irrupção das energias neptunianas num cérebro e numa alma abertos, podemos experimentar uma percepção espiritual, uma imaginação e uma inspiração muito mais apuradas. Poderemos ver imagens arquetípicas e sentir realidades intemporais. Como Dane Rudhyar escreve, Neptuno é «a todos os níveis o poder sustentador e curador, a totalidade de tudo». Rodhyar afirma a seguir:

[...] para aquele cuja alma se tornou o santuário congradado para o Deus vivo, cujo âmbito do ego inclui poten-

¹¹ Este «egotismo espiritual» é especialmente vulgar nos casos em que o Sol está em conjunção, quadratura ou oposição com Neptuno, porque o Sol relaciona-se simbolicamente com o ego e com o sentido consciente de identidade. Estes mesmos aspectos de Neptuno com qualquer dos «planetas pessoais» ou o Ascendente podem também revelar uma forma definida de «ambição espiritual», fenómeno muito comum em pessoas cujos horóscopos incluem quadraturas com Neptuno, visto que a quadratura indica, por natureza, ambição de algum tipo. Claro que tal ambição pode ser dirigida para tentativas infrutíferas de obter poder espiritual ou terreno em grupos espiritualmente orientados, ou para formas disciplinadas e conscientes de prática espiritual, baseadas na devoção a um ideal, mais do que na glorificação pessoal.

cialmente todo o universo, cujo espírito estabelece as suas formulações em termos de reconciliação de todos os opostos, nada deixando fora da sua lógica multidimensional que tudo abrange, a esse Deus responde como Graça. (In *Trip-tych*.)

Consoante a posição de casa no horóscopo de nascimento, Neptuno indica em que área este potencial de graça, de sintonia com as influências transcendentais, toca a vida da pessoa; mas mostra apenas uma *potencialidade* para experimentar a graça ou as realidades espirituais. Uma pessoa pode, de facto, experimentar forças não materiais e a sensibilidade psíquica quer construtivamente (aquilo a que o Dr. William Davidson chama a «bênção angélica», referindo-se a uma forma de protecção e de orientação mais elevadas), quer autodestrutivamente (possessão, decepção ou dissipação das energias). Ora, o modo como a energia e a dimensão da vida, tão subtils, de Neptuno, serão integradas em toda a estrutura da vida depende, em grande parte, da honestidade, coragem e espírito prático que possuímos. Devemos estar *enraizados* na realidade saturnina para avaliar e utilizar completamente o aspecto aprofundador da dimensão de vida de Neptuno. Como dissemos atrás ao falarmos do confronto de C. G. Jung com o inconsciente e da sua gratidão pelo facto de estar enraizado no mundo material do trabalho e dos deveres devemos integrar as necessidades saturninas numa atitude saudável perante a vida se queremos abrir-nos à influência de Neptuno sem nos dissolvermos no caos. Como poderemos apreciar o valor do infinito se não tivermos estabelecido um padrão de vida com limites definidos?

As qualidades exigidas para nos transformarmos num canal que permita a mais alta manifestação do princípio de Neptuno são bastante raras porque, no fim de contas, qual de nós poderá afirmar ser livre de auto-ilusões, fantasias ou desejos de fugir da dura realidade? Por este motivo, a posição de Neptuno no horóscopo de nascimento indica, para a maior parte de nós, uma área de vida e um campo de experiência que tendemos a idealizar ou a rejeitar, geralmente porque entendemos mal os impulsos do espírito inconsciente ou superconsciente. É neste campo de experiência que procuramos o ideal, que acreditamos naquilo que queremos acreditar; e a ânsia de fugir desta conflituosa área de vida provém, muitas vezes, creio, do medo subliminal de que, ao enfrentá-la, se nos revele, brutal e imediatamente, o vazio da nossa auto-ilusão. Por isso, preferimos quase sempre ficar no escuro, preservar o nosso sentido de mistério mais do que arriscar a compreensão de que aquilo que idea-

lizámos durante tanto tempo não vale, realmente, tanto como gostaríamos de acreditar. Parece que, muitas vezes, identificamos alguma área da experiência terrena com os nossos mais profundos anseios espirituais; e o resultado é a confusão. É fundamental um agudo discernimento (Virgem — o signo oposto a Peixes, signo de Neptuno) que nos permite esclarecer o que está *realmente* relacionado com o nosso desenvolvimento espiritual e o que não passa de uma área da vida que desejámos (talvez ao longo de vidas) preenchesse os nossos anseios espirituais e a nossa solidão.

Tenho reflectido na possibilidade de Úrano, Neptuno e Plutão, no horóscopo de nascimento, estarem relacionados com a expressão do conhecimento obtida quer em vidas anteriores, quer entre encarnações terrestres. Úrano é conhecido como planeta da penetração, da originalidade e do génio. Donde provém esta penetração e este novo conhecimento? Neptuno revela uma capacidade visionária e imaginativa, e um sentido de unidade mística que são, evidentemente, aspectos de uma experiência muito afastada das realidades materiais de todos os dias. Talvez um contacto com Neptuno no horóscopo mostre uma vaga agitação de imagens mentais ou experiências inatas que tenhamos conhecido antes, talvez entre vidas noutras dimensões... Talvez um contacto com Úrano mostre uma sintonia com um conhecimento completamente assimilado muito tempo antes e que só nesta vida se abre à expressão. O capítulo XI, creio, lançará alguma luz sobre esta questão, pois as interpretações psíquicas de Edgar Cayce exploram em profundidade a relação da sintonia planetária com as experiências da alma entre as vidas.

Todos os planetas trans-saturninos representam níveis de consciência psicológica em áreas onde nos tornamos bastante impessoais. Todos eles lidam potencialmente com dimensões mais subtis da vida e com energias transformadoras. Estão os três relacionados com tipos de poderes psíquicos, a chamada intuição, a «ESP» e tipos semelhantes de sensibilidade. Mas são todos diferentes e a nenhum deles em particular podemos chamar o planeta da «intuição» ou do poder psíquico. De um ponto de vista espiritual, todos os trans-saturninos têm a ver com planos mais elevados do ser, mas com as seguintes particularidades:

ÚRANO representa a *compreensão mental* de níveis mais elevados, níveis de consciência psicológica onde as dualidades se unem na verdade *viva*.

NEPTUNO representa uma *sintonia emocional* com níveis mais elevados, uma ânsia, uma paixão de harmonização com planos mais elevados do ser.

PLUTÃO representa um *empenho* em agir sobre as nossas necessidades de transformação, em incorporar os mais elevados níveis de consciência no nosso ser, sabendo-se que todos os desejos e inclinações terão de ser trazidos à superfície e depurados, e que todos os nossos verdadeiros motivos terão de ser enfrentados. A este nível de consciência psicológica, uma pessoa já não se satisfaz mais com um simples conhecimento ou paixão; quer fazer participar todos os recursos mentais e emocionais no processo de transformação.



Caranguejo

CAPÍTULO IV

CHAVES PARA A TRANSFORMAÇÃO

Parte II: PLUTÃO

*Embora os mares ameacem, são misericordiosos.
Amaldiçoei-os sem razão.*

SHAKESPEARE, in *A Tempestade*

A maior parte dos astrólogos concordam que o planeta Plutão simboliza uma dimensão da vida tão complexa e com fontes tão profundas que uma aura de mistério rodeia o significado deste planeta no horóscopo de nascimento. Desde a sua descoberta têm sido feitas várias tentativas para clarificar o seu significado; e embora os astrólogos sejam capazes de descobrir muitos significados diferentes que servem para os seus objectivos particulares, e embora muitos artigos tenham sido escritos acerca da «influência» de Plutão no «karma de massa» e nos acontecimentos terrenos, ainda não fui capaz de encontrar qualquer explicação do significado deste planeta para o ser humano considerado *individualmente* e para a sua caracterização psicológica que possa considerar completa. Parece que existe sempre algo escondido acerca de Plutão, algo subtil e difícil de conceptualizar em termos lógicos correntes. Tudo o que se relaciona com Plutão é de certo modo, fora do vulgar, é um tanto excêntrico e indica um domínio de imensidade cósmica que confunde o espírito. E isto é verdade não só a propósito da função astrológica do planeta, como também acerca do movimento do próprio planeta.

A órbita de Plutão, como as órbitas de todos os outros planetas, é uma elipse, mas consideravelmente mais elíptica do que a dos outros planetas principais do sistema solar. Enquanto nos planos orbitais dos principais planetas estão a 7º do plano da órbita da Terra ou do «plano da eclíptica», a órbita de Plutão está inclinada 17º em relação a este plano. A distância média deste planeta ao Sol é cerca de 40 «unidades astronómicas», sendo a «unidade astronómica» a

distância média da Terra ao Sol ou, aproximadamente, cento e cinquenta milhões de quilómetros. Assim, uma distância de 40 unidades astronómicas equivale, em números redondos, a 6 000 000 000 de quilómetros. A órbita do planeta é tão pronunciadamente elíptica, contudo, que esta distância ao Sol tem uma variação de cerca de 3 000 000 000 de quilómetros, sendo a distância mínima de aproximadamente 4 500 000 000, um pouco menos do que a de Neptuno, e a máxima de cerca de 7 200 000 000 de quilómetros, ou seja, quase 75% maior do que a de Neptuno. Tal como os outros planetas, Plutão anda em volta do Sol de Ocidente para Oriente, isto é, descreve uma órbita no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. O seu período de revolução é de cerca de 250 dos nossos anos; assim, um «ano» neste «mundo» é igual a *dois séculos e meio aqui na Terra!* Plutão está agora a aproximar-se do periélio da sua órbita, isto é, do ponto mais próximo do Sol, mas só o ultrapassará no ano de 1989, quando estiver a uma distância do Sol ligeiramente inferior à de Neptuno (4 500 000 000 de quilómetros). Plutão estará, então, no ponto mais próximo da Terra, bem como do Sol, e na posição em termos gerais mais favorável para ser observado.

É curioso observar que, descrevendo a sua órbita no mesmo plano da de Neptuno, Plutão, no periélio, estará ligeiramente dentro da órbita daquele planeta. Como resultado da alta inclinação mútua dos planos orbitais dos dois planetas, as suas órbitas nem por isso se cruzarão em qualquer ponto, embora, *na sua maior aproximação do Sol, Plutão esteja realmente um pouco* (aproximadamente meia unidade astronómica) *mais perto do Sol que Neptuno.* Segundo o Dr. Franklin, do Hayden Planetarium de Nova Iorque, Plutão aproximar-se-ia mais do Sol do que Neptuno em 11 de Dezembro de 1978, e nessa posição permanecerá até 14 de Março de 1999. Muitos astrólogos têm estudado este período, ligando-o a alterações cruciais no desenvolvimento cultural do mundo. Dane Rudhyar afirma que esta passagem de Plutão mais perto do Sol do que Neptuno tem um efeito estimulante ou «germinador» aos níveis mais profundos da consciência psicológica colectiva. Escreve Dane Rudhyar:

Pode dizer-se, pelo menos num sentido, que Plutão simbolizará a semente a cair na Terra, feita de resíduos dissolvidos e adubados do ciclo de vegetação anual a terminar (o produto de um processo de dissolução neptuniano); pode também ser relacionado com a «descida aos infernos» de Cristo antes da ressurreição. Como Plutão entra na órbita de Neptuno, pode dizer-se que ocorrerá simbolicamente um processo de libertação do passado e de impregna-

ção por uma visão nucleada do futuro. De facto, este período em todas as revoluções de Plutão à volta do Sol é, historicamente falando, invulgarmente significativo.

Estes períodos assinalam-se, muitas vezes, por uma repolarização do inconsciente colectivo e dos ideais da humanidade, segundo linhas que, de uma maneira ou de outra, acentuam factores profundamente enraizados na natureza humana e, por isso, comuns a uma grande parte da humanidade.

Marc Edmund Jones escreveu que esta fase histórica do ciclo de Plutão «marca a revolução total e completa de quase tudo no globo». Zipporah Dobyns esclarece também o que vê como sendo o significado deste período:

Este período reacentua a qualidade de Escorpião do último quartel deste século... Plutão estará no seu próprio signo desde meados dos anos 80 até meados dos anos 90. A humanidade é avisada de que é tempo de aprender a partilhar os recursos do planeta. O significado-chave da letra 8 do nosso alfabeto astrológico, quer de Plutão a Escorpião, quer da VIII casa de um horóscopo, é a necessidade de aprender a autoconhecermo-nos através do espelho dos nossos iguais e a autodominarmo-nos, respeitando os direitos dos outros.

A ideia de que a «influência» de Plutão está a tornar-se mais forte no período acima mencionado é confirmada pelas interpretações psíquicas de Edgar Cayce que afirmou no princípio deste século:

[...] estas (influências) são um desenvolvimento do que acontece no universo ou nos arredores da Terra-Plutão... Está gradualmente a *desenvolver-se* e por isso é uma daquelas influências que vão ter uma *actividade demonstrativa* nos assuntos ou acontecimentos futuros do homem, *em direcção a uma influência orientada pelo espírito...*

Estes (indivíduos) no presente, como se poderia dizer, são apenas aqueles que *se tornam* conscientes disso. Mais propriamente, dentro dos próximos cem ou duzentos anos haverá uma grande influência (de Plutão) sobre a ascensão do homem; está, sem dúvida, mais perto daqueles nas actividades da Terra e é uma influência *em desenvolvimento*, ainda não estabelecida. (Interpretação 1100-27, citada

in *Astrology & the Edgar Cayce Readings*, por Margaret Gammon, p. 46.)

Um dos mais notáveis aspectos de Plutão é que o seu significado abrange muitas qualidades opostas das quais falaremos em pormenor daqui a pouco. Mas o simples estudo do planeta do ponto de vista astronómico obriga, inevitavelmente, a confrontar medidas que vão do puro minuto às grandezas incompreensíveis. Por exemplo, Plutão é aproximadamente do tamanho estelar catorze, o que significa que tem cerca de 1600 avos do brilho da mais débil estrela facilmente visível a olho nu num céu claro e sem luar. Este pequeníssimo nível de brilho e aquele tamanho diminuto são factores bastante ilusórios, pois o poder representado por Plutão ultrapassa em muito os seus atributos físicos. Parece claro que *tudo o que estiver relacionado com Plutão (ou com o signo de Escorpião ou a VIII casa) não pode ser correctamente julgado pela sua aparência nem compreendido pela mera observação das características de superfície*. A nossa concepção de vastidão do sistema planetário (e, assim, também da natureza dos seres humanos) aprofundou-se muito com a descoberta de Plutão. Os astrónomos costumavam considerar o nosso sistema solar como tendo sessenta unidades astronómicas de extensão; agora, vêem que tem mais um terço de comprimento, ou seja, oitenta unidades astronómicas no diâmetro total ou talvez mais, pois sabe-se que o campo gravitacional do Sol se estende muito para além de Plutão. O sistema solar é agora considerado com tais dimensões que a luz — cuja velocidade, no vácuo, é de 360 000 quilómetros por segundo — precisa de umas onze horas para chegar de uma extremidade à outra do domínio planetário. Tornou-se recentemente claro para um crescente número de astrólogos que a expansão potencial da consciência psicológica que Plutão simboliza *no horóscopo individual* constitui um perfeito paralelo da crescente consciência do vasto âmbito do próprio sistema solar que a descoberta de Plutão propiciou.

Plutão actua a um nível tão profundo e com tanta subtilidade que a pesquisa nos horóscopos de pessoas «famosas» não nos ajuda muito a compreender o significado do planeta. No fim de contas, não podemos, regra geral, saber que problemas ocultos ou experiências profundas modelam a vida dessas pessoas. Por isso, a mais importante investigação sobre Plutão deve ser feita em relação com os nossos horóscopos de nascimento e dos nossos amigos íntimos. Quer o consideremos relativamente à experiência individual, quer aos fenómenos colectivos, Plutão simboliza sempre uma *forma de poder extremamente concentrada*. Este poder é tão intensamente

concentrado que a forma física ou o tamanho dos fenómenos plutonianos (como o próprio planeta) é irrelevante. Por exemplo, a bomba atómica é, regra geral, considerada como uma fonte plutoniana de poder. A quantidade de energia libertada de uma bomba dessas é extraordinária em comparação com o tamanho físico da bomba. Como dissemos acima, o próprio planeta possui esta característica, visto que, sendo embora mais pequeno do que a Terra, a sua «influência» afecta a vida terrestre numa proporção muito maior do que o seu tamanho poderia indicar. Assim, a força plutoniana deriva de uma fonte que está para além ou no interior da sua forma física, através da qual ela emana. A grande energia de Plutão provém de uma fonte de modo algum evidente, que podemos chamar transcendental. É esta a razão pela qual a energia plutoniana sempre se manifesta em termos de opostos, pois aquilo que é verdadeiramente transcendente só pode ser entendido pela consciência psicológica normal em termos de opostos: a luz e as trevas, a alegria e a tristeza, o espectáculo feérico seguido da inevitável escuridão. Por exemplo, a energia nuclear e o uso, em larga escala, de pesticidas químicos têm sido referidos como fenómenos plutonianos. São ambos fonte de grande poder e todos conhecemos os resultados que deles podem advir; mas ambos têm sido também usados de modo a aproveitar os aspectos negativos, destrutivos, de tais forças: poluição radioactiva e perturbações genéticas, envenenamento químico do solo, dos alimentos e da água. Plutão simboliza, portanto, um tipo de poder que só pode ser usado criativamente quando o utente está, na medida necessária, espiritualmente orientado, visto que a evolução e a cura espiritual em profundidade são as únicas áreas da experiência nas quais as forças de Plutão podem ser utilizadas sem um recuo negativo.

Os trânsitos de Plutão

A função da energia plutoniana pode avaliar-se melhor observando o significado dos trânsitos de Plutão por pontos importantes do horóscopo de nascimento. Embora o capítulo IX trate destes trânsitos mais pormenorizadamente, é necessário abordá-los aqui, para clarificar o princípio essencial que Plutão representa. Os trânsitos de Plutão respeitam, regra geral, à morte e à destruição do antigo, sendo esta destruição necessária a fim de se criar espaço para novo. C. E. O. Carter escreve que «todos os processos eliminadores são plutonianos, incluindo os advogados por aquilo a que se chama Cura Natural». Os adeptos do método de Cura Natural acreditam

que, para que a pessoa seja curada, todos os venenos, toxinas e outros impedimentos ao fluxo da energia vital devem ser eliminados, permitindo, assim, às forças curativas naturais a reconstrução (ou regeneração) do corpo. Carter diz que a fervura constitui um bom exemplo, em pequena escala, da acção de Plutão, pois também *traz à superfície* aquilo que deve ser eliminado. Esta mesma força plutoniana começou a tornar-se activa em maior escala quando Plutão foi descoberto, como se pode ver pela perspectiva freudiana da psicologia (trazer à luz todo o material psíquico «reprimido») e pela ascensão do nazismo (trazendo à superfície os demónios insuspeitados que dormem sob a fachada da «civilização»). Os trânsitos de Plutão têm uma influência semelhante trazendo à superfície aquilo que está pronto para ser eliminado e destruído.

Por exemplo, um dos meus clientes procurou-me, há uns anos, na iminência do colapso psicológico. Embora fosse um homem que, regra geral, exercia sobre si próprio um domínio extremo, mostrava-se paranóico e histérico. Disse-me que experimentava toda a espécie de fantasias paranóicas, relacionadas com a sua namorada. Quando estabelecemos o seu horóscopo para descobrirmos quais os trânsitos que ocorriam, a experiência por que passava foi imediatamente esclarecida. Plutão, em trânsito estava em quadratura exacta com Vénus natal. Expliquei-lhe que os trânsitos de Plutão destruíram os velhos modelos de pensamento e comportamento, bem como eliminavam todos os géneros de resíduos psíquicos que impediam o seu desenvolvimento. Como Plutão estava em quadratura com Vénus, as suas experiências afectavam naturalmente a sua vida emocional e as relações íntimas. Era como se todos os medos, ideais, fantasias e expectativas que tivera acerca das relações amorosas houvessem sido, imediata e compulsivamente, trazidos à superfície, depurados e eliminados, a despeito dos desejos conscientes da pessoa. Esta explicação ajudou a obter uma certa perspectiva daquilo que se passava consigo, embora, claro, tivesse ainda que passar por toda a experiência emocional. Pareceu-me, de certo modo, aliviado, após a consulta e, dias mais tarde, disse-me que ia consultar um psiquiatra, na esperança de que ele o ajudasse a enfrentar os seus sentimentos mais profundos. As coisas acalmaram um pouco depois da conclusão deste trânsito, mas quando Plutão retrogradou e ficou, de novo, em quadratura com Vénus natal, recomeçou o mesmo tipo de experiências, não obstante, desta vez, com menos força. O terceiro trânsito de Plutão (outra vez directo) em quadratura com Vénus natal marcou o fim deste longo e difícil período de transição emocional. Quando o processo terminou, o meu cliente tinha uma visão muito mais clara das suas relações com a namorada; decidiu adiar

o casamento e parecia muito mais satisfeito com a sua vida emocional. Além disso, todos os seus valores relativos ao amor, ao casamento, ao dinheiro ou a preferências estéticas sofreram uma transformação total. Apreciando agora o caso à distância de alguns anos, é evidente que esta experiência, embora fosse, na altura, dolorosa e confusionalista, abriu as portas a um mais profundo autoconhecimento e a uma perspectiva de vida inteiramente nova que ainda hoje afecta as suas atitudes quotidianas.

Eis um ponto acerca dos trânsitos dos planetas trans-saturninos que não pode ser sobrevalorizado: as ramificações a longo prazo destes períodos cruciais de mudança só tornarão aparentes com uma perspectiva clarificada que, por sua vez, só o tempo proporcionará. As alterações que acontecem durante estes períodos são tão intensas e concentradas — e, ao mesmo tempo, as suas implicações na vida tão subtis — que é simplesmente impossível, para a maior parte dos indivíduos, assimilar, num curto espaço de tempo, o significado completo desta transição de uma fase para outra. Uma pessoa pode, muitas vezes, levar dez anos a compreender em absoluto o que realmente aconteceu nos seus níveis mais profundos durante essas fases de transformação. No momento matematicamente preciso em que ocorre o trânsito, não se tem qualquer perspectiva do que se passa. Apenas se sente que nos tiraram o tapete de debaixo dos pés, deixando-nos desorientados e com a noção de que ao mesmo tempo que o velho é implacavelmente posto de parte, não há base firme de apoio, nada de seguro e familiar a que nos agarremos. Trata-se de uma sensação de grande insegurança, muitas vezes acompanhada por sintomas de desintegração físicos e/ou psicológica. Creio, no entanto, que, na maior parte dos casos, a experiência destes trânsitos (isto é, os trânsitos de qualquer dos planetas trans-saturninos) é menos responsável pelo *stress* causado, do que o pânico, o medo e a ansiedade que rapidamente se apoderam da maioria das pessoas. Como os seres humanos são criaturas de hábitos e, portanto, raramente inclinadas a abandonar a velha e familiar segurança dos modelos passados de vida, resistem, regra geral, à mudança — o que apenas tem por efeito aumentar a pressão e a tensão internas. A única coisa que nos pode ajudar a vencer esses períodos com certo equilíbrio psíquico é uma fé inabalável na sabedoria e na ordem da própria vida. Esta fé deve basear-se no conhecimento real das leis universais, visto que uma fé sem alicerces a que uma pessoa se agarre só para fugir ao medo, desaba inevitavelmente logo que somos confrontados com o verdadeiro desafio. É este um dos maiores valores da astrologia, pois pode levar o indivíduo a descobrir o conhecimento autêntico e digno de confiança sobre as leis universais que modelam

a experiência das nossas vidas. Pode dar ao indivíduo uma perspectiva aprofundada da sua experiência, um distanciamento que eventualmente poderá transformar-se em sabedoria.

Assim, embora alguns astrólogos afirmem que os trânsitos de Plutão trazem sempre consigo uma certa forma de «separação» de pessoas, coisas ou actividades, podemos ver, pelo exemplo acima, que Plutão actua a um nível muito mais profundo do que o dos simples fenómenos transitórios. Não quero com isto dizer que acontecimentos exteriores em larga escala nunca acompanhem tais trânsitos; *acentuo* apenas que, quer sejam ou não óbvias as mudanças exteriores nessa altura, o *significado* da experiência nunca é por completo evidente, visto que as mudanças ao mais profundo nível psíquico são tão prolongadas que o espírito analítico não consegue estender-lhes o verdadeiro propósito. No exemplo que citei, verificou-se, de facto, uma «separação», mas a um profundo nível emocional, através da eliminação de modelos de vida que já não serviam um fim útil no desenvolvimento interior da pessoa. Ela foi, por isso, «separada» de padrões psicológicos inibitórios e autoderrotistas, embora as suas relações com determinada mulher se desenvolvessem em intimidade e profundidade, e a sua capacidade para compreender as suas próprias necessidades emocionais — e, assim, a sua capacidade para se relacionar com outras pessoas — se tenha tornado muito rapidamente mais significativa. Por isso, apesar de os trânsitos de Plutão coincidirem, muitas vezes, com o fim absoluto de uma velha fase de actividade ou de um modo acabado de auto-expressão, mostram-nos inevitavelmente que é tempo de abandonar os velhos padrões psicológicos ou a velha perspectiva de vida que já não serve qualquer fim criativo.

A mesma ideia é defendida por Dane Rudhyar no seu livro *Triptych*, quando se refere à influência de Plutão como portadora de uma «libertação da escravatura das formas e substâncias que deixaram de ser úteis ao espírito individualizado...» Os trânsitos de Plutão significam, assim, *o poder para libertar o eterno do transitório*, quer seja a alma do corpo, na morte, ou o ego da velha concha da personalidade. Os trânsitos de Plutão trazem à superfície condições ocultas ou subliminais, a fim de que esta energia possa ser libertada da velha carapaça e *transformada numa nova fonte de poder conscientemente utilizável*. E relacionam-se sempre com a luz e a escuridão, o velho e o novo. Deste modo e apesar de, muitas vezes trazerem à superfície resíduos do velho para que possam ser eliminados, também trazem para a luz aquilo que o ego mais profundo aprendeu e que manifesta a essência perdurável do ser.

Reencarnação e karma

Vista à luz da reencarnação e da lei do karma, a influência do planeta Plutão pode tornar-se mais clara. Por exemplo, os trânsitos de Plutão têm por efeito destruir e eliminar os velhos modelos psicológicos que podem ser considerados como resíduos dos pensamentos e acções passados. Se todas as pessoas (ou almas) viveram muitas vidas em muitos corpos distintos, parece razoável que a memória e as impressões das acções e pensamentos dessas vidas permaneçam no espírito inconsciente. Segue-se, então, que tais padrões subliminais de pensamento e acção podem facilmente ser activados nas nossas vidas diárias e interferir com o nosso funcionamento como entidades livres e totalmente conscientes. Os trânsitos de Plutão, portanto, servem para acelerar a nossa evolução, destruindo as nossas ligações ao velho e criando espaço para o novo. Na terminologia psicológica tradicional estes conglomerados inconscientes que, de acordo com o dr. C. G. Jung contêm uma «energia psíquica» definida própria, são conhecidos por «complexo». Tais complexos estão vivos e continuam a influenciar a vida consciente do indivíduo através de vários sentimentos subtis, embora insistentes. Relativamente à teoria da reencarnação, estas concentrações de energia psíquica podem ser vistas como os resultados («karma») de pensamentos, desejos e acções passados. Os trânsitos de Plutão parecem, assim, varrer muitos destes resíduos kármicos em determinada área, dando ao indivíduo uma maior possibilidade de se exprimir como agente psicologicamente livre. As fantasias, a paranóia e as alucinações que, por vezes, acompanham os trânsitos de Plutão são, assim, o resultado destes resíduos psíquicos que são agitados antes de serem compulsivamente trazidos à superfície.

Na mitologia, Plutão foi sempre relacionado com o «mundo subterrâneo». Tal como o deus Plutão mantinha Prosérpina presa nesse mundo, também a força de Plutão no horóscopo individual simboliza os velhos padrões e os resíduos psíquicos que nos acorren-tam e devem ser eliminados¹². Na mitologia grega, Plutão era eso-

¹² A relação de Plutão com o «mundo subterrâneo» parece provir de experiências pessoais durante os trânsitos de Plutão porque, em alguns casos, desaparecem pessoas ou coisas, como se se eclipsassem da superfície da Terra para se esconderem no mundo subterrâneo; noutros casos, dá-se o *reaparecimento* de pessoas ou coisas com quem em tempos nos relacionámos; outras vezes, ainda, regista-se um desaparecimento e, mais tarde, um reaparecimento durante o longo período dos trânsitos sucessivos de Plutão por determinado ponto. E a relação com o mundo subterrâneo surge também nos casos em que

tericamente considerado semelhante a Hades e Dioniso. Como o Prof. Kerenyi afirma, Hades e Plutão eram considerados como «pseudónimos» de Dioniso. (*Eleusis*, p. 40.) O facto de o deus subterrâneo do vinho, Dioniso, e de Plutão serem tidos como idênticos, dá-nos uma pista para compreender a razão pela qual as pessoas se comportam tão compulsivamente sob a influência do álcool; na verdade, o álcool estimula e agita as velhas compulsões, regra geral, inconscientes. Kerenyi escreve que Persephone foi «seduzida pelo pai, o subterrâneo Zeus, Hades ou Dioniso...» Este subterrâneo Zeus é idêntico a Plutão e o facto de esta divindade se chamar Zeus revela o extraordinário poder que lhe era atribuído.

Para os gregos, Plutão era considerado como antítese do deus Sol, Apolo, por isso um inimigo irreconciliável de toda a nossa vida. Esta interpretação corresponde aos factores astrológicos, porque o Sol, no horóscopo individual, mostra o que estamos a assimilar e em que área da vida se exprime o nosso mais profundo ego, enquanto Plutão mostra quais os aspectos da personalidade que devem ser eliminados antes que o ego possa desenvolver-se, e em que área da vida exprimimos os velhos e compulsivos modos de ser. Como já dissemos Plutão estava relacionado com o poder divino vivendo no interior da terra (o subterrâneo de Dioniso), aquele que guarda as chaves das grandes riquezas, e também aquele que dá e depois tira as forças da vida de todas as formas naturais. Esta polaridade entre vida e morte, luz e trevas, novo e velho, revela de que modo está Plutão intimamente relacionado com os mais profundos processos vitais em actividade nos mais profundos níveis da experiência. Neste sentido, Plutão pode ser visto como semelhante ao poder impessoal e extraordinário da Terra a que Jung chama «poder ctónico»; e a brutalidade e crueldade muitas vezes associadas a Plutão são perfeitamente evidentes na natureza, onde a sobrevivência dos mais aptos é a regra, e onde os fortes e astutos se sobrepõem aos fracos e menos hábeis. Existe, é claro, uma lei natural que orienta este processo, a qual, no entanto, não diminui o terror e o horror que, muitas vezes, sentimos perante a crueldade impessoal da natureza no plano material. Talvez esta relação de Plutão com a mais profunda força da Terra seja aquilo a que Cayce se referia quando dizia que

uma pessoa experimenta um contacto com o elemento criminoso durante este período. Patricia Hearst constitui um bom exemplo destes tipos de ocorrências, visto que desapareceu no mundo subterrâneo quando Plutão estava quase a entrar em conjunção com a sua Lua natal. Os contactos com o submundo criminoso são também comuns quando alguém nasce com fortes aspectos natais envolvendo Plutão e o Sol e, por vezes, também outros planetas pessoais.

Plutão está muito perto, mais do que qualquer outro planeta, das actividades do planeta terráqueo...

Se uma pessoa quiser compreender melhor o que é este poder ctónico da Terra, eu sugeriria que seguisse a pista encontrada em determinado mito grego, no qual qualquer lugar onde crescesse uma grande figueira era considerado como um ponto da superfície da Terra onde se podia ter fácil acesso à força plutoniana subterrânea. Uma pessoa podia sentar-se debaixo dessa árvore e sintonizar-se com a sua energia, a fim de se familiarizar com o seu poder natural. Durante milénios, a figueira foi considerada, em muitas culturas, como o símbolo por excelência da fertilidade da Terra e da sua capacidade para criar a vida, mesmo num deserto. Na verdade, uma das muitas invulgares «coincidências» astrológicas da minha vida tem a ver com o facto de eu costumar subir a uma alta montanha da Califórnia do Norte para me sentar e meditar debaixo dos ramos acolhedores de uma velha e gigantesca figueira. Sempre me senti poderosamente impressionado com a intensidade de energia que emanava do local, como se descesse às névoas primitivas dos tempos pré-históricos, tempos em que uma pessoa podia ainda experimentar as forças cósmicas com grande instantaneidade. Num dia em que a temperatura era de 45°, debaixo da figueira estava muitos graus abaixo. O tronco da árvore tinha mais de um metro e vinte de diâmetro, e o diâmetro de toda a árvore, medido a partir do extremo dos seus ramos mais compridos, devia ter, pelo menos, quinze metros. O curioso é que até essa altura nunca tinha ouvido falar das lendas gregas sobre a relação entre a figueira e Plutão. Quando, pouco tempo depois, tomei conhecimento desses mitos, pareceu-me que não só a velha lenda se baseava numa verdadeira energia que podia ser sentida, como também era especialmente autêntica, visto que a minha Lua estava, na altura, na VIII casa natal e em aspecto com Plutão.

Um dos aspectos paradoxais da natureza de Plutão é que o seu simbolismo incorpora as velhas formas de vida que estão prontas a ser eliminadas e a força que as despedaçará e efectuará esse tipo de cirurgia psicológico-emocional. Este aparente paradoxo pode ser compreendido quando vemos que a energia de Plutão se contém em velhas formas e que apenas precisa de ser activada (por exemplo, através de um trânsito poderoso) para se libertar e trazer, assim, as coisas à superfície, rápida e inapelavelmente. Podíamos comparar o processo com a germinação de uma semente; de facto a forma rígida, concentrada, de uma semente é destruída quando a força germinadora começa a manifestar-se. Mal a semente recebe a humidade e o calor necessários para que a energia potencial seja activada,

o invólucro é despedaçado e utilizado como alimento, a fim de nutrir o novo ser. Podemos extrair uma lição desta analogia: quando os velhos modelos e formas de vida são destruídos e eliminados durante um período plutoniano, a energia libertada por esta transformação (mesmo que sob forma de dor e profunda agonia) é a autêntica energia que nos alimentará e nos permitirá avançar para um novo desenvolvimento.

A posição de casa de Plutão

Podemos, assim, dizer que a posição de Plutão no horóscopo de nascimento revela o velho ego ou o velho invólucro da personalidade que continua activo e ainda guarda uma considerável concentração de energia psíquica. Enquanto essa energia permanece inconsciente e inextricavelmente relacionada com velhos padrões de vida, actua como um complexo psicológico que promove modelos *compulsivos* e *obsessivos* de pensamento e comportamento na nossa vida consciente. Só quando a energia é libertada dos limites do velho invólucro — o invólucro que agora desprezamos — pode ser conscientemente usada para nos ajudar a manifestar a essência da individualidade solar, o novo modo de ser necessário para o nosso desenvolvimento. Plutão no horóscopo individual simboliza, portanto (consoante a sua posição de casa), as impressões psíquicas profundamente fixadas que resultam de desejos e acções passadas e que agora se manifestam subtilmente como obsessões e compulsões sem explicação racional. Por outras palavras, a verdadeira natureza do desejo original deixou de ser clara para nós, estamos, no entanto, à mercê deste pendor, o que, muitas vezes, nos torna infelizes. Assim, a posição de casa de Plutão mostra também em que área uma pessoa está a desfazer-se de um velho desejo ou modelo de comportamento, e onde os resultados desse impulso de ultrapassagem são, muitas vezes, criadores de angústias e sofrimento.

Outro modo de explicar esta transformação é dizer que estamos a confrontarmo-nos mais intensamente com o nosso karma naquelas áreas da vida simbolizadas pela posição de casa de Plutão. Embora se diga, muitas vezes, que Saturno é o planeta do karma, trata-se de uma simplificação excessiva. Saturno revela, de facto, testes kármicos *específicos* e necessidades específicas de autodisciplina, mas a essência da lei do karma, como o vidente Edgar Cayce afirma é «encontrar o ego». E a posição de casa Plutão mostra o campo de experiência em que encontramos o nosso velho ego e os nossos dese-

jos passados. O sofrimento frequentemente associado ao confronto com este velho ego constitui exemplo claro de como é difícil estar à altura do antigo axioma «conhece-te a ti próprio». Plutão no horóscopo individual revela-nos, assim, qual o trabalho que temos de fazer a níveis profundos do nosso ser, que modelos de comportamento temos que abandonar, dominar ou rejeitar. O motivo pelo qual muitas vezes se diz que Plutão representa uma «oitava mais elevada» de Marte não está só no facto de ambas as influências serem extremamente poderosas e irrecusáveis, mas também no facto de os dois planetas revelarem, em qualquer horóscopo, as direcções específicas que essa energia seguirá. Enquanto Marte representa a energia que possuímos para trabalhar no mundo, Plutão representa a energia necessária para trabalharmos no mundo subterrâneo, isto é, aos mais profundos níveis da estrutura psíquica individual.

Seja qual for a casa de Plutão, ela é altamente energizada, visto ser aí que uma pessoa está em contacto imediato com o reservatório profundo do poder concentrado. Esta grande força pode ser usada para afirmar teimosamente, brutalmente e antipaticamente os desejos de alguém; ou pode ser aproveitada como poder espiritual e vontade positivos e utilizada para elevar as mais altas qualidades do indivíduo. Seja qual for a casa em que Plutão estiver, o planeta mostrará em que área uma pessoa sente pendor para tentar impor a sua vontade aos outros — mas é também na mesma área de vida que se podem dar os mais dramáticos passos em direcção ao desenvolvimento pessoal. Existe grande energia à disposição de cada um nas áreas de vida indicadas pela posição de Plutão, energia que pode dar profundidade e perfeição, intuição e poder de concentração, se for utilizada com total consciência. A posição de Plutão indica também a área de vida em que o indivíduo pode sentir-se isolado e solitário, visto que, nesta zona, a pessoa prefere permanecer enterrada nos seus próprios interesses. Isto pode indicar uma certa qualidade anti-social, devida ao facto de se ser impaciente e exigente nesta área. A impaciência provém do profundo sentimento de que a identidade própria (uma identidade que se traz do passado) está ameaçada, de que tudo o que se relaciona com este particular campo de experiência está a desmoronar-se e a ser destruído nos alicerces do ser. Mais uma vez podemos ver a polaridade entre o Sol (a verdadeira identidade do indivíduo *nesta vida*) e Plutão (um velho padrão de identidade do passado, ainda subliminalmente activo). A velha identidade começa a ser destruída, processo imprescindível para a pessoa experimentar o novo modo de ser.

Alguns exemplos podem ajudar a explicar esta relação entre Plutão e uma ressonância do modelo de vida passada. Plutão na

I casa constitui uma das mais difíceis posições deste planeta no horóscopo de nascimento. Aqui, a pessoa sente, regra geral, uma quase contínua crise de identidade ao longo dos seus primeiros vinte e cinco anos ou mesmo mais, experiência que severamente afecta a auto-imagem individual. Mas de onde provém este sentimento? Creio que tal factor só é explicável em termos de reencarnação e karma. Um exemplo: duas pessoas que conheço ouviram videntes de confiança acerca das suas vidas passadas, cuja influência se mantém muito activo nas suas vidas presentes. Ambas têm Plutão na I casa, muitas vezes conhecida como a «casa da identidade». A uma dessas pessoas disseram que tinha sido escrava no passado e que essa aviltante experiência era seguramente responsável pela sua falta de autoconfiança, pelas suas crises periódicas de identidade desde a infância. A outra ficou a saber que tinha estado em Atlantis, onde fora submetida a todo o género de cruéis experiências «científicas» que haviam tido um efeito devastador sobre o seu sentido de identidade e que facilmente podiam ser responsáveis pelos problemas de identidade que tinha nesta vida. Outra pessoa com Plutão na V casa no horóscopo de nascimento tinha sido chefe de uma grande família e detivera grande poder sobre outras pessoas. Esta tendência passou para a vida presente como uma inclinação para mandar nos outros e esquecer que os outros têm os seus próprios desejos e direitos. (Não esqueçam que a V casa está relacionada com o arrogante signo de Leão). Outro exemplo: o vidente Edgar Cayce disse nas suas interpretações psíquicas que estivera uma vez numa posição de autoridade social, moldando as vidas de milhares de pessoas, quando era sacerdote no Egipto. Esta explicação corresponde à posição de Plutão no horóscopo de nascimento de Cayce — na X casa, a da autoridade — e quem quer que leia a biografia de Cayce não pode deixar de reparar como teve, muitas vezes, nesta vida choques com pessoas em posições de autoridade.

Dos exemplos acima podemos concluir que a posição de casa de Plutão mostra um modelo passado de vida que se transfere para a vida presente. O poder do passado persiste, mas, evidentemente, chegou a altura de o utilizar de uma nova maneira. Chegou a altura da morte desses velhos padrões de vida e de se desenvolver um novo modo de ser. Neste ponto, pode-se perguntar de que modo esta nova maneira de ser será capaz de se desenvolver se estamos acorrentados ao velho? Apenas posso responder que uma pessoa deve conscientemente *deixar partir* o velho e abrir-se à influência dos outros para poder aprender novas atitudes. Este deixar partir é especialmente difícil para as pessoas de Plutão e de Escorpião, pois odeiam abandonar seja o que for por temerem que a abertura resultante

dessa atitude as torne vulneráveis e transfira para as mãos de outros o poder que querem conservar. Como pode uma pessoa ter fé para deixar partir o velho se não confia nos outros, nas motivações próprias ou mesmo na vida ou em Deus? Eis o dilema que qualquer indivíduo enfrenta se tiver forte ênfase em Plutão, Escorpião ou até na VIII casa no horóscopo de nascimento. Podemos, portanto, dizer que o primeiro passo no confronto com este tipo de problema é aprender a *confiar*, correndo, antes do mais, o risco de nos abirmos, e compreendendo que podemos enfrentar quaisquer novos caminhos, mesmo que nos façam sofrer. Uma das qualidades contraditórias de Plutão é que aqueles que têm ênfase neste planeta (ou no seu signo ou casa) são, com frequência, por um lado, muito corajosos e temerários ao encararem os desafios e actividades da vida exterior, enquanto, por outro, se aterrorizam com a perspectiva de sofrerem por causa dos seus sentimentos mais profundos.

Este processo de aprendizagem de uma nova atitude, de refinação do modo de auto-expressão e do uso da força de vontade tem sido, muitas vezes, denominado «regeneração». Por isso, podemos dizer que a posição de casa de Plutão revela a área de vida na qual deve verificar-se uma regeneração completa. Esta regeneração transforma a teimosia, a dependência e a brutalidade num poder muito intenso, conscientemente utilizável, que se manifesta como intuição penetrante, compreensão de forças subtis (com frequência resultando num conhecimento antecipado em anos) e no uso da vontade para promover acções criativas. A energia de Plutão pode também ser dirigida para a cura. Na verdade, muitas pessoas que se especializam em cura apenas pela imposição das mãos ou através de outros sistemas de contacto, têm Plutão em lugar proeminente nos seus horóscopos. Deve acentuar-se que se a energia de Plutão é tão eficaz na cura, isso se deve ao facto de ser simultaneamente uma força convincente, uma solução e uma sensibilidade receptiva.

Indicamos a seguir algumas pistas e linhas de orientação para a interpretação do significado de Plutão nas várias casas natais. Peço ao leitor que as tome apenas como linhas de orientação, fundamentalmente destinadas a despertar o discernimento sobre a pessoa cujo horóscopo se examina. Cabe ao leitor avaliar quão positiva e negativamente as várias potencialidades são expressas.

PLUTÃO NA I CASA: Na I casa, a casa da identidade, Plutão indica que o sentido de identidade da pessoa deve ser totalmente alterado. Embora estas pessoas tenham, muitas vezes, uma penetrante compreensão, as suas inse-

gurança e reserva impedem-nas de a exprimirem livremente. Precisam desesperadamente de ouvir as opiniões dos outros a seu respeito, a fim de criarem um novo sentimento acerca de si próprias; mas a sua extrema reserva quanto ao sentido de identidade com frequência impede esta abertura. A cooperação ao nível pessoal profundo é tão difícil que, muitas vezes, acabam solitárias e, em alguns casos, mesmo isoladas de amigos e da família. Se a energia de Plutão for usada criativamente, a pessoa pode exibir uma poderosa concentração, uma dedicação a elevados ideais espirituais ou sociais, e uma notável capacidade de penetrar nos significados mais ocultos da vida.

PLUTÃO NA II CASA: Aqui, existe um poderoso desejo de controlar os recursos próprios materiais como meio para atingir a paz de espírito. A orientação para o controlo ou *posse* é, contudo, fonte de perturbação íntima. Plutão nesta casa indica que as atitudes dirigidas à posse de pessoas ou coisas devem ser transformadas, a fim de proporcionarem uma regeneração de valores. Plutão indica também que gastos compulsivos podem ser fonte de dificuldades, caso em que o indivíduo necessita de disciplinar essa tendência. Uma pessoa com esta posição de Plutão é, contudo, muitas vezes, extremamente dotada de recursos para construir alguma forma de segurança material e pode ser também capaz de compreender os mais profundos tipos de energia que o dinheiro representa.

PLUTÃO NA III CASA: Plutão nesta casa indica uma pessoa compulsivamente meticulosa em tudo o que respeita à comunicação. Quer estar absolutamente segura de que as ideias são claramente transmitidas. Tal desejo pode manifestar-se como um modo irritável de falar com os outros ou transformar-se numa capacidade criativa para aprender toda a profundidade da interacção humana. As pessoas com Plutão nesta casa podem ser também grandes energias que aplicarão com as mãos na cura, e são, muitas vezes, naturalmente talentosas em todas as formas de pesquisa.

PLUTÃO NA IV CASA: Aqui, a dependência de Plutão funciona no âmbito do lar e das profundezas emocionais da vida psicológica da pessoa. Existe um forte impulso para a segurança e para um lugar de descanso retirado,

onde a pessoa seja capaz de controlar exactamente o que se passa em sua volta. Isto pode indicar uma vida de família sujeita a todo o género de convulsões e conflitos, devidos à teimosia e à obstinação. Plutão indica aqui que a pessoa tem necessidade de uma total reorientação nos mais profundos sentimentos acerca do seu ego e no sentido de segurança, de paz interior e de contentamento. Pode também indicar profunda intuição das necessidades emocionais dos outros e capacidade para penetrar no espírito inconsciente.

PLUTÃO NA V CASA: Aqui, existe uma forte compulsão para «ser alguém», para exprimir a individualidade de uma maneira bem visível. Muitas vezes, os desejos destas pessoas de serem melhores e reconhecidos como tal, são frustrados, levando a uma dolorosa reavaliação da necessidade de serem tão grandes. Se a energia que motiva a compulsão for transformada num poder conscientemente utilizável e praticamente aplicável, a pessoa pode penetrar em novas áreas de criatividade com invulgar profundidade. O seu trabalho criativo pode estar muito avançado em relação ao seu tempo, mas a força e perfeição do que executa garantirá a sua eventual aceitação. Íntimas relações emocionais com crianças ou amantes também servem para ajudar estes indivíduos a aprenderem mais acerca de si próprios em áreas essenciais, embora o elemento compulsivo de tais relações deva ser eliminado. A chave para esta posição de Plutão é que a pessoa deve aprender a contentar-se com o que lhe tocou na vida e a usar a sua grande energia para fazer algo de especial, em vez de apenas querer ser conhecido como alguém especial.

PLUTÃO NA VI CASA: Aqui, na VI casa, Plutão indica alguém que quer servir e ajudar os outros, ou pelo menos, quer *sentir-se* como uma pessoa que ajuda os outros. Pode haver uma compulsão para servir os outros, muitas vezes por meios que não são muito apreciados pelos destinatários. Esta pessoa fará melhor se trabalhar consigo própria, dirigindo as suas energias reformadoras para a sua transformação pessoal. A posição de Plutão indica também que questões relacionadas com a saúde ou com uma doença particularmente séria podem servir para produzir grandes mudanças na atitude individual e uma purificação dos valores próprios. Em alguns

casos, parece também indicar talento nas artes curativas.

PLUTÃO NA VII CASA: Com Plutão na VII casa, o casamento e as relações íntimas serão, para o indivíduo, o campo em que a sua transformação pessoal pode verificar-se. Existem, muitas vezes, problemas emocionais dolorosos e compulsivos em relações íntimas. Embora esta pessoa queira dar aos outros muita liberdade e goste desesperadamente que gostem de si, vê-se com frequência incapaz de estabelecer uma verdadeira relação com os outros. A cooperação torna-se difícil, especialmente quando o indivíduo descobre que se relaciona com pessoas que controlam um poder definido na sua vida. Com esta posição de Plutão, o casamento pode ser duradouro, mas só se a pessoa aceitar as alterações pessoais exigidas para que a união resulte.

PLUTÃO NA VIII CASA: Plutão nesta casa revela uma compulsão para influenciar o mundo através do uso do poder, quer por canais de autoridade socialmente aprovados, quer por forças psicológicas profundas ou ocultas. Pode haver uma inclinação para manipular os outros e para insistir em que os outros se modifiquem de acordo com os nossos valores. Tal como os que têm Plutão na VI casa, estas pessoas fariam muito melhor em deixar os outros ser o que são e em aprender como utilizar a força plutoniana na transformação pessoal. Existem, muitas vezes, experiências compulsivas dolorosas na área da sexualidade. A chave para a resolução de todo este complexo é que a pessoa necessita de reorientar totalmente o uso de todos os seus poderes — físico, mental, social, emocional e espiritual.

PLUTÃO NA IX CASA: Com esta posição de Plutão, existe uma compulsão para ter e exprimir fortes crenças e ideais que podem orientar a vida da pessoa. Em manifestação negativa, essa compulsão pode tomar a forma de dogmatismo, de hipocrisia e de uma necessidade para converter ou convencer outrem de que são eles os únicos que conhecem a verdade. Para transformar esta tendência, tais indivíduos devem compreender que, como C. G. Jung escreveu, a salvação de uma pessoa é a condenação de outras; e devem abandonar o desejo de provar as suas crenças a si próprias, pregando-as aos outros. Com esta posição de Plutão, descobrimos também, muitas vezes, à

medida que os anos passam, que a pessoa tem experiências profundamente interiores que servem para reorientar as suas atitudes acerca de Deus, da verdade e do valor da vida humana.

PLUTÃO NA X CASA: A dependência de Plutão nesta posição toma, muitas vezes, a forma de uma impaciência para com a autoridade: um ressentimento contra os que detêm a autoridade ou uma poderosa tendência para se obter destaque de um modo que seja reconhecido pelos outros. Estas pessoas podem frequentemente atingir no mundo a posição que procuram, mas isso envolve, regra geral, uma longa e algo dolorosa reavaliação dos seus verdadeiros motivos e valores. Por isso, os que têm Plutão nesta posição precisam de transformar totalmente as suas atitudes para com o sucesso terreno, a autoridade e a reputação. Idealmente, simbolizam uma capacidade para ver para além das formas exteriores da «autoridade» e, assim, para desenvolver um sentido mais profundo de responsabilidade sobre a autoridade na governação.

PLUTÃO NA XI CASA: Aqui, Plutão manifesta-se como compulsão para se ser aceite pelos outros e como necessidade de atingir certos objectivos que não são conscientemente muito claros. Muitas vezes, algumas ideias fixas têm de ser alteradas para que se possa verificar um renascimento nas áreas dos desejos fundamentais e do sentido de direcção essencial da pessoa. A ênfase no futuro é, por vezes, tão predominante nestas pessoas que o presente acaba por ser desprezado. Os que têm esta posição de Plutão nos seus horóscopos de nascimento devem aprender a confiar em si próprios, mais do que nos outros, para a sua realização, sabendo que a sua mais profunda esperança de futuro só será uma realidade se abranger uma transformação e clarificação totais dos seus *próprios* objectivos criativos no âmbito das necessidades sociais.

PLUTÃO NA XII CASA: Com esta posição de Plutão, a pessoa deve transformar a qualidade da sua vida emocional, aderindo a alguma crença ou verdade transcendental que terá o efeito de libertar o ego de um atoleiro de emoções confusas. Muitas vezes, esta reorientação exigirá longos períodos de solidão e abstenção da interacção social, visto que lidar com os outros produzirá, em

muitos casos, uma nova agitação de velhas e perturbadoras emoções que a pessoa tenta transcender. Devem ser cuidadosos em não permitir padrões emocionais de culpa e o aparecimento de sentimentos de autoperguição. A chave para esta orientação é estabelecer atitudes espirituais definidas relativamente à vida. Uma vez que esta transformação espiritual tenha progredido até um certo ponto, o indivíduo pode desenvolver a capacidade de experimentar a unidade da vida subjacente às formas exteriores.

Em qualquer casa, a energia de Plutão pode ser canalizada para uma mais elevada consciência psicológica, impessoal, mas controlável, e para que a força de vontade dirija essa consciência para actividades criativas. Tal como com Saturno, o aspecto negativo de Plutão tem sido sobrevalorizado; na verdade, o autêntico poder de Plutão só se torna negativo se procurarmos interferir com o seu trabalho.

Os aspectos de Plutão

Na minha experiência, os aspectos de Plutão figuram entre os factores de mais difícil compreensão em qualquer horóscopo, pois nunca se sabe a que nível o seu potencial se manifesta. Embora a natureza de Úrano seja, muitas vezes, considerada como «imprevisível», parece-me que a acção de Plutão é muito mais imprevisível. Em muitos casos, não há diferença aparente entre considerar-se o aspecto como o «harmónico» ou «desarmónico». De facto, quando se começam a investigar os aspectos de qualquer dos planetas trans-saturninos, vê-se que os chamados aspectos pressionantes se encontram, muitas vezes, nos horóscopos das pessoas mais criativas e espiritualmente profundas. A avaliação do significado dos vários aspectos depende, pois, fundamentalmente, da nossa própria filosofia de vida e do objectivo individual que mais valorizemos. Se o nosso objectivo fundamental é ter uma vida fácil e *sem* grandes problemas (mas também por isso sem desafios de crescimento e de criatividade), pode haver alguma justificação para analisar os aspectos através do método tradicional de os rotular de duros/brandos, bons/maus, difíceis/fáceis. Mas se tivermos a capacidade de ver as possibilidades da vida com mais complexidade e profundidade, então torna-se muito mais difícil classificar os vários tipos de experiência humana de acordo com tipos simplistas, *a priori*. Para mim, o facto mais evi-

dente é que se uma pessoa presumir que é, na realidade, uma inteligência criativa da qual emanam todas as manifestações da vida, então toda a experiência é *guiada* por essa mais elevada inteligência e tem um objectivo específico. Como pôr em questão este objectivo? Fazê-lo é revelar a nossa arrogância intelectual, pois constitui prova de inconsciência pensar que temos capacidade para saber mais do que o Arquitecto do Universo. No capítulo VI encontrará o leitor uma análise mais holística e — creio — mais construtiva dos aspectos do que aquela que vulgarmente se encontra nos livros sobre astrologia. Algumas das questões a que aludi acima são abordadas nesse capítulo por estarem mais no âmbito específico dos aspectos de Plutão. Existem, porém, alguns pontos básicos que podemos esclarecer aqui, porque estão relacionados com as características de Plutão já explicadas.

Os aspectos de Plutão relativamente a outro planeta no horóscopo individual mostram como é fácil usar a energia de Plutão e proceder a uma regeneração plutoniana. Um tipo semelhante de desenvolvimento e transformação pode, por exemplo, ser indicado pelo trino e pela quadratura entre os mesmos planetas, mas a pessoa resistirá implacavelmente à mudança quando se tratar da quadratura. Quando o aspecto é mais harmónico (por exemplo, o trino ou o sextil) parece que a pessoa tem, muitas vezes, um conhecimento interior da razão pela qual determinada mudança é necessária e, por isso, adapta-se mais prontamente às necessárias alterações. Parece que, em muitos casos, os que têm Plutão em trino ou sextil com o Sol ou a Lua (ou, por vezes, com outros planetas pessoais) possuem uma compreensão inata dos processos naturais de desenvolvimento e transformação. Têm aparentemente como certo o facto de que a vida exige sempre que deixemos para trás o velho e nos abramos ao novo. Isto não significa que tais pessoas nunca experimentem qualquer dor relacionada com as mudanças plutonianas, mas sim que conhecem e aceitam o facto de que a dor que sentem constitui uma parte necessária da vida.

O facto de um semelhante tipo de transformação poder detectar-se quer o aspecto com Plutão seja tradicionalmente «duro» ou «fácil», torna-se compreensível através do seguinte exemplo. (Reparem que, no fundamental, é a *atitude* da pessoa perante as mudanças exigidas que é mais especificamente indicada pela relativa harmonia ou desarmonia do próprio aspecto.)

Há uns anos, ao receber para consulta um homem de trinta anos, falávamos acerca das suas reacções emocionais, do seu estado emocional geral, quando ele disse: «Estou sempre a ter de reformular os meus sentimentos, a mudar conscientemente as minhas

reações imediatas a muitas situações distintas». Esta pessoa, naquela altura, tinha muito poucos conhecimentos de astrologia e não possuía qualquer familiaridade profunda com os aspectos de Plutão. No entanto, um relance pelo seu horóscopo revelava que tinha nascido com Plutão em quase perfeito trino com a Lua! Que melhor símbolo poderíamos ter da exacta experiência que descrevera? Mas o ponto-chave, aqui, é que ele tinha consciência de estar continuamente a fazer um esforço *consciente* para reformar e transformar esta parte da sua natureza. Não era algo a que resistisse ou por que fosse especialmente perturbado; era algo entendido como uma simples e regular experiência transformadora na sua vida diária, que aceitava por completo como necessária, embora não tivesse consciência do simbolismo astrológico do processo. Quem quer que tenha Plutão em conjunção, quadratura ou oposição com a Lua natal pode experimentar a mesma necessidade de alterar as suas reações emocionais espontâneas, a fim de se adaptar à vida de todos os dias; mas uma pessoa com estes aspectos particulares pode ver essa necessidade como mais um problema e tentar resistir ao arranque do esforço para proceder às mudanças exigidas.

Plutão em qualquer aspecto com um planeta pessoal significa que existe um aumento de consciência psicológica, um renascimento multifacetado, relativamente à parte do indivíduo simbolizada pelo outro planeta. Este aumento de consciência psicológica deve ser considerado como especialmente necessário para o desenvolvimento próprio se o aspecto for uma conjunção, uma quadratura um quincócio ou uma oposição. Por outras palavras, a dimensão da experiência simbolizada pelo planeta em aspecto com Plutão tem que ser transformado num nível mais elevado ou mais consciente de expressão. Entre os mais dinâmicos aspectos, a conjunção, a quadratura e o quincócio indicam, regra geral, um desafio e uma tensão internos que podemos aceitar como algo que devemos enfrentar intensa e empenhadamente ou que podemos tentar evitar. O outro aspecto «dinâmico» de Plutão, a oposição, indica geralmente que tendências compulsivas exigentes e teimosas interferem com regularidade no desenvolvimento de certas relações nas nossas vidas. O outro planeta envolvido e as casas em que os planetas se situam dão, regra geral, informação suficiente sobre a possibilidade de se compreender o tipo específico de relação em que o problema ocorre. Diz-me a experiência que as pessoas com posições de Plutão só muito raramente compreendem o facto de que a sua exigência subtil — exigência de que os outros sejam diferentes daquilo que são — é a responsável pelos problemas nas relações. Na verdade, como Plutão é, por natureza, geralmente indicativo de um certo complexo de tendências compul-

sivas e inconscientes, não surpreende que a maioria das pessoas com quem tenho lidado não possa identificar imediatamente os modelos compulsivos de comportamento indicados por Plutão nos seus horóscopos. Só quando dão passos definidos rumo a um auto-exame honesto — embora doloroso — se tornam conscientes dos seus sentimentos e motivações mais profundos e são capazes de os relacionar com o significado de Plutão nos seus horóscopos. E a tensão dos aspectos «difíceis» de Plutão pode, então, gerar a capacidade para administrar a energia plutoniana de um modo particularmente dinâmico.

Os trinos e sextis podem significar que uma pessoa exprime facilmente a energia de Plutão de um modo criativo; mas isto nem sempre é necessariamente verdadeiro. Estes aspectos mostram, de facto, que o canal para a expressão dessa energia está aberto; no entanto, se a energia não está ainda refinada, regenerada, tais aspectos podem simplesmente querer dizer que o indivíduo exprimirá talvez mais facilmente o lado negativo, compulsivo, da força de Plutão. Por exemplo, recebi uma vez uma mulher que tinha Plutão na IX casa, em trino exacto com a Lua. Plutão na IX casa pode significar opiniões e crenças rigidamente compulsivas, provenientes de uma encarnação passada; é este um dos habituais significados de Plutão na IX casa enquanto a transformação das crenças fundamentais não se verifica. Esta mulher derrotava sistematicamente as suas tentativas hesitantes de desenvolvimento, agarrando-se a essas rígidas crenças. Não tinha lógica nas ideias, as quais não se baseavam em qualquer tipo de revelação ou intuição pessoal. O seu modelo de crença e as opiniões resultantes pareciam simplesmente um tipo de condicionalismo do passado, do qual tinha dificuldade em libertar-se. Por muito insatisfeita que estivesse com a sua vida e por mais alternativas para a enfrentar que lhe fossem apresentadas, recorria sempre a uma qualquer crença inflexível que usava como desculpa para não correr qualquer risco ou responsabilidade pessoal de mudar de vida. Por isso, mesmo apesar de o aspecto com Plutão ser neste caso, «harmónico», parecia indicar simplesmente que a mulher era capaz de exprimir as suas atitudes e opiniões autoderrrotistas com relativa facilidade. Só quando atravessou um processo de transformação nesta área da sua vida, quando conseguiu pôr de parte as suas compulsões inibitórias, o trino pôde começar a manifestar-se criativamente.

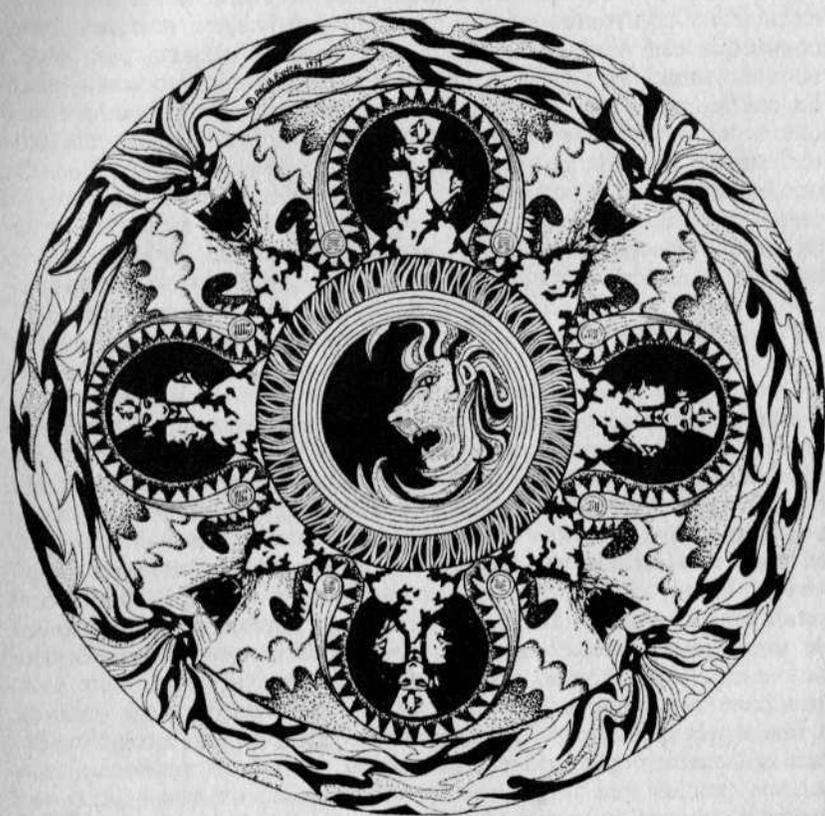
Os aspectos de Plutão podem também fornecer-nos uma pista sobre o modo como uma pessoa utiliza a sua força de vontade e o seu poder mental concentrado. Embora devamos ter cuidado na aplicação de princípios gerais a um indivíduo, creio que algumas

das conjunções, quadraturas e oposições *tendem* para um tipo de comportamento obstinado, no qual a pessoa, muitas vezes, procura vencer a vontade de outra com bastante rudeza. Estes mesmos aspectos, contudo, podem mostrar também potencialidades para o desenvolvimento de força e coragem interiores extremamente poderosas, se o indivíduo conseguir tornar-se consciente da sua tendência para um mau uso daquela força e submeter esta ao controlo consciente. Se a força de Plutão for expressa criativamente, a pessoa pode exibir grande autodisciplina, inabalável dedicação ao desenvolvimento espiritual e um forte sentido de desenvoltura.

Outra perspectiva do significado de Plutão e dos seus aspectos surgiu-me quando ouvi uma conferência de Richard Ideman, um conhecido astrólogo e conferencista. Richard Ideman relacionava Plutão com o conceito de «tabu» e com os medos que as pessoas experimentam relativamente a esses domínios essencialmente proibidos. Este conceito de «tabu» é muito útil porque explica muita coisa, não só acerca de Plutão, como também do significado da VIII casa e da natureza mais profunda do signo de Escorpião. Por exemplo, parece-me claro que as pessoas de Escorpião e de Plutão são particularmente susceptíveis à paranóia num ou noutro grau. Uma das razões para este profundo terror interior é, como já disse, o facto de tais pessoas não *confiarem* prontamente nos outros ou nos seus *próprios* sentimentos e motivações. Mas outra razão para esta paranóia e para os problemas de relações e de comportamento resultantes de tal medo está em que a pessoa se sente, muitas vezes, culpada de quebrar tabus sociais, morais ou familiares. Existe um conflito de atracção-repulsão extremamente intenso que os plutonianos sentem quanto às áreas tabu da vida. E quer o sintam directamente, por exprimirem o seu interesse nessas áreas tabu, quer sem simplesmente nessas coisas, mas reprimam o desejo de as manifestar, essas pessoas são, muitas vezes, perturbadas por sentimentos de culpa e pela convicção íntima de que terão de pagar por tais transgressões. Creio que as pessoas que recusam enfrentar os seus verdadeiros desejos através de um qualquer tipo de acção directa são as que mais provavelmente sofrerão com a estagnação interior, negatividade e paranóia que podem desenvolver-se num indivíduo gravemente deprimido. Se a pessoa manifesta os seus verdadeiros desejos, os tabus e as ligações emocionais e essas actividades são, pelo menos, trazidos à superfície e o indivíduo pode começar a responsabilizar-se pelos seus mais profundos sentimentos.

Como considerar este conceito de «tabu» e aplicá-lo à compreensão de aspectos específicos com Plutão? Em todos os aspectos que envolvem Plutão — especialmente a conjunção, a quadratura

e a oposição — o indivíduo sente um impulso para se defrontar com um certo tabu. Esta área proibida pode ser sexual, religiosa, ética, familiar, social ou uma combinação de algumas ou de todas estas áreas de vida. O primeiro impulso, na maior parte das pessoas, é para tentar controlar esta tendência pela repressão. Contudo, muitas acabam por descobrir que este poder transformador reprimido as impele a confrontar tabus e a despedaçar as suas restrições. Parece-me que este tipo de decisão é geralmente necessário para obter, na vida consciente, a transformação mostrada como potencialidade na configuração dos aspectos. Os tabus devem ser enfrentados, visto que todos os detritos psíquicos, pavores, pendoros e a negatividade têm de ser trazidos à superfície, a fim de poderem ser abandonados ou transmutados. Como pode uma pessoa escapar de uma prisão se não conhece a estrutura desta, como funcionam as várias fechaduras, quantos guardas estão de serviço, etc.? Tudo deve ser enfrentado sem subterfúgios. Algumas pessoas que têm aspectos «pressionantes» de Plutão com os planetas pessoais sentem o extraordinário poder dessa força subterrânea e aterrorizam-se pensando que podem ser dominadas por ela e perder o controlo (o controlo que realmente não têm na medida em que julgam tê-lo). Respondem, muitas vezes, a este medo, tentando manipular os outros com uma brutalidade ainda maior, reprimir as suas emoções com uma vontade de ferro e ignorar a existência daquela força. Claro que este tipo de resposta apenas aumenta a tensão que já se sente e acaba por agravar o problema. Diga-se ainda que este género de repressão se manifesta muitas vezes quando a pessoa actua como um «possessor», isto é, de uma maneira compulsiva e orientado por forças totalmente inconscientes. A pessoa está, de facto, possessa. Possessa de um intenso desejo, cujo reconhecimento recusa. Enquanto continuar a agir presumindo que «querer é poder», esta atitude de «tem que dar certo» causa-lhe intermináveis perturbações. Na verdade, a razão pela qual Plutão, Escorpião e a VIII casa estão relacionados com a transformação está em que têm a ver com o poder dos desejos, os desejos que forjam as nossas ligações, os desejos que nos motivam compulsivamente. Levantar estes sentimentos a peito, penetrar na fonte destes desejos e das suas implicações pode iluminar não só a nossa experiência diária como também os modelos kármicos desta vida.



Leão

CAPÍTULO V

SATURNO: NATUREZA E CICLOS

♄
SATURNUS

*Um momento de paciência
Pode evitar um grande desastre;
Um momento de impaciência
Pode arruinar toda a vida.*

PROVERBIO CHINES

Até há pouco tempo, o planeta Saturno era geralmente referido na maior parte dos livros de astrologia como uma influência «maléfica», uma dimensão de experiência que a maior parte das pessoas não enfrentaria, antes e simplesmente suportaria sem qualquer objectivo positivo. No entanto, uma tendência construtiva no desenvolvimento da astrologia moderna fez com que muitos autores das duas últimas décadas se tenham referido aos significados mais positivos, promotores de desenvolvimento, de Saturno¹³. Como esta perspectiva mais positiva está a generalizar-se, creio não ser necessário apresentar todos os argumentos que se poderiam utilizar para convencer o leitor de que Saturno tem, de facto, muitos significados positivos. Todavia, penso que a actual função de Saturno, especialmente quando transita pelas várias casas de um horóscopo e quanto às suas posições relativamente aos vários planetas natais, pode ser mais elucidada. Esta clarificação torna-se particularmente necessária para compreender o impacte de Saturno na transformação psicoló-

¹³ Entre as perspectivas mais positivas contam-se os seguintes livros: *The Transit of Saturn*, por Marc Robertson; *The Horoscope as Identity*, por Noel Tyl; e um que oferece uma análise particularmente profunda do significado psicológico de Saturno, com grande originalidade e clareza — *Saturn: A New Look at an Old Devil*, por Liz Greene.

gica e espiritual. Definamos, primeiro, alguns dos mais importantes significados gerais de Saturno. Saturno pode ser considerado como:

- A) O princípio da autopreservação e contracção que pode manifestar-se apenas em atitudes defensivas, receosas ou como um esforço consciente dirigido à realização das ambições pessoais no mundo e à execução dos deveres e responsabilidades próprios. Pode, assim, indicar uma contracção pessoal e centrípeta, com vista a uma maior autoconfiança e força interior.
- B) O princípio da forma, da estrutura e da estabilidade; relaciona-se, por isso, com a lei e com as tradições culturais e sociais, com o pai e com todas as autoridades.
- C) O princípio do *tempo* e da aprendizagem através da experiência imediata que apenas provém de repetidas lições da vida. Este princípio leva, assim, a muitas das qualidades comumente referidas como saturninas: seriedade, precaução, sabedoria temporal, paciência, economia prática e conservantismo. Saturno está relacionado com o deus grego do tempo (*Kronos*) que distribui imparcial e impessoalmente a justiça, mas tem também muito pouca piedade. Saturno está ainda relacionado com a *cristalização*, isto é, os velhos modelos de vida e de personalidade que se tornam rígidos com o tempo. A aprendizagem que se faz com o tempo *pode* levar os saturninos a isolarem-se da vida e, por isso, a serem auto-opressivos, cépticos, cautelosos em relação a tudo o que seja novo, e hesitantes em revelar os seus verdadeiros sentimentos. Mas o mesmo tipo de experiência pode levar outras pessoas a desenvolverem uma sensibilidade para os valores perduráveis, um apreço e uma capacidade de moderação, de ordem e de eficiência e, em alguns casos, uma sabedoria pacífica e isenta.
- D) O impulso para defender a estrutura própria de vida e a integridade pessoal; e o impulso para a segurança através da realização tangível.
- E) De acordo com Dane Rudhyar, Saturno refere-se à «natureza fundamental» da pessoa, à pureza do verdadeiro ego. Parece que Saturno acabou por ter significados negativos no espírito de muitos astrólogos e estudantes de astrologia porque a maior parte das pessoas não vivem em harmonia com a sua natureza fundamental, antes em termos de modas, padrões e tradições sociais

e jogos de personalidade. Por isso, Saturno é, muitas vezes, sentido como uma «censura implacável» ou um acto desafiador do «destino», a fim de começarmos a prestar atenção às necessidades da nossa natureza fundamental. Saturno é, de facto, um duro capataz, como muitos dos velhos livros dizem, e particularmente duro quando fugimos à manifestação da nossa verdadeira natureza.

- F) Psicologicamente, Saturno representa uma dimensão do complexo do ego que pode tornar-se, e geralmente se torna, rígido com o tempo — por outras palavras, o grupo de modelos e atitudes de comportamento, profundamente arreigado, que pode sujeitar uma pessoa pelos laços do medo. Saturno é também psicologicamente relacionado com aquilo a que Jung chama Sombra, isto é, aquelas partes de nós próprios que bloqueamos, tememos ou acerca das quais nos sentimos culpados, o que nos leva a projectar essas qualidades nos outros. Saturno tem sido considerado como símbolo do calcanhar de Aquiles na armadura que usamos perante o mundo, o instinto da retirada da vida. Mas, como Rudhyar sublinha, também significa ambição profundamente enraizada de actualizar as potencialidades inerentes ao nascimento. Esta ambição é sentida como uma *pressão interior* para atingir algo definido, de acordo com o nosso modelo íntimo de potencialidades.

De todos os significados gerais de Saturno, provavelmente o mais importante é o que se relaciona com a experiência *concentrada* e a aprendizagem que só através da vida penetram no corpo físico, no plano material. Através da resistência da matéria e da pressão do ser encarnado no corpo físico temos oportunidade de desenvolver o mais elevado nível de compreensão concentrada e uma mais elevada paciência na nossa atitude perante a nossa vida. Diz-se muitas vezes que Saturno «regula» o denso plano material. Quando uma pessoa encarna no mundo físico, o campo de energia contrai-se e, portanto, *concentra-se*. Eis por que uma vida terrena constitui tão boa experiência; aqui, na verdade, aprendemos através da *profundidade* da experiência, do trabalho concentrado e da visão imediata dos resultados das nossas acções. A dor, a tensão e a pressão da vida terrena têm, por isso, um objectivo evolutivo e desenvolvimentista. O plano material é, como escreve o poeta T. S. Eliot, o ponto de intersecção da eternidade com o tempo. Saturno é o planeta do

tempo; e mediante a experiência saturnina de vida no mundo material, onde tudo se move tão lentamente e onde temos de trabalhar tanto para que alguma coisa aconteça ou para nos desenvolvermos de algum modo, podemos fazer o máximo progresso espiritual. As coisas parecem, muitas vezes, caminhar com demasiada lentidão e a nossa paciência é posta à prova a cada momento do caminho; todavia, a perseverança através da resistência inerte da matéria mostra-nos claramente o que é estável e o que não é, onde passamos os testes e onde falhamos. A acção de Saturno mostra-nos claramente o custo dos nossos desejos e inclinações, revela-nos, sem margem para dúvidas, as limitações do nosso ego, e prova-nos que uma consciência psicológica altamente concentrada e uma compreensão profunda são as principais riquezas que podemos levar deste mundo quando partimos. Mostra-nos o valor do trabalho, visto que todos os ideais e crenças maravilhosos desde sempre pensados pelos seres humanos de pouco valem se não forem aplicados, através do esforço, à vida quotidiana. A pressão de Saturno deve, assim, ser considerada como uma ajuda na execução do trabalho que precisamos de fazer para nos desenvolvermos a um nível profundo, mais do que algo a recear e de que devêssemos tentar fugir.

O calor e a pressão de Saturno fazem falta para que possamos desenvolver o que os budistas chamam a «alma de diamante» ou o «corpo de diamante», um modo de exprimir a nossa natureza fundamental mais profunda. No entanto, Saturno sozinho, sem amor nem claridade, é rigidez e morte. Quando resultam fixações e bloqueios mentais e emocionais da expressão extrema do princípio de Saturno, a negatividade que se gera asfixia a verdadeira essência do amor e da energia da vida, e a alma definha e seca porque lhe falta a autêntica seiva da vida. Por isso, a complementar Saturno, existe Júpiter (e, em alguns casos, Neptuno). Na verdade, precisamos não só de esforço (Saturno), mas também de graça (Júpiter/Neptuno), não só de experiência imediata e de confiança em factos provados (Saturno), mas também de fé (Júpiter/Neptuno). Esforço e graça funcionam simultaneamente; são dois lados da mesma moeda. Através do esforço, abrimos um canal pelo qual a graça pode fluir. Sem fazermos esse esforço, a graça não penetrará facilmente na vida da pessoa. Contudo, devemos salientar que um indivíduo raramente faz qualquer esforço no campo do desenvolvimento espiritual, a não ser que a graça o force a tanto. Assim, existe pouca graça sem esforço; mas também não há esforço sem graça. Vemos, deste modo, que Júpiter e Saturno, bem como Neptuno e Saturno, simbolizam pares complementares que devem ser relacionados um com o outro em qualquer trabalho com horóscopos de nascimento.

Saturno não deve ser *excessivamente* acentuado porque a acção dos trans-saturninos é, de muitas maneiras, mais poderosa e profundamente transformadora do que Saturno. Saturno mostra-nos a verdadeira natureza do plano material, a influência da necessidade das nossas vidas, de que modo as coisas são do ponto de vista prático, objectivo. Mas os trans-saturninos mostram-nos o que é possível nos planos do ser e nos níveis de consciência psicológica que transcendem por completo o mundo material. Saturno leva-nos a experimentar a *limitação* que é característica inerente ao mundo material. Por isso, sempre que Saturno é activado no horóscopo de nascimento, o indivíduo tem de enfrentar a limitação em alguma dimensão da vida. Por outras palavras, aprende que, neste plano, não pode ter tudo nem pode ser tudo aquilo que sonhou. Os trans-saturninos, por outro lado, apontam-nos planos de ser e dimensões de experiência caracterizados pela *ausência de limites*. São vastos; encerram a promessa do desenvolvimento ilimitado.

Do ponto de vista do progresso espiritual, Saturno é extremamente benéfico de dois modos: primeiro, mostra-nos, lenta mas seguramente, quanto é verdadeira a realidade do mundo material, uma vez que todos os nossos desejos e esperanças, fantasias e ilusões são postos de parte; segundo, a experiência saturnina do mundo material *põe-nos à prova* em cada passo que damos no nosso desenvolvimento. Saturno não consente a ilusão, o escapismo ou a racionalização; Saturno verifica a concentração autêntica do nosso desenvolvimento espiritual e da nossa consciência psicológica. Através das experiências saturninas podemos responder à pergunta: «Agora que estamos nus, será que a nossa suposta espiritualidade ou o nosso suposto autoconhecimento nos permitirá conhecer este karma com graça, conformação e paciência?» Parece-me que muitas almas são «religiosas» entre encarnações, quando vivem nas várias regiões mais subtis da criação que atemorizam o espírito pela sua luz e esplendor. Mas o ego afunda essa consciência das mais altas realidades, à medida que uma pessoa cresce e se desenvolve durante uma encarnação terrena; e, por isso, só os que conseguiram dirigir com verdadeira concentração a sua energia de vida para o ideal espiritual podem preservar uma *nítida* sintonia com os níveis mais elevados. Só os que se devotaram autenticamente ao aspecto espiritual da vida e começam a transcender o ego e as cadeias terrenas podem manter essa elevada orientação na névoa das pressões do plano material. A maior parte das pessoas tem uma agitação subliminal de recordações (Neptuno) de mais elevados planos ou de «mundos sonhados», «céus», ou de um estado de ser que era melhor e mais completamente satisfatório do que aquele que sentem no presente. Mas a

memória está, regra geral, desfocada e, na maior parte dos casos, só faz o indivíduo descontente e infeliz. De acordo com os ensinamentos espirituais de muitos tempos e lugares, apenas um tipo de meditação concentrada nos pode permitir reter a percepção do ideal com uma focagem clara. Este processo deve começar agora nesta vida; e, pela prática constante, podemos aumentar a incidência da atenção nos mais elevados níveis da consciência, dia após dia. Por isso, pode dizer-se que Neptuno representa o impulso de fugir às limitações do plano material e da fusão com uma Unidade maior, mais refinada. Mas foi Saturno que nos mostrou a necessidade de procurar essa fuga para descobrir o caminho da Unidade e da libertação crescentes.

Saturno no horóscopo de nascimento

O significado de Saturno no horóscopo de nascimento pode ser muito complexo. Mas existem alguns pontos específicos que podemos abordar, relativamente à posição de Saturno nos signos e nas casas. Os aspectos com Saturno serão tratados mais adiante. A posição de Saturno consoante o signo pode ser analisada mais facilmente se nos referirmos ao elemento e à qualidade do signo em que está colocado. Não vou repetir aqui as ideias que avancei no meu livro *Astrology, Psychology & the Four Elements*, mas as pessoas interessadas numa explicação pormenorizada de Saturno nos vários elementos podem consultar essa obra nas páginas 140 a 143. O significado de Saturno nas triplicidades pode resumir-se como segue:

Nos signos CARDEAIS: Saturno tem aqui a ver com a organização e utilização das energias pessoais. O modo primário de expressão da energia activa (água, terra, ar ou fogo) tende a ser bloqueado ou retido, indicando a necessidade de estabilizar esse tipo de auto-expressão e de trabalhar para o desenvolvimento dessa qualidade, através do esforço.

Nos signos FIXOS: Aqui, Saturno indica quase sempre uma forte obstinação e modelos rígidos de hábitos que bloqueiam o fluxo da energia de amor da vida. A expressão da essência da força da vida, o ego mais oculto e a vitalidade essencial devem ser reestruturados. Existe, muitas vezes, uma falta de confiança e, regra geral, de verdadeira abnegação e amor. Isto pode, evidentemente, ser compensado, mas a tendência está, no entanto, presente. A pergunta pode parecer uma generalização demasiado ampla, mas basta

que a pessoa coloque a si própria esta questão: «Já conheci alguém que tenha Saturno em Touro, Leão, Escorpião ou Aquário e que seja verdadeiramente uma pessoa dada, espontânea na expressão do afecto, flexível na abordagem das necessidades dos outros?» Tais pessoas são, de facto, raras!

Em signos MUTÁVEIS: Aqui, Saturno tem a ver com a necessidade de reestruturação dos padrões mentais e dos processos correntes de pensamento. O espírito tende, muitas vezes, para pensamentos negativos, preocupações e obstinação, que provêm das experiências ou condicionalismos da vida passada. A pessoa deve reorganizar o modo como pensa e, bem assim, como aplica a energia mental na compreensão e ordenamento da experiência quotidiana.

Podemos explorar ainda mais o significado de Saturno, de acordo com o seu signo e posição, analisando outros princípios específicos. Cada um dos conceitos que aqui se apresentam pode facilmente ser aplicado a qualquer horóscopo pessoal. A sua aplicação é especialmente válida na análise da posição de Saturno e é nesta área de interpretação que os significados relevantes mais se evidenciam. Isto acontece porque cada casa revela um campo específico de experiência imediata, com o qual a maior parte das pessoas pode rapidamente identificar-se. No entanto, a aplicação destes princípios à posição de Saturno no signo exige, muitas vezes, uma penetração e um conhecimento particulares da natureza psicológica básica e do fluxo energético.

- A) Saturno no horóscopo de nascimento mostra em que área o indivíduo é demasiado escravo e rigidamente egocêntrico, ou o que o leva a tentar controlar-se de modo extremista; por isso, reage, muitas vezes, defensivamente por estar enredado numa teia de negatividade. Deve, assim, sujeitar-se a algumas ligações duras para derrubar as paredes defensivas e as atitudes egocêntricas.
- B) Como mestre espiritual escreveu, «o dever e a responsabilidade (Saturno) são a barragem que mantém o espírito sob controlo». Por isso, a área do horóscopo em que encontramos Saturno é aquela em que experimentamos deveres e responsabilidade kármicos específicos, que servem para nos ajudar a disciplinar os nossos espíritos e desejos. Por seu turno, a disciplina auxilia-nos a começar a assumir a responsabilidade das nossas acções, desejos e empenhos nesta área. A disciplina pode.

durante algum tempo, ser sentida como frustração ou inibição, mas — como qualquer conselheiro ou psicoterapeuta sabe — a frustração pode ser terapêutica, na medida em que devolve a pessoa a si própria, dando-lhe, assim, a oportunidade de desenvolver uma força interior, ao aproveitar os seus recursos mais profundos.

- C) No horóscopo natal, Saturno simboliza um ponto de grande sensibilidade, uma área de vida onde se pode lutar para vencer as limitações, através de uma abordagem séria, completa e eficiente dos problemas. (A pessoa também pode reagir construindo um muro em redor de si própria para se proteger, fazendo, assim, com que se desenvolva, ao longo dos anos, uma negatividade com tendência a tornar-se cada vez mais profunda.) Saturno pode indicar em que área os sentimentos de inferioridade, de constrangimento ou de opressão nos afligem, causando eventualmente ressentimento e amargura se os desafios não forem devidamente enfrentados. Contudo, se o indivíduo aceitar o desafio de Saturno para trabalhar na *construção* de uma *nova estrutura* e de novas atitudes nesta área de vida, então a posição de Saturno pode revelar onde podemos experimentar alguma da mais profunda satisfação de toda a nossa existência.
- D) A posição de Saturno revela que a circunspecção domina o indivíduo, onde este sente a experiência como pesada e importante, onde, muitas vezes, se vê, por isso, a trabalhar duramente, a fim de criar segurança e estabilidade. É aqui que uma pessoa deve adaptar-se às necessidades práticas da vida, a despeito de qualquer medo ou ansiedade que possa sentir, fazendo um esforço extra e assumindo novas responsabilidades.
- E) A posição de Saturno mostra em que área a pessoa é especialmente sensível às normas sociais ou necessita da aprovação social e/ou quer viver segundo determinado padrão de êxito ou aceitação social. Em muitos casos, a pessoa agirá como se rejeitasse absolutamente funções ou normas sociais, mas tal comportamento nem sempre deve ser considerado sincero, visto que ela está, muitas vezes, a reagir ao medo do fracasso no seu campo de actividade. Como o indivíduo considera esta área da vida tão importante, pode querer evitá-la por completo ou rejeitá-la na totalidade, mais do que

enfrentar os receios e assumir as pesadas tarefas que ela exige.

Os aspectos de Saturno

Os aspectos de Saturno *no horóscopo de nascimento* mostram em que medida a pessoa está sintonizada com o plano terreno e com as necessidades práticas da vida diária. Estes aspectos revelam se é ou não fácil para a pessoa adaptar-se à vida social, às necessidades práticas e imediatas e às normas e padrões de cultura. Saturno é o grande mestre das realidades práticas e das leis do plano terreno, visto que ensina inevitavelmente paciência, moderação, temperança, espírito de serviço e trabalho. Estes aspectos, contudo, não se limitam, no seu âmbito de significado, apenas ao envolvimento social, pois também mostram se a auto-expressão de uma pessoa em determinada área é inibida pelo sentido de adequação e aceitabilidade; por outras palavras, a percepção do que é socialmente aceitável e daquilo que pode não ser correcto. Uma pessoa pode inibir-se em determinada área por sentir que não é suficientemente aceitável ou adequada e, todavia, a situação objectiva pode não criar qualquer inibição autêntica a este modo de expressão. Para dizer isto de outro modo, o que sentimos como uma restrição imposta pela sociedade não passará, de facto, de uma restrição auto-imposta pelo karma do passado. Este sentido de restrição interior pode, com efeito, servir como estímulo ao desenvolvimento. É verdade que muitos aspectos pressionantes com Saturno se manifestam, muitas vezes, pelo sentimento — e, às vezes, pela acção — contrário aos padrões convencionais de propriedade e autoridade, mas devemos penetrar nos mais profundos significados psicológicos e espirituais desses aspectos se queremos realmente compreender os motivos de tais sentimentos e comportamentos.

Podemos, com toda a verdade, dizer que o princípio de Saturno, quando se manifesta negativamente, não passa de medo. Por isso, os aspectos pressionantes de Saturno indicam, regra geral, que a pessoa, pelo menos até ter rectificado e vencido esta tendência, tem a possibilidade de controlar um tipo específico de medo, disciplinando e estabilizando conscientemente a expressão da energia indicada pelo planeta em aspecto com Saturno. Se enfrentar com realismo a tendência inata para o bloqueio e o medo, o indivíduo pode começar a reformular a atitude pessoal e os padrões de hábitos nessa área de vida. Por isso, muitas vezes, quando enfrentámos um receio de cabeça erguida, com vontade de fazer o que for necessário

para transformar essa dimensão das nossas vidas, a natureza ameaçadora e escura daquilo que tememos dissipa-se, revelando outro desafio e outro aspecto do nosso ser que nos havíamos habituado a olhar com excessiva precaução e ansiedade. Alguns exemplos de aspectos tradicionalmente problemáticos ajudam a clarificar estes pontos.

SATURNO EM CONJUNÇÃO, QUADRATURA OU OPOSIÇÃO COM A LUA OU O SOL.— Medo de exprimir aquilo que uma pessoa verdadeiramente sente em áreas essenciais; o medo da crítica, de errar ou de não se adequar leva, muitas vezes, à falta de coragem para enfrentar algo de novo. A pessoa deve estabilizar e estruturar o sentido de identidade e a sua própria imagem de uma maneira diferente, à luz das capacidades, êxitos e forças normais, mais do que em função de erros, faltas ou limitações do passado (isto é, a herança kármica). Devemos responsabilizar-nos pela nossa identidade com nova coragem e aprender a correr alguns riscos na auto-expressão e no modo de vida, a fim de compreendermos mais propriamente o que somos capazes de fazer ou de exprimir. A projecção dos medos nos outros é uma manifestação comum do aspecto de oposição.

SATURNO EM CONJUNÇÃO, QUADRATURA OU OPOSIÇÃO COM MARTE.— Pode-se ter medo da auto-afirmação, do sexo ou de correr riscos nestas áreas, medos que a pessoa pode tentar compensar, acentuando o sexo ou a ambição. A aplicação e expressão das energias afirmativas e instintivas precisa de ser reestruturada e disciplinada, o que, em muitos casos, se obtém pelo empenhamento num tipo de trabalho altamente especializado, no qual a pessoa possa ser muito activa e através do qual possa sublimar grande parte da sua força físico-sexual.

SATURNO EM CONJUNÇÃO, QUADRATURA OU OPOSIÇÃO COM MERCÚRIO.— Grande ânsia de se mostrar inteligente e bem informado; grande importância dada à competência intelectual. Estes sentimentos podem ter, muitas vezes, uma relação causal com o medo de ser considerado estúpido, de réplica tardia ou desarticulado na expressão de pensamento. Por isso, embora este aspecto indique, nalguns casos, um grave bloqueio mental que se manifesta na inibição da fala, na aprendizagem lenta e na falta de capacidade para usar as palavras com precisão, a manifestação mais comum, conforme a minha experiência atesta, parece ser o facto de a pessoa se aplicar duramente (e, muitas vezes, conseguir) a aprender determinadas técnicas e factos, a fim de provar a sua inteligência e competência. Este esforço pode, evidentemente, ser levado muito longe,

a ponto de a pessoa se tornar rigidamente obstinada e mentalmente arrogante, o que, como óbvio, pode conduzir a mais problemas com Mercúrio no campo da troca de ideias com os outros. A pessoa precisa de reestruturar e estabilizar as faculdades mentais e o modo de expressão intelectual, sem aderir rigidamente a conceitos ou opiniões limitados.

SATURNO EM CONJUNÇÃO, QUADRATURA OU OPOSIÇÃO COM VÊNUS.— Pode haver medo do convívio íntimo, de se ser vulnerável ao manifestar abertamente os gostos. Em muitos casos, este medo derivará de experiências de infância, com um pai pouco expansivo, mas, noutros casos, parece tratar-se apenas de uma persistente tendência kármica do passado. A pessoa cultivará, muitas vezes, uma reserva tal perante os outros que acaba por se convencer, com esse comportamento, que a solidão que sente no presente se manterá no futuro como parte integrante da sua vida. Noutros casos, a pessoa parece resolver-se a enfrentar todos os aspectos das relações humanas, especialmente a relação amorosa, com grande concentração e forte sentido do dever e da honestidade; mas mesmo quando o problema é enfrentado deste modo existe, muitas vezes, uma certa frieza ou reserva que, em muitos casos, originam comportamento de rejeição. Em todos os modos deste aspecto há que redefinir e reestruturar a relação mútua de fraternidade e de amor, e parece confirmar-se que experiências amorosas frustrantes ou dolorosas são necessárias para impelir o indivíduo ao reexame mais atento desta área de vida.

O que dissemos acerca dos aspectos de Saturno prende-se, fundamentalmente, com os tradicionais aspectos «pressionantes». É, regra geral, necessário e mais produtivo enfrentar estes aspectos com uma atenção superior à que se dedicará aos mais harmónicos, visto que representam áreas de experiência nas quais a pessoa pode proceder a ajustamentos definidos e desenvolver um esforço orientado. Mas os aspectos harmónicos de Saturno merecem também alguma atenção, embora raramente estejam presentes a rigidez e o medo que encontramos em situações dominadas pelos mais dinâmicos aspectos «pressionantes». Praticamente, pode dizer-se que os aspectos harmónicos de Saturno mostram, na maior parte dos casos, que é relativamente fácil a pessoa adaptar-se às realidades práticas da vida na área indicada pelo planeta em aspecto com Saturno e pelas casas envolvidas. Pode haver ainda consideráveis cautela e reserva, mas trata-se, regra geral, de um tipo positivo de prudência e senso comum, mais do que de uma inibição. O indivíduo com tais aspectos parece ter um excelente sentido de *timing* e de organização das energias, e sentir a disciplina como uma necessidade e não como

uma restrição. A força representada por um planeta em aspecto harmónico com Saturno flui com bastante suavidade, embora temperada por certo grau de precaução e de experiência prática e, por isso, com um ritmo que abranda até se conjugar com a capacidade da pessoa para ser pragmática ao enfrentar esta área de vida.

Como o princípio de Saturno é, por definição, a oposição polar da fé (Júpiter), quase todos os aspectos do planeta (harmónicos ou desarmónicos) podem mostrar uma área de vida onde falta a confiança. Uma das mais positivas implicações de *qualquer* aspecto de Saturno (especialmente os que envolvam um planeta «pessoal» ou o Ascendente) é, por isso, o conhecimento de que podemos, na área indicada, desenvolver lentamente um novo nível de confiança. Podemos construir esta confiança com base na compreensão das nossas reais capacidades, postas à prova pelo tempo, o trabalho e a experiência. Por outras palavras, se avaliarmos realisticamente os resultados dos nossos esforços de uma perspectiva que nos permitirá ver o fruto da nossa labuta, após anos de trabalho, podemos determinar com alguma objectividade se avaliamos mal as nossas capacidades ou se existiam talentos *potenciais* agora demonstrados na prática. O teste do tempo e da experiência ajudar-nos-á, assim, a desenvolver uma confiança autêntica e perdurável, baseada não em esperanças, em ilusões ou em noções de sobrevalorização pessoal, mas em factos imediatos. Da pressão de Saturno pode extrair-se uma notável força interior, uma força que provém, em parte, de sabermos que fizemos o trabalho necessário, que merecemos os resultados e que assumimos inteira responsabilidade pelo nosso próprio desenvolvimento. Do que acima fica escrito é possível concluir que a interpretação de Saturno no horóscopo de nascimento deve ser sempre temperada por uma consciência da importância do *tempo*, visto que aquilo que um aspecto com Saturno significa agora não é necessariamente o que significará daqui a uns anos. Agora pode ser difícil, mas esse mesmo potencial de energia talvez se demonstre extremamente compensador no futuro. Do mesmo modo, embora muitos livros dêem ao leitor a ideia de que Saturno é invariavelmente factor de depressão e de bloqueio da autoconfiança, o certo é que a configuração com Saturno que denota falta de confiança particularmente na juventude é a mesma que pode indicar uma confiança particularmente sólida e inabalável na idade adulta. Tudo depende de como enfrentarmos o desafio que Saturno sempre constitui nas nossas vidas.

Os trânsitos de Saturno

Muitas tradições ocultas e religiosas têm, desde sempre, dado grande importância aos ciclos de sete anos, relativamente ao crescimento físico, ao desenvolvimento psicológico, aos acontecimentos mundiais e à evolução espiritual. As interpretações psíquicas de Edgar Cayce estão cheias de referências a estes ciclos de sete anos, especialmente a propósito de problemas de saúde. Segundo estas interpretações, os seres humanos podem alterar a maior parte das condições que realmente desejem alterar — física, mental e espiritualmente — dentro de um ciclo de sete anos. Se as interpretações de Cayce forem tão correctas neste campo como se demonstraram em tantos outros, então não existe aparentemente qualquer limite à renovação e regeneração que um indivíduo pode desenvolver a todos os níveis do ser. Algumas citações das interpretações de Cayce servem para ilustrar a sua perspectiva acerca destes ciclos:

Não ouviram já dizer que a mudança é constante e que o corpo se reproduz por completo num ciclo de sete anos? Não há, pois, motivo para *qualquer* perturbação ao longo deste período se — através do bom senso — se tiver cuidado. Mas se o vosso espírito agarrar a perturbação e se vos aleijardes num pé, ele ficará aleijado! Se adoecerdes da garganta ou do fígado, passareis a ser doentes, não duvideis!

Mas o corpo — o físico, o mental e o espiritual — removerá tudo se vós *deixardes* e não vos agarrardes à perturbação! (257-249)

[...] Através de um estudo anatómico ou patológico feito para um período de sete anos (que é o ciclo de mudanças em todos os elementos do corpo) de uma pessoa que é movimentada só pelo «terceiro olho», descobriremos que uma pessoa alimentada pelas coisas espirituais se torna uma luz que pode que pode brotar e brilhar no canto mais escuro. Uma pessoa alimentada do puramente material tornar-se-á um Frankenstein, isto é um ser que não concebe outra influência além da material ou mental. (262-20)

Não se pode esperar que tais condições (fadiga muscular) se curem num dia, numa semana, num mês ou num ano [...] São precisos sete anos para a ressurreição, a mudança ou a eliminação, (1710-10)

Aqui encontramos a necessidade de cuidados, de exercício, de verificação constante das actividades do corpo ...

O corpo físico muda a sua expressão continuamente e, no fim de um ciclo de sete anos, substituiu por completo aquilo que existia no princípio do período, sete anos antes. Substituiu por quê? As mesmas velhas tendências multiplicadas, as mesmas velhas inclinações copiadas — ou erradicadas? (2533-6)

Outra referência mais moderna aos ciclos de sete anos, feita por um não astrólogo, consta das investigações do Dr. Daniel J. Levinson. O Dr. Levinson é professor de Psicologia na Faculdade de Medicina de Yale e apresentou a sua tese sobre ciclos de vida num simpósio organizado pela Fundação Menninger. Nas suas conclusões, Levinson afirma que nenhuma estrutura vital pode durar mais do que sete ou oito anos. Como Levinson é um psicólogo, os seus cálculos basearam-se no desenvolvimento psicológico de centenas de pessoas estudadas ao longo de anos.

As conclusões do Dr. Levinson foram utilizadas como fonte essencial por Gail Sheehy no seu *best seller Passages: Predictable Crises in Adult Life*. Neste livro, após ter entrevistado centenas de pessoas acerca do seu estado de espírito e dos seus valores pessoais em várias épocas da vida, a autora destaca alguns períodos que parecem, mais do que outros, épocas de opções cruciais, de mudanças e de desenvolvimento rápido. A maior parte dos astrólogos não se surpreenderá ao verificar que essas épocas — períodos significativos da vida para a maioria das pessoas, conforme se provou através de entrevistas e investigações — coincidem com os períodos aproximados da vida em que Saturno, em trânsito, está em conjuntura, quadratura ou oposição com a sua colocação natal. Se combinarmos a quadratura e a oposição de Úrano em trânsito com a sua colocação natal e os trânsitos de Saturno, teremos um quadro mais completo e exacto dos principais períodos de mudança nas vidas da maior parte das pessoas que Sheehy descobriu.

Não se trata, evidentemente, de nada de novo para os astrólogos. Em 1940, Grant Lewi publicou o seu livro *Astrology for the Millions* que inaugurava uma melhor compreensão dos ciclos de Saturno e que oferecia aos leitores um poderoso instrumento astrológico que podia ser aplicado, na prática, às suas vidas. Nesse livro, Lewi explicava claramente os períodos de transição ou «passagem» que os leitores da obra de Sheehy agora consideram uma importante «descoberta» psicológica. Além disso, C. G. Jung apurou, há muitos anos, que as mais importantes crises psicológicas eram acompanhadas por trânsitos de Saturno ou Úrano. Não quero, todavia, diminuir o trabalho de Levinson e Sheehy, pois tudo o que introduz o conceito

dos ciclos de vida na consciência do público em geral é uma tendência positiva. E, na verdade, creio que os astrólogos podem beneficiar da leitura do livro de Sheehy, porque ele mostra com clareza de que modo homens e mulheres tendem a reagir um tanto diferentemente durante os vários períodos cruciais — e saber isso pode levar o conselheiro astrológico a acentuar certas facetas da experiência com mulheres durante determinado trânsito e com homens durante outro. Sheehy exprime, muitas vezes, o significado experimental dessas fases cruciais da vida com bastante lucidez:

Não somos muito diferentes de um crustáceo particularmente duro. A lagosta cresce desenvolvendo e substituindo uma série de carapaças duras, protectoras. De cada vez que a lagosta cresce, a carapaça que a envolve e limita deve cair. O animal fica, então, exposto e vulnerável, até que, na altura própria, uma nova carapaça nasce para substituir a velha.

Também nós, com cada passagem de uma fase a outra do desenvolvimento humano, precisamos de construir uma estrutura protectora. Ficamos expostos e vulneráveis — mas também outra vez levedando e germinando, capazes de nos estendermos por caminhos que antes não conhecíamos. (P. 20.)

As ilusões dos vinte anos podem ser, contudo, essenciais para infundirem nas nossas primeiras obrigações o entusiasmo e a intensidade e para nelas nos sustentarem o bastante, de molde a obtermos alguma experiência de vida. (P. 88.)

Se alguns leitores desconhecem o significado geral das conjunções, quadraturas e oposições de Saturno em trânsito com a sua colocação natal, recomendo-lhes os livros de Lewi, Tyl e Robertson. Como existem tão boas obras sobre estes assuntos já publicadas, creio que será desnecessário repetir aqui o que dizem. No entanto, gostaria de me referir a algumas ideias e conceitos-chave que considero especialmente úteis na consulta astrológica e na compreensão dos vários tipos de ciclos de Saturno. Não quero com isto dizer que só os trânsitos de Saturno devam ser considerados na análise de importantes períodos de mudança na vida das pessoas, porque um astrólogo que trabalha em profundidade terá indubitavelmente em conta todos os trânsitos dos cinco planetas exteriores. Luas Novas importantes e seus aspectos e, talvez, o Sol e a Lua em progressão. Falaremos, no entanto, acerca dos trânsitos de Saturno e das pro-

gressões noutros capítulos. O certo é que os ciclos de Saturno nos proporcionam um símbolo particularmente completo e útil do desenvolvimento, da realização e da maturação do homem.

Tradicionalmente, Saturno é o grande mestre, e os seus trânsitos — mais do que os de quaisquer outros planetas —, especialmente conjunções, quadraturas e oposições quase perfeitas com os planetas natais, são, muitas vezes, sentidos como períodos em que aprendemos determinadas lições sobre a vida. Em alguns casos, a experiência impele as pessoas a dizer coisas como «é como se Saturno estivesse a falar comigo ao ouvido, dizendo-me o que *tenho* de fazer agora para ultrapassar esta condição que começo a sentir tão limitativa e frustrante». Qualquer trânsito dos cinco planetas exteriores em aspecto quase perfeito com os planetas natais pode ser sentido como a recepção de «mensagens» desses «deuses» vivos. As energias dos outros planetas são, muitas vezes, experimentadas mais como impulsos ou compulsões, enquanto Saturno é, na maior parte dos casos, sentido como mestre arquetípico, cujas lições encerram grande peso e importância.

Lembro-me de quando Saturno transitou em oposição com o meu Mercúrio natal, há uns anos. Eram períodos de profunda aprendizagem, como se eu estivesse a ser deliberada e sistematicamente instruído por qualquer poder mais elevado que sabia na perfeição o que eu precisava de aprender e que não aliviava a pressão mental que eu sentia até que prestasse suficiente atenção às suas lições. Por vezes, a pressão mental tornava-se tão intensa que eu quase receava explodir no meio das visões incrivelmente profundas que me era dado experimentar. A influência de Saturno é sempre sentida como uma ânsia de tornar as coisas definidas e concretas e, por isso, eu sentia a necessidade de escrever o que me era mostrado. O resultado foi que quando o trânsito terminou, cerca de um mês mais tarde, tinha acumulado páginas e páginas de notas, às quais recorria muitas vezes para me orientar em períodos confusos da minha vida. Embora muitos livros prevejam um período de depressão mental durante o trânsito de Saturno por Mercúrio, para mim foi uma fase de revelação profunda e inspiradora. O que gostaria de salientar aqui é que uma pessoa pode, abrindo-se às superiores objectividade e sabedoria de Saturno, receber lições específicas e muito precisas sobre o modo como deve encarar a vida durante os principais trânsitos do planeta.

O regresso de Saturno

Salientei acima os períodos de aproximadamente sete anos que coincidem com as conjunções, quadraturas e oposições de Saturno em trânsito com a sua colocação natal. Verificam-se, quase sempre, nessas épocas ajustamentos fundamentais, revisões de atitudes, decisões importantes, alterações no modo de assumir a responsabilidade ou de a encarar e, por vezes, mudanças radicais no estilo de vida, na profissão, na estrutura de trabalho e na própria vida. De todos estes trânsitos, o regresso de Saturno (aproximadamente nos anos 29 e 58) solicitou a máxima atenção em obras sobre astrologia. Infelizmente, o tratamento destes períodos cruciais foi feito atentando-se, muitas vezes, mais no lado negativo, acentuando-se a dificuldade que esses períodos, na maior parte dos casos, encerram. Por isso, convém que exploremos aqui o regresso de Saturno um pouco mais profundamente. Note-se que muitos dos conceitos que a seguir apresentamos são também aplicáveis, em certa medida, a outros trânsitos de Saturno pela sua colocação natal.

A primeira coisa a esclarecer quando se fala do regresso de Saturno é que a qualidade de toda a experiência e a extensão em que é sentida como um período «difícil» dependem por completo do modo como se viveu durante os vinte e nove anos anteriores, da eficiência com que nos esforçamos na conquista de objectivos específicos, da profundidade que atingimos na autocompreensão e nos propósitos criativos e da extensão em que o indivíduo exprimiu ou suprimiu a sua «natureza fundamental». Não se pode deduzir a resposta a todas estas perguntas apenas do horóscopo de nascimento, pois as pessoas são capazes de se ajustarem às potencialidades exibidas nos seus horóscopos. No entanto, podemos obter algumas pistas úteis, observando a posição de Saturno natal e dos seus aspectos. Se o horóscopo de nascimento revela considerável *stress*, associado a Saturno e, por conseguinte, às exigências práticas da vida, é muito provável que este indivíduo tenha alguma dificuldade em enfrentar as necessidades práticas da existência; assim, a pessoa pode sentir o regresso de Saturno como um período de maior *stress* ao tomar conhecimento dos ajustamentos que tem de fazer para materializar o modelo de vida e as suas potencialidades. Se, por exemplo, alguém nasceu com Saturno em quadratura, conjunção ou oposição quase perfeitas com um dos planetas «pessoais» descobrirá provavelmente que, sejam quais forem os conflitos ou problemas indicados, eles se manifestarão com particular agudeza durante o regresso de Saturno, exigindo, assim, alguma acção definida para os enfrentar. Enquanto

essa acção for adiada ou a necessidade reprimida, a pressão do regresso de Saturno não nos abandonará. Mas logo que os problemas tenham sido encarados, por muito dolorosa que a confrontação possa ter sido, verifica-se, muitas vezes, uma nítida queda de pressão e de preocupações. Se, por outro lado, a pessoa tem Saturno natal em aspectos fundamentalmente harmónicos com outros planetas e, em particular, se Saturno natal estiver em harmonia com o Sol e/ou a Lua — é provável que o indivíduo tenha incorporado no seu carácter, e por muitos anos, qualidades saturninas e uma consciência dos deveres e exigências práticos; por isso, as lições de Saturno serão recebidas sem surpresa ou choque, podendo também ser sentidas como uma época de confirmação e de solidificação de muitas das orientações de vida que a pessoa foi lentamente desenvolvendo ao longo dos anos. Se, como acontece com frequência, o indivíduo tem aspectos harmónicos e desarmoniosos com Saturno natal podem surgir, com o regresso deste, avanços construtivos e aumento de confiança em determinada área de vida, ao mesmo tempo que a pessoa se sente desafiada para enfrentar outras dimensões problemáticas da existência.

O primeiro ciclo de Saturno através do horóscopo de nascimento durante aproximadamente os primeiros vinte e nove anos de vida é, antes do mais, baseado na *reação* ao condicionalismo do passado, ao karma, às influências dos pais e às pressões sociais. Durante este período da vida, as pessoas são, regra geral, bastante inconscientes de quem e do que são fundamentalmente. Mas depois, com o primeiro regresso de Saturno, é, muitas vezes, como se uma velha dívida fosse paga e muitos velhos modelos e obrigações kármicas fossem subitamente removidos. Nesta altura, pode-se experimentar um estado de ser profundamente complexo; trata-se, na verdade, ao mesmo tempo, de um sentimento de *limitação* inalterável na estrutura de vida, e de um sentimento de *liberdade* interior que, em muitos casos, é acompanhado por uma alegria inspiradora e grande exuberância. O sentido de limitação provém de uma pessoa se tornar consciente, numa profundidade maior do que antes, do que é o seu destino e, por isso, do que *tem* de fazer no futuro. Acabaram-se as oportunidades e alternativas aparentemente intermináveis; agora sabe-se que se fizeram experiências, que se puseram de parte as ilusões da juventude e que, de futuro, é preciso trabalhar para desempenhar o nosso papel num vasto drama, mesmo que não se tenha ideia do modo como nos foi distribuído o papel que representamos. As responsabilidades para connosco e para com os outros são agora vistas com redobrada clareza e talvez algumas dessas responsabilidades sejam sentidas como pesadas e limitativas.

Mas, ao mesmo tempo, pode-se experimentar uma profunda *liberdade* interior, resultante da compreensão de que já não somos presas de *velhas* obrigações, de *velhos* medos, de *velhas* restrições interiores. Este sentimento de liberdade interior ilimitada baseia-se também numa mais clara compreensão das nossas necessidades reais, das nossas capacidades e das nossas potencialidades criativas. As pessoas que durante toda a juventude esperaram pelo momento de realmente se descobrirem e começarem a exprimir-se com segurança e influência podem considerar que a espera acabou. Agora é altura de agir, de trabalhar e de viver no presente, aceitando o destino e a alegria de conhecer que o caminho a seguir é claro.

Este período de transição não acontece num ápice; na verdade, pode estender-se por dois a dois anos e meio. Mas se uma pessoa sempre se sentiu contrariada na infância e na adolescência, vivendo como que num cativeiro e tendo de suportar coisas frustrantes e incontroláveis, poderá, nesta altura, mobilizar as suas energias com grande força, ambição e até um sentido de alívio por saber que a espera acabou e que agora pode começar a moldar a sua própria vida com um certo grau de consciência. Como Grant Lewi escreveu em *Astrology for the Millions*:

Você sente-se livre, acabado este trânsito, de muitas velhas restrições interiores. Você terá libertado a sua natureza de resíduos mortos e desimpedido a pista para a acção que agora se desenvolve, menos obstruída por complexos interiores e dificuldades pessoais. Você terá, em resumo, amadurecido — «posto de parte a criança» — e estará apto a assumir o seu lugar no mundo, como um adulto.

O trânsito de Saturno pela sua colocação é o ponto mais importante, no qual a vontade livre actua na vida sem entraves e tão independente das circunstâncias como nunca... Você nunca mais se sentirá tão livre. As opções que fizer são suas: faça-as sensatamente, pois é nesta altura que a sua vontade livre, autenticamente livre, foge ao seu destino por muito tempo, se não mesmo para o resto da sua vida.

Por isso, se enfrentarmos o primeiro regresso de Saturno com grande coragem e honestidade, durante o segundo ciclo do planeta, vinte e nove anos mais tarde, seremos mais conscientes, mais capazes de iniciar a acção sem nos sentirmos inibidos pelo medo ou pela ansiedade, mais capazes de assumir responsabilidades por nós próprios e pelos nossos actos. Se uma pessoa conseguir adequar-se

ao seu verdadeiro destino como alma individual durante este período, poderá, depois, viver mais o presente, com maior paciência, derivada de se ter submetido à sua lei interna com perfeita consciência e aceitação. Neste tempo, as potencialidades de êxito e autoridade temporais são, muitas vezes, consolidadas de um modo directo, e o indivíduo desfruta de uma visão específica acerca do papel que deve desempenhar no mundo a partir dessa altura¹⁴. A casa natal de Saturno e a casa natal governada por Saturno são geralmente áreas de vida definidas neste período com uma inteligência aprofundada. E verificam-se, regra geral, visíveis alterações físicas, o que não admira, porque Saturno tem grande afinidade com a existência material. Não só muitas vezes se observam sinais físicos da idade, que se manifestam como problemas de saúde — o que leva a pessoa a compreender as suas limitações físicas — como também o centro de gravidade do indivíduo (Saturno) se desloca de tal maneira que aquele começa a reparar que tem à sua disposição um maior reservatório de energia. O nível geral de energia da pessoa pode ser menos visível do que na adolescência ou entre os vinte e os trinta anos, mas a energia disponível é agora mais concentrada, não tão dispersa, e o seu fluxo mais regular e seguro. O centro de gravidade desloca-se da cabeça, do pescoço e do peito, para a pelve e o abdómen. Aquilo que antes existia na cabeça transforma-se numa parte mais integral de todo o

¹⁴ Um estudo de pessoas famosas e das suas experiências no período do regresso de Saturno pode rapidamente confirmar esta tradição astrológica. Por exemplo, Gertrude Stein, cujo regresso de Saturno ocorreu quando ela tinha 29 anos, escreveu o seguinte em *Fernhurst*:

Acontece, muitas vezes, quando se tem 29 anos, que todas as forças envolvidas na infância, na adolescência e na juventude num combate confuso e feroz se organizam em campos bem definidos. Temos dúvidas sobre os nossos objectivos, o nosso significado e o nosso poder durante esses anos de crescimento tumultuoso, quando a aspiração não tem relação com a realização, e mergulhamos aqui e ali, com energia e má pontaria, durante a tempestade e o cansaço de formarmos uma personalidade até que, por fim, atingimos os 29 anos, essa estreita e recta passagem para a maturidade; e a vida, que era toda tumulto e confusão, adquire formas e objectivos, e trocamos uma grande e obscura possibilidade por uma realidade pequenina e dura.

Também na nossa vida americana, em que não há coacção nos costumes e temos o direito de mudar a nossa vocação tantas vezes quantas desejarmos e tivermos oportunidade, constitui experiência comum o facto de a nossa juventude se estender pelos primeiros vinte e nove anos da vida; só quando atingimos os trinta descobrimos finalmente a vocação que é verdadeiramente nossa e à qual devotaremos com perseverança o nosso contínuo labor. (Pp. 29-30.)

corpo, isto é, da experiência da vida real. Por isso, a pessoa descobre que não precisa de usar tanta energia como quando era jovem. A energia conserva-se e estabiliza-se naturalmente, e cabe ao indivíduo aprender a viver com ela e a utilizar este novo tipo de fluxo energético.

Os trânsitos de Saturno por outros planetas

Como a qualidade de energia libertada é semelhante em todos os trânsitos de Saturno, não importa qual o planeta natal envolvido; e como *todos* os trânsitos saturninos são sentidos como uma reacção pessoal em algumas dimensões da vida do indivíduo (mostradas pelo planeta natal em questão) aos princípios e lições básicos de Saturno, creio que bastará explicar aqui alguns conceitos e frases-chave que considero úteis para a compreensão desses trânsitos, mais do que tratar cada um deles em separado.

Como já tentei esclarecer neste capítulo, as conjunções, quadraturas e oposições com Saturno em trânsito (na verdade, de qualquer planeta em trânsito) são os mais importantes aspectos a reter; e pode também dizer-se que os trânsitos de Saturno pelos «planetas pessoais», pelo Ascendente ou pela sua própria posição natal são quase sempre percebidos pelo indivíduo de uma maneira óbvia, ao passo que, quando Saturno transita por Júpiter, Úrano, Neptuno e Plutão, só às vezes são facilmente relacionados com experiências ou sentimentos dos quais a pessoa possa ter consciência imediata. A consciência da pessoa do significado destes últimos trânsitos depende, em boa parte, da consciência que a pessoa tem da sua vida interior e também da posição, poder e aspectos destes planetas no horóscopo de nascimento. Observei pessoalmente algumas experiências extremamente importantes ocorridas quando Saturno transitava num aspecto exacto (ou quase exacto — dentro dos 10º) com Júpiter, Úrano, Neptuno ou Plutão, mas não é raro que o *significado* mais profundo de algo que possa acontecer durante estes trânsitos não seja aparente durante vários meses ou mesmo anos. Os seguintes princípios básicos podem ser aplicados a qualquer trânsito de Saturno; o conceito-chave deve apenas ser relacionado com a dimensão da experiência de vida representada pelo planeta activado por Saturno.

- A) Saturno faz sempre baixar o ritmo usual da natureza na área indicada; mas, ao abrandá-lo e ao fazer com que uma pessoa se sinta, por vezes, perguntando-se «quando é que isto acabará?», concentra a nossa experiência, faz-

- nos viver o presente e ajuda-nos a dirigir a nossa energia, a concentrá-la e a conservá-la.
- B) Os trânsitos de Saturno aprofundam e canalizam a atenção e a consciência da pessoa, ao mesmo tempo que a tornam mais objectiva e pura. Por exemplo, um aspecto de Saturno com Vénus mostra que um indivíduo se pode tornar mais puro e objectivo na sua atitude perante o amor, mas também, durante este período, pode desenvolver uma mais profunda capacidade para dar e receber amor porque está mais concentrado no «aqui e agora», e mais consciente daquilo que está a fazer, da pessoa com quem partilha o amor e daquilo que isso significa para si.
- C) Os trânsitos de Saturno são, muitas vezes, sentidos como a «mão do destino» penetrando na nossa vida na área indicada, fazendo com que aconteçam coisas e levando-nos a enfrentar os medos. Enfrentar essas coisas pode ser difícil e, por vezes, muito duro, mas trata-se de um passo necessário para quem quiser obter uma perspectiva mais segura e realista da experiência.
- D) Os trânsitos de Saturno revelam, muitas vezes, aquilo que o indivíduo deve fazer e decidir se quiser viver integralmente e de acordo com as responsabilidades que sente para consigo próprio.
- E) Os trânsitos de Saturno pressionam o indivíduo a tornar a dimensão da experiência indicada mais definida e concreta; e esta perspectiva mais realista da área da vida é, regra geral, impulsionada por um ou dois métodos de testar as atitudes e realidades próprias nesse campo de experiência. Ou a pessoa sente que está a ser testada pelas *circunstâncias* para ver se atinge determinados padrões; ou sente uma *ânsia interior* de examinar essa área para ver se se adequa aos valores recém-descobertos e às exigências pessoais. Esta experiência pode ser sentida como limitação ou frustração — tudo depende do nível de consciência do indivíduo — à medida que a pessoa descobre que não pode ter tudo. Mas tal pressão pode impelir ao desenvolvimento da autoconfiança e da força interior.
- F) Os trânsitos de Saturno podem ajudar-nos a reforçar a nossa confiança na área indicada, reforço baseado no conhecimento das nossas verdadeiras capacidades e daquilo que obtivemos pelo esforço. Uma vez conhecidas mais

- realisticamente as nossas capacidades, podemos assumir uma responsabilidade maior pela nossa própria vida.
- G) Os trânsitos de Saturno tendem a moderar tudo o que é excessivo na vida — orgulho excessivo, actividade excessiva, dependência excessiva, ou mesmo fé excessiva (isto é, infundada).

Saturno através das casas

Os conceitos-chave aqui mencionados (de A a G) podem também aplicar-se à compreensão dos trânsitos de Saturno através das casas do horóscopo de nascimento, com a seguinte distinção: o trânsito de Saturno em aspecto exacto com um *planeta* natal simboliza o processo de definição de uma *dimensão específica da personalidade* e mostra aquilo que uma pessoa sente como a faceta mais autenticamente essencial do ego, enquanto o trânsito de Saturno pela *casa* natal representa um período de definição da perspectiva pessoal de toda essa *área de experiência e de actividade*. Muitas vezes, as mudanças representadas pelos trânsitos de Saturno nas casas natais são mais visíveis do que os trânsitos de Saturno pelos planetas natais, embora existam muitas excepções à regra. Se uma pessoa nasceu com qualquer planeta «acidentalmente dignificado», isto é, localizado na casa a que está associado, o período em que Saturno transita por essa casa será especialmente importante e poderoso porque Saturno estará em conjunção com este planeta durante o mesmo período em que ocupa a casa com ele relacionada. Por outras palavras, se uma pessoa nasceu com Vénus na VII casa, quando Saturno estiver em conjunção com Vénus estará também na VII casa, dando-nos, assim, dois símbolos separados de um processo similar de definição e estruturação da consciência pessoal de camaradagem e das necessidades de amor. Isto é aquilo a que chamo um «tema» no horóscopo, visto que a pessoa experimentar esta pressão para enfrentar sentimentos e actividades no âmbito das relações com os outros mais realisticamente, como um tema principal na sua vida, por muitos meses e talvez mesmo por mais de dois anos. Mas, em qualquer caso, a posição de Saturno mostra invariavelmente qual o campo de experiência pessoal que o indivíduo tenta (ou deve tentar) estruturar e definir com maior clareza e em que área de actividade da vida deve procurar construir uma perspectiva sólida e duradoura.

Para perspectivarmos o significado de Saturno numa *dada* casa é necessário considerar o seu ciclo através das doze casas como um

ciclo completo de experiência de vida e de maturação. Mas é também importante conhecer o motivo pelo qual uma pessoa acentua determinado ponto de partida ou foco durante esse ciclo. A posição natal de Saturno é, naturalmente, um ponto focal em todo o ciclo e no processo de desenvolvimento que simboliza. Embora o primeiro trabalho de Grant Lewi acerca do ciclo de Saturno constitua um notável progresso ao aplicar na prática o conhecimento astrológico e contenha valiosos exercícios de penetração, creio que sobrevaloriza apenas um dos modos de encarar o ciclo de Saturno — o seu significado em relação ao êxito temporal e aos objectivos de carreira. Se, tal como Lewi, uma pessoa empregar os trânsitos de Saturno através das casas como um indicador apenas desta área da experiência de vida, então — tal como ele — acentuará a IV casa como o foco de novos avanços que podem conduzir ao êxito, quando Saturno cruzar a X casa. Nesta perspectiva, o trânsito de Saturno pela I, II e III casas — considerado por Lewi um «período de obscuridade» — não é tido como importante, salvo na medida em que é um período de preparação para as ambições que, mais tarde, aparecerão recortadas com maior clareza. Se usarmos a astrologia somente como instrumento de orientação vocacional ou talvez de direcção de pessoal numa grande companhia ou num departamento de Governo, a perspectiva e os conceitos de Lewi serão suficientes e, regra geral, bastante correctos; mas para quem aconselha seres humanos a um nível mais íntimo e subtil, quando os seus sentimentos e necessidades mais próprios devem ser tomados em consideração, de pouco valerá dizer a alguém que está a entrar num período de «obscuridade» que durará sete anos e que, durante esse período, apenas terá de esperar com paciência pela descoberta de um trabalho ou de uma vocação mal definida (mas, claro, absolutamente maravilhosos!) que eventualmente darão à sua vida excitação e significado profundos.

O tipo de conselheiro astrológico que insiste nas promessas, por ser aquele terreno em que se pode dizer algo de positivo e esperançoso, é o tipo de astrologia que geralmente se demonstra como sem sentido e destinada, no fim de contas, a encobrir as deficiências de compreensão ou a absoluta ignorância do conselheiro. Incutir tão ilusórias esperanças num cliente não, é de facto, *aconselhar*; é apenas encorajar a pessoa a concentrar-se na fantasia, mais do que nos factos e sentimentos imediatos, um género de prática astrológica que se parece muito com os métodos dos adivinhos, aos quais a maior parte dos astrólogos não quer, nem por sombras, ser associada. De todos os símbolos planetários usados em astrologia não há nenhum que chame mais fortemente a nossa atenção para enfrentar a realidade, aqui e agora, do que Saturno. Por isso, creio que podemos

tentar um processo mais construtivo de explicar o ciclo de Saturno aos clientes, aos amigos ou a nós próprios, quando tentamos compreender as nossas experiências.

O melhor meio de considerar o ciclo de Saturno é tomar em conta a totalidade do ciclo, o processo completo e interminável de desenvolvimento simbolizado com particular ênfase na posição de Saturno em trânsito na I casa, visto que a I casa representa a área mais pessoal e individual do horóscopo de nascimento. Considerando a I casa como a mais importante fase de todo o ciclo e não apenas o princípio de um «período de obscuridade», poder-se-á avaliar a importância do ciclo de Saturno como indicador não só de alterações vocacionais e de carreira, mas também de um desenvolvimento interior ao nível psicológico e espiritual. Será nesta perspectiva que abordaremos os trânsitos de Saturno pelas várias casas natais, mas, antes de entrarmos nos pormenores de cada uma delas, vamos delinear um processo alternativo de considerar o trânsito de Saturno pelos quadrantes do horóscopo, mais amplo e mais psicologicamente orientado do que os significados dados por Lewi. Explicações semelhantes foram fornecidas por Marc Robertson no seu livro *The Transit of Saturn*, e baseiam-se em conceitos inicialmente desenvolvidos por Dane Rudhyar. Estas ideias são as seguintes:

- NO QUADRANTE I (CASAS I, II E III): Saturno revela a nossa capacidade de desenvolvimento de *ser essencial* e da *autoconsciência*.
- NO QUADRANTE II (CASAS IV, V E VI): Saturno revela as nossas condições para o desenvolvimento da *capacidade de compreensão* e do *modo de auto-expressão*.
- NO QUADRANTE III (CASAS VII, VIII E IX): Saturno revela a nossa capacidade de desenvolvimento do *método de relação com os outros* e da nossa *consciência dos outros como indivíduos*.
- NO QUADRANTE IV (CASAS X, XI E XII): Saturno revela a nossa capacidade de desenvolvimento do poder da nossa *influência sobre os outros ou sobre a sociedade em geral*, e da sua expressão.

Deve notar-se que estes conceitos são gerais no essencial e servem para dar ao astrólogo uma ideia genérica do significado do ciclo de Saturno; na maior parte dos casos, o melhor é ter presente este quadro geral como base para a compreensão das experiências específicas mostradas pela exacta posição nas casas de Saturno em trânsito.

Outro ponto que vale a pena mencionar é que o significado de um trânsito de Saturno através de determinada casa pode mudar visivelmente, à medida que o trânsito se processa. Quando Saturno começa a entrar numa casa (o que o indivíduo sente muitas vezes quando Saturno fica a uns 6º da cúspide dessa casa¹⁵, embora o planeta possa estar ainda tecnicamente na casa anterior), uma pessoa experimenta uma ânsia mais *intensa* de fazer qualquer coisa na área de vida indicada do que sentirá mais tarde. A faceta problemática da posição de Saturno em determinada casa parece ser, regra geral, mais aparente no primeiro ano em que Saturno a ocupa. Depois, em muitos casos, parece que a pessoa foi impelida a aprender o suficiente sobre o modo de se adequar com mais realismo a esta área de vida, o que lhe permitirá assimilar novos ensinamentos. Claro que a rapidez com que se aprendem as lições saturninas depende do indivíduo e este princípio não pode ser transformado num dogma: muitas vezes, porém, uma pessoa sentirá mais o peso do trânsito de Saturno quando o planeta estiver na primeira metade de determinada casa. A frustração e a pressão para agir de certa maneira pode ser, então, mais forte. Depois, quando a pessoa atinge mais estabilidade e tem outra compreensão neste campo de experiência, a pressão continua mas já não é sentida com tanta intensidade. Este princípio é especialmente verdadeiro no que respeita a casas onde não estão situados os planetas natais porque — quando uma pessoa tem efectivamente planetas numa determinada casa — a conjunção exacta de Saturno com esses planetas assinala, com frequência, o período de máxima intensidade. Se uma pessoa encontrar o modo exacto de enfrentar as pressões interiores e exteriores sentidas durante a primeira fase do trânsito, então a segunda fase pode ser vista como um período de assimilação mais profunda dos importantes progressos obtidos.

Quando Saturno em trânsito se encaminha para o fim de uma casa e está prestes a entrar na seguinte (por outras palavras, quando está a uns 6º da cúspide da próxima casa) verifica-se, muitas vezes, um acontecimento, uma experiência ou uma compreensão claramente

¹⁵ Eu utilizo o sistema de Casas de Nascimento de Kock em todo o meu trabalho; depois de ter experimentado os sistemas de Placidus, Campanus e das Casas Iguais descobri que as cúspides de Kock permitem o mais rigoroso cálculo das importantes mudanças indicadas por um planeta em trânsito que muda de casa. Uma órbita aproximada a 6º da cúspide utiliza-se não só em trabalho com trânsitos, mas também na análise de horóscopos de nascimento. Por outras palavras, em determinado horóscopo de nascimento, se um planeta estiver tecnicamente na V casa, por exemplo, mas a 6º da cúspide da VI, fará, muitas vezes, mais sentido interpretá-lo como se estivesse na VI e não na V. Em alguns casos, contudo, ambas as interpretações parecem fazer sentido.

relacionados com o período a acabar e com o significado básico da casa que Saturno abandona. Muitas vezes acontecerá qualquer coisa que simboliza nitidamente uma consolidação dos esforços dos dois ou três anos anteriores e, em muitos casos, o que acontece — embora seja, com frequência, importantíssimo — não coincidirá com quaisquer outros trânsitos ou progressões fundamentais. Por outras palavras, em muitíssimos casos não se descobrirá nenhum factor astrológico primacial, além do facto de Saturno abandonar determinada casa, para simbolizar o que se passa. O que acontece, seja o que for, é, muitas vezes, acompanhado por uma sensação de alívio, ou de catarse ou satisfação, uma espécie de desimpedimento da pista que antecede a partida de Saturno para a casa seguinte. Menciono este fenómeno com algum pormenor porque o tenho visto repetidas vezes acontecer com grande regularidade — e um astrólogo procurando freneticamente um trânsito específico, uma progressão, uma direcção que possa ser «responsabilizada» por tal experiência. Na verdade, o mesmo fenómeno acontece também com a Lua em progressão, quando este planeta se prepara para abandonar determinada casa e entrar na seguinte. Poderia encher todo um livro com um dos meus casos sobre estas ocorrências comuns, mas agora devemos abordar os significados específicos de Saturno em trânsito nas várias casas.

CASA I — Quando Saturno atravessa esta casa está a criar-se uma nova ordem, após a velha ter sido dissolvida, enquanto Saturno se encontrava na casa XII. À medida que Saturno se aproxima e entra em conjunção com o Ascendente, sente-se, muitas vezes, algo que nos devolve à Terra, que nos leva a compreender os resultados das nossas acções e dos modelos de comportamento passado e que, por isso, nos pode impelir a assumir maior responsabilidade por nós próprios e pelas nossas acções do que anteriormente. Regra geral, algumas circunstâncias externas compelem-nos a enfrentar factos ou situações imediatas importantes que talvez tenham sido desprezados ou tidos como certos no passado. Este tipo de experiência é o início de uma longa fase de compreensão de certas verdades práticas acerca de nós próprios. Como, nessa altura, muitas pessoas se tornam mais conscientes das suas faltas e necessidades de desenvolvimento no futuro, este período é, muitas vezes, assinalado por uma busca activa de recolha de informação fora de nós, a fim de se obter um quadro mais claro daquilo que realmente somos, de quem realmente somos. Pode procurar-se esta informação nos amigos, mas recorre-se com frequência a um conselheiro, a um psiquiatra, a um astrólogo ou a outro tipo de terapeuta. Em resumo, trata-se de

um período em que as pessoas se tornam mais realistas acerca de si próprias, em que tentam obter uma perspectiva sobre o género de *pessoa* que querem ser e em que começam a construir esse novo Eu através de um esforço concentrado e de uma honesta auto-apreciação. É um período em que prestamos atenção a nós próprios com considerável seriedade, um tempo em que começamos a conhecer-nos mais profundamente do que antes, um tempo para aprender mais acerca das nossas capacidades. O trânsito de Saturno pelas casas XII e I é também, muitas vezes, um período de crise pessoal, um processo de renascimento que pode levar mais de cinco anos. Durante todo este período, a estrutura da velha personalidade é inapelavelmente deixada para trás, mas o tipo de nova estrutura e de novo rumo que daremos à vida e pelo qual nos exprimiremos depende, em grande parte, do nível de honestidade com que sejamos capazes de nos confrontarmos a nós próprios. Creio que este período em que Saturno está na XII e na I casas deve ser considerado como abrangendo uma das principais fases de transição da vida e, por isso, é aconselhável relacionar o significado de Saturno na I casa com o trânsito de Saturno pela XII, mais do que ver cada uma das fases como um período de tempo isolado.

O termo «recomposição» descreve bem Saturno na I casa porque — quando Saturno abandona a XII — o indivíduo se sente muitas vezes como um recém-nascido, aberto a tudo com uma curiosidade insaciável, mas também sem muita disciplina ou estrutura definida de personalidade. As novas potencialidades que aparecem durante a fase da XII casa ainda não estão integradas num todo coerente e funcional. Quando Saturno entra na I casa, sente-se com frequência a necessidade de nos tornarmos outra coisa, de trabalhar activamente no nosso próprio desenvolvimento, mais do que permanecer num estado de abertura — passiva, no entanto —, simbolizada pela XII casa. Então, muitas vezes, a pessoa aplica um considerável esforço na moldagem de um novo sentido de identidade, de um novo e mais profundo nível de confiança; e quando Saturno se aproxima do extremo da I casa, teremos uma experiência ou conheceremos alguém que nos levará à experiência da compreensão da nossa própria totalidade com uma clareza maior. Este novo sentimento de *integração* e de fortaleza interior baseia-se num mais profundo sentido dos valores perenes e num maior sentido das responsabilidades pessoais e da individualidade essencial.

Enquanto Saturno se cruza com o Ascendente e permanece na I casa, verificam-se também frequentemente assinaláveis mudanças físicas. É comum uma perda de peso sem esforço, por vezes mesmo exagerada. A energia física é muito baixa, manifestando-se em can-

saço, má digestão e em períodos depressivos. Contudo, devemos compreender que é este o período que encerra as maiores oportunidades para a construção de um novo corpo, bem como de uma nova personalidade; essa construção exige, todavia, disciplina, perseverança e muito trabalho. Tenho visto pessoas robustas e saudáveis a desbaratarem as suas energias para nada durante este trânsito, por não se decidirem a melhorar os seus hábitos de saúde e a disciplinar os seus regimes de vida e de alimentação. Por outro lado, também tenho visto pessoas fracas e doentes iniciarem um regime de vida ao longo deste período que as leva a alcançar um estado de excelente saúde e de abundante energia, mesmo antes de Saturno abandonar a I casa.

Por outras palavras, o trânsito de Saturno pela I casa pode ser considerado como a fase-chave do ciclo saturnino, visto que é durante este período de vida que começamos, de facto, a criar o tipo de pessoa que queremos ser e a compreender que tipo de pessoa o nosso karma quer que sejamos. Por isso, todas as actividades e envolvimento de uma pessoa no mundo exterior durante o resto do ciclo de vinte e nove anos se desenvolverão directamente a partir dos valores a que o indivíduo adere e do tipo de carácter que durante este período se constrói. O trânsito de Saturno pela I casa pode, de facto, ser considerado um «período de obscuridade» no sentido em que o indivíduo presta atenção, em primeiro lugar, a si próprio, desprezando o envolvimento activo em actividades e em ambições que prontamente seriam detectadas pelo público (embora existam algumas excepções a este comportamento). Mas claro que é quase sempre necessário uma pessoa voltar-se para si própria e retirar-se, em certa medida, dos envolvimento do mundo externo durante qualquer período de acentuada transformação pessoal e desenvolvimento acelerado. Deve também salientar-se que é bastante comum o indivíduo começar a interessar-se, neste período, por qualquer objectivo de longo prazo que eventualmente se transformará numa vocação ou ambição fundamentais, visto que o planeta da ambição e da carreira (Saturno) está na casa dos novos avanços (I). Aquilo que antes eram as principais ambições e os principais objectivos a longo prazo desmoronam-se, regra geral, ou são vistos como sem sentido quando Saturno está na XII casa, ao passo que novos objectivos e interesses vocacionais começam a tomar forma quando Saturno atravessa a I. A pessoa não compreende, muitas vezes, que estes novos interesses desempenharão papel importante nas actividades fundamentais dos anos futuros; no entanto, o indivíduo parece com frequência guiado em direcção a tipos específicos de trabalho, mesmo que sinta uma certa resistência ao prosseguimento de tais actividades. No fim de contas, Saturno é geralmente sentido como «a mão do

destino» que toca as nossas vidas, e tal sensação é mais uma prova de que «a mão do destino» nos ajuda a definir a nossa orientação futura.

CASA II — Quando Saturno entra na II casa, termina o período caracterizado pela preocupação com a identidade. E verifica-se, muitas vezes, uma acentuada sensação de alívio, bem como um sentimento mais forte de que agora há que deitar mãos ao trabalho para se produzir. Muitas pessoas exprimem esta alteração dizendo algo como isto: «Estou cansado de pensar em mim próprio e nos meus problemas; sinto que já sei quem sou e insistir mais nesta questão não passaria de comodismo. O que pretendo agora é fazer qualquer coisa no mundo real, executar algo definido e ganhar algum dinheiro.» Por isso, a pessoa que tem Saturno em trânsito pela II casa sente, regra geral, um forte impulso para estruturar a sua situação financeira, para se aplicar no aumento ou racionalização de rendimentos, poupanças, investimentos ou meios de vida. Trata-se, habitualmente, de um período em que a pessoa começará a pôr em prática planos para um novo negócio, a dedicar-se a qualquer tipo de aprendizagem (formal ou informalmente) ou a adquirir treino prático que possa vir a torná-lo capaz de ganhar mais dinheiro. É, por outras palavras, um período de lançamento dos alicerces da segurança e da estabilidade no mundo material; e embora o rendimento do indivíduo possa não ser muito grande enquanto se dedica a esses esforços preparatórios e possa haver forte ansiedade quanto a dinheiro ou outros factores de segurança, o que, regra geral, se diz acerca desta posição de Saturno, com respeito a dívidas, pobreza e grandes atribulações é — sei-o pela minha experiência — consideravelmente exagerado. A maior parte das pessoas sentem, de facto, a pressão de Saturno nesta área das suas vidas, mas a maior parte dos meus clientes têm enfrentado essa pressão de um modo muito prático e não têm sido vítimas de desastres financeiros particularmente graves. Uma das minhas clientes até ganhou quinze mil dólares num concurso, quando Saturno estava na sua II casa; e muitos outros clientes meus abriram negócio ou encetaram novas actividades durante este período e vieram a tornar-se notavelmente prósperos.

O que muitas vezes acontece nesta fase é que as necessidades financeiras se tornam mais reais e algumas lições práticas acerca da sobrevivência são assimiladas pela pressão da necessidade. O nível de capacidade para satisfazer as necessidades materiais no princípio desta fase terá grande impacto no tipo de coisas que se sentirão neste período. A primeira coisa a ter presente é que Saturno é lento, mas seguro. E os benefícios materiais podem eventualmente resultar de

uma perspectiva exacta e paciente das questões práticas. Os lucros podem não ser imediatamente aparentes; mas se uma pessoa enfrentar a necessidade de estabelecer uma estrutura financeira e de segurança sem ignorar os custos pessoais, aquilo que edificar pode servir muito bem durante muitos anos. O trânsito de Saturno pela II casa não se limita, no seu significado, às coisas materiais; como é, todavia, nesta área de vida que a maior parte das pessoas o sentem imediatamente, dediquei um pouco mais de espaço a esta dimensão. Pode dizer-se, contudo, que se trata de um período de lenta mas segura acumulação de *todos* os tipos de recursos, quer materiais, quer psicológicos, que podem contribuir para a autoconfiança, baseada no conhecimento do apoio e força que se procuraram e da compreensão e recursos profundos a que se possa recorrer ao longo da vida. É também um período para avaliar de que modo usámos as nossas ideias e talentos específicos no passado (a II casa e a XII a contar da III), se nos foram úteis e nos permitiram produzir algo ou se apenas se demonstraram inúteis ou impraticáveis. Se foram válidos e uma pessoa se dedicar às tarefas que tem entre mãos, experimentará, muitas vezes, uma consolidação da sua situação financeira, quando Saturno começa a abandonar esta casa.

CASA III — Quando Saturno começa a atravessar a III casa, a sensação de que muitas das questões práticas que nos tinham ocupado a atenção estão agora resolvidas permite-nos começar a dirigir a energia para um nova aprendizagem que nos abrirá a profundidade da preparação profissional e nos permitirá conhecer o valor das nossas ideias. Este período é, regra geral, sentido como menos pesado do que o trânsito de Saturno pela casa da Terra anterior, embora a importância relativa da fase da III casa dependa de a pessoa ser intelectualmente orientada ou dedicada a um trabalho que envolva comunicação ou viagens. Existe, muitas vezes, uma tendência para a preocupação sem objectivo e qualquer insegurança acerca das opiniões próprias ou da profundidade do conhecimento pessoal torna-se geralmente aparente. É um período em que nos devemos concentrar na aprendizagem de factos novos, de ideias novas, de novos talentos, que dêem profundidade e praticabilidade à expressão da inteligência. Trata-se de um período excelente para a investigação ou para qualquer género de pensamento profundo; geralmente, dedica-se mais esforço à estruturação dos planos educacionais próprios, aos métodos de escrita ou de ensino ou ao modo de expressão das ideias pessoais. Assinala-se uma maior ênfase na análise séria, no pensamento prático e na capacidade de exprimir ideias com mais rigor. Muitas pessoas verificam que estão acordadas até mais tarde, a ler, e algumas

que se registou uma alteração não só no seu método de comunicação, como até no tom de voz. Tais mudanças são causadas pelo sentimento que a pessoa tem de que precisa de construir uma estrutura mais sólida sobre a qual baseie as suas ideias e opiniões. Por isso, muitas vezes o indivíduo se dedica mais a actividades educacionais ou a investigações particulares que possam servir este objectivo. De facto, mesmo que muitas das ideias, factos e técnicas aprendidas durante este período possam não ter grande uso no futuro, o conhecimento dessas técnicas e pontos de vista proporcionam uma base de conhecimento que pode habilitar a pessoa a comparar e a avaliar teorias, conceitos e métodos à luz da sua experiência pessoal.

Nesta fase, é também indispensável uma aprendizagem ou uma pesquisa de âmbito mais vasto, a fim de aprofundar o sentido pessoal de segurança quanto à inteligência; de outro modo, a pessoa pode ter estado apenas a exprimir opiniões ou ideias em abstracto, sem a experiência imediata que lhes dá credibilidade. Em muitos casos, trata-se ainda de um período de viagens, resultante das exigências da profissão, de deveres familiares ou de outras responsabilidades. É também um período de «reatar elos perdidos», não só nas áreas intelectuais da vida, mas também nas relações com outras pessoas. Durante esta fase, o indivíduo definirá exactamente quais os limites das várias relações com amigos e conhecidos.

CASA IV — O trânsito de Saturno pela IV casa é um período para o indivíduo se concentrar nos alicerces da segurança e da sobrevivência, um período para confrontar as necessidades básicas de um sentimento de pertença e de tranquilidade. A pessoa tende a olhar mais seriamente o seu lugar na comunidade e tenta, muitas vezes, estabelecer um sentido de solidez e de ordem no ambiente do lar. Isto pode significar, naturalmente, muitas coisas diferentes para pessoas diferentes, mas são, regra geral, duas as áreas de atenção no que respeita ao lar: 1) o estado físico e a arquitectura da casa podem parecer inadequados aos objectivos pessoais. O indivíduo pode então decidir modificá-la de algum modo, umas vezes construindo seja o que for dentro da própria residência ou no jardim, outras vezes mudando mesmo de casa; e 2) as obrigações para com a família tornam-se mais reais e insistentes. A pessoa sentir-se-á oprimida no ambiente que a rodeia, sensação que pode constituir um aviso de que é necessário definir melhor os limites não só da vida doméstica, como das próprias ambições (X casa — oposição polar com a IV). Na verdade, o trânsito de Saturno pela IV casa é um período em que se *devem* lançar os alicerces de quaisquer ambições a longo prazo e determinar a base de operações necessária para a carreira pessoal.

Isto pode levar à redefinição do negócio, da profissão ou, pelo menos, à reestruturação do ambiente em que se trabalha. Uma última nota acerca da IV casa é que as pessoas parecem, muitas vezes, experimentar o karma directo durante este período, relacionado com os seus esforços criativos e/ou casos amorosos do passado. Explica-se tal facto se repararmos que a IV casa é a XII a contar da V.

CASA V — O trânsito de Saturno pela V casa é, de certo modo, semelhante ao da casa anterior do fogo — casa I — porque se trata de um período de maior seriedade acerca de nós próprios e, muitas vezes, de vitalidade e vivacidade reduzidas. Como a V casa está associada a Leão e ao Sol, este trânsito afecta marcadamente o sentido de alegria, de espontaneidade e de bem-estar. Algumas pessoas queixam-se de que nunca têm grandes alegrias neste período e que se sentem falhas de amor e de apreço. Estes sentimentos são compreensíveis se soubermos que o significado essencial deste trânsito é o de nos tornar conscientes do modo como usamos a nossa vitalidade em cada área de vida: a nossa energia física e sexual, a nossa energia emocional e todas as outras formas de poder criativo. Não que experimentemos subitamente todos os tipos de bloqueios e inibições que nunca antes sentíramos; trata-se mais de compreendermos, neste período, que bloqueios e medos têm *habitualmente* prejudicado as nossas energias ou interferido com a expressão das nossas forças criativas e da nossa natureza amorosa. Trata-se, em resumo, de um período para confrontar os medos e hábitos que nos fizeram sentir sem força, criativamente frustrados, incapazes de amar ou de ser amados. É uma fase de aprofundamento do nosso modo de auto-expressão e em que devemos trabalhar para causar uma *funda* impressão nos outros, através de uma acção responsável e disciplinada, mais do que apenas mediante exhibições dramáticas ou sem conteúdo.

A pressão de Saturno durante este período devolve-nos a nós próprios e tem por efeito habilitar-nos a desenvolver as nossas fontes interiores de amor e criatividade, em vez de olharmos para o mundo exterior em busca de satisfação para estas necessidades. O sentimento de solidão ou de falta de amor pode, contudo, levar-nos inconscientemente a procurar mais atenção da esposa, dos filhos, do amante ou dos outros; mas podemos tornar demasiado exigentes — regra geral, sem o compreendermos — e, assim, afastar aquelas pessoas de quem queremos estar mais perto, estimulando nelas um sentimento de rejeição.

Nesta fase podem, todavia, exprimir-se as mais profundas afeição e lealdade, através de uma honestidade responsável, do sentido do dever e de um esforço bem dirigido. Por isso, esta fase pode ser de

grande satisfação, visto que a pessoa estará em condições de compreender que não existe amor real neste mundo sem um sentido de responsabilidade que o acompanhe. A expressão do amor aos outros pode tornar-se mais fraternal e protectora; tais sentimentos tornam-se essencialmente fortes nas atitudes para com as crianças, porque se trata de um período de contacto com as necessidades reais dos filhos e com os mais profundos deveres para com eles. Muitas vezes, é-se atraído para tipos saturninos que serão possíveis amantes, pois o indivíduo sente nessas pessoas um tipo de estabilidade emocional que habitualmente lhe falta. Isto pode tomar a forma de atracção por uma pessoa mais velha ou, simplesmente, por alguém que tenha uma forte ligação com Saturno ou Capricórnio. A distanciação, a reserva e o temperamento prático de um saturnino podem ser muito atraentes durante este período, já que uma pessoa aprende lentamente a ser mais isento e objectivo consigo próprio, na tentativa de satisfazer as necessidades emocionais. Em alguns casos, uma pessoa com Saturno em trânsito pela V casa sentir-se-á inclinada a usar os outros (muitas vezes inconscientemente, admitindo que está «apaixonada»), a fim de tentar aliviar o sentimento de solidão e fugir ao confronto com a falta de uma capacidade de amar profunda e responsável.

Uma compulsiva pressão interior para criar algo nesta fase pode desafiar-nos a disciplinar os nossos hábitos de trabalho criativo e a esforçarmo-nos mais por abrir um canal por onde flua essa energia. Se se têm ambições na área das artes criativas, por exemplo, este é o período ideal para respeitar um horário regular de trabalho e para começar a confiar mais no esforço e na organização consistentes, do que em lampejos transitórios de «inspiração». É uma fase para compreender que qualquer acto criativo que possamos realmente executar nasce *através* de nós, mais do que directamente de nós. Por outras palavras, poderemos compreender que — se é o nosso karma a criar alguma coisa — apenas fazemos um esforço dirigido que permite às forças criativas exprimirem-se por si próprias. Isto é, no entanto, difícil de conseguir, visto que, regra geral, temos muito pouca fé e confiança durante este período e, assim, uma tendência para nos fecharmos ou recearmos o fracasso. Tendemos a tomar a vida, em todas as suas dimensões, demasiado a sério, porque também a nós nos tomamos demasiado a sério. E, por isso, este período é, muitas vezes, um tempo de bloqueio criativo, em que mesmo escritores e artistas consumados experimentam uma considerável falta de coragem para trabalhar. Mas esta fase pode ser também de solidificação da autoconfiança e dos métodos de expressão criativa, se compreendermos que a inspiração

é comum, mas o trabalho não, que 95 % da criatividade não passa de trabalho duro. Como o escritor Henry Miller escreveu no seu diário: «Quando não puderes criar, trabalha!» Também o escritor William Faulkner, a quem uma vez perguntaram em que alturas escrevia, respondeu: «Só escrevo quando sinto disposição para escrever... e sinto-a todas as manhãs!»

Como a V casa é também a casa do jogo, dos passatempos e dos divertimentos, o trânsito de Saturno através dela tem, por consequência, impacte nestas áreas de vida. É vulgar, neste período, o excesso de trabalho, visto que é muito difícil para a pessoa arranjar tempo para se divertir. Mesmo que tire umas «férias», pode acontecer que não repouse, porque o seu espírito continua ocupado com pensamentos sérios. Noutros casos, aquilo que costumava ser um passatempo torna-se mais produtivo e mesmo, às vezes, uma actividade regular e estruturada.

Se considerarmos a V casa como a XII a contar da VI, veremos ainda outros reflexos deste trânsito: tornam-se manifestos os resultados do trabalho anterior e a eficiência com que desempenhamos os nossos deveres, quer como um prazer, a um profundo nível de satisfação, e como um fluxo regular de energia criativa, quer como dissipação e aventura, numa tentativa fútil de atingir aquilo que nunca realmente merecemos através de um esforço aplicado.

CASA VI — O trânsito de Saturno pela VI casa é um período de auto-ajustamento e de mudança no pensamento, no trabalho e nos hábitos de saúde. A pessoa é, regra geral, impelida de dentro ou pressionada pelas circunstâncias a tornar-se mais organizada e disciplinada em muitas áreas práticas da vida, mas particularmente na do trabalho e da saúde. Mudança de emprego ou mudanças na estrutura de trabalho são vulgares, como são incomodativos problemas crónicos de saúde. Conheci uma pessoa notavelmente desorganizada e ineficaz que se tornou muito mais disciplinada no seu trabalho durante este período, a ponto de excluir: «Não posso acreditar no que tenho feito estes dias! Estou efficientíssimo!» Saturno, aqui, obriga-nos a determinar por nós próprios o que tentamos fazer e a *escolher* entre o importante e o acessório. Na verdade, a faculdade de destrinça é, por vezes, tão activa durante este período que o indivíduo sofre de depressão ou de padecimentos psicossomáticos, provenientes de um excessivo autocriticismo. Este autocriticismo é também motivado por começarmos a ver nesta fase o que sentem a nosso respeito as pessoas com quem vivemos e trabalhamos. Veremos se somos realmente úteis ou se somos considerados como fardos. Por outras palavras, como a VI casa é a XII a contar da VII, torna-

mo-nos mais conscientes dos *resultados* das várias relações na nossa vida.

A fase da VI casa do ciclo de Saturno respeita essencialmente à autopurificação a todos os níveis. Muitos dos problemas de saúde que surgem durante este período podem ser directamente relacionados com os hábitos alimentares das pessoas e, por isso, com um alto nível de toxemia. Parece que o corpo tenta libertar-se das impurezas e, se não cooperarmos com este processo de purificação, os sintomas físicos acabam por se manifestar. O trânsito de Saturno através da VI casa é um excelente período para corrigirmos o regime alimentar, para fazermos exercícios de rotina e para adquirirmos hábitos de saúde, ou para encetarmos uma prolongada dieta depurativa ou de jejum. O principal facto a ter presente neste período é que quaisquer problemas de saúde (ou problemas relacionados com o trabalho) são lições específicas que nos mostram quais as mudanças necessárias nos nossos hábitos de vida e nos preparam para outra fase que começa quando Saturno passa sobre o descendente natal e entra na VII casa.

CASA VII — Tal como o trânsito de Saturno por qualquer outra casa, esta posição pode manifestar-se simultaneamente a diversos níveis. Alguns dos meus clientes começaram a fazer sociedades neste período que, regra geral, se consolidaram financeiramente quando Saturno entrou na VIII casa. Todas as relações são levadas mais a sério e a pessoa começa, muitas vezes, a assumir maior responsabilidade na manutenção de determinada relação. O ponto focal da atenção na maior parte dos casos parece ser, contudo, o das relações fundamentais pessoais ou o do casamento. Quando Saturno cruza o descendente e começa o seu semicírculo acima do horizonte, compreendemos as nossas necessidades de relação com os outros, as nossas limitações e os nossos deveres; este período assinala também a entrada do indivíduo numa fase mais florescente de participação pública e social. Se uma pessoa tem por garantida uma relação importante ou sente que determinada relação não está a satisfazer as suas necessidades, é esta a altura para enfrentar realisticamente a situação. (O trânsito de Saturno por Vénus natal é semelhante.) Saturno devolve-nos à realidade das áreas de vida indicadas pela sua posição e devemos tentar estabelecer uma perspectiva sólida bem definida das relações que têm um forte impacte em todo o nosso estilo de vida e na nossa identidade. (Repare-se que quando Saturno transita em conjunção com o descendente está, ao mesmo tempo, em oposição com o Ascendente.) Se se espera demasiado de uma relação ou do casamento, se se sente que ela é impraticável do modo

que para nós é importante, é altura de enfrentar os factos com objectividade e isenção. Nesta fase, desenvolve-se, muitas vezes, uma certa frieza e reserva nas atitudes e no comportamento nas relações íntimas, e o nosso companheiro pode interrogar-se sobre os motivos que parecem levar-nos a abandonar o estilo habitual de relação. Se se puder explicar que estamos apenas a distanciar-nos um pouco do outro por algum tempo, a fim de adquirirmos uma perspectiva mais clara da relação e da medida em que queremos participar nela, o companheiro, pelo menos, não imaginará coisas piores do que a situação real. Não há dúvida de que este período pode ser um teste para muitos casamentos e relações íntimas, mas o *stress* que arrasta consigo depende da qualidade e do nível de autenticidade que tenha caracterizado essas relações no passado.

Na minha experiência, em contraste com algumas afirmações astrológicas tradicionais, o divórcio não é mais comum neste período do que durante aquele em que Júpiter transita pela VII casa; parece, até, menos comum do que neste último período, visto que o trânsito de Júpiter assinala uma época em que uma pessoa procura florescer e *expandir* os limites das suas relações. Mas o trânsito de Saturno através da VII casa é um período de decisões e empenhamentos (ou reempenhamentos) no âmbito das relações e talvez que o mais importante nesta fase seja a capacidade que se adquire para ver mais objectivamente o nosso companheiro como uma pessoa totalmente diferente de nós, mais do que como apêndice ou apenas um objecto ao qual dirigimos as nossas projecções. Em resumo, se determinada relação for suficientemente saudável e flexível para que possamos sentir na íntegra a nossa identidade e relacionarmo-nos com os outros e com a sociedade em plena consciência, então ela é, decerto, praticável. Eis o que compreenderemos durante este período, embora essa compreensão possa surgir somente depois de alguns severos testes de qualidade da relação. De outro modo, devemos redefinir nesta fase a própria relação e a perspectiva que dela temos, e tomar decisões sobre a energia que devemos utilizar para a tornar praticável.

CASA VIII — Este período pode acentuar uma destas dimensões de vida ou todas elas: financeira, sexual-emocional, psicológica ou espiritual. Como a VIII casa está associada a Plutão e a Escorpião, este período é particularmente importante como tempo de acabar com velhos padrões de vida e — embora abandonando algum intenso desejo ou ligação — de experimentar uma espécie de renascimento no final. A necessidade de disciplinar os desejos e de estruturar as ligações emocionais torna-se clara, quer através de circunstâncias que

nos impelem a enfrentar certos factos pela pressão da frustração, quer pela compreensão íntima das ramificações últimas dos nossos desejos e do modo como usamos todas as formas de poder — financeiro, sexual, emocional, oculto e espiritual. Muitas pessoas sentem este período como um tempo de profundo sofrimento, cuja causa é difícil identificar. Algumas comparam-no a uma travessia do Inferno ou do Purgatório, na qual os seus desejos e ligações se refinam e a sua consciência das energias mais profundas da vida é despertada. Trata-se, em resumo, de um período para enfrentar os ultimatoss da vida, as experiências medulares tantas vezes ignoradas e desprezadas. Muitos indivíduos parecem preocupar-se com as realidades essenciais da vida da alma, do Além e da morte. É um tempo para enfrentar o facto inexorável da morte com mais realismo — e a consciência da inevitabilidade da morte leva, muitas vezes, as pessoas a dedicarem-se à expressão das suas últimas vontades, fazendo testamentos e dispondo dos seus bens. Neste período, são também frequentes outras reorganizações financeiras, mas, regra geral, o indivíduo procura proteger-se e estabelecer um certo tipo de «segurança da alma» ao mais profundo nível possível.

Trata-se igualmente de uma fase em que se compreende a importância da vida sexual e das implicações do modo como as energias sexuais têm sido canalizadas. Em alguns casos, é um período de frustração sexual, forçando a pessoa a tornar-se mais reservada e disciplinada; noutras, o indivíduo agirá conscientemente, de modo a cortar com determinados escapes ou actividades sexuais anteriormente importantes, compreendendo o valor de conter a força sexual dentro de si próprio, a não ser que ela seja usada com um propósito construtivo e curativo. É também um tempo em que muitas pessoas se absorvem em estudos de ocultismo, práticas espirituais e em vários tipos de investigação. Parece-me que uma das chaves para este período pode obter-se entendendo que a VIII casa é a XII a contar da IX: por outras palavras, o trânsito de Saturno por esta casa traz à superfície os resultados dos nossos esforços para viver os nossos ideais e crenças. Isto manifesta-se então como transformação — quer agradável, quer dolorosa, por causa do sofrimento exigido para a redefinição dos ideais de vida.

CASA IX — O trânsito de Saturno pela IX casa é, em primeiro lugar, um período de assimilação das experiências de muitos anos e da sua relação com algum ideal, alguma filosofia ou algum regime de automelhoramentos significativos. É vulgar as pessoas encetarem um processo estruturado de obtenção de maiores conhecimentos, quer através de viagens, de frequência escolar, de assistên-

cia a conferências ou serviços religiosos, ou apenas mediante o estudo individual concentrado. Conheço casos em que a pessoa combinava mais do que uma destas possibilidades, por exemplo, frequentando uma escola num país estrangeiro. Basicamente, trata-se de um período para investigar e definir as nossas crenças últimas, tendência que nos pode levar a estudos filosóficos, religiosos ou metafísicos, ou a teorias jurídicas ou sociais. As nossas crenças precisam de ser definidas durante esta fase porque nos servirão depois como ideais para guiar a nossa vida e iluminar o nosso rumo.

Trata-se, em resumo, de um período em que a maior parte das pessoas sente uma forte ânsia de se aperfeiçoar. Para alguns, isto significa que deverão adequar a sua vida a um ideal mais elevado; para outros, que sentem a necessidade de viajar pelo mundo ou de estudar diversos temas, a fim de atingirem uma perspectiva mais ampla sobre a existência. Para outros, ainda, particularmente aqueles que tendem a aceitar noções socialmente definidas do que significa o aperfeiçoamento próprio, é um período em que começam ou, pelo menos, se empenham mais profundamente em determinado curso escolar. É uma fase excelente para a aplicação séria das energias mentais e é vulgar que durante ela as ambições relacionadas com a influência sobre os outros, através do ensino oral ou escrito, se consolidem de maneira definida. Deve notar-se também que a IX casa é a XII a contar da X; por isso, representa os resultados do modo como trabalhamos em ordem a realizar as nossas ambições, o que se manifesta como impaciência ou insatisfação, ou como a compreensão simples de que precisamos de trabalhar mais, agora, para exprimir o conhecimento que obtivemos de realizações passadas ou de actividades vocacionais. Este período constitui também uma preparação para a fase seguinte da X casa, no sentido em que as ambições que procuramos realizar dependerão, em grande parte, dos ideais a que agora aderirmos.

CASA X — O trânsito de Saturno pelo Meio do Céu e a sua entrada na X casa trarão, regra geral, para o primeiro plano, uma séria preocupação com as ambições, as esperanças de atingir algo na carreira, o papel na sociedade e a autoridade que se possui, e a estrutura do trabalho específico através do qual tentamos atingir os nossos objectivos. Por vezes, pode ser sentido como um período de frustração nessas áreas de vida ou como um período de ansiedade, quando estamos sobrecarregados com deveres que nos desagradam, nomeadamente no caso em que a carreira ou estrutura vocacional que construímos é demasiado opressiva ou não é suficientemente realista para satisfazer a nossa verdadeira natureza. Con-

trariamente àquilo que algumas tradições astrológicas nos levariam a crer, esta fase não indica necessariamente que as nossas ambições vão ser contrariadas; mostra apenas que é *tempo* de trabalharmos mais na definição do seu alcance e significado. Na verdade, algumas pessoas experimentam uma culminação muito positiva dos seus objectivos de carreira neste período, com reconhecimento social e realização consideráveis. Isto, contudo, não me parece acontecer — digo-o pela experiência que tenho — com tão grande regularidade como as teorias de Lewi indiciam, embora seja comum. É também um período para obter uma perspectiva isenta daquilo que *realmente* fizemos, diferente da nossa reputação (que é, muitas vezes incorrecta) ou daquilo que pensamos que fizemos. Se virmos a X casa como a XII a contar da XI, podemos ainda deduzir que esta fase mostra os resultados (XII casa) nas nossas associações, objectivos e sentido individual (XI casa). Se a carreira ou estrutura vocacional parece frustrante nesta fase, isso provém, geralmente, do facto de não termos incorporado nela suficientemente os nossos objectivos e os nossos ideais pessoais socialmente válidos. Mas podemos começar a fazer isso quando Saturno entrar na XI casa.

CASA XI — O significado da XI casa raramente é esclarecido na maior parte dos textos astrológicos e as palavras-chave dadas para esta casa são, com frequência, vagas e confusas. Parece-me, antes do mais, que esta casa simboliza o nosso *sentido* individual, isto é, o modo como vemos a nossa função na sociedade e como nos queremos desenvolver no futuro a um nível pessoal. Esta casa é provavelmente aquela que está mais virada para o futuro, e as pessoas que têm nela o Sol ou outros planetas importantes tendem a preocupar-se muito com o futuro, quer quanto ao que desejam tornar-se, quer quanto ao modo como a sociedade se desenvolve e àquilo a que irá chegar.

Por isso, o trânsito de Saturno por esta casa indica um período em que compreendemos o que fizemos, o que não fizemos e aquilo que devemos fazer, especialmente em relação aos outros ou à sociedade como um todo. É uma fase para descobrir o que estamos a dar aos outros, agora que dispomos de um lugar na sociedade (X casa). É um período em que é importante pensar nos nossos objectivos; não tanto em objectivos de carreira, mas nos objectivos *pessoais*, aquilo que queremos ser, que papel sentimos que nos é mais adequado na comunidade dos seres humanos. É um período para definir os nossos desejos e esperanças íntimos, o sentido do que desejamos para nós próprios *em relação* com as necessidades dos outros. É, por isso, um tempo de assumirmos mais responsabilidade no modo

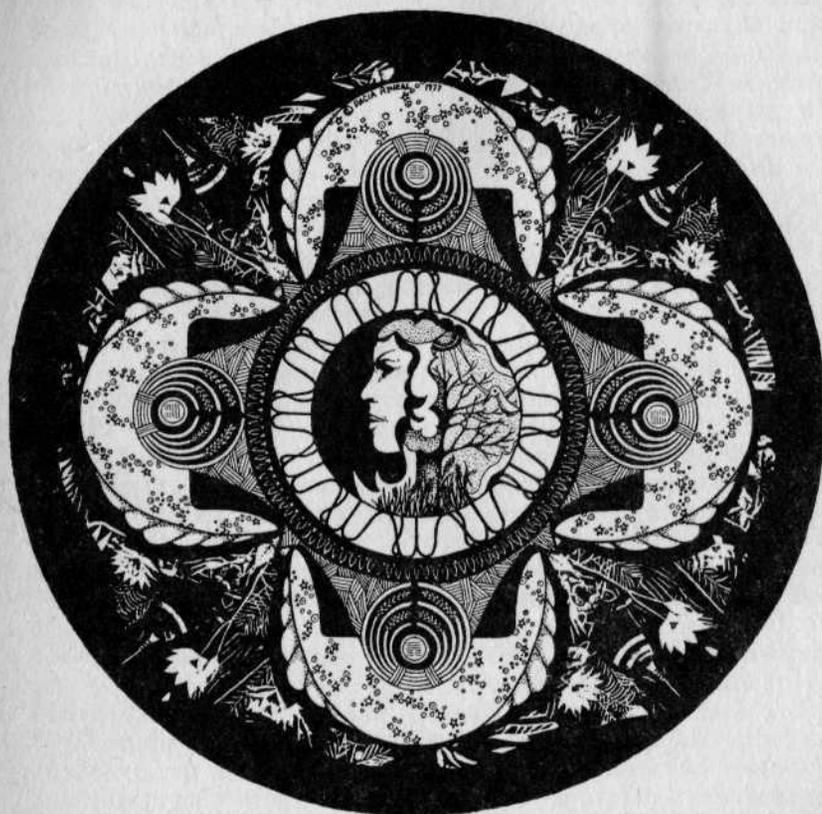
como nos relacionamos com as outras pessoas, preocupação esta que leva a uma atitude mais sóbria, não só para com as amizades e associações individuais, como também para com os compromissos tomados com grupos de pessoas. Em alguns casos, podemos ter necessidade de acabar com várias amizades ou associações; mas, noutros, descobriremos uma ânsia de assumir nelas *mais* responsabilidade. Por exemplo, uma senhora dedicou-se a organizar (Saturno) excursões para grupos de celibatários quando Saturno transitava pela sua XI casa. Como pode ver-se pela associação desta casa com o signo de Aquário, é um período para oferecer aos outros aquilo que aprendemos durante o trânsito de Saturno pelas dez casas anteriores.

CASA XII — Como afirmei no princípio deste capítulo, o trânsito de Saturno por esta casa, juntamente com o seu trânsito pela I, coincide com uma importante fase de transição na vida de toda a gente. A fase de Saturno na XII casa é um período em que defrontamos resultados de todos os pensamentos, acções, desejos e actividades que foram nossos durante o último ciclo saturnino através das outras casas. O modo pelo qual nos temos exprimido no mundo (I casa) levou-nos inevitavelmente ao confronto com este particular tipo de karma. Se é este o primeiro trânsito de Saturno pela XII casa durante esta vida, então a fase da vida que termina com este período pode ser uma que começou numa vida passada. Mas, em qualquer caso, trata-se do fim de um velho ciclo; e, por isso, muitas vezes nos sentimos descontentes, confusos, desorientados, presos num quadro emocional e mental, à medida que as velhas estruturas começam a desmoronar-se. Por outras palavras, as ambições, valores, prioridades e crenças que em tempos deram significado e direcção à nossa vida, começam a dissolver-se quando Saturno entra nesta casa; e a sensação de estarmos perdidos, de não termos base sólida em que assentemos os pés, é geralmente muito forte durante o primeiro ano desta fase, até que se consolidem novos valores e novas atitudes, mais apurados, perante a vida. Trata-se, assim, de um período para a definição dos ideais e da orientação espiritual última, e muitas pessoas ocupam-no experimentando novas perspectivas, depois de se terem libertado de velhas ligações que agora se demonstram como vazias e inertes. Trata-se, em resumo, de um período de trabalho na clarificação das dimensões transcendentais e subtis da vida que, embora sejam difíceis de exprimir, constituem a mais oculta fonte de força que nos ajuda a combater pelo desenvolvimento no meio das batalhas e dos obstáculos da vida.

A XII casa tem sido denominada casa do isolamento porque, neste período, é bastante comum um certo tipo de isolamento físico.

Mas o mais comum é a pessoa, pelo menos durante a primeira metade do período, sentir-se numa prisão emocional, isolada do mundo exterior que parece distante e irreal. É um período em que nos devemos voltar para nós próprios, a fim de despertar fontes interiores de energia emocional e espiritual; e, muitas vezes, parece que se não optarmos conscientemente neste sentido surgem circunstâncias que nos levam a experimentar uma certa forma de isolamento pessoal e não nos deixarão outra escolha senão a de reflectir sobre as nossas vidas de uma perspectiva distante. Mas, na maior parte dos casos que conheço, a pessoa anseia pelo isolamento, por se afastar das preocupações do mundo exterior, quer isso tome a forma da fuga para o mosteiro ou de uma simples retirada das muitas associações e actividades que dantes tinham sentido. É um período excelente para o estudo de temas espirituais, místicos ou ocultos, e muitas pessoas sentem-se também particularmente atraídas para a expressão musical, poética ou visionária, visto que aquilo que sentem não pode exprimir-se em termos lógicos ou racionais, mas somente através de imagens, vibrações e intuições. Verifica-se também, com frequência, um impulso para actividades humanitárias ou eminentemente sociais, como meio de descobrir um sentido para a vida.

Os problemas de saúde, não raros neste período, são, regra geral, de ordem psicossomática, queixas difíceis de diagnosticar que só uma terapia psicológica/espiritual resolverá. A energia física é, muitas vezes, baixa, devido ao desgaste emocional proveniente da desagregação de toda a antiga estrutura da personalidade. O velho dissolve-se, a fim de deixar espaço para o nascimento de uma nova orientação de vida, de uma nova estrutura de vida. Contudo, o mais desorientador neste período é o facto de se caracterizar pela espera, pelo sonho, pela exploração interior, tempo durante o qual o indivíduo não tem limites firmes nem uma base sólida a que se fixe. Uma pessoa espera e prepara o nascimento da nova estrutura, mas não começará a construí-la enquanto Saturno não tiver cruzado o Ascendente para entrar na I casa. No entanto, se uma pessoa extrair força interior da compreensão de que um novo EU se está a criar, a libertar-se de inúmeros estorvos, então, quando Saturno atravessa a XII casa e se aproxima do Ascendente, podemos nos tornar cada vez mais inspirados, cada vez mais felizes.



Virgem

CAPÍTULO VI

ASPECTOS DE TRANSFORMAÇÃO NO HORÓSCOPO DE NASCIMENTO

*Para que os ramos de uma árvore cheguem ao céu
As suas raízes devem chegar ao inferno.*

MAXIMA ALQUÍMICA MEDIEVAL

*O indivíduo pode lutar pela perfeição, mas
deve sofrer com o oposto das suas intenções
em nome da sua totalidade.*

C. G. JUNG

As duas citações acima abordam a mesma questão essencial, que deve estar sempre presente em qualquer esforço para compreender os aspectos astrológicos — isto é, que a própria vida nos exige que nos defrontemos com todos os tipos de experiência, o alto e o baixo, a luz e as trevas, o bom e o mau, o fácil e o difícil, a fim de podermos desenvolver a nossa consciência e nos tornarmos mais completos. Muitos de nós sabem que uma experiência particularmente difícil ou traumática em determinada altura é, muitas vezes, aquela que nos faculta a compreensão aprofundada que ilumina a nossa vida e propicia um rápido desenvolvimento no futuro. No entanto, devido ao tipo de consciência que prevaleceu na Inglaterra e nos Estados Unidos durante a primeira parte do século xx, a maioria das obras sobre astrologia nunca tomou este dado em consideração. Nos livros de astrologia publicados durante este período, quase todos os factores no horóscopo de um indivíduo eram considerados automaticamente bons ou maus, consoante a pessoa tivesse «facilidade» ou «dificuldade» em exprimir-se, satisfazer ou integrar essa parte da sua natureza. Desenvolveu-se, assim, uma visão da vida particularmente estreita e distorcida nos cérebros das pessoas que digeriam esses primeiros escritos astrológicos e, infelizmente, essa estreita visão predomina ainda hoje entre muitas pessoas que se dedicam à astrologia.

Nos últimos anos, verificou-se uma reacção a esta perspectiva negativa e distorcida, quando muitos escritores e professores refor-

mularam a astrologia à luz da perspectiva mais subtil e psicológica iniciada por Dane Rudhyar e Marc Edmund Jones. Como tantas vezes acontece em qualquer domínio, quando se gera uma reacção contra uma teoria extremista, muitos dos pioneiros desta perspectiva mais positiva e orientada para o desenvolvimento tentaram compensar os erros da astrologia tradicional caindo no extremo oposto — isto é, sobrevalorizando o lado luminoso da vida e desprezando o escuro. Aquilo que dantes era considerado como aspectos «difíceis» num horóscopo é agora adorado com todos os tipos de linguagem florida e idealizada, ao mesmo tempo que se ignora o facto de alguns desses aspectos indicarem não só verdadeiros problemas para a pessoa, mas também defeitos ou qualidades negativas fundamentais do seu carácter. Creio que é tempo de sermos realistas acerca da astrologia, o que significa que devemos tornar-nos mais realistas acerca de nós próprios e da nossa visão da vida. A vida é cheia de dificuldades e problemas. É isso que constitui uma profunda experiência de aprendizagem para a alma. Se encararmos o horóscopo de nascimento como um símbolo completo das potencialidades de um indivíduo e do seu modelo de vida, então esse símbolo deve incluir indicações desses problemas cruciais, dessas áreas de vida em que podemos aprender lições fundamentais que favorecerão o nosso desenvolvimento. O que o horóscopo não mostra, todavia, é a *atitude* para com a nossa herança cósmica, para com o nosso karma, que podemos conscientemente construir e cultivar. Como a atitude interior não pode ser determinada apenas a partir do horóscopo de nascimento, o astrólogo deve ser cuidadoso ao avaliar qualquer configuração planetária, visto que ela mostra, antes do mais, a energia *potencial* que a pessoa possui, mas não a manifestação específica dessa energia como um facto predeterminado. Só um período de perguntas exploratórias e de diálogo numa consulta astrológica permitirá ao conselheiro detectar os ideais e atitudes específicos que podem orientar o uso das energias do indivíduo.

Como algumas pessoas encaram dificuldades e problemas sem esforço, aceitando-os como uma parte da vida, e como tais pessoas se apoiam num optimismo e numa fé interiores, o que o horóscopo mostra como potencialmente perturbador nem sempre é visto por todos como um problema fundamental. Pode ser apenas visto como um facto da vida, como uma parte aceite da natureza da pessoa. Se o conselheiro tenta sobrevalorizar o lado problemático de tal configuração simbólica, pode parecer ao indivíduo que o astrólogo está a agitar todos os tipos de questões perturbadoras sem qualquer propósito construtivo. Na verdade, isto acontece muitas vezes na «leitura» astrológica, que não passa de uma exibição do astrólogo.

Se, por outro lado, o conselheiro vê e explica os aspectos «difíceis» como *desafios* que a pessoa defrontará nesta vida, um indivíduo enérgico, de pensamento positivo, terá interesse em conhecer esses testes do seu carácter, da sua força e do seu conhecimento. E até a pessoa mais receosa, mais constrangida, pode, então, começar a ver essas fundamentais questões da vida a uma nova luz. Antes de tudo, devemos compreender não só intelectualmente, mas também espiritualmente, que tais desafios, dificuldades, problemas (chamem-lhe o que quiserem) são necessários para a saúde e devem ser saudados como oportunidades para aprendermos aquilo que precisamos de saber. Como Jung escreve:

O medo do destino é um fenómeno muito compreensível, devido aos incalculáveis, desmedidos e desconhecidos perigos que encerra. A perpétua hesitação do neurótico em assumir a vida explica-se facilmente pelo seu desejo de ficar de fora, de não se envolver na perigosa luta pela existência. Mas quem quer que se recuse a experimentar a vida sufoca o seu desejo de viver — por outras palavras, comete um suicídio parcial. (In *Symbols of Transformation*, C. W., vol. V, p. 165.)

Claro que nenhum astrólogo quererá acreditar que está a encorajar um comportamento «neurótico» nos seus clientes; e, no entanto, o estilo de prática astrológica que leva o cliente a recear o seu destino, a hesitar na acção, enquanto os planetas não estão nos seus lugares certos, ou a fazer todo o possível para evitar situações «perigosas» ou desafiadoras, está realmente a encorajar a dependência neurótica do astrólogo e a inibir o desenvolvimento da fé e da autoconfiança do cliente. Talvez, na essência, os tradicionais aspectos «difíceis» indiquem áreas de *stress* e tensão máximos na vida *interior* da pessoa, tensão que também pode ser bem-vinda se acompanhada de uma atitude aberta. Citemos de novo Jung:

Quanto maior é a tensão, maior é o potencial. A grande energia brota de uma grande tensão correspondente entre opostos.

Na parte restante deste livro usarei, portanto, os seguintes termos para caracterizar os aspectos, em vez das classificações tradicionais de fácil-difícil, bom-mau:

Aspectos DINÂMICOS ou DESAFIADORES. — Este termo refere-se àqueles ângulos entre planetas geralmente denomi-

nados «pressionantes» ou «desarmónicos», incluindo a quadratura, a oposição, o quincócio (ou inconjunção), algumas das conjunções (consoante os planetas envolvidos) e algumas das semiquadraturas, sesquiquadrados e outros aspectos menores (consoante a harmonia dos elementos e signos envolvidos). Estes ângulos correspondem à experiência da tensão interior e levam, regra geral, a um tipo de acção definida ou, pelo menos, ao desenvolvimento de uma maior consciência nas áreas indicadas. Embora o termo «desarmónico» se aplique a muitos destes aspectos, é, muitas vezes, equívoco, visto que é possível ao indivíduo desenvolver um modo relativamente harmónico de expressão dessas energias, assumindo responsabilidades, trabalho ou outros desafios capazes de absorver a intensidade total da energia libertada.

Aspectos HARMÓNICOS ou FLUENTES. — Este termo refere-se àqueles ângulos entre planetas geralmente denominados «fáceis» ou «bons», que incluem fundamentalmente o sextil, o trino, algumas das conjunções (consoante os planetas envolvidos) e alguns dos aspectos menores (consoante, no essencial, a harmonia dos elementos dos signos envolvidos). Estes ângulos correspondem aos talentos e capacidades espontâneos, e aos modos de compreensão e expressão que o indivíduo é capaz de utilizar e desenvolver com relativa facilidade e consistência. Estas capacidades constituem um conjunto de valores psicológicos firmes e seguros a que a pessoa pode recorrer em qualquer altura. Embora o indivíduo possa preferir concentrar a sua energia e atenção nos aspectos mais dinâmicos e desafiadores da vida, estes aspectos fluentes representam *potencialidades* de desenvolvimento de talentos extraordinários. Contrastam, porém, com os aspectos dinâmicos por serem mais indicadores de *estados de ser* e de sintonias espontâneas com canais de expressão estabelecidos, enquanto os aspectos dinâmicos indicam a necessidade de ajustamento através do esforço e da acção definida, e do desenvolvimento de novos canais de auto-expressão.

Antes de abordarmos em pormenor a questão dos aspectos, devemos examinar a razão pela qual os ângulos dinâmicos num horóscopo parecem receber mais atenção nos estudos astrológicos do que os aspectos fluentes. Será apenas um caso de pensamento negativo, descobrindo os astrólogos um prazer masoquista ao lidar com o lado

mais problemático da vida? Ou haverá outra explicação para este fenómeno? Creio que C. E. O. Carter esclarece este ponto quando escreve em *Astrological Aspects* que os aspectos «desarmónicos» são mais fáceis de abordar por terem «afinidade com a matéria e se manifestarem, por isso, com mais clareza e perceptibilidade». A afirmação de Carter apoia-se no facto de que até há pouco tempo a escola de astrologia conhecida por Cosmobiologia ignorava quase totalmente os aspectos harmónicos, preferindo utilizar os dinâmicos no seu trabalho; e qualquer pessoa familiarizada com as teorias e a orientação da maior parte dos cosmobiólogos sabe que eles estão, *sobretudo*, interessados nos acontecimentos, nas mudanças fundamentais, nos traumas evidentes e, em geral, nos factos do mundo material, mais do que na atitude psicológica do indivíduo perante a experiência ou o seu significado espiritual. Eu dou grande valor aos aspectos dinâmicos, não por a minha orientação ser a mesma dos cosmobiólogos, mas porque estes ângulos revelam em que área uma pessoa está a ser desafiada para se ajustar a si própria e para se desenvolver através da experiência concentrada. E como a maior parte da minha experiência astrológica provém de diálogos interpessoais com clientes (mais do que da investigação pessoal, do estudo ou do trabalho com o meu próprio horóscopo), tenho sido atraído pela análise das potencialidades positivas implícitas nas crises de vida dos meus clientes, quantas vezes simbolizadas pelos aspectos desafiadores. Por isso, neste capítulo, valorizarei fundamentalmente os aspectos dinâmicos, num esforço para esclarecer, a uma luz positiva, o que na maior parte dos textos astrológicos é interpretado negativamente. E dedicarei especial atenção aos aspectos que envolvem os planetas trans-saturninos, por representarem formas de transformação pessoal particularmente definidas.

Os aspectos na época moderna

Durante a última parte do século xx, em que a astrologia moderna explodiu em novas técnicas, especulação teórica e níveis de aplicação que confundem o espírito e tornam impossível a qualquer pessoa assimilar e compreender todos os novos avanços, é especialmente difícil tratar o tema dos aspectos de um modo integral, a não ser que se escreva um tratado exaustivo e monstruoso. A investigação moderna e a experiência clínica mostraram, sem margem para dúvidas, que factores como pontos centrais, quadros planetários (configurações envolvendo numerosos planetas e pontos centrais) e harmonias podem proporcionar ao astrólogo prático instrumentos adi-

cionais para a compreensão dos seres humanos que, muitas vezes, fornecem perspectivas que os métodos tradicionais não ofereciam especificamente. Vemos cada vez mais que a relação entre os vários planetas (e, por isso, entre as várias dimensões da estrutura psicossomática e energética do ser humano) não se limita a aspectos isolados entre dois planetas ou às distâncias angulares específicas entre planetas que a astrologia tradicional sobrevalorizou durante séculos. Como dissemos na introdução deste livro, já é vulgar ouvir astrólogos falar de diálogos ou intercâmbios planetários, isto é, relações planetárias que podem manifestar-se fortemente, mesmo que não esteja presente qualquer aspecto tradicional. Torna-se também cada vez mais evidente que os *planetas* envolvidos em qualquer configuração particular (mais do que apenas o tipo de configuração ou aspecto) determinam, em primeiro lugar, a natureza dos factores psicológicos intervenientes e do tónus da energia libertada. Estes factos tornam difícil estabelecer regras seguras de interpretação para aspectos específicos, quando na experiência empírica se descobrem manifestações tão diversas do mesmo aspecto básico.

Assim, para aqueles que estão a par das últimas descobertas da investigação e sentem a necessidade de integrar essas novas perspectivas na sua prática, e aqueles cuja integridade exige que avaliem o valor dos princípios astrológicos tradicionais com realismo, a astrologia tornou-se mais difícil e complexa do que a sua habitual apresentação simplista deixa prever. Esta compreensão da complexidade inerente à astrologia tem sido lamentada por alguns especialistas, mas a imparável proliferação de novas técnicas e de novos conceitos nos últimos anos pode ter dois efeitos muito positivos. Em primeiro lugar, pode estimular-nos na busca de princípios unificadores e sintetizadores, como eu tento fazer nos meus vários escritos. Esses princípios básicos estão já presentes na estrutura da astrologia; não precisam de ser inventados ou descobertos através de análise de computador. Apenas devem ser mais claramente reconhecidos e mais profundamente entendidos para serem totalmente relevantes na aplicação prática da astrologia nas vidas humanas. Em segundo lugar, esta explosão de novas ideias pode revelar mais imediatamente ao estudante ou ao prático da astrologia a impossibilidade de obter uma informação fácil, rígida e simplista, a partir de um horóscopo de nascimento e, por isso, obrigar-nos a confiar nas nossas perspectivas, na nossa experiência, na nossa capacidade de aconselhar, na nossa capacidade de desenvolver uma forma totalmente individualizada de prática astrológica que se adegue especificamente a cada um de nós.

Além disso, quando observamos este desenvolvimento aparentemente interminável da complexidade da astrologia, outros factos

se revelam. Um facto óbvio é que o conselheiro astrológico com uma prática razoável — e particularmente aquele que vive do seu trabalho — não tem tempo para utilizar, seja em que proporção for, as técnicas da astrologia tradicional numa consulta e muito menos para nela introduzir possíveis novas perspectivas facultadas pelos novos métodos. Para um conselheiro profissional deste género, as exigências da sobrevivência financeira, mais as necessidades imediatas de clientes, sobrepõem-se à curiosidade intelectual. Se fizerem incidir a atenção na necessidade que o cliente tem de *conselhos*, mais do que na interminável multidão de *dados* do horóscopo de nascimento, raramente haverá necessidade ou desejo de obter conhecimentos para além dos que os processos básicos astrológicos proporcionam, partindo do princípio de que são realmente *entendidos* os símbolos aparente. Por exemplo, concluí que o sistema Key Cycle desenvolvido por Wynn¹⁶ é uma técnica extremamente correcta e psicologicamente penetrante. Tenho, muitas vezes, verificado que simboliza com clareza determinados desenvolvimentos ou orientações de um modo mais específico do que os trânsitos e progressões habitualmente usados. No entanto, raramente tenho tempo para eu próprio me servir dele, embora reconheça que me poderia fornecer dados adicionais e seguros para o meu trabalho. O certo é que a minha principal actividade é *aconselhar pessoas*, estabelecendo um diálogo a nível pessoal, com recurso à astrologia principalmente como sistema de orientação e mapa estrutural. Ignorar alguns dados de certo modo triviais não inibe um bom conselheiro de ajudar os clientes a obter uma perspectiva mais clara e positiva das suas vidas. *

Outro ponto a ter presente é que se se vir um horóscopo de nascimento como se fosse uma peça de música, vários temas se revelarão. Estes temas podem ser descobertos através de diversos métodos astrológicos e, na maior parte dos casos, o uso de novas e complexas técnicas não detectará qualquer novo tema fundamental, apenas servindo para realçar, e talvez pormenorizar um pouco mais, os temas que os métodos tradicionais mostram claramente e com razoável simplicidade. Por outras palavras, o uso de muitos dos métodos recentemente popularizados raramente permite penetrar mais na essência psicológica do indivíduo de um modo que possa ser *imediate e praticamente utilizado*. Muitas dessas novas ideias são interessantes, estimulantes e encerram a promessa de um dia poderem vir a ser utilizadas de uma maneira tal que os estudos estatísticos e

¹⁶ Cf. *The Key Cycle*, por Wynn; originalmente publicado como uma série de artigos no *AFA Bulletin* em 1970, existe agora em opúsculo da Federação Americana de Astrólogos.

as tentativas de previsão produzam resultados significativamente melhores; mas que utilidade têm quando se trata de uma pessoa com problemas? Qual a aplicação destes métodos na consulta? Como podem ajudar o astrólogo que utiliza a astrologia não para convencer «cientistas» ou para prever acontecimentos, mas para ajudar os outros na autocompreensão? Creio que esta problemática sublinha o facto de a astrologia se ter tornado um campo altamente especializado, e de alguns astrólogos serem, antes do mais, conselheiros, enquanto outros são fundamentalmente investigadores ou teóricos. O importante é que o prático tenha consciência do seu papel, da sua filosofia subjacente e, acima de tudo, do objectivo que cada um espera atingir com a ajuda da astrologia. Se o nosso papel é o de «conselheiro», quer formalmente — através de uma profissão estabelecida — ou informalmente — no contacto com amigos e parentes —, devemos ter o cuidado de não complicar desnecessariamente as situações com que uma pessoa se defronta no dia-a-dia. Na verdade, as histórias e os problemas humanos paradigmáticos são realmente muito poucos e repetem-se nas nossas vidas tão intensamente como se nunca tivessem acontecido antes. Aconselhar os outros para os ajudar a enfrentar esses problemas arquetípicos é uma arte altamente exigente e o nosso propósito deve ser o de os auxiliar a obter a perspectiva das suas situações individuais que lhes permitirá viver a vida mais completamente, através de uma maior compreensão das suas leis.

A natureza dos aspectos específicos

Muitos escritores têm falado dos aspectos relacionando-os com «linhas de força» entre os vários centros de energia (planetas) no campo energético individual. Algumas das análises mais práticas das manifestações físicas e psicológicas dessas forças podem encontrar-se na obra do Dr. William Davidson, intitulada *Lectures on Medical Astrology*, onde apresenta com grande originalidade as várias «doenças» e princípios básicos associados aos vários aspectos. Naturalmente, uma configuração de energia potencial como a que um aspecto simboliza não é boa nem má em si própria. É apenas uma *potencialidade* com uma *tendência* inerente para uma expressão harmoniosa e agradável, ou destrutiva e dolorosa. A experiência do Dr. Davidson no campo do simbolismo astrológico em medicina deixa, pode dizer-se, claro que os aspectos dinâmicos simbolizam, *de facto*, uma maior tendência para a doença física do que os aspectos harmónicos fluentes; na verdade, os aspectos dinâmicos geram uma tensão

interior e um *stress* sobre o corpo físico. Do modo como o indivíduo enfrenta esse *stress*, como canaliza essa energia e tenta aliviar essa tensão, depende a manifestação de determinada configuração como um sério problema físico ou como um reservatório de energia que pode ser empregue em propósitos criativos. Não devemos subestimar o poder do espírito e da vontade, pois os nossos pensamentos, ideais e desejos podem subtilmente alterar as linhas de força no campo da nossa energia. Um exemplo deste processo na sua forma mais simples pode encontrar-se nas investigações que têm provado, mesmo a cientistas cépticos, que as técnicas de meditação, como a meditação transcendental, alteram efectivamente alguns ritmos físicos e constituem uma técnica eficaz para dominar o *stress*.

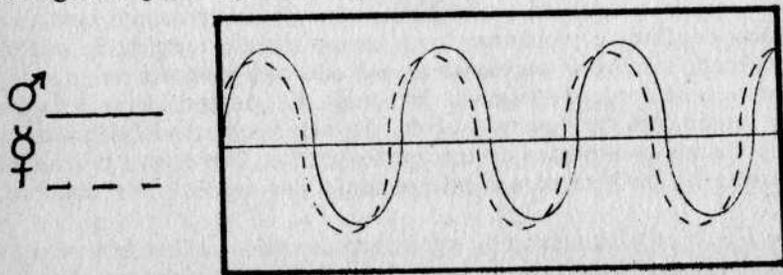
Outro ponto digno de nota é que cada aspecto deve ser avaliado de acordo com a natureza dos planetas envolvidos. Há provas bastantes de que alguns dos trinos correspondem a condições problemáticas ou devastadoras em muitos mais casos do que os tradicionais ensinamentos sobre os efeitos «benéficos» que os trinos indicam. Por exemplo, o trino Neptuno vê-se muitas vezes em horóscopos de pessoas que mostram tendências neptunianas bastante negativas: problemas de droga, escapismo, interesses «espirituais» impraticáveis ou hipócritas e até dissociações psicológicas fundamentais, descritas como psicoses, alucinações incontroláveis, ilusões de grandeza ou simples incapacidade para lidar com o mundo material. Os trinos de Úrano são quase tão comuns como os mais dinâmicos aspectos do planeta em horóscopos de pessoas particularmente egocêntricas, incapazes de cooperar, dadas a síndrome do «conheço isso tudo» e tão excitáveis com os seus próprios interesses que se tornam extremamente impacientes com os outros. Os trinos de Júpiter parecem, muitas vezes, indicar pouco mais do que uma tendência para a autocompaixão preguiçosa e uma preferência para confiar em tudo menos no trabalho puro. Pelo contrário, os aspectos dinâmicos que envolvem estes planetas, como mais adiante veremos em pormenor, simbolizam geralmente uma energia que pode ser expressa com grande concentração, poder e criatividade, embora, sem dúvida, mostrem com frequência conflitos e problemas (às vezes ao mesmo tempo). Se pudermos atingir o nível de compreensão em que começemos a ver o valor inerente ao esforço e mesmo à dor, mais do que considerar a astrologia como um fenómeno isolado da vida poderemos começar a compreender os aspectos de um modo prático, correcto e profundo. A minha lei favorita para a interpretação dos aspectos é a seguinte:

Os planetas nos signos representam os *impulsos básicos* para a expressão e necessidade a *satisfazer*, mas os aspectos

revelam o estado momentâneo do fluxo de energia e quanto *esforço* pessoal é exigido para se exprimir um determinado impulso ou para satisfazer uma necessidade específica.

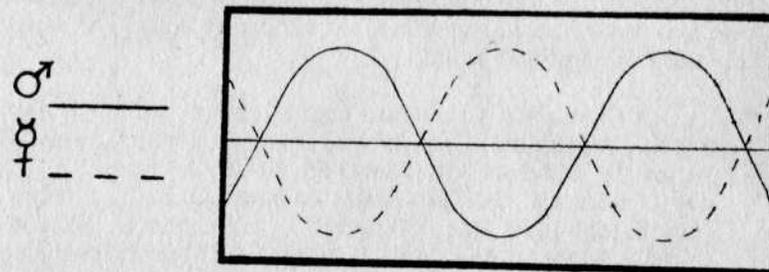
Por outras palavras, determinado aspecto não nos diz: esta pessoa quer ou não quer fazer isto e aquilo; nem nos diz se uma pessoa pode experimentar ou atingir isto ou aquilo. Diz-nos, sim, quanto lhe será exigido para alcançar determinado resultado. Podemos acrescentar, contudo, que o horóscopo, bem como o passado do indivíduo, o seu ambiente e as suas habilitações específicas devem ser avaliadas para ficarmos a saber se as capacidades da pessoa e o seu modelo kármico lhe permitirão satisfazer esses impulsos e necessidades.

Tendo presente as necessidades e limitações da aplicação de princípios gerais a casos individuais, podemos agora começar a analisar uma teoria do fluxo de energia dos aspectos. Devemos, porém, notar que os conceitos que apresentaremos a seguir constituem uma tentativa para descrever tipos específicos de fluxo energético a um nível muito subtil. Essa energia pode manifestar-se em inúmeros géneros de comportamento e numa infinita variedade de traços de personalidade. Por facilidade, podemos classificar os aspectos nos dois grandes grupos atrás mencionados: aspectos *dinâmicos* ou *desafiadores*, e aspectos *harmónicos* ou *fluentes*. Os aspectos harmónicos mostram que duas energias (e, assim, as duas dimensões do ser individual) vibram em harmonia e *reforçam-se* uma à outra no campo energético da pessoa, tal como duas ondas que se harmonizem e misturem numa expressão unificada de energias complexas. Por exemplo, se Mercúrio e Marte estiverem em harmonia um com o outro, haverá uma mistura das duas energias que pode produzir força mental, poder para avaliar as ideias próprias, um forte sistema nervoso e capacidade para projectar as ideias numa acção definida. É como se Mercúrio emprestasse a sua inteligência para guiar a auto-afirmação de Marte, enquanto, ao mesmo tempo, Marte potencializa a percepção e a expressão verbal de Mercúrio. Uma inter-relação planetária deste género pode exprimir-se graficamente assim:



Por outras palavras, os aspectos harmónicos indicam um estado de ser e de sintonia interiormente estável e forte, um modo de usar-mos a nossa energia com fluência e tranquilidade. (Isto não quer, evidentemente, dizer que as energias não possam ser mal empregues numa dada pessoa ou situação. Mostra apenas que a energia flui, de facto, mais facilmente.)

Os aspectos desafiadores mostram que as energias em questão (e, assim, as dimensões da vida da pessoa cujo horóscopo tem um aspecto destes) não vibram em harmonia. Mais do que a reforçar-se uma à outra, tendem a interferir na expressão de cada uma e a criar *stress* no campo energético, como se duas ondas estivessem em relação mútua discordante, criando aquilo a que se pode chamar um timbre instável ou irritante. Esta irritação ou instabilidade pode, contudo, impelir o indivíduo para determinado tipo de acção definida, a fim de resolver a tensão. Para usarmos, de novo, o exemplo de Mercúrio e Marte, um aspecto dinâmico entre estes dois planetas pode manifestar-se em impaciência (Marte) para comunicar (Mercúrio), num forte impulso (Marte) para aprender (Mercúrio), numa tendência para avaliar com demasiada dureza (Marte) as ideias e as opiniões próprias (Mercúrio), num sistema nervoso irritável, numa natureza abertamente crítica, etc. Mas se a irritabilidade e a tensão interior forem controladas e dirigidas com êxito, o indivíduo pode muito bem ser capaz de polarizar o fortíssimo impulso para aprender no desenvolvimento de talentos excepcionais que exigem uma inteligência acima da média. Esta relação planetária pode exprimir-se graficamente assim:



Os diagramas do fluxo energético que apresentamos acima tornar-se-ão ainda mais ricos de ensinamentos se compararmos essa teoria dos aspectos com a teoria da electricidade. Numa instalação eléctrica, uma corrente trifásica com intervalo de 60° é o *meio menos pressionante de conduzir energia* através de fios. Isto corresponde aos aspectos sextil (60°) e trino (2×60°) em astrologia. O intervalo

de 90° ou 180° na condução eléctrica é muito pressionante e aquece o condutor porque, em dadas alturas, existem *auges de demasiada voltagem e nenhuns noutros*. Este tipo de condução corresponde, naturalmente, aos aspectos de quadratura e de oposição, onde verificamos que as energias do indivíduo fluem à deriva, por vezes funcionando em unísono, outras vezes criando interferência mútua e cargas estáticas. Este tipo de alternância do fluxo energético foi caracterizado por C. E. O. Carter como uma expressão «caprichosa» da energia; na verdade, às vezes, a pessoa tem muita energia à sua disposição, enquanto, outras vezes, parece completamente esgotada. Note-se que no diagrama atrás as linhas de força aproximam-se e afastam-se alternadamente. Quando o *stress* atinge o máximo, há uma maior quantidade de energia (calor, no caso da electricidade) que se liberta; e esta energia adicional pode ser conscientemente dirigida para um objectivo construtivo ou, então, explodir e causar problemas na vida do indivíduo (na nossa analogia eléctrica, o excesso de calor pode dar origem a um incêndio).

Um excelente artigo sobre a teoria e os significados tradicionais dos aspectos é o publicado na *Encyclopedie of Astrology*, de Nicholas DeVore, livro que considero um verdadeiro clássico na matéria e que combina o espantoso conjunto de conhecimentos científicos com o senso comum. A Enciclopédia de DeVore sublinha que todas as estruturas orgânicas são constituídas por células, às quais, na sua forma mais simples, são hexagonais, semelhantes aos favos de mel, e acrescenta que o hexágono é o primeiro modelo estrutural de harmonia. A ideia é apoiada no facto de, recentemente, alguns engenheiros terem «descoberto» que o hexágono é o mais robusto e económico contentor que as abelhas já constroem há milhões de anos ... O artigo sobre os aspectos continua assim:

Quando a luz entra num ângulo externo de 60° e num ângulo interno de 120° ilumina necessariamente todas as partes da estrutura em linhas de influência iguais. A luz que penetra em cada um destes ângulos suscita [...] vibrações harmoniosas que estimulam o crescimento. Ao contrário, o processo de cristalização conhecido em magnetismo e em electricidade, no qual duas forças operam em ângulos rectos, frente a frente, gera uma relação geométrica que destrói a forma orgânica. Assim, existem na natureza, lado a lado, duas forças que mutuamente se antagonizam, mas que, a despeito desta antipatia, trabalham juntas, com vista à disposição ordenada do todo, uma baseada no quadrado, outra no hexágono: a quadratura e o trino.

A astrologia ensina que a relação de quadratura entre fontes de energia destrói a forma, através da libertação da energia encerrada nas várias estruturas construídas pela natureza; e que o trino constitui o lado construtivo da natureza pelo qual são criadas, alimentadas e perpetuadas as formas orgânicas a libertar quando as configurações destrutivas subsequentes se lhes deparam. (P. 26.)

Desta citação podemos deduzir outro método de classificar os aspectos: *libertadores de energias* e *conservadores da forma*. Os aspectos «libertadores de energia» são, claro, em primeiro lugar, a quadratura e a oposição, embora algumas das conjunções e dos aspectos menores (consoante os planetas, os signos e os elementos envolvidos) também simbolizem modos particularmente dinâmicos de libertação de energia. Os ângulos «conservadores da forma» são, antes do mais, o sextil e o trino, não obstante também algumas das conjunções e um ou outro aspecto menor caibam nesta categoria. O dinamismo ou a harmonia relativos de qualquer intercâmbio dependem não só do ângulo específico entre planetas, mas também dos elementos em questão. O significado da expressão «conservadores da forma» pode entender-se melhor se virmos esses tipos de fluxo energético como especialmente estáveis. O hexágono foi acima apontado como uma estrutura particularmente estável e criadora de vida. Também o triângulo é uma forma estável e autoconservadora, o que facilmente se comprova pelas pirâmides, cujas estruturas foram construídas há milhares de anos. As formas indicadas pelos aspectos «libertadores de energia» (como a quadratura) *parecem*, à primeira vista, extremamente estáveis; mas quando se observam as estruturas do ponto de vista do *fluxo energético*, tais formas mostram-se mais instáveis e predispostas à destruição do que as estruturas hexagonais e triangulares. O ideal, num horóscopo de nascimento, é descobrir um equilíbrio entre os aspectos conservadores da forma e libertadores da energia, pois poderá, assim, haver uma síntese destas funções energéticas complementares no campo total da energia da pessoa.

O modo como a energia flui através dos aspectos «conservadores da forma» é razoavelmente claro, dado que a maioria dos aspectos envolve combinações de elementos harmoniosos; no entanto, valerá a pena referir o processo pelo qual a energia se liberta através dos aspectos mais dinâmicos. Se os aspectos dinâmicos envolvem planetas nos signos cardeais, a energia libertada manifesta-se em desassossego, impulsos imparáveis para a acção, para o lançamento de novas actividades e projectos, para enfrentar as crises. A pessoa é, regra geral, um «fura-vidas», cheio de planos e perseguindo uma

direcção razoavelmente definida. Se estão presentes signos fixos, o horóscopo indicará modelos de hábitos profundamente enraizados que geram um poder extremamente concentrado e se manifestam em teimosia. Contudo, uma vez que a energia comece a fluir, tornam-se evidentes amplas capacidades e um determinação invulgar para resolver situações. Estando presentes signos mutáveis, a energia libertada parece fluir principalmente através de canais mentais, manifestando-se numa ampla gama de interesses e numa intensa necessidade de uma maior variedade de experiência para satisfazer a ânsia individual de novos conhecimentos.

Esboçemos agora alguns conceitos-chave sobre os aspectos principais:

CONJUNÇÃO. — *Qualquer* conjunção entre dois planetas (ou entre um planeta e o Ascendente) num horóscopo individual deve ser considerada como importante, porque indica uma intensa fusão e interacção de duas energias vitais. A conjunção é o aspecto mais poderoso em astrologia, e as mais importantes e poderosas de todas conjunções são as que envolvem um dos «planetas pessoais» (Sol, Lua, Mercúrio, Vénus e Marte) ou o Ascendente. Estas conjunções caracterizam quase sempre dimensões dominantes da vida da pessoa, motivos e necessidades primordiais e modos particularmente fortes de fluxo energético e de expressão pessoal. A chave da conjunção é a *acção* e a *autoprojecção*; por isso, uma conjunção com um planeta pessoal ou com o Ascendente caracterizam uma dimensão da vida do indivíduo muito mais consistente e significativamente expressa do que qualquer outro aspecto da natureza da pessoa.

SEXTIL. — O significado do aspecto sextil não se me revelou durante anos até que compreendi que um sextil do Ascendente num horóscopo se relaciona com as cúspides quer da III quer da XI casa, que são ambas do «ar» e estão as duas relacionadas com amigos, projectos intelectuais e contacto com novas variedades de experiência. Por isso, parece-me que o sextil é um aspecto de *abertura* ao novo — novas pessoas, novas ideias, novas atitudes — e que simboliza a potencialidade de fazer novas ligações com pessoas ou com ideias que, em última análise, conduzem a novos conhecimentos. O sextil é principalmente um aspecto de flexidade e de compreensão potencial, e tende a ser um aspecto mental,

embora os planetas envolvidos neste ângulo devam ser tomados em conta. O mais importante talvez seja ainda o facto de o sextil mostrar uma área de vida onde a pessoa pode cultivar não só um novo nível de compreensão, mas também um mais profundo grau de objectividade que a poderá levar a um sentimento de grande liberdade.

TRINO. — Um trino representa um fluxo de energia fácil (mas dependente dos planetas envolvidos, às vezes indisciplinados) por canais estabelecidos de expressão. Não é preciso construir uma nova estrutura ou fazer ajustamentos de monta na vida para utilizar esta energia criativamente. Os planetas envolvidos no aspecto trino revelam dimensões da vida e energias específicas que são naturalmente integradas e fluem harmoniosamente. Contudo, este aspecto mostra, muitas vezes, o modo de *ser* mais do que o modo de *fazer*, porque, com frequência, a pessoa confia nas capacidades e talentos mostrados pelo trino e não se sente estimulada para fazer o esforço necessário ao uso construtivo da energia. Na verdade, em muitos casos, a pessoa confia tanto nas capacidades naturais que pode permanecer completamente inconsciente da sua riqueza se não for encorajada pelos outros a usar essas energias. Como os trinos mostram a área de vida em que podemos experimentar um fácil fluxo de energias complexas, eles dão, muitas vezes, indicações sobre o que um indivíduo faz para se tranquilizar e divertir; e — em termos de karma — pode presumir-se que estes aspectos mostram geralmente capacidades que desenvolvemos através de muitas vidas, assim se explicando que se manifestem tão facilmente no presente.

QUINCÓCIO (OU INCONJUNÇÃO). — Os planetas que fazem um ângulo de 150° indicam, muitas vezes, um forte fluxo de energia entre as dimensões de vida simbolizadas, mas o indivíduo pode sentir que a experiência dessas energias é demasiado compulsiva ou insistentemente perturbadora. Quase invariavelmente, existe uma necessidade de aguda destrinça como processo de obter a libertação dessas compulsões, e de alguma forma de disciplina que ajude discretamente a pessoa a transformar-se nesta área. Parece, com frequência, que para a sua expressão os dois factores envolvidos dependem um do outro e,

assim, a pessoa acha difícil exprimir um dos impulsos ou satisfazer uma das necessidades, sem também enfrentar a outra energia. Por isso, a destriça exigida deve assumir mais a forma de subtil ajustamento da perspectiva pessoal àquelas áreas da existência do que de uma tentativa para forçar uma radical divisão interior e uma total ruptura com os modelos do passado.

QUADRATURAS e OPOSIÇÕES. — Já dissemos o bastante, em anteriores capítulos deste livro, para dar ao leitor uma ideia razoável sobre as potencialidades que estes aspectos desafiadores encerram. Dos dois, a quadratura é o mais problemático, porque envolve, regra geral, planetas em elementos desarmónicos e, por isso, exige muito mais esforço, a fim de integrar energias tão divergentes. Um aspecto de quadratura mostra onde a energia deve ser libertada, geralmente através de acção definida para que uma nova estrutura possa ser edificada. A oposição, por outro lado, principalmente porque envolve, regra geral, planetas em elementos harmónicos, indica, muitas vezes, um grau de *sobrestimulação* do campo energético da pessoa, que se manifesta mais intensamente como um desafio na área das relações pessoais. Existe, muitas vezes, uma acentuada falta de objectividade, porque a pessoa tende a «projectar» diferentes aspectos da sua natureza nos outros; e, por isso, regista-se com frequência alguma dificuldade em distinguir o que é nosso e o que é dos outros. As quadraturas e oposições são necessárias, quer nos nossos horóscopos individuais, quer entre dois horóscopos em sinastría, a fim de podermos tomar consciência das nossas energias e desejos. Pode dizer-se que necessitamos das quadraturas e oposições como estímulos, mas que também necessitamos dos aspectos fluentes como recursos com que enfrentamos esses estímulos. A tensão envolvida nos aspectos desafiadores força-nos a agir de molde a alterar condições insatisfatórias, quer interiores, quer exteriores, porque, se não agirmos nem fizermos frente aos desafios, viveremos num estado de confusão e frustração interior.

Os planetas em aspectos desafiadores encerram mais energia do que aqueles que se encontram em aspectos harmónicos e, por isso, as pessoas têm de se *empenhar* mais nestas áreas de vida, por causa do maior desafio, e para, assim, aliviarem a tensão. Quando uma pes-

soa enfrenta eficazmente os desafios indicados, também obtém uma maior sensação de satisfação do que se tivesse usado apenas as energias harmónicas. Pode dizer-se que as quadraturas mostram aquilo que *temos* de enfrentar através da experiência imediata, enquanto os trinos indicam aquilo que provavelmente atingiremos sem esforço. Mas não podemos saber apenas através do horóscopo se preferiremos o desafio dos aspectos dinâmicos ou a facilidade dos ângulos fluentes. Muitos astrólogos têm afirmado que o aspecto de quadratura tem a natureza de Saturno — por isso, temos de o enfrentar. Outra qualidade saturnina relacionada com a quadratura é o *medo* — porque, muitas vezes, temos medo de nos confrontarmos com aquilo que as quadraturas simbolizam nos nossos horóscopos. Ao tentar encarar as oportunidades indicadas, devemos recordar-nos de que *o medo é o inimigo!* Recear o desafio restringe a energia disponível para resolver qualquer problema existente. Às vezes deparo com um horóscopo onde faltam quadraturas e conjunções desafiadoras e penso que muitas pessoas nunca aprenderam a enfrentar problemas ou desafios. Vivem no seu próprio mundo (regra geral, um mundo de ilusões) e muitos dos seus problemas parecem ser autocriados nesta vida, mais do que provenientes de um karma difícil do passado.

Aspectos e karma

Os planetas envolvidos nos aspectos desafiadores fornecem-nos uma rigorosa visão do tipo de karma que devemos enfrentar nesta vida, especialmente porque os planetas em tais configurações nos mostram as nossas mais profundas ligações, os nossos mais desequilibrados padrões mentais e emocionais. Muitas vezes, parece que determinada função e energia planetárias estão, em certa medida, bloqueadas ou inibidas, a fim de que possamos — através da experiência imediata — compreender as *implicações* das nossas acções, das nossas emoções, dos nossos pensamentos e dos nossos desejos. Se este modelo de pensamento ou de acção pudesse ser expresso sem dificuldade (uma dificuldade que nos força a reconsiderar aquilo que fizemos) como poderíamos aprender alguma coisa? Continuaríamos a agir segundo os nossos velhos hábitos, sem reflexão ou auto-análise. Na verdade, parece que um planeta num aspecto desafiador reflecte um mau uso anterior desta energia no passado, hábito negativo que chegou até ao presente. Nesta vida, contudo, podemos *libertar* desses desequilíbrios e bloqueios a nossa natureza. Trinos, sextis, e conjunções harmónicas podem também indicar ligações, mas creio que tais

ligações não são negativas ou espiritualmente destrutivas, a ponto de nos abaterem ou bloquearem a nossa energia vital de um modo alarmante. Claro que aquilo que determinado aspecto mostra num horóscopo individual deve ser considerado em relação com os outros factores e com o estilo de vida, os ideais e as realizações da pessoa.

Damos a seguir aos leitores algumas linhas de orientação para este modo de encarar os aspectos. Os seguintes planetas em aspectos *desafiadores* podem ser considerados como indicando estes géneros de tendências, dependências ou ligações:

SOL: demasiada tendência para ser alguém especial.

LUA: demasiada ligação ao passado, aos antecedentes familiares e raciais e à paz terrena (no sentido em que se espera que o mundo exterior seja perfeito).

MERCÚRIO: demasiada tendência para o orgulho intelectual e mental.

VÊNUS: demasiada dependência do conforto físico, da satisfação emocional e dos outros em geral.

MARTE: demasiada tendência para a acção, para o êxito, para vencer os outros e para não desistir dos desejos primordiais.

JÚPITER: demasiada tendência para fazer coisas «em grande» (e, assim, para a falta de humildade).

SATURNO: demasiada dependência da aprovação social, do poder, da autoridade e da reputação.

Na segunda parte deste capítulo, deter-me-ei principalmente nos aspectos que envolvem Urano, Neptuno e Plutão. Os aspectos de Saturno já foram abordados no capítulo V e, à excepção destes, são só os que envolvem os planetas trans-saturninos que verdadeiramente podem ser considerados «aspectos de transformação». (Trataremos dos aspectos importantes que envolvem o Ascendente no capítulo X.) Além disso, dedicaremos particular atenção aos aspectos com os trans-saturninos que envolvem um dos planetas pessoais, pois esses aspectos são, de longe, os mais importantes, já que indicam dinâmicas interiores, involgarmente imediatas e compulsivas.

Aspectos com Úrano

Enquanto os aspectos de Saturno mostram onde temos pouca liberdade e onde devemos disciplinar ou atenuar determinado canal de expressão, os aspectos que envolvem Úrano mostram onde deve-

mos abrir-nos, experimentar coisas novas e diferentes, e tornarmo-nos mais receptivos à verdade com objectividade completa. Todos os aspectos de Úrano com planetas pessoais indicam áreas das nossas vidas onde temos uma forte ânsia de atingir a liberdade de expressão sem restrições e onde sentimos a necessidade de constante excitação e experiência. É nestas áreas de vida que queremos ser diferentes dos outros, que nos queremos libertar das tradições opressivas e dos condicionalismos do passado e onde, muitas vezes, existe uma acentuada capacidade de originalidade, de invenção, de notável objectividade. Contudo, embora exista esta capacidade para modos tão positivos de expressão em qualquer pessoa em quem a vibração de Úrano toque alguma dimensão da sua vida (por outras palavras, que tenha Úrano num aspecto principal quase perfeito com qualquer planeta pessoal ou com o Ascendente), não podemos esquecer que Úrano representa uma vibração altamente nervosa, temperamental e rapidamente alterável. Numa fracção de segundo pode haver uma mudança (ou «repolarização») de um extremo ao outro, e a constante necessidade de excitação e, muitas vezes, de mudança sem qualquer objectivo, pode levar à teimosia, à impaciência e ao fanatismo. Ao considerar os aspectos com Úrano, bem como os aspectos dos outros planetas trans-saturninos, devemos ter cuidado em não avaliar determinada configuração como podendo, *a priori*, ser expressa construtiva ou destrutivamente, porque, mais do que qualquer outro planeta, Úrano representa o nível de consciência psicológica no qual uma pessoa pensa e actua de modos *simultâneos* mais do que *disjuntivos*. Por outras palavras, um uraniano exprime, regra geral, duas polaridades — positiva e negativa — e pode exprimi-las simultaneamente!

Para nos concentrarmos na essência dos aspectos de Úrano podemos estabelecer alguns princípios:

- a) Os aspectos de Úrano revelam um ritmo *espasmódico* de actividade e de fluxo energético; este ritmo pode mudar num momento e é totalmente imprevisível. As manifestações criativas da energia de Úrano são, regra geral, acompanhadas por algumas das menos desejáveis qualidades uranianas.
- b) A correlação de Úrano com a actividade espasmódica explica muitos padecimentos físicos, cuja causa, segundo o Dr. William Davidson, é o espasmo¹⁷. Por isso, a energia

¹⁷ Cf. *Lectures on Medical Astrology*, pelo Dr. William Davidson, publicado por The Astrological Bureau, Monroe, N. Y. (pedidos a CRCS Publications).

de Úrano é sentida com muita dureza no corpo físico, e as pessoas particularmente sintonizadas com Úrano devem cultivar processos específicos de controlar o constante *stress* a que a energia de Úrano submete o sistema nervoso.

- c) Úrano *electriza* tudo em que toca. Por isso, qualquer planeta pessoal em *qualquer* aspecto quase perfeito com Úrano é *electrizado*, acelerado e submetido a faíscas de alta tensão que iluminam as profundezas, a impulsos e a experiências perturbadoras. (A correlação de Úrano com a electricidade parece ser válida não apenas literalmente como também metaforicamente, porque a descoberta de Úrano pressagiu a era das comunicações que utilizam a tecnologia electrónica, e os uranianos são conhecidos pelo prazer que têm em fazer coisas que *choquem* os outros, despertando-os da letargia da tradição.)
- d) A objectividade e liberdade impessoal que caracterizam Úrano são, em certas situações, qualidades positivas. No entanto, esta orientação é, muitas vezes, acompanhada de uma falta de calor pessoal e mesmo de uma indiferença extremamente fria em relação aos outros e aos sentimentos próprios mais profundos, tudo dependendo, em especial, dos signos em causa.
- e) Em última análise, Úrano é impossível de submeter ou classificar rigidamente porque quebra todas as regras e obriga o indivíduo a comprazer-se intensamente com a destruição de todas as convenções.
- f) O significado transformador dos aspectos de Úrano pode resumir-se dizendo que Úrano serve o objectivo de repolarizar radicalmente a perspectiva de um indivíduo em determinada área de vida e de apagar rapidamente todos os traços de modelos do passado. Abre a pessoa a novas áreas de experiências, quer através de uma excitação agradável ou de chocantes crises traumáticas; mas, de um modo ou de outro, quer goste ou não, a pessoa é confrontada com a liberdade de experimentar novos modos de viver.

Ao abordar a seguir alguns intercâmbios planetários, deter-me-ei fundamentalmente na qualidade de energia e experiência simbolizadas por cada combinação. Contudo, dedicarei atenção especial ao modo como a energia se manifesta quando as combinações formam aspectos dinâmicos. Não quero perder o meu tempo nem fazer perder o vosso,

repetindo aquilo que outros autores já explicaram com clareza, por exemplo Carter, no seu livro *The Astrological Aspects*, e Oken, em *The Horoscope, the Road and Its Travellers*, obras que tratam excelentemente dos aspectos específicos¹⁸. Portanto, limitar-me-ei a salientar as qualidades desses aspectos que me parecem particularmente interessantes, invulgares, importantes ou mal compreendidas.

Aspectos Sol-Úrano

A individualidade é afinada pela vibração excitável, imprevisível e egocêntrica de Úrano. A pessoa é, muitas vezes, invulgarmente criativa em diversas actividades, mas tem dificuldade em assentar em determinado campo de especialização porque sente uma forte necessidade de estímulos novos e constantes, e não gosta da rotina. Por isso, estas pessoas experimentam muitos tipos de vida, de trabalho, de relações e de interesses durante as suas existências. Sentem, regra geral, necessidade de juntar forças, com vista a atingirem um objectivo de grande amplitude, embora, muitas vezes, descubram que a cooperação exigida pelo esforço de grupo põe acentuadamente à prova a sua paciência. Há quase sempre uma poderosa afirmação de independência; e actuam geralmente na presunção de que têm o direito de fazer tudo o que querem, independentemente das responsabilidades e deveres que possam ter assumido. Encontra-se a teimosia e a atitude «eu sei tudo» em muitos destes indivíduos; os que têm aspectos desafiadores exibem ainda mais esta característica do que os outros.

No melhor dos casos, estas pessoas são verdadeiramente científicas no sentido literal da palavra, quer dizer, estão abertas a tentar tudo, pelo menos uma vez, a fim de poderem *conhecer*, pela sua própria experiência, o que é verdadeiro e o que é falso. Os que têm Úrano em aspecto quase perfeito com o Sol mostram, muitas vezes, qualidades e energias comumente associadas ao Sol em Aquário. Estas pessoas tendem também a experimentar mudanças periódicas *radicais* nas suas estruturas de vida e no seu modo de auto-expressão,

¹⁸ O livro de Carter deve ser estudado com todo o cuidado se quisermos penetrar nas suas mais profundas análises. Algumas das suas apreciações devem ser encaradas com reserva, visto que, por vezes, faz afirmações rígidas ou distorcidas, e cai no erro de utilizar as categorias de configurações boas/más. Mas não nos podemos esquecer de que o livro foi escrito em 1930, quando este tipo de linguagem astrológica era comum. A obra continua a ser um manual de grande penetração e de observações bem raciocinadas, e constitui um dos poucos trabalhos astrológicos que a cada leitura me revela novas pistas.

porque, quando qualquer trânsito ou progressão importantes activam o Sol, também activam Úrano.

A principal diferença entre os aspectos fluentes e desafiadores deste tipo pode ser delineada assim: aqueles que têm aspectos fluentes são, regra geral, capazes de integrar as suas novas perspectivas e experiências, e os seus novos impulsos, na estrutura de vida que já estabeleceram, enquanto os que têm aspectos desafiadores sentem, com frequência, uma tentação que os impele a saltar do seu modo de vida habitual para o desconhecido, com grande radicalismo. Com os aspectos fluentes, a consciência psicológica da pessoa pode ser transformada e o estilo de vida alterado em profundidade, periodicamente, mas o indivíduo tem, regra geral, capacidade para construir novas atitudes e orientações sobre os alicerces do velho; por outro lado, os que têm aspectos mais dinâmicos sentem, muitas vezes, que devem abandonar todos os restos do velho, a fim de ficarem totalmente livres para experimentarem as potencialidades das novas sementes que germinam. Ambos desfrutam de súbitos relances de percepção aprofundada, mas — embora esses relances possam, por vezes, ser acentuadamente incorrectos e pouco seguros — os que têm aspectos dinâmicos possuem uma tendência mais forte para extremismos de opinião, sem cuidarem da sua correcção.

Com os aspectos fluentes e desafiadores, o indivíduo tem capacidade para alargar as fronteiras do pensamento e da acção, mas a diferença entre os aspectos parece estar em que os que possuem aspectos desafiadores não conseguem, muitas vezes, enfrentar o impulso de mudança e sentem dificuldade em suportar a tensão que ele cria. Parecem, por isso, impelidos a abandonar radicalmente as normas ou o velho estilo de vida, somente para se libertarem da tensão. Os que têm aspectos desafiadores põem, assim, geralmente, de parte aquilo que outras pessoas podiam conservar. Excitados com as possibilidades de terem novos e mais livres horizontes de vida, convencem-se de que o processo mais rápido de atingir o novo é deitar simplesmente fora o velho, sem preservar qualquer vestígio de sentimentalismo. E como acreditam naquilo que fazem e no seu direito de fazer quase tudo, não guardam segredo acerca dos seus planos; tendem a ser extremamente sinceros e honestos, embora, muitas vezes, se mostrem falhos de tacto e insensíveis relativamente aos sentimentos dos outros. Como o meu editor — com o Sol em conjunção com Úrano — diz, seja qual for o aspecto, as pessoas de Sol-Úrano têm por papel exprimir completamente a sua individualidade como um *testemunho* da singularidade e valor de cada indivíduo. Ultrapassando o mero egocentrismo, estas pessoas podem ser canais da vibração verdadeiramente humanitária de Úrano.

Aspectos Lua-Úrano

Algumas das qualidades e princípios atrás descritos a propósito dos aspectos Sol-Úrano, podem também aplicar-se aos aspectos Lua-Úrano. Contudo, como Carter sublinhou, existe, muitas vezes, nestes aspectos uma inflexibilidade e uma dificuldade no ajustamento às alterações de vida que parece comum aos aspectos fluentes e aos desafiadores. Isto pode explicar-se se soubermos que os aspectos fluentes são geralmente bastante preguiçosos; por isso, o indivíduo não quer adaptar-se a qualquer influência externa e prefere manter o curso da acção que iniciou. Os aspectos desafiadores podem também manifestar-se, em alguns casos, do mesmo modo inflexível, mas, noutros, existe uma forte tendência para a mudança e para a excitação, que leva a pessoa a saudar os estímulos exteriores que conduzem à revisão do seu estilo de vida. Aparentemente, aqueles cujos horóscopos contêm os aspectos dinâmicos de Úrano com a Lua pouco mais podem fazer do que se habituarem à necessidade de periódicas mudanças radicais nas suas vidas, a começar na infância. Estes dois tipos de aspectos serão melhor compreendidos se os relacionarmos com o significado essencial da Lua em Aquário, onde encontramos uma forte necessidade de variedade e mudança, juntamente com o impulso irreprímível do controlo e, assim, de resistência a alterar o nosso espírito. (Aquário é um signo *fixo*.) Aquário é um misto complexo de abertura experimental a tudo o que seja novo e diferente, e de uma tendência para a inflexibilidade, mesmo para a adesão fanática a uma ideia ou atitude. Tal complexidade é especialmente forte se a Lua estiver em Aquário; qualidades semelhantes aparecem naqueles cujos horóscopos contêm aspectos Lua-Úrano.

A intuição é particularmente incisiva nos que têm estes aspectos (embora se possa dizer que os aspectos fluentes indicam um tipo de intuição mais segura e regular), porque a Lua é um planeta intuitivo e receptivo. Os que têm aspectos desafiadores possuem, muitas vezes, um desejo consciente ou uma tendência interior para alterarem a sua identidade de uma maneira *radical* e para se libertarem dos condicionalismos do passado, nos quais se baseia o seu antigo sentido de individualidade. Isto reflecte-se no facto de muitas dessas pessoas procederem-se a uma ou mais mudanças de nome durante esta vida (além da habitual mudança de nome que as mulheres tradicionalmente aceitam quando casam). Por vezes, isto acontece à pessoa na juventude e, por exemplo, quando um dos pais casa outra vez; noutros casos, parece que escolhem um novo nome devido ao seu simbolismo transformador.

Carl Payne Tobey, que escreveu alguns textos particularmente incisivos sobre os aspectos, sublinha que aqueles que têm aspectos desafiadores de Úrano tomam decisões que «são como a torrente que rebenta o dique». Existe, regra geral, muito desassossego; e os homens que têm estes aspectos (de qualquer tipo) consideram, muitas vezes, o casamento tradicional e a monogamia como extremamente limitativos da sua necessidade de experimentar vários modos de expressão emocional. Tobey também salienta que os aspectos fluentes de Úrano com a Lua produzem geralmente qualidades raras e úteis, tais como uma acentuada eficiência de método em muitas áreas de actividades. Escreve Tobey que «reflexos excelentes permitem à pessoa reagir bem a quase todas as situações» e acrescenta que esses indivíduos podem contar com a visão certa no momento exacto, porque reagem da maneira adequada e instantaneamente. Esta ideia vai ao encontro do facto de aqueles que têm Úrano em aspecto quase perfeito com planetas pessoas (especialmente o Sol, a Lua e Mercúrio) possuírem a capacidade de extrair informações e conhecimentos de outras dimensões numa fracção de segundo, a fim de enfrentarem qualquer problema. A única coisa de que precisamos, para utilizar esta informação, é uma grande capacidade de distinguir entre o conhecimento verdadeiro e objectivo, e as simples opiniões fanáticas, ditadas pela emoção.

Aspectos Mercúrio-Úrano

Todos os aspectos de Mercúrio com Úrano denotam, de algum modo, uma sintonia do espírito consciente, lógico, com o Espírito Universal, mas deve prestar-se atenção à harmonia dessa sintonia. Todos estes aspectos indicam que o sistema nervoso e as percepções estão aptos a permitir à pessoa grande capacidade de penetração, engenho, originalidade e memória; contudo, o funcionamento do espírito tende a ser errante e inseguro, especialmente quando os aspectos são desafiadores. Estes aspectos simbolizam uma invulgar associação de ideias, aparentemente irrelacionáveis, com profunda e rápida visão da sua essência. O cérebro trabalha tão depressa que as outras pessoas podem pensar que essas correlações são ilógicas ou mesmo ridículas, enquanto a pessoa cujo horóscopo mostra aquele aspecto se sente, muitas vezes, impaciente com a lentidão de pensamento dos outros. No entanto, se o cérebro da pessoa estiver bem sintonizado com Úrano, as ideias assim produzidas são, *a posteriori*, reconhecidas como lógicas, embora o indivíduo pareça saltar algumas fases analíticas para chegar às suas deduções. Uma pessoa com estes

aspectos é, regra geral, impaciente perante o sistema tradicional da educação formal que concede pouca liberdade ao pensamento original e criativo, e lho limita, impondo-lhe limites rígidos ao âmbito da verdade que é permitido perceber.

Por isso, embora o cérebro de uma pessoa destas pareça, muitas vezes, funcionar mais por intuição do que pela lógica, existe, geralmente, um processo lógico em funcionamento quando a sintonia é perfeita. Estas pessoas são, no entanto, quase sempre nervosas, pensadores algo excêntricos, cujo âmbito de ideias originais é vasto, não obstante de modo algum idêntico quanto à qualidade. Em casos extremos, a pessoa parece adorar o conhecimento intelectual e tender para a síndrome do «sei tudo». E em quase todas as pessoas cujos horóscopos contêm estes aspectos, a tendência para os relances de penetração ou de novas ideias leva-as a mostrarem-se inconsistentes e mentalmente indisciplinada. Um dos factores-chave neste tipo de pessoas é que ela se excita tanto com as suas próprias ideias e se envaidece de tal modo com o funcionamento do seu próprio cérebro que raramente pára para ouvir os outros ou para absorver o tipo de informação de que precisa para aperfeiçoar as suas impressões mentais e originais. Esta impaciência, especialmente quando o aspecto é desafiador, prejudica, muitas vezes, a capacidade da pessoa para se relacionar facilmente com os outros. Na verdade, como podemos relacionar-nos se não somos capazes de ouvir o ponto de vista dos outros? A oposição de Úrano e Mercúrio manifesta-se sobretudo num errante funcionamento mental. A pessoa pode ser umas vezes brilhante — com uma memória fotográfica e uma compreensão rápida de novas ideias — e outras vezes distraída e fanaticamente teimosa. Embora os impulsos mentais sejam errantes, parece que a pessoa com qualquer aspecto destes dois planetas possui a capacidade de recorrer ao seu reservatório de conhecimentos e faculdades de penetração, sempre que tal for verdadeiramente importante: em momento de dificuldades, as capacidades mentais entram a funcionar em pleno. Conheço, por exemplo, um médico com Mercúrio em oposição com Úrano que nunca estudou, excepto imediatamente antes dos exames. Nessa altura, folheava os livros, «fotografava» mentalmente a matéria e obtinha sempre altas classificações. Foi o terceiro do seu curso. A nível pessoal não tem amigos íntimos porque é incapaz de comunicar harmoniosamente com os outros e, como é muito impaciente com todos, ninguém sente prazer na sua companhia. É tremendamente teimoso e quase não possui a abertura de espírito geralmente associada a estes aspectos. É também um exemplo do tipo de pessoa com este aspecto de oposição, cujos principais problemas na vida provêm da sua incapacidade de comunicar.

Aspectos Vénus-Úrano

Os aspectos que envolvem Vénus são muito mal explicados na maior parte dos livros de astrologia; por isso, antes de os abordar, convém clarificarmos um ponto importante acerca de todos os aspectos de Vénus. Os aspectos de Vénus no horóscopo (bem como o signo em que se coloca) mostram a *capacidade* para relações conscientes com outro ser humano. Os aspectos desafiadores com Vénus não significam necessariamente que uma pessoa não seja amada ou que não sinta amor dentro de si própria; querem apenas dizer que o indivíduo pode tender para bloquear a *expressão* de sentimentos amorosos, inibindo-se também de receber afecto dos outros.

Todos os aspectos entre Vénus e Úrano têm sido mal explicados nos livros tradicionais, principalmente os aspectos desafiadores. Os aspectos dinâmicos entre estes dois planetas têm sido denominados «aspectos de divórcio» e, muitas vezes, relacionados com a promiscuidade e a perversão sexuais. Não existe, evidentemente, qualquer verdade na relação de tais aspectos com estes tipos de experiência; como Carter escreve, estes aspectos «não inclinam à promiscuidade ou ao vício vulgar, e a sua relação com a perversão sexual têm sido provavelmente muitíssimo exagerada». Embora existam casos em que tais aspectos parecem estar relacionados com este tipo de comportamento, a maioria das pessoas cujos horóscopos os contêm exprimem essas energias de modos mais subtis. Existe, regra geral, uma forte necessidade de excitação emocional e de aventuras românticas, mas o grau de sensualidade e de sexualidade dependerá, em primeiro lugar, do *signo* que Vénus ocupa, e de outros factores do horóscopo. Se Vénus estiver em Escorpião ou Touro, por exemplo, haverá muito maior probabilidade de experiência sexual do que se Vénus estiver em Balança, Gémeos ou Leão; na verdade, Vénus em alguns signos exige expressão *física* mais intensa do que noutros, a fim de se obter um sentimento de intimidade e de libertação emocional. Existe, regra geral, um desejo de experimentar muitos tipos de relações e de insistir, com extraordinário grau de liberdade, em contactos íntimos. Nalguns casos, essa necessidade *terá* uma expressão homossexual, bissexual, orgiástica ou noutros tipos de comportamento culturalmente inconvençãoal (porque Úrano, no fim de contas, nos impele a cortar radicalmente com as normas culturais). No entanto, a maior parte das pessoas com tais aspectos, especialmente os fluentes, exprimirá aquilo a que Tobey chama uma «inconvençãoalidade discreta». Manifestarão forte interesse pelo sexo oposto na maior parte dos casos e quase sempre terão uma vida social activa.

que inclui uma ampla variedade de pessoas, nem sempre convencionais.

Os aspectos fluentes de Vénus e Úrano revelam, muitas vezes, a capacidade de entendimento harmonioso, com abertura de espírito, com todas as espécies de pessoas. Os principais problemas indicados mesmo nestes aspectos relativamente harmónicos são a inconstância e a impersonalidade, que podem levar a pessoa a cansar-se facilmente de qualquer relação que deixe de ser especialmente excitante. A combinação de Úrano, impessoal e distante, com Vénus, pessoalmente orientada e sensível, não é o mais compatível dos intercâmbios, mas os aspectos fluentes nem sempre se manifestam com a mesma qualidade problemática exemplificada nos desafiadores.

O desassossego emocional desta combinação atinge a sua fase mais intensa nos aspectos dinâmicos, quando o egocentrismo, a frieza, a insensibilidade e a insistência no direito a fazer tudo sem olhar aos outros, cria dificuldades nas mais importantes relações das pessoas. A conjunção, a quadratura, o quincócio e a oposição podem manifestar-se de modo algo semelhante, mas a oposição entre Vénus e Úrano é especialmente indicadora de graves problemas de relação, porque não só Vénus, como também a natureza do aspecto de oposição, simbolizam *relação*. O egocentrismo que caracteriza estes aspectos dinâmicos tem sido, muitas vezes, sublinhado, mas raramente explicado em função da sua dinâmica interior. Estas pessoas têm, com frequência, medo de amar a um nível íntimo pessoal, porque sentem que tal empenhamento restringirá a sua liberdade emocional. Existe uma qualidade errante, tensa, no campo energético emocional que se manifesta numa «susceptibilidade» e insegurança nervosas, as quais podem, no entanto, não ser imediatamente evidentes. Há uma tendência para a pessoa não se deixar amar (excepto irregularmente), devido ao hábito de fugir de qualquer ligação emocional. O medo de ser ferido implica que a pessoa será ferida e o medo de rejeição é extremamente comum naqueles que nasceram durante qualquer um destes aspectos dinâmicos. Por isso, estas pessoas tentam inconscientemente adaptar-se aos seus sentimentos, passando aos seus amigos ou amantes a subtil mensagem: «Realmente preciso de ti.» E tendem, assim, a conceder ao outro uma grande margem de liberdade. Contudo, esta margem é, por vezes, excessiva e começa a crescer um abismo entre os dois. O outro pode receber uma mensagem diferente: «Estou cansado de ti. Não preciso da tua presença para nada.» Deste modo, as pessoas com estes aspectos estão, de facto, a *promover* a rejeição ou a forçar o outro a ir à procura de um afecto pessoal e profundo. Em alguns casos, a pessoa cujo horóscopo tem um destes aspectos mostra-se extremamente ego-

cêntrica e insensível, ao mesmo tempo que se queixa: «Ninguém gosta de mim.» Neste caso, pode presumir-se que tal comportamento nas relações constitui uma orientação kármica de vidas passadas, e o importante é compreender que existe um modelo de energia viva nesta vida. E que o indivíduo está a criar a sua infelicidade no presente, ao agir segundo modelos velhos. Parece, muitas vezes, que um dos objectivos transformadores de se nascer com este aspecto é aprender a dar-se (Vénus) livremente (Úrano), mas com certo grau de equilíbrio e sensibilidade, sem nos isolarmos dos sentimentos humanos.

Aspectos Marte-Úrano

Qualquer intercâmbio entre Marte e Úrano indica um fluxo de energia extremamente dinâmico que, regra geral, se manifesta em capacidade de decisão, de determinação e em excepcionais recursos energéticos. Um aspecto destes tende a indicar um forte desassossego e uma fácil excitabilidade, especialmente na área do impulso sexual, do movimento físico e da ambição. Há, geralmente, coragem considerável, ousadia, capacidade de invenção e de chefia, e independência pessoal. Como Carter escreve, a pessoa tende a «conhecer o seu próprio espírito muitíssimo bem»; no entanto, não se pode deduzir necessariamente que a pessoa *compreenda* sempre o que realmente a motiva, visto que se trata de aspectos de actividade compulsiva, de aventura, de excitação. A pessoa é estimulada por novas fronteiras do conhecimento ou de actividade (repare-se no signo que Marte ocupa) e existe, muitas vezes, talento para a mecânica ou para a engenharia. (Por exemplo, as duas únicas mulheres engenheiras que conheço têm oposições Marte-Úrano.) Verifica-se um intercâmbio de grande tensão geralmente excessiva; e, principalmente com os aspectos dinâmicos, a tensão irrompe agora e logo, em explosões de fúria, violência (física, verbal ou emocional), destruição sem objectivo ou actividade sexual de algum modo violenta. No entanto, apesar de esta reputação de violência que tais aspectos possuem ter a sua razão de ser, as poderosas energias simbolizadas não têm fatalmente de assumir essa forma. Por exemplo, intercâmbios entre Marte e Úrano são comuns em horóscopos de curandeiros, inventores e «supervendedores» que apenas subjugam o potencial comprador dos seus produtos. O médico chamado «Mr. A.», no excelente livro de Ruth Montgomery *Born To Heal*, nasceu com Marte em quadratura com Úrano, e a sua biografia revela curas incríveis que fez, utilizando essas formidáveis energias. Muito de-

pende do modo como Marte e Úrano se relacionam com os outros planetas no horóscopo, e do signo em que Marte está colocado. Se um deles — ou ambos — estiver num aspecto fluente com qualquer um dos planetas pessoais ou com Saturno, é provável que a expressão de violência se atenuie; as perguntas que devemos fazer ao estudar estes aspectos num horóscopo são: Que controlo e direcção tem esta energia? Está a pessoa envolvida em actividades que possam absorver energia tão intensa? Uma das melhores características deste tipo de libertação de energia é que a pessoa é, regra geral, capaz de enfrentar todos os tipos de desafios e emergências. Na verdade, muitas vezes até os procuram, nem sempre com consciência disso. Como Carter escreve, «é frequente o carácter mostrar-se melhor em momentos de perigo ...»

Os aspectos dinâmicos tendem, em particular, para uma total falta de paciência, e a incapacidade de a pessoa controlar e temperar o seu extremismo é talvez a pior característica desta combinação. A teimosia é, em muitos casos, fanatismo, e impõe-se, muitas vezes, a necessidade de uma excitação bastante brutal. Como Carter escreve, uma pessoa assim «*quer seguir o seu próprio caminho*, seja a que que preço for». Se um indivíduo for capaz de experimentar a excitação que pretende de uma maneira mais refinada e concentrada, estes aspectos podem ser invulgarmente criativos, mas, na maior parte das pessoas, o desejo de liberdade e a total indiferença por qualquer tipo de restrição são tão fortes que geram uma vibração irritante e perturbadora no campo energético. Em tais casos, é apropriada a análise de Carter: «O nativo ... não está frequentemente talhado para a vida vulgar; é claramente impróprio para a vida de casado ou para qualquer modo limitado ou ordenado de vida ...» Tenho, muitas vezes, perguntado a mim próprio se estes aspectos não serão, em muitos casos, reminiscências de experiências de guerra de vidas passadas ou de a pessoa ter sido treinada em formas extremas de dureza físico-psicológica.

Em resumo, podemos dizer que os aspectos de Úrano com todos os planetas pessoais (e, particularmente, os aspectos desafiadores) indicam fases de desenvolvimento nas quais as nossas atitudes, sintonias de energia e estruturas básicas de vida são radicalmente transformadas, permitindo-nos abandonar os velhos modelos que impedem o nosso progresso. Os uranianos são, assim, desafiados a aprender como equilibrar a sua necessidade de liberdade com a responsabilidade que assumiram. Electrizada, intensamente excitada, uma dimensão específica da experiência (simbolizada pelo planeta em posição com Úrano) sofre uma transformação, acelerando o nosso desenvolvimento ao permitir-nos obter um extraordinário manan-

cial de experiência num período de tempo relativamente curto. Através da influência de Úrano somos impelidos para o futuro e lançados rapidamente em novas experiências que encerram altas potencialidades e a possibilidade de grande abertura e objectividade.

Aspectos com Neptuno

Tal como os aspectos de Úrano, os de Neptuno também indicam dimensões específicas das nossas vidas (consoante os outros planetas envolvidos) onde temos ânsia de experimentar um novo nível de liberdade. Todavia, existe uma diferença subtil, mas importantíssima, nos tipos de liberdade que Úrano e Neptuno representam. Enquanto Úrano simboliza um impulso individualista, egocêntrico, teimoso, de liberdade de expressão, Neptuno representa idealmente uma ânsia de liberdade última e transcendente, na qual abandonemos as limitações da personalidade e fiquemos libertos dos limites do intelecto e do ego. Neptuno indica um anseio de experimentar um estado de unidade com toda a vida, uma fusão com o todo da existência e a dissolução de todos os limites, e sentimentos de separação e de egocentrismo. Talvez o modo mais prático de exprimir a natureza essencial de Neptuno seja dizer que os seus aspectos representam processos pelos quais tentamos escapar de todas as limitações: tradição, ego, mundo material e a dureza da vida quotidiana. Embora muitos livros tenham correctamente explicado que os aspectos de Neptuno se relacionam com a imaginação e que os aspectos desafiadores revelam, muitas vezes, decepção, confusão e dissipação, não sublinham, regra geral, o facto mais importante, isto é, que qualquer aspecto quase perfeito de Neptuno com um planeta pessoal ou com o Ascendente indica a possibilidade de se obter a compreensão imediata da dimensão espiritual da experiência e da unidade de toda a criação; e que os aspectos desafiadores, mais do que os fluentes, se manifestam na marcha definida que o indivíduo enceta para incorporar os ideais espirituais na sua vida diária. É verdade que tais aspectos podem exprimir-se negativamente como, por exemplo, através da auto-ilusão, do egotismo pseudo-espiritual, do escapismo auto-destrutivo e do hábito de fugir a todas as responsabilidades próprias ou com os outros. Contudo, mesmo essas manifestações negativas são, muitas vezes, uma indicação de que a pessoa começa finalmente a sentir os mais fundos apelos da alma, mas não aprendeu ainda o significado essencial desses sentimentos nem a distinguir entre os vários modos de os enfrentar. Existe, com frequência,

confusão, devido ao facto de a pessoa continuar a procurar, no mundo exterior, estádios mais elevados de consciência ou a experiência completa de um ideal espiritual. Isto leva naturalmente à desilusão, uma vez que, na essência, Neptuno representa uma sintonia com os ilimitados recursos do mundo *interior* e com a realidade dos níveis intangíveis da experiência. Na verdade, podemos definir os aspectos desafiadores de Neptuno como fases da vida em que aprendemos a conhecer os valores e realidades espirituais de um modo subtil, experimentando a desilusão ao máximo! A dimensão da experiência em que nos defrontamos com essa desilusão é simbolizada pelo planeta em aspecto quase perfeito com Neptuno.

Como dissemos no capítulo III, os aspectos desafiadores de Neptuno são, muitas vezes, mais criativos e produtivos do que os fluentes. Podemos, de facto, chamar aos aspectos dinâmicos de Neptuno com planetas pessoais «aspectos de busca espiritual». Isto, é claro, não significa que *todos* os que têm tais aspectos nos seus horóscopos estejam conscientemente a perseguir uma orientação estrutural nas suas vidas, mas indica que quando um conselheiro astrológico vê um aspecto desafiador quase perfeito, entre Neptuno e um planeta pessoal num horóscopo, deve explorar as inclinações espirituais mais profundas da pessoa, em vez de se concentrar apenas nos problemas do dia-a-dia com os quais esses aspectos tantas vezes se relacionam. Ao realçar o significado mais profundo de tais aspectos e dos mais ocultos anseios do indivíduo, o astrólogo verificará, regra geral, que o seu cliente poderá obter uma perspectiva totalmente nova das várias dificuldades se for encorajado a considerar tais áreas de confusão como espiritualmente significativas e mesmo espiritualmente desejáveis. Na verdade, quando se adopta um ponto de vista espiritual, toda a nossa perspectiva muda radicalmente: aquilo que dantes era visto como um grande problema torna-se uma bênção, e o que anteriormente se considerava um sofrimento a padecer com sacrifício transforma-se num caminho de maior abertura e uma realidade transcendente e inspiradora.

Como o significado geral de Neptuno e os seus aspectos foi explorado no capítulo III, podemos agora estabelecer alguns princípios básicos que nos guiem na compreensão desses aspectos. O leitor poderá, assim, rever a última parte do capítulo III antes de se debruçar sobre os seguintes princípios:

- a) Os aspectos de Neptuno indicam áreas da vida em que a pessoa se abre ao infinito e ao ilimitado. À medida que começamos a experimentar esta abertura, contactando, assim, com um domínio da vida infinitamente promete-

dor, mas ainda totalmente por formar e por integrar em estruturas mentais estabelecidas, verifica-se, muitas vezes, alguma confusão e, como Carter escreve, uma «tendência para não tomar partido, para evitar opções definidas, quer teóricas quer na acção». Este estado de incerteza tende a manter-se problemático até compreendermos que é necessário agir de um modo definido e assumir compromissos do nosso ponto de vista necessariamente limitado, enquanto nos contemos no corpo físico. Por outras palavras, enquanto estivermos no plano relativo, temos de agir no plano relativo, embora a nossa atitude espiritual possa dizer-nos que essa percepção limitada é irreal e ilusória. Nunca podemos conhecer todas as implicações subtis de qualquer acção ou a totalidade do nosso karma futuro; por isso, temos de viver no presente, fazendo o melhor possível e deixando o resto ao Senhor. Como diz um mestre espiritual, neste plano devemos ser «actores *sinceros*», representando até ao fim os papéis que nos distribuíram: estar no mundo, mas não ser dele. É necessário uma aguda e extremamente apurada capacidade de destrição espiritual para enfrentar qualquer forte influência de Neptuno se não quisermos ser vítimas da tentadora, mas auto-ilusória, sedução da sua magia.

- b) As pessoas que tiverem uma forte dependência de Neptuno (quer através de aspectos com planetas pessoais do planeta em Peixes, de Neptuno situado na I casa ou de Peixes ascendente) precisam em absoluto de encontrar o modo *definido* e *disciplinado* de exprimir a sua ânsia de transcendência e de libertação. Se uma pessoa assim não encontrar e aderir a determinado ideal, programa de autodesenvolvimento ou caminho espiritual, é muito improvável que consiga obter qualquer sensação de paz ou ordem nesta vida, visto que o descontentamento divino persistirá até que se tomem medidas definidas para o enfrentar.
- c) Aspectos quase perfeitos de Neptuno de qualquer tipo (mas nem sempre) indicam que a pessoa é capaz de entrar em sintonia com níveis extremamente subtis de percepção. Esta penetração parece provir não apenas da sintonia da pessoa com as dimensões espirituais da consciência psicológica em geral, mas também, em alguns casos, do auxílio das instruções de vários guias e mestres

espirituais e de formas astrais. A isto chamou o Dr. Davidson «a bênção angélica», isto é, a protecção e orientação de outros planos do ser. Por exemplo, é muito comum encontrar americanos (especialmente jovens) que sabem ter guias espirituais que, no passado, noutras encarnações, foram índios americanos e são particularmente versados na comunicação entre os diferentes planos da vida, visto que o seu treino na Terra os preparou para esse trabalho. No entanto, quando se começa a falar de guias espirituais e de fenómenos semelhantes devemos ter em atenção o facto de que se trata de uma área da experiência neptuniana onde devemos ser absolutamente honestos e capazes de proceder a rigorosas distinções, porque muitos neptunianos se perdem naturalmente em auto-ilusões deste tipo e apaixonam-se por si próprios de tanto espirituais e «clarividentes» que são. Isto acontece porque, se não formos completamente honestos com nós próprios e não estivermos bem assentes na realidade, Neptuno leva-nos a acreditar naquilo em que queremos acreditar e a ver o que queremos ver. É muito subtil o limite entre a «imaginação» (baseada apenas em *imagens* mentais) e a experiência directa e real das realidades espirituais.

- d) Como apontamos na alínea c), alguns aspectos que envolvem Neptuno podem indicar um mau entendimento ou uma má aplicação das forças espirituais. Um aspecto desafiador de Neptuno com um planeta pessoal revela, muitas vezes, um modelo kármico de mau entendimento, mau uso ou má aplicação de energias e verdades espirituais em vidas passadas, embora de modo algum eu conclua que tais aspectos sempre indicam semelhante modelo kármico. Mas nos casos em que essa interpretação faz sentido, segue-se que a pessoa, nesta vida, precisa de enfrentar essas tendências, essas energias e esses ideais espirituais de frente e com determinação; por outras palavras, precisa de construir uma nova estrutura através da qual a sintonia com Neptuno possa ser expressa praticamente de um modo mais apurado e elevado. Desta maneira, a confusão, o escapismo autodestrutivo e a atenção exclusiva ao ego, prevaletentes no passado, podem reduzir-se lentamente, à medida que a pessoa se torna mais fundamentada e consciente das subtis implicações dos seus ideais.

- e) Qualquer planeta em aspecto quase perfeito com Neptuno é altamente sensibilizado, e a dimensão da experiência que simboliza está aberta ao aperfeiçoamento, à inspiração e, em alguns casos, mesmo à «espiritualização.» Contudo, ao dar-nos essa sensibilidade mais apurada e ao abrir-nos a níveis de experiência desconhecidos e transcendentes, a sintonia de Saturno também nos inclina a um *excesso de sensibilidade* que esgota a nossa energia, e à *ingenuidade*, se a nossa maior abertura nos deixar demasiado indecisos e crédulos.

O aperfeiçoamento e a sensibilidade que Neptuno representa são, claro está, qualidades positivas por essência; mas essas qualidades e as atitudes perante a vida que delas resultam são, de certo modo, perigosas no mundo material. Tal subtilidade e receptividade devem ser preservadas e protegidas se não quisermos ser manipulados por outros e ver, assim, as nossas energias dissipadas. Quem tiver este grau de sensibilidade deve, para viver no mundo material, ser «astuto como uma serpente, mas delicado como uma pomba». A vibração de Neptuno deixa-nos tão vulneráveis à manipulação, ao aproveitamento, à decepção, a sentirmo-nos responsáveis por coisas que realmente não nos dizem respeito (por causa de um excesso de compaixão) que devemos aprender a proteger-nos, sem por isso recusarmos os aspectos positivos dessa sensibilidade. Um homem sensato disse uma vez a uma serpente que nunca mordesse mais ninguém porque isso era uma coisa má. A serpente seguiu o conselho, mas depressa descobriu que as pessoas a perseguiram constantemente e as crianças — que tinham descoberto que a serpente já não mordia — batiam-lhe com paus. Por isso, a serpente foi ter com o homem sensato e expôs-lhe o seu dilema: como posso continuar a ser inofensiva e não querendo ferir ninguém se os outros se aproveitam da minha bondade? O homem sensato respondeu: «Disse-te para não morderes; não te disse para não silvares!» Talvez os neptunianos devam cultivar a capacidade de silvar...

Agora podemos examinar os vários intercâmbios entre Neptuno e cada planeta pessoal, sublinhando o significado dos aspectos dinâmicos como já fizemos em relação a Urano.

Aspectos Sol-Neptuno

Estes aspectos são excepcionalmente comuns naqueles cujas vidas são orientadas por uma visão mais ampla, mais englobante do que o

normal. Esta visão pode ser de natureza humanitária, política, artística ou espiritual. Segundo Carter, a conjunção Sol-Neptuno é o aspecto mais comum dos horóscopos dos astrólogos, e os outros intercâmbios entre estes planetas também aparecem com grande frequência nos horóscopos dos que estão particularmente interessados nas forças intangíveis da vida. Estes aspectos são vulgares nos horóscopos de artistas e das pessoas, que embora não produzam arte, são extraordinariamente sensíveis aos estímulos estéticos de todos os tipos. Pessoas para quem as *vibrações* constituem uma realidade imediata, quer sejam percebidas através da música, das cores, dos eflúrios, de tipos invulgares de cura ou outros meios. Uma combinação destes dois planetas nem sempre significa que a pessoa seja pouco prática (contrariamente às interpretações de muitos livros) e, na verdade, ela mostra, muitas vezes, notáveis capacidades para o desempenho de tarefas no mundo. (Não há dúvida, contudo, que *alguns* indivíduos com estes aspectos são completamente «aéreos»: mas deve examinar-se todo o horóscopo para compreender os outros factores em causa.)

As pessoas com estes aspectos nos seus horóscopos possuem, regra geral, uma qualidade visionária que os fascina — e é surpreendente ver como muitos desses indivíduos acabam por realizar essa visão! A falta de clareza que os livros tradicionais geralmente atribuem a estes intercâmbios parece referir-se menos ao modo como a pessoa se relaciona com o mundo *exterior* do que à sua percepção do ego. Existe, muitas vezes, uma forte tendência para a auto-ilusão e, especialmente no caso dos aspectos desafiadores, verifica-se quase sempre a falta de uma consciência clara e de uma perspectiva realista do eu.

Autoconhecimento prático e correcto é raro, visto que a pessoa tem dificuldades em ver-se objectivamente. Ela precisa de informação dos outros, a fim de começar a desenvolver um sentido mais claro de si própria. Como a pessoa penetra tão pouco dentro de si e dos seus motivos, é com frequência muito fácil de enganar. Como Carter explica: «O nativo é, regra geral, facilmente enganado, quer através da sua vaidade, quer das suas simpatias, quer de ambas as coisas.» A pessoa é, contudo, regra geral, compassiva e sensível (pelo menos de um modo impessoal, geral) e caracteriza-se, muitas vezes, por altos ideais espirituais, estéticos ou humanitários. O principal problema é que recusa frequentemente enfrentar a verdade por si própria, mesmo que essa verdade seja positiva e encorajadora; por isso, pode desprezar a exploração das suas potencialidades criativas porque as suas capacidades são habitualmente subestimadas.

Aspectos Lua-Neptuno

Muitas das características mencionadas atrás e a propósito dos aspectos Sol-Neptuno aplicam-se naturalmente também a estes casos. No entanto, existem alguns caracteres específicos. Como a Lua e Neptuno são particularmente sensíveis, intuitivos e receptivos, tais combinações assinalam fortes tendências para o misticismo, a intuição ou o idealismo. Existe, muitas vezes, uma grande devoção a um ideal. (Note-se que a Lua e Caranguejo, juntamente com Neptuno e Peixes, estão particularmente associados à *devoção*.) E como estes dois planetas estão associados ao fluxo energético por estruturar, em alteração constante, é natural que tais combinações se manifestem geralmente como um desassossego interior profundo e um estado de «descontentamento divino» que, às vezes, se aproxima de uma insatisfação total com nós próprios e com tudo o mais. Estas pessoas têm grande dificuldade em *assentar* seja no que for, pois parecem intuir que as vagas de mudança varreriam todos os seus esforços.

Há, muitas vezes, uma grande idealização de um ou dos dois progenitores (nem sempre a mãe); e, nos horóscopos dos homens, um aspecto desafiador (incluindo a conjunção) indica com frequência a grande dificuldade em encontrar uma companheira que satisfaça as suas expectativas inatingíveis e a sua irrealística idealização da mulher (regra geral incluindo a mãe). Existe, pois, uma fome de alimento emocional, de carinho e de conforto extremamente difícil de satisfazer, porque nenhum ser humano, imperfeito, pode alguma vez preencher a imagem de dádiva total que as pessoas de Lua-Neptuno projectam nos outros. E, no entanto, são com frequência estas as pessoas que um indivíduo assim inconscientemente procura. Como a Lua simboliza o modelo *subconsciente* de condicionalismo, a capacidade de auto-ilusão é muito mais forte aqui do que nos aspectos entre Neptuno e o Sol (ego *consciente*). Assim, qualquer aspecto dinâmico quase perfeito com estes dois planetas exige uma determinação inabalável de sermos honestos com nós próprios e de evitar a fuga a situações que revelem a verdade crua acerca dos nossos autênticos desejos e necessidades. Se o indivíduo com este aspecto conseguir realizar a sua devoção a um ideal, *vivendo-o* mais do que procurando-o, tornar-se-á um canal de ilimitadas percepções espirituais e da compaixão divina.

Aspectos Mercúrio-Neptuno

Os intercâmbios entre estes dois planetas revelam sempre uma qualidade de espírito particularmente sensível, intuitiva e mesmo visionária; todavia, a expressão desta qualidade vai do pensamento inspirado e de um acentuado talento artístico a um talento subtil para a manipulação ou ao hábito de racionalizar qualquer decepção. Pode haver uma sintonia com elevadas dimensões da vida e, assim, uma aguda sensibilidade para a beleza, para as cores, para a música e para as verdades místicas; a imaginação é invulgarmente activa. A pessoa pode ser capaz de adquirir informação e percepção racionalmente inexplicáveis e difíceis de exprimir em palavras. Isto acontece porque Neptuno abre o espírito ao reino do infinito e à percepção imediata de subtilidades que se podem exprimir mais facilmente em imagens, símbolos ou através da arte do que mediante a fraseologia lógica. Na verdade, essas pessoas acabam, muitas vezes, por considerar as palavras frustrantes, à excepção daquelas que desenvolvem um talento poético. Existe, com frequência, talento para escrever, regra geral, poesia, ficção, géneros fantásticos ou ocultomísticos, mais do que tratados ou ensaios sistemáticos. Devido ao facto de as percepções serem sensibilizadas ao nível em que as pessoas sabem ser difícil organizar os seus pensamentos, estas parecem, muitas vezes, menos perceptivas e inteligentes do que realmente são; e, pela observação casual dos esforços de um indivíduo assim para comunicar, pode deduzir-se que a pessoa está inapelavelmente perdida em pensamentos caóticos. Mas, ao mesmo tempo, ela pode comunicar conosco a níveis subtis e conhecer os nossos desejos e motivos subconscientes. Este poder intuitivo é aquilo que permite à pessoa detectar as intenções dos outros e mesmo, em alguns casos, manipulá-los sem revelar os seus verdadeiros pensamentos; na realidade, ela pode ler nos outros como num livro, ao mesmo tempo que mantém os seus desejos e as suas percepções absolutamente secretas. (Qualidades semelhantes encontram-se também em *alguns* indivíduos que têm aspectos Plutão-Mercúrio.) Claro que a verdadeira *comunicação* é impossível com tal comportamento; e uma relação fácil a um nível claro e autêntico é impedida pelos temores nebulosos e pelos desejos subconscientes de acreditar naquilo em que uma pessoa quer acreditar, independentemente dos factos e opiniões que os outros possam exprimir.

Os aspectos desafiadores manifestam-se, muitas vezes, na incapacidade do indivíduo para controlar o seu cérebro errante que, sem objectivo e sem descanso, recebe percepções subtis, sem relação mú-

tua e sem qualquer espécie de disciplina. É, muitas vezes, evidente uma acentuada falta de concentração; e tentar comunicar com estas pessoas é especialmente irritante para os que gostam de ver todos os pensamentos expressos com algum grau de lógica e de previsão. Na verdade, a comunicação é, por vezes, impossível, a não ser que uma pessoa consiga entrar em sintonia com as impressões subtis que o espírito neptuniano tenta exprimir. O hábito de evitar factos simples e claros predispõe essas pessoas para todos os tipos de problemas. Verifica-se a existência de muitas preocupações sem motivo, algumas das quais podiam ser postas de parte se a pessoa conseguisse enfrentar as realidades imediatas do presente. A decepção (muitas vezes inconsciente) é particularmente vulgar nestes aspectos, em especial os desafiadores, visto que Mercúrio é o planeta da comunicação e da racionalização. Por isso, existe com frequência uma capacidade para racionalizar tudo, embora não enfrentando a verdade acerca das motivações próprias. No melhor dos casos, todavia, mesmo quando o aspecto é dinâmico, a pessoa pode ter um espírito extraordinariamente criativo, sintonizado com elevados ideais e claras visões do futuro, e inspirado por sentimentos espirituais ou religiosos. Uma pessoa assim manifesta, muitas vezes, uma grande aura de mistério e de carisma quando fala — energia altamente potencializada, proveniente da sintonia com elevados planos de consciência.

Aspectos Vénus-Neptuno

Citámos a descrição de Carter dos aspectos desafiadores de Vénus-Neptuno no capítulo III; por isso, não vale a pena repetir essas ideias aqui. Salientemos apenas que os aspectos desafiadores de Vénus-Neptuno são, *par excellence*, indicadores fundamentais de uma verdadeira busca espiritual e de anseios místicos. Isto deve-se ao facto de o planeta do «amor» (Vénus) ser altamente sensibilizado e idealizado, ao ponto de uma pessoa com tal aspecto descobrir ser impossível satisfazer numa relação terrena a sua ânsia de um alto nível de união com quem ame. Por isso, após repetidas desilusões com a realidade do amor e com as suas limitações no mundo material, a pessoa deriva, muitas vezes, para buscas de carácter espiritual. Por outras palavras, anseia pela experiência de um estado de amor ideal e esta ânsia de uma experiência que não é deste mundo leva-a, *inconscientemente*, a tentar evitar qualquer compromisso com *qualquer* relação humana íntima. É como se a atenção da pessoa estivesse preocupada com o sonho de amor ideal, a não existente, mas remotamente possível, união perfeita; e esta preocupação emo-

cional conduz a um comportamento evasivo perante qualquer pessoa com quem *exista* uma relação imediata. Pode dizer-se que os sonhos nebulosos (e, por vezes, os temores nebulosos) inibem a pessoa de estabelecer uma verdadeira relação e, por isso, ela pergunta a si própria por que motivo as suas relações falham tantas vezes. Claro que é impossível ter uma relação que funcione apenas num sentido, e quem quer que tente relacionar-se honesta e completamente com uma pessoa de orientação Vénus-Neptuno não pode deixar de se sentir frustrado perante o comportamento do outro, evasivo e avesso a compromissos. O problema não está em que a pessoa com tal dependência seja incapaz de amar; na verdade, um indivíduo assim é, regra geral, extremamente terno e compassivo; o problema é que o amor que a pessoa sente está *desfocado* e difuso (Neptuno). Os sentimentos são demasiado gerais e englobantes para serem facilmente canalizados para uma pessoa. A mesma tendência geral encontra-se nos que têm Vénus em Peixes.

Uma vez, um amigo meu descreveu assim este tipo de pessoas: «Sim, eles amam; mas como pode saber-se que significamos alguma coisa de de especial para eles se eles se comportam da mesma maneira com toda a gente?» Parece, portanto, que as combinações Vénus-Neptuno se manifestam decisivamente quando os afectos podem ser dispensados a várias pessoas e não apenas a uma.

Dada a abertura de coração e devido à intensa compaixão que sentem, estas pessoas vêem-se muitas vezes ludibriadas pelos outros. É relativamente fácil ganhar a sua simpatia e mesmo fazê-las comportar-se amorosamente só por piedade. Em particular no caso dos aspectos desafiadores, descobre-se uma orientação emocional e, por vezes, sexual à qual falta sentido de escolha. Estas pessoas são facilmente enganadas pelos outros porque querem pensar o melhor acerca de toda a gente. (Repare-se que Neptuno pode, por assim dizer, idealizar o que pensamos dos outros [Vénus] e dos seus motivos.) Por isso, relacionam-se muitas vezes com indivíduos cujos caracteres são, no mínimo, menos elevados, pelo que ficam vulneráveis a danos emocionais ou mesmo físicos. A qualidade desfocada das emoções é também causa de dificuldades sexuais; na verdade, como se poderá ser um amante activo e concentrado se o espírito e as emoções vagueiam por todos os tipos de fantasias relacionadas com toda a gente, menos com a pessoa que se tem à beira? Várias mulheres tenho visto, embora muito atraentes para o sexo oposto, com grande dificuldade em despertar aqueles com quem a relação se tornou rotineira. Para se concentrarem emocional (e sexualmente) no parceiro, este tem de constituir a imagem romântica do amante ideal ou, então, há que recorrer a um estímulo artificial (música, velas,

incenso, álcool ou drogas). Por outras palavras, algo faz falta para injectar a sedução nas relações que se tornaram demasiado terrenas. Talvez o que escrevemos acima ajude a explicar por que motivo tantas pessoas que, no primeiro encontro, parecem tão gentis e apaixonadas são as que têm mais dificuldade em manter uma relação satisfatória e vital.

Mencionemos, por fim, os talentos artísticos indicados por estes aspectos.

Como Carter escreve, «trata-se da combinação eminentemente artística mais de perto relacionada com a beleza do que com quaisquer domínios morais ou científicos». Os talentos artísticos podem exprimir-se na música, no teatro, no desenho, na pintura, na poesia ou em outros campos; e é vulgar encontrar pessoas com estes intercâmbios que se notabilizam ao exprimirem-se através de uma ampla variedade de meios. Nem todas as pessoas utilizarão produtivamente esta tendência porque os aspectos Vénus-Neptuno podem, geralmente, mostrar um pendor para um comportamento acentuadamente passivo e, às vezes, preguiçoso (consoante as posições no signo e outros aspectos). Mas há quase sempre uma grande sensibilidade estética e, com frequência, gostos altamente requintados. Os que têm uma quadratura entre estes dois planetas são, muitas vezes, os mais produtivos, pois tendem a dedicar-se mais ao desenvolvimento das suas capacidades expressivas.

Aspectos Marte-Neptuno

Com estas combinações há talvez um maior abismo entre manifestações de energias construtivas e autodestrutivas, positivas e negativas, do que com qualquer outro tipo de aspecto que envolva Neptuno. Isto deve-se provavelmente ao poder de Marte e à sua correlação com a *acção definida*, mais do que apenas às percepções ou sentimentos, como nos intercâmbios a que já aludimos. Por isso, o modo de expressão destas energias depende de diversos factores: 1) os ideais e o nível de consciência psicológica do indivíduo; 2) os signos; e 3) outros factores do horóscopo de nascimento, como os outros aspectos natais que afectam um destes planetas ou os dois.

Todavia, encontram-se, muitas vezes, simultaneamente numa pessoa as formas de expressão positiva e negativa, especialmente se ela procura refinar (Neptuno) a expressão da energia grosseira de Marte. Estes intercâmbios estimulam muitíssima imaginação, levando, em alguns casos, a grandes ambições e aspirações (umas vezes práticas,

outras vezes não) e, noutros, a um comportamento evasivo, auto-ilusório ou temeroso. Mas seja qual for o tipo de modelo que predomine, a pessoa é, regra geral, lenta a ver ou a admitir os seus erros ou fracassos, porque está intensamente presa das correntes que a puxam para as visões desligadas da realidade. Carter define sucintamente uma qualidade essencial desse tipo de pessoa ao escrever: «A vida comum é demasiado enfadonha e descolorida para o nativo de Marte-Neptuno; por isso, ele procura mundos capazes de satisfazer os elementos românticos e de amor profundo da alma.» Não é, por isso, surpreendente encontrar com grande frequência estas combinações nos horóscopos de artistas, de estrelas de cinema e de televisão, e de atletas idolatrados. Os que têm estas combinações possuem, muitas vezes, um carisma particular, especialmente evidente na exibição pública dos seus talentos, embora muitos prefiram manter a sua vida afastada da publicidade. Principalmente os homens com estas combinações suscitam marcada atenção pública, por causa da imagem (Neptuno) que projectam (Marte) da sua força masculina. Exemplos do que afirmamos são Paul Newman (trino), Mark Spitz (conjunção), e O. J. Simpson (trino). Os dois últimos não são apenas notáveis no atletismo (Marte) como também se tornaram comentadores e actores de TV; e Paul Newman, além de representar, alcançou algum êxito no mais marciano de todos os desportos: as corridas de automóveis.

Porém, os comentários acima de modo algum abrangem a ampla gama de qualidades simbolizadas por estes aspectos. Esta combinação de energias pode manifestar-se a tantos níveis que, se nos concentrarmos apenas numa expressão característica dessas forças, seremos com certeza levados a muitos erros de interpretação. Por isso, é mais conveniente sublinhar a sua dinâmica psicológica do que apenas o comportamento observável. Na sua expressão mais positiva, esta combinação pode indicar que a pessoa tem capacidade para realizar os seus ideais conscientes, para intuir uma possibilidade longínqua, para descrever uma visão distante, quer em obras terrenas, quer em aspirações espirituais. No pior dos casos, a combinação exprime-se em acção motivada por medos ou desejos subconscientes, irracionais, numa completa auto-ilusão sobre aquilo que uma pessoa realmente quer (Marte) ou numa tendência para fugir a qualquer confronto que traga a pessoa dos elevados planos das suas visões pessoais até à realidade crua. Quase invariavelmente, a pessoa deve aprender a enfrentar de um modo prático as incertezas e uma permanente agitação aos níveis psicológico e emocional. Os ideais que guiam as suas acções e os seus desejos precisam de ser clarificados se ela quiser ter alguma paz de espírito.

Poderíamos escrever todo um capítulo sobre a dimensão sexual destas combinações; há, todavia, alguns pontos a sublinhar, por serem muito comuns.

Dissemos acima que as combinações Marte-Neptuno se encontram, muitas vezes, em homens particularmente atraentes para o público, que simbolizam uma forma idealizada de imagem masculina. No entanto, a atracção sexual é também encontrada em muitas mulheres com estes aspectos; e ambos os sexos partilham a tendência para se entregarem à fantasia sexual. Igualmente em pessoas de ambos os sexos se encontra, muitas vezes, um sentido de confusão acerca da sexualidade, do tipo de vida sexual que pretendem e dos géneros de actividades sexuais que consideram convenientes. Como Neptuno tende a abrir às coisas infinitas possibilidades, pelo menos a níveis subconscientes, estas pessoas sentem-se, com frequência, perplexas acerca dos sentimentos e fantasias que dão por si a nutrir. A identidade sexual e, nos homens, o ego masculino (Marte) é, muitas vezes, uma área de grande conflito interior, especialmente quando os aspectos são desafiadores. Por isso, é frequente verificar-se que estas pessoas são facilmente conduzidas a envolvimentos sexuais que, a reflectirem-se neles, não os quererão realmente; umas vezes, fazem-no por piedade para com a outra pessoa, outras vezes por medo e, noutras ocasiões, a fim de demonstrarem as suas virtualidades sexuais. Mas, na maioria dos casos, existe uma ânsia de utilizar a força (Marte) de um modo exagerado ou idealizado (Neptuno). Estas combinações são fundamentalmente aspectos de sedução; em alguns casos, a pessoa concentra-se activamente na sedução dos outros; outras vezes, está francamente aberta à sedução, regra geral, sem escolher. Em qualquer caso, a sexualidade é idealizada e experimentada como dominadora e altamente sedutora. É vulgar encontrar homens com estes aspectos que têm uma repugnância absoluta pelos homossexuais e que, por isso, aproveitam todas as oportunidades para os criticar ou rebaixar. (Estes aspectos são, por vezes, encontrados em horóscopos de pessoas que praticam relações homossexuais, mas diz-me a experiência que tal não é muito comum.) Em alguns casos, homens com estes aspectos parecem compensar os seus temores acerca da sua identidade sexual desenvolvendo um *machismo* complexo e cultivando um comportamento culturalmente visto como supermasculino (por exemplo, caça, gosto pelas armas, por actividades arriscadas e perigosas, etc.). Do ponto de vista espiritual, contudo, todos os receios e dúvidas, e toda a confusão psicológica relacionada com estes aspectos visa claramente um objectivo; de facto, como Isabel Hickey escreve, «Neptuno dissolve a natureza animal». Por outras palavras, existe uma forte ânsia de desenvolver uma mais

elevada aplicação da energia marciana. Algumas pessoas que têm esta tendência vivem ou tentam viver uma vida de celibato (outra manifestação da vontade de que a expressão sexual atinja um alto ideal). Como pode uma pessoa ter um intenso desejo (Marte) por *determinado* indivíduo se a expressão dessa energia e desse desejo se universalizou (Neptuno)? Pode dizer-se que estas combinações revelam a necessidade de a expressão limitada da energia de Marte se ampliar até ao nível universal. Por isso, à medida que este processo de aprendizagem se realiza, a pessoa começa a compreender que não se podem *possuir* todos aqueles que excitam os nossos desejos, embora, às vezes, isto leve muito tempo a compreender. Assim, a pessoa começa a ver a sexualidade como um reino de experiência de tudo ou nada, e alguns abandonam por completo tais desejos. (Neptuno simboliza sempre a potencialidade de renúncia.)

Ocuparíamos espaço excessivo se fôssemos a mencionar aqui todas as outras qualidades associadas a estas combinações; gostaria, porém, de encorajar o leitor a estudar as interpretações dos aspectos de Marte-Neptuno de Grant Lewi, no seu livro *Heaven Knows What*. Lewi é um dos poucos autores que deve ter compreendido a associação destes aspectos com 1) poderoso magnetismo pessoal, isto é, capacidade para *fazer as coisas acontecer* quase magicamente, e 2) pensamento espiritual e direcção espiritual. Ao mais alto nível, um intercâmbio entre estes planetas pode indicar potencialidades de um espantoso auto-refinamento de dedicação espiritual e de nos transformarmos num canal de acção baseada numa forma transcendente.

Aspectos com Plutão

Como a natureza e os aspectos de Plutão foram considerados com algum pormenor no capítulo IV, não há necessidade de nos alongarmos aqui sobre os princípios gerais de qualquer aspecto de Plutão. Podemos, assim, começar imediatamente a abordar as diferentes qualidades mostradas por intercâmbios específicos entre Plutão e os planetas pessoais. O leitor pode, no entanto, se quiser, rever a parte sobre os aspectos de Plutão no capítulo IV, antes de entrar nas explicações que se seguem.

Aspectos Sol-Plutão

Os indivíduos com estes intercâmbios nos seus horóscopos exemplificam qualidades geralmente associadas com o Sol em Escorpião: a ânsia de auto-remodelação, uma forte teimosia, uma grande inten-

sidade, muitas vezes uma vaidade de poder, um pronunciado segredo acerca dos motivos e desejos próprios e, por vezes, uma assinalada rudeza, quer com o próprio, quer com os outros. Existe, com frequência, um impulso para fazer algo ou para exprimir a personalidade de um modo poderoso e extremo, especialmente se o aspecto for desafiador. Estas pessoas sentem geralmente a necessidade de se transformarem e de eliminarem velhos modelos de vida que já não satisfazem os seus ideais, embora esta transformação pareça tornar-se um pouco mais fácil para aqueles que têm aspectos fluentes, *uma vez que se tornam conscientes do processo transformador*. Os que têm aspectos fluentes parecem bastante mais capazes de se libertarem do velho sem grandes perturbações e de compreenderem as leis da vida que exigem a morte dessas velhas formas, antes que o novo possa nascer. Quer os aspectos sejam desafiadores ou fluentes, existe, quase sempre, um elemento compulsivo pelo qual a pessoa é conduzida, mediante factores inconscientes, para um objectivo que não pode claramente dominar. Na verdade, a palavra «indominável» descreve apropriadamente os tipos de experiências que acontecem a essas pessoas, pois elas experimentam com frequência «coincidências», ligações e encontros misteriosos que desafiam a explicação racional, mas que estão claramente relacionados com determinado modelo consistente de vida. Os aspectos dinâmicos quase sempre se manifestam em intensas lutas pelo poder que ocorrem periodicamente na vida; e toda a identidade da pessoa é sujeita a crises periódicas e alterações radicais, não só quanto ao modo como ela própria se vê, mas também quanto ao modo como a personalidade se exprime na vida quotidiana. Estes aspectos parecem, muitas vezes, ser mais difíceis quando encontrados nos horóscopos de mulheres, embora a maior parte das características acima mencionadas sejam verdadeiras para ambos os sexos. Contudo, nos horóscopos das mulheres tenho repetidamente encontrado esses aspectos (especialmente desafiadores) relacionados com o facto de a pessoa ter experimentado grandes dificuldades com o pai e, regra geral, também com outros homens. Existe, muitas vezes, uma falta de atenção e de verdadeira comunicação do pai que leva ao ressentimento e a um sentimento de desamor. Isto parece ser um dos motivos pelos quais essas mulheres procuram, com frequência, um marido poderoso (mesmo do tipo criminoso ou brutal) que prometa ser (na sua fantasia) uma fonte segura de força e de amor. No entanto, estas pessoas são incrivelmente exigentes e, às vezes, rudes, ao ponto de afastarem o amor que tanto queriam. A autoglorificação constitui uma tendência em ambos os sexos, e a humildade raramente se evidencia. Portanto, relações íntimas para pessoas que têm planetas em aspectos

dinâmicos raramente são harmoniosas, a não ser que a elas se dediquem com grande esforço; e os que têm oposição parecem especialmente inclinados a fazer exigências despropositadas (e inconscientes) àqueles a quem estão intimamente ligados. Parecem querer que o outro seja diferente daquilo que realmente é, e mostram (embora raramente compreendam o que fazem) que só aceitarão completamente o outro quando ele se tornar algo de inteiramente distinto — uma óbvia impossibilidade. Por isso, são muito comuns graves desapontamentos nas relações íntimas com estas oposições; e as oposições de Plutão com Vénus ou a Lua partilham esta tendência.

São fundamentalmente os aspectos desafiadores que se manifestam no tipo de problemas que a maior parte das pessoas conscientemente reconhece. Como Plutão está relacionado com forças do nosso interior, pelo menos, em parte, inconscientes, o poder e tensão dos ângulos dinâmicos parecem necessários para levar a pessoa a compreender que existe um conflito ou uma necessidade interior de transformação. Ao contrário, embora os aspectos fluentes indiquem que o indivíduo adaptará mais facilmente a personalidade às transformações da vida, se tiver *consciência* do processo em curso, os benefícios, bem como as potencialidades criativas, mostradas pelo trino e pelo sextil nunca são em absoluto compreendidos ou enfrentados por muitas pessoas. Por isso, o que dizemos aqui aplica-se sobretudo aos que têm aspectos dinâmicos nos seus horóscopos. Apenas mais um comentário sobre a correlação entre estes aspectos e a relação com o pai. Tenho várias vezes notado que não só os aspectos do Sol com Plutão, mas também a posição natal do Sol na VIII casa (a casa de Plutão) se manifestam, muitas vezes, numa separação do pai que deixa profundas marcas psicológicas. Esta separação pode ser física (quando ele não está presente por ter partido, morrido ou — num espantoso número de casos — simplesmente desaparecido sem deixar vestígios) ou psicológica, sempre que o pai, estando fisicamente presente, se mostra distante e alheio ao filho. Nalguns casos, poucos, este complexo manifesta-se na idolatria e na adoração do pai e no cultivo de sentimentos positivos irrealistas a seu respeito. Noutros casos, a pessoa está compulsivamente «pendurada» no pai e tem dificuldades subsequentes no estabelecimento de uma clara identidade individual. Outro ponto a que vale a pena aludir é o facto de Charles Jayne relacionar, nas suas investigações, os aspectos Sol-Plutão nos horóscopos de homens com um laço extraordinariamente íntimo com uma mulher (muitas vezes a mãe). Em qualquer caso, devemos compreender que o tipo de intimidade mostrada por Plutão e por Escorpião é o da *absorção*, sempre que uma pessoa é absorvida (e, em alguns casos, mesmo *consumida*) por

outra, perdendo, assim, a identidade individual ou a fé em si própria. (Note-se que uma pessoa com tal aspecto de Plutão pode ser o «absorvente» ou o «absorvido».) Esta intimidade não deixa lugar para a singularidade individual nem para o verdadeiro desenvolvimento; trata-se, por isso, de um padrão que pode ser gravemente inibitório, à medida que a pessoa envelhece e tenta atingir a maturidade individual e a independência. É um tipo de intimidade baseado numa ligação kármica extraordinariamente intensa, mais do que num verdadeiro amor; na verdade, o amor autêntico é sempre solidário e encorajador, e não possessivo e manipulador. No entanto, assistimos com frequência a este tipo de manipulação e de domínio impessoal de outra pessoa sob as cores do mais puro amor. Por isso, quem quer que tenha aspectos desafiadores envolvendo Plutão e o Sol, a Lua, Vénus ou o Ascendente, aproveitaria muito se obtivesse uma perspectiva objectiva de todas as suas relações principais e, especialmente, daquilo que seus pais realmente fazem e de quais são as suas verdadeiras motivações no comportamento perante o filho.

Aspectos Lua-Plutão

Muitas das qualidades descritas a propósito dos aspectos Sol-Plutão aplicam-se também a estes intercâmbios, mas a principal diferença consiste no maior extremismo emocional dos aspectos Lua-Plutão. Estas pessoas manifestam qualidades muitíssimo semelhantes às que têm a Lua natal em Escorpião: sensibilidade intensa, mesmo explosiva, profunda insatisfação consigo próprias e ânsia de se remodelarem; forte sintonia psíquica e necessidade de sondar os mistérios da vida e as motivações dos outros; e uma ânsia de quebrar os tabus estabelecidos pela influência paterna e a educação. Existe, regra geral, uma profunda capacidade de esforço intenso, perseguição insistente de um objectivo, e de autodisciplina; a pessoa preocupa-se geralmente tanto com as necessidades de sobrevivência que pode ser extraordinariamente imaginativa em tempos de crise. (Note-se que os princípios de Caranguejo e da Lua, bem como os de Escorpião e de Plutão, se combinam aqui e que ambos respeitam à auto-preservação.)

Como a Lua simboliza a auto-imagem e o que a pessoa sente acerca de si própria, e como Plutão (especialmente nos aspectos desafiadores) revela a tendência para destruir e eliminar o velho, a sua interacção manifesta-se, muitas vezes, em rudeza e dureza da pessoa para consigo própria; existe, na verdade, um anseio de destruir a velha auto-imagem, a velha identidade, visto que a pessoa

já não se sente bem com o antigo modelo de condicionalismo emocional. Em casos extremos, pode mesmo manifestar-se em tendências suicidas, o símbolo último da autodestruição. Em qualquer caso, não são raros os períodos de intensa perturbação emocional e de auto-repugnância. Esta pessoa precisa mais do que tudo de um programa concentrado de autotransformação, baseado na reprogramação dos seus modelos instintivos de resposta, a fim de poder adaptar-se a qualquer experiência de vida com mais flexibilidade e objectividade.

Um «complexo de mãe» é também, com frequência, evidente nas pessoas que têm estas combinações. Por vezes, a razão está na existência de uma mãe dominadora ou subtilmente exigente e absorvente, que projecta todos os seus medos no filho. (Também se encontram estes aspectos relacionados com um pai exigente ou rejeitador.) Noutros casos, uma mulher pode sentir a necessidade de se tornar «supermãe», quer tendo muitos filhos (para impressionar os outros com o seu poder maternal), quer desempenhando papel de mãe num grupo de pessoas, numa organização ou numa situação determinada. Tal caso pode ser o de uma mulher que se torne ou queira tornar «madre-superiora» de um convento ou dirigente de um orfanato ou escola. Esta mesma tendência encontra-se nas mulheres que têm o Sol em aspecto quase perfeito com Plutão, porque, como Charles Jayne observou nos seus estudos sobre rectificação e progressão, *a mãe é muitas vezes simbolizada por Plutão*. Assim, quando a Lua — o símbolo tradicional da maternidade — está combinada com Plutão, pode descobrir-se esta ênfase ainda mais fortemente. Isto não quer dizer que todos esses desejos sejam realizados, mas apenas que as pessoas com tais aspectos sentem, muitas vezes, este tipo de anseios como particularmente dominantes. Poderíamos, a este respeito, caracterizar Plutão como idêntico ao arquétipo da «mãe-terrível», encontrado em vários mitos, como o da deusa Calí no hinduísmo. É a imagem da mãe todo-poderosa, alimentando os filhos com uma mão, enquanto os devora com a outra. Essas deusas adoram o *poder* de dar e tirar a vida, e a impossibilidade de tal poder é evidente.

Estas combinações (especialmente a oposição) indicam também uma tendência para a pessoa se identificar com os outros subconscientemente, e mesmo para exigir demasiado deles, visto que os vê apenas como extensões da sua própria personalidade. Tenta-se, então, obter um sentido de identidade confirmado pela exigência subtil de que os outros nos prestem uma atenção total. Existe, assim, uma forte necessidade de absorver os outros ou de ser absorvido por eles. Em qualquer dos casos, o indivíduo destrói (Plutão) a sua identidade ou, pelo menos, tenta fazê-lo através de uma fusão.

Aspectos Mercúrio-Plutão

Estas combinações exprimem uma sintonia mental semelhante à que se encontra na oposição de Mercúrio em Escorpião. São vulgares profundos poderes de concentração, bem como profundos interesses pelo oculto, pela sexualidade e por outras áreas tabus da vida. Comuns também a sensibilidade psíquica e a intensidade intelectual, embora, por vezes, o espírito perca o controlo e se manifeste de um modo invulgarmente secreto e receoso. Nestes casos, existe uma tendência para rejeitar o pior e para a pessoa pensar que está a ser «psíquica» quando está apenas à mercê de emoções negativas. Verifica-se, com frequência, uma consciência da capacidade para utilizar o poder do espírito de um modo dirigido e consistente, ao ponto de se ser capaz de dominar o espírito dos outros, quer através da pura força de vontade, quer da manipulação subtil. Por isso, os que têm tal combinação devem pautar os seus estudos e práticas «ocultistas» por um estrito código de ética e ideais espirituais.

Os que têm aspectos desafiadores são especialmente propensos à conversa compulsiva, às ideias opiniosas, que pretendem insistentemente inculcar nos outros, mesmo que elas não sejam particularmente significativas quando consideradas à distância. Por outras palavras, o poder que existe por detrás das palavras é o que realmente impressiona, visto que as pessoas tendem a pensar que qualquer ideia expressa com força deve ter qualquer significado. É como se as emoções fervessem nos canais de comunicação, inundando-os de uma torrente de verbosidade, a qual — embora talvez muito impressionante em quantidade e força — pode ser incompletamente reflectida ou mesmo inteiramente desconexa e irrelevante. Em alguns casos, a qualidade compulsiva das ideias da pessoa é tão dominante que aquela nem sequer se incomoda a examiná-las criticamente, permitindo-se, assim, exprimir conceitos ou crenças sem a menor lógica. Em certos indivíduos, esta tensão interior deve-se ao facto de terem dificuldade em exprimir o que sentem ser a verdade com o mínimo de consistência ou clareza. Por vezes, verifica-se que essas pessoas desenvolvem, assim, uma aparente inibição da expressão verbal, embora Mercúrio esteja geralmente num aspecto desafiador com a Lua, Saturno, Úrano ou Neptuno. No entanto, o fundamental que podemos dizer sobre os aspectos de Mercúrio-Plutão diz respeito ao modo *como o espírito funciona*; não podemos avaliar antecipadamente a qualidade das percepções da pessoa apenas por um aspecto, já que aquilo que o espírito produz emana, em última análise, da totalidade da consciência psicológica do indivíduo.

Aspectos Vénus-Plutão

Estes aspectos partilham muitas das qualidades e características evidentes na posição de Vénus em Escorpião: magnetismo, carisma e atracção; uma ânsia de destruir todos os tabus do amor, do sexo ou nas relações; e uma perspectiva compulsiva, intensa e algo impessoal dos casos emocionais. Existe geralmente uma qualidade secreta, ciumenta e autoritária, embora os signos devam ser tomados em consideração porque a colocação de Vénus em Balança ou em Aquário, por exemplo, recusará muitas vezes a cedência a tais sentimentos. Como com Vénus em Escorpião, todavia, quase todos os que têm estes aspectos — e principalmente os dinâmicos — sentem ânsia de penetrar em mistérios emocionais e sexuais, em sondar o fundo das experiências emocionais e de relação, indiferentes ao sofrimento, e a exercer os seus poderes emocionais e sexuais ao máximo. A satisfação emocional e os profundos sentimentos de intimidade são sentidos como parte absolutamente necessária da vida, uma área de experiência e de expressão que *não pode* ser desprezada ou evitada. Embora algumas pessoas tentem fugir às suas mais profundas necessidades, aos seus mais ocultos sentimentos, nunca se sentem felizes nessa fuga ou repressão, pois deixam, assim, de viver uma parte intensamente vital de si próprios. Mas, por outro lado, a pessoa raras vezes se sentirá emocionalmente satisfeita, mesmo que *consiga* quebrar as restrições e os tabus. Tem uma avidez insaciável de alimento emocional; é como se tentasse encher um reservatório interior de amor, o qual está sempre tão vazio que nunca fica cheio. Parte da dificuldade na obtenção de um sentimento de satisfação provém de a pessoa não saber como enfrentar o amor; a tendência é para tentar preencher as necessidades, procurando mais e mais, consumindo mais e mais, em vez de aprender a dar-se. Isto leva-nos ao significado essencial dos intercâmbios Plutão-Vénus: o potencial de transformação da perspectiva do amor e das relações. Nesse processo transformador, os velhos valores são destruídos e as relações que inibem a transformação acabam ou transformam-se, passando a novo nível de autenticidade. A compreensão do «prazer» e da «felicidade» refina-se através da fogueira do tormento emocional — à medida que a transmutação alquímica interior vai adquirindo a forma de uma realidade pessoal.

Este tipo de transformação é, evidentemente, o ideal; mas que tipos de coisas experimenta a pessoa no caminho deste ideal? Já falámos nalgumas das experiências e tendências comuns. Vale a pena notar a propensão para usar a atracção ou a capacidade de fazer

amigos para obter poder, dinheiro ou apenas satisfazer a personalidade. Geralmente, as pessoas não reconhecem o que fazem, embora muitas sejam premeditadas e desonestas nestes comportamentos. É frequente que os que têm aspectos desafiadores entre Vénus e Plutão se relacionem com os outros através de formas de afecto impessoais e compulsivas. Podem parecer muito apaixonados, muito amáveis ou amigáveis a princípio, até se começar a ver que os seus verdadeiros motivos não são particularmente altruístas ou mesmo conscientes. Nalguns casos, poucos, tenho visto pessoas com a conjunção Vénus-Plutão exibirem o mais cativante sorriso e o mais sólido verniz de sensibilidade que possam imaginar, aparentemente para tentarem distrair-me das exigências que me fazem no próprio momento. É como se dissessem: «Claro que farei o que quero porque sou muito delicado e generoso e compassivo, mas é melhor você fazer aquilo que eu quero!» Este tipo de vibrações atrai, naturalmente, pessoas com tendências semelhantes e os que têm estes aspectos (em particular a oposição) tendem a atrair para relações íntimas pessoas que possuem características plutonianas, agravando, assim, ainda mais a sua situação já compulsiva. Por isso, a pessoa acaba muitas vezes por se sentir sozinha, não amada, manipulada, desprezada, dominada ou emocionalmente exausta e consumida a um nível extremo. Mas é precisamente nesses períodos de desespero que pode começar a recorrer aos seus mais profundos recursos interiores, a fim de realmente compreender a necessidade de um amor autêntico e realizador.

Existem, muitas vezes, problemas ou desajustamentos sexuais em pessoas cujos horóscopos apresentam estes aspectos. Não são raras as inclinações homossexuais ou bissexuais; e mesmo naqueles que não agem de acordo com as suas tendências existe, com frequência, um intenso ressentimento emocional para com as pessoas do seu próprio sexo ou do sexo oposto. Deve sublinhar-se que esta forma de sentimento também se encontra naqueles cujo *comportamento* sexual é exclusivamente heterossexual. Como Plutão se manifesta habitualmente numa atracção-repulsão simultâneas, vemos muitas vezes essas pessoas com um comportamento autodestrutivo ou sentimentos de desgosto por terem sido atraídas por tipos de experiência que noutros períodos repeliriam. Uma última nota que não deve ser considerada como aplicável a todos os que têm aspectos Vénus-Plutão, mas que tenho frequentemente observado quando Vénus está em conjunção ou em oposição com Plutão e que exemplifica o modo como alguns de nós nos libertamos completamente de velhas ligações emocionais: em alguns casos a pessoa com esse aspecto tem assistido à morte ou desaparecimento de amantes ou noivos. Determinado

homem esteve para casar quatro vezes e de cada vez, pouco antes da boda, a noiva morreu. Isto é aquilo a que chamo a natureza «indominável» de Plutão porque existe, evidentemente, um objectivo por detrás dessa sequência de acontecimento, embora não sejamos capazes de o explicar logicamente.

Aspectos Marte-Plutão

Semelhante à natureza de Marte em Escorpião, esta combinação de energias representa talvez a expressão mais intensa de poder em estado puro que se pode encontrar em qualquer factor de um horóscopo. Como Marte é a energia disponível para a realização de tarefas específicas no mundo exterior e representa desejo e vontade, e como Plutão simboliza a energia disponível para trabalhar no «mundo subterrâneo» e está relacionado com desejos *inconscientes* e a força de vontade, este intercâmbio indica invariavelmente um potencial ilimitado para a acção, quer construtiva quer destrutiva. À semelhança de Marte em Escorpião, esta combinação de energia tende a ser expressa de modo extremista, à medida que o poder é libertado das profundezas do ser. O extremismo resulta, fundamentalmente, de dois factos: primeiro, a pessoa tem uma reserva de energia quase inesgotável à sua disposição, funcionando, pelo menos em parte, de maneira inconsciente; e, segundo, uma pessoa com estas características quase sempre procura manter um controlo firme sobre esse fluxo energético ou compulsivo, encorajando, assim, uma explosão quando a tampa do reservatório é removida. Existe um método particularmente dissimulado — por vezes mesmo desonesto — de conseguir as coisas (o que pode ser especialmente eficaz em determinadas actividades) e o modo de agir da pessoa é invulgarmente meticuloso. No entanto, este comportamento tende a provocar reacções «bruscas» nos outros, visto que o indivíduo odeia deixar seja o que for em meio e tem propensão para ir ao fundo dos problemas, sem se preocupar com as eventuais repercussões dos seus actos. Por isso, enquanto a impaciência, a rudeza e uma obstinação a toda a prova são características comuns das pessoas com estes aspectos, existe também uma coragem ilimitada e uma capacidade invulgar para a acção decisiva e imaginativa em qualquer emergência. As pessoas são particularmente capazes de agir em situações que exigem decisões e opções rápidas e rigorosas.

Os indivíduos nascidos com aspectos desafiadores entre estes dois planetas devem enfrentar decididamente a natureza do poder;

e os valores pessoais que orientam a expressão deste poder são da máxima importância. Combinadas com uma sensibilidade humana e compassiva, tais energias podem fazer da pessoa um canal para a expressão de acções e reformas decisivas, pelas quais tanta gente anseia, mas que poucos têm capacidade para realizar. Se a expressão das energias for bem disciplinada — e os que têm estas combinações possuem uma incrível capacidade de autodisciplina — o espírito e a força de vontade podem dedicar-se a uma transformação completa das estruturas terrenas, das estruturas da personalidade, ou de ambas. Contudo, se o poder não for devidamente orientado e se o indivíduo se envaidecer com a sua força pessoal pode haver um desejo compulsivo para *vencer* a qualquer preço e uma atitude «quem tem força tem razão» capaz de conduzir a um comportamento cruel, anti-social e mesmo criminoso, e a um extremo desprezo por todos os valores morais, éticos e sociais. O desejo de actuar apenas através do poder pode levar a uma teimosia do género «Vou fazer o que quero independentemente de tudo o que possa acontecer!» A parte estranha desta atitude é que a pessoa raramente sabe o que realmente quer. O indivíduo é apenas orientado por forças compulsivas — pode dizer-se *possesso* de um poder incontável que exige expressão. O adjectivo «possesso» aplica-se tanto àqueles que usam este poder construtivamente, como aos que o utilizam para a destruição; em ambos se encontra um tipo semelhante de opção e de descontentamento. Todavia, a pessoa que se dedica a um ideal (quer seja ou não positivo) sentirá esta «possessão» como um sentido de missão que o guia sem descanso para o objectivo. Além disso, uma dedicação tão fanática a uma missão de vida pode ser uma grande base de qualquer processo de autotransformação, o qual exige que nos reformemos completa e profundamente e que transmutemos os nossos desejos em aspirações mais elevadas.

Quando um indivíduo sintonizado com estas energias se empenha num processo de transformação existem, contudo, alguns problemas que deve enfrentar. Em primeiro lugar, quando a impaciência e a irritação sublinham o lento processo de evolução pessoal, a pessoa tende a tornar-se excessivamente dura com as suas limitações, com os seus fracassos. Em vez de apresentar as suas exigências aos outros ou à sociedade como antes, o indivíduo exige agora demasiado de si próprio. É, assim, importante que a pessoa veja este poder compulsivo como uma força objectiva que quer exprimir-se e que (tal como um animal selvagem) deve ser controlado e dirigido. Se a pessoa se identifica demasiado com o êxito ou o fracasso num processo de desenvolvimento espiritualmente orientado criará incessantemente uma tensão interior ainda maior e um mais alto nível

de frustração. A primeira coisa a fazer é, pois, reconhecer a necessidade própria de reforma; a segunda, começar a *compreender* os labirintos e subtilidades de tal processo; e, a seguir, começar a agir *calmamente* com base nesta compreensão, ao mesmo tempo que se cultiva um sentido de contentamento no presente. Outro problema que costuma ocorrer é a raiva e o ressentimento que surgem depois de a pessoa ter começado a adquirir autoconhecimento. A qualidade explosiva e mesmo violenta destas emoções provém de a pessoa ter permanecido inconsciente, durante muito tempo, dos seus mais profundos desejos, das suas mais profundas frustrações. Estas combinações mostram uma tendência para a auto-rotação, e o indivíduo está assim, muitas vezes, completamente inconsciente da força da sua própria natureza e do poder das tendências kármicas que motivaram o seu comportamento durante várias vidas. Um antídoto para a raiva e o ressentimento reside em cultivar o perdão — o perdão não só dos outros, mas também de nós próprios.

Aspectos lunares

Embora este capítulo se destine a abordar fundamentalmente os aspectos que envolvem os planetas exteriores, não podemos falar dos aspectos relacionados com a transformação sem aludirmos, brevemente que seja, aos aspectos que envolvem a Lua. Abordar este tema é especialmente necessário, visto que a Lua está intimamente relacionada com os condicionalismos do passado e, por isso, com o karma.

O princípio básico que devemos compreender se quisermos interpretar rigorosamente os aspectos lunares é que a interacção da Lua com os outros planetas mostra de que modo o indivíduo é capaz de usar e exprimir os resultados da experiência e do condicionalismo passados. Por outras palavras, estes aspectos revelam se os nossos sentimentos e as nossas reacções instintivas nos reprimem e interferem com a expressão das nossas ânsias e com a realização das nossas necessidades, *ou* se nos dão apoio e encorajam a nossa auto-expressão mediante a segurança e a tranquilidade interiores. Um aspecto fluente envolvendo a Lua significa, regra geral, que o modelo kármico da pessoa nessa área se caracteriza por uma clara flexibilidade e um rigoroso sentido das capacidades, permitindo-lhe, assim, utilizar recursos interiores e reacções espontâneas de um modo criativo e expressivo. Os aspectos desafiadores com a Lua revelam, geralmente, áreas de vida em que o modelo kármico é

problemático e, por vezes, bastante rígido. Na área em que somos rígidos e, portanto, incapazes de nos ajustarmos com facilidade, a força vital não pode fluir. Sentimos, então, constante tensão, uma angústia interior que se manifesta na vida de todos os dias como a nossa reacção, demasiado sensível, à experiência. Na verdade, podemos facilmente encontrar frases-chave para os vários aspectos lunares dinâmicos, centradas na palavra «hipersensibilidade»: Lua-Marte significa que somos hipersensíveis na afirmação do eu; Lua-Mercúrio indica hipersensibilidade quanto às ideias e opiniões próprias; Lua-Júpiter mostra hipersensibilidade quanto à personalidade, visto que a pessoa quer dar a impressão de possuir generosidade e grandes capacidades, etc. Se um planeta (especialmente um dos pessoais) estiver num aspecto desafiador com a Lua, existe tensão generalizada e medo de «perder o pé» de perder alicerces emocionalmente seguros ou de nos tornarmos vulneráveis se abandonarmos os velhos modelos de auto-expressão e comportamento (a Lua) para exprimirmos uma energia sintonizada com uma vibração radicalmente diferente (mostrada pelo outro planeta). Os aspectos fluentes que envolvem a Lua são, por outro lado, indicadores de um *fluxo* espontâneo e fácil das nossas energias emocionais e dos nossos sustentáculos pelos canais de expressão indicados nos outros planetas. Com estes aspectos, a nossa expressão dessas energia é liberta do medo e vivificada por um empenho emocional positivo, visto que existe um sentimento de ser naturalmente compatível com aquelas dimensões da experiência diária.

Outro ponto importante acerca dos aspectos lunares é que qualquer aspecto quase perfeito que envolva a Lua afecta aquilo que sentimos acerca de nós próprios — o que vulgarmente chamamos a *auto-imagem*. Quando o aspecto é fluente temos, regra geral, um sentido bastante objectivo da nossa verdadeira natureza e das nossas capacidades nessa área de vida. Quando o aspecto é mais dinâmico (especialmente na quadratura e na oposição) possuímos geralmente um sentido bastante inexacto de nós próprios e tendemos para a falta de objectividade. Claro que se nos exprimirmos de um modo evidentemente natural, fácil e fluente, as outras pessoas reagirão com à-vontade e entusiasmo. Se exprimirmos desconforto, tensão ou medo, os outros também receberão essas vibrações. Os aspectos lunares são, por isso, a chave para a compreensão do modo como os outros e o público em geral reagirão perante nós e como se sentirão connosco.

O último princípio interpretativo dos aspectos lunares é explicado por Robert Jansky no seu livro *Interpreting the Aspects*. Quando estudei esta classificação, breve, mas extremamente útil,

compreendi mais claramente que os aspectos lunares actuam de maneiras muito diferentes, consoante o outro planeta envolvido. Resumindo:

- A) A Lua em aspecto desafiador com o Sol, Vénus, Mercúrio e, por vezes, Marte mostra um estado de espírito que não deixa exprimir aquilo que a pessoa sente.
- B) A Lua em aspecto desafiador com os outros planetas revela um estado de espírito inadequado à cooperação com as exigências da vida.

Se o leitor aplicar este princípio aos vários intercâmbios com a Lua rapidamente avaliará da sua utilidade e do seu rigor.

O estudo dos temas no horóscopo do nascimento

Uma vez obtida uma compreensão aprofundada do significado dos aspectos específicos, podemos começar a aplicar estes conhecimentos aos vários intercâmbios entre os doze princípios fundamentais numa perspectiva ainda mais ampla. Como disse na introdução, a chave de um estudo holístico dos horóscopos consiste na capacidade para detectar os vários temas que dominam a vida da pessoa, reduzindo os factores do horóscopo às relações entre os doze princípios básicos. Com determinado horóscopo devemos usar apenas não só os próprios aspectos, mas também o signo e as posições nas casas dos planetas envolvido — o que é muito mais difícil do que isolar determinado aspecto e fornecer uma interpretação prefixada, extraída de um livro. Mas trata-se de uma capacidade que não é fácil ensinar e sobre a qual é difícil escrever em abstracto, visto que as combinações, aspectos, signos e casas são numerosíssimos. Cada aspecto específico modifica-se na sua expressão consoante os signos envolvidos, e a energia de cada planeta exprime-se de um modo que é afectado não só pelos seus aspectos, como também pelo signo que ocupa.

Por exemplo, se determinado horóscopo tem não só Marte em Escorpião (um intercâmbio entre as letras astrológicas 1 e 8, portanto *harmonizando* a expressão da energia de Marte com uma qualidade de Plutão), mas inclui também um aspecto quase perfeito Marte-Plutão (outro intercâmbio das letras 1 e 8), existe uma dupla ênfase na mesma combinação de energia; por isso, a expressão da

energia de Marte será poderosamente caracterizada pelas qualidades plutonianas. Se Marte estiver também na VIII casa ou se Plutão estiver na I, este tema será ainda mais dominante.

Outro exemplo pode ajudar a explicar este processo de análise sintética, especialmente para estudantes de astrologia que estão ainda no princípio ou numa fase intermédia da sua carreira. Suponhamos que uma pessoa tem Mercúrio em Capricórnio; as características do espírito consciente desta pessoa partilharão inevitavelmente algumas qualidades *fundamentais* com todos os outros indivíduos que têm Mercúrio nesta posição. Imaginemos, porém, que a pessoa tem também Saturno em aspecto quase perfeito com Mercúrio. Isto dá-nos duas ênfases diferentes no mesmo tema: um intercâmbio de letras (ou princípios) astrológicos 3 e 10 (ou entre 6 e 10, se a dimensão virginiana de Mercúrio parecer forte). Com esta dupla ênfase na mesma dinâmica fundamental, ficaremos a saber que o indivíduo tem uma forte propensão para os pormenores, para pensar de modo sério e prático, para a tensão nervosa e para o trabalho duro que lhe traga a certeza sobre as suas ideias. Se a pessoa tem outros factores no horóscopo de nascimento que também representam intercâmbios entre esses mesmos princípios (como Mercúrio na X casa ou Saturno na III ou VI) haverá ainda um maior domínio deste tema na sua vida; e o astrólogo pode, assim, saber com certeza que esta há-de ser uma das principais questões a abordar durante a consulta.

Outra área da interpretação dos aspectos que os estudantes de astrologia consideram difícil é o problema das *configurações* entre muitos planetas, envolvendo diversos aspectos diferentes. Em última análise, só os anos de experiência e de prática permitirão ao estudante vencer este obstáculo aparentemente inultrapassável, visto que terá de desenvolver a capacidade para ver as configurações num horóscopo como um todo e para *fundir* o significado de todos os planetas envolvidos em combinações tão complexas. No entanto, muitos livros abusam de tal maneira da teoria abstracta acerca das várias configurações (grande trino, quadratura T, grã-cruz, *kite*, etc.) que fazem com que o processo pareça muito mais difícil do que na realidade é. O que, regra geral, se ignora é o facto de que todos os vários factores e pormenores apenas simbolizam facetas de *uma pessoa viva e una*. E em tais configurações existem fundamentalmente três coisas básicas a ter presente, muito mais importantes do que o tipo exacto de configuração em causa:

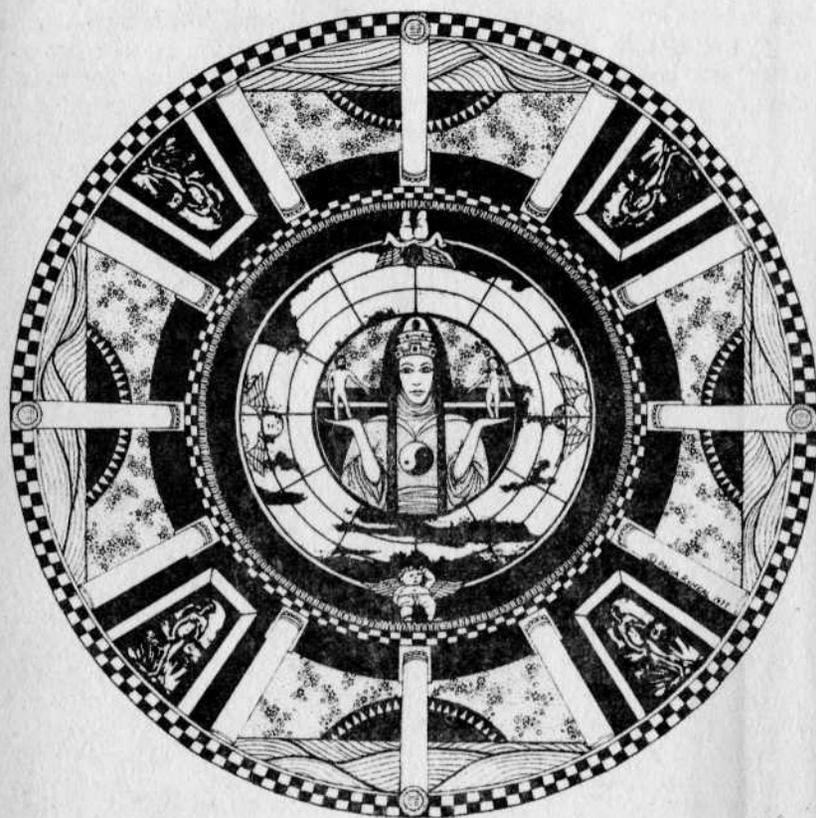
- A) Mais do que atentar no tipo de configuração (por exemplo, um grande trino, um *yod*, um *kite*, etc.) devemos, so-

bretudo, compreender o significado dos *planetas* envolvidos e dos seus intercâmbios específicos com outros planetas nessa configuração. Assim poderemos fundir os significados de maneira a que reflectam rigorosamente o modo como o indivíduo *experimenta* essas energias. *Qualquer* configuração tradicional pode ser produtiva e criativa, independentemente do que se afirma em contrário, visto que *todas* representam *interacções particularmente intensificadas* de energias e princípios simbolizados pelos planetas em causa.

- B) Devemo-nos concentrar em determinados planetas numa dada configuração, consoante a importância desses planetas no horóscopo da pessoa. Por exemplo, se o planeta rege o Sol, a Lua ou o signo ascendente, ou é o «senhor» de muitos outros planetas, será sempre particularmente importante. Por outras palavras, se um planeta participa nos principais temas do horóscopo e, portanto, simboliza uma sintonia que um indivíduo exprime predominantemente, há que prestar especial atenção ao seu papel em determinada configuração.
- C) Acima de tudo, devemos atentar em qualquer planeta pessoal (ou o Ascendente) envolvido numa configuração, pois este factor simboliza o modo mais imediato de expressão das energias de *toda* a configuração e revela uma dimensão do ser individual geralmente, pelo menos em parte, consciente; tem, por isso, um impacte particularmente directo na experiência diária. Um indivíduo poderá *identificar* o significado de um planeta pessoal e, assim, será mais capaz de entender e talvez modificar a expressão dessa energia. Por outras palavras, como a perspectiva individual dessas dimensões da experiência pode ser conscientemente ajustada, a expressão de todo o modelo energético de determinada configuração pode ser modificada.

Se tudo isto não for o bastante para iluminar o significado de um aspecto, existe uma técnica que é muitas vezes especialmente reveladora, não só para o astrólogo, mas também para o cliente: a técnica do «diálogo interior». Podemos desempenhar o papel de cada planeta, tentando exprimir em palavras, acções ou emoções o modo como cada energia se manifesta dentro de nós. Quando a pessoa liberta as ânsias e necessidades fundamentais mostradas por cada planeta em determinado aspecto, é como se as duas partes do

ego começassem a conhecer-se uma à outra, a aprender a aceitar-se mutuamente tal qual são. Esta técnica é particularmente válida na abordagem daqueles tipos de bloqueios ou conflitos mostrados por aspectos desafiadores, visto ser nestas áreas que o indivíduo precisa de alguma integração. A técnica do diálogo interior é usada com êxito há muitos anos no psicodrama e na terapia somática, e com ela se deve familiarizar o astrólogo. É uma técnica que oferece, muitas vezes, uma *experiência imediata* de determinado problema que um aspecto simboliza, e essa instantaneidade tem muito mais força e gera muito maior consciência do que uma simples discussão intelectual sobre princípios abstractos.



Balança

CAPÍTULO VII

KARMA E RELAÇÕES

As relações humanas servem para a auto-revelação, não para a auto-satisfação. As pessoas, especialmente os verdadeiros amigos, são espelhos dos quais começamos a descobrir-nos.

H. F. WEEKLEY

A explicação de todos os vários factores astrológicos que têm a ver com as relações e as suas implicações kármicas exigiria à vontade um livro. Por isso, neste capítulo limitar-nos-emos a abordar aqueles factores principais encontrados na comparação de horóscopos individuais que são, *regra geral*, problemáticos e podem, assim, ser melhor entendidos se analisarmos os modelos kármicos presentes. Ao insistir, antes do mais, nos aspectos de Saturno, Úrano, Neptuno e Plutão e nas suas correspondentes casas não quero concluir que não existam outros factores numa comparação ou em horóscopos individuais com implicações kármicas relativamente às nossas relações. Na verdade, como já disse atrás, pode considerar-se o horóscopo de nascimento como apenas indicando karma! Se a lei do karma orienta tudo na vida de um indivíduo — pelo menos no seu modelo geral, na sua estrutura e nas suas circunstâncias — então isto tem de ser particularmente verdade nas nossas relações com os outros, nas quais existe um interminável dar e receber, através de uma troca espontânea de energia. Pode dizer-se que existe um deve e haver sempre em aberto na nossa conta kármica em qualquer relação, um contínuo pagamento de dívidas e aperfeiçoamento de ligações. Em alguns casos, temos fundamentalmente de dar à outra pessoa; noutros, temos fundamentalmente de receber. E existem relações em que parece registar-se uma troca de energia bastante regular, como se os pratos da balança do karma se mantivessem subtilmente equilibrados mediante a interacção periódica das pessoas.

Como astrólogo e conselheiro familiar e matrimonial tenho visto centenas de relações, e esta experiência revelou-me, sem margem

para dúvidas, um facto indesmentível; na comparação de horóscopos, embora os factores astrológicos que simbolizam vários tipos de atracção e compatibilidade sejam quase inumeráveis, os factores inter-horóscopos que simbolizam problemas concretos no percurso de uma relação saudável podem, em muitos casos, reduzir-se a alguns elementos-chave. Esses factores problemáticos são nomeadamente os aspectos desafiadores inter-horóscopos envolvendo Saturno, Úrano, Neptuno ou Plutão de uma pessoa, e os planetas pessoais ou o Ascendente da outra¹⁹. Estes aspectos revelam áreas de vida em que duas pessoas podem experimentar em profundidade conflitos, discórdias, desilusões, opressão, desconfiança ou manipulação. Revelam, cada um deles, um intercâmbio específico de energia que é sentido como dificuldade fundamental na relação e como principal obstáculo na tentativa de atingir a harmonia e a cooperação. Isto não quer dizer que tais aspectos não possam ter efeitos positivos ou que não possam ser ajustados; na verdade, estas áreas de tensão nas relações podem indicar profundíssimas experiências enriquecedoras para ambas as partes. Na maioria dos casos, a presença destes aspectos numa comparação de horóscopos indicará a necessidade que os dois indivíduos têm de obter uma perspectiva mais elaborada da sua interacção e de começarem a desenvolver novos meios de se relacionarem para que a relação seja duradoura e satisfatória. Em alguns casos, as tensões são demasiado grandes para permitirem um ajustamento; as naturezas dos dois indivíduos são tão diferentes que não há esforço capaz de desenvolver uma sintonia mutuamente harmoniosa. Mas em casos em que existe uma harmonia essencial das energias, dos objectivos e dos ideais fundamentais (que se vê, pelo menos, através de alguns aspectos fluentes entre os planetas pessoais e os Ascendentes) esses aspectos desafiadores podem proporcionar o estímulo de que os dois indivíduos necessitam para desenvolverem a sua autoconsciência e para saberem apreciar mutuamente a identidade e a singularidade individuais.

Tal como ao trabalhar com horóscopos individuais, devemos atentar, se trabalharmos em comparações de horóscopos, nos aspectos mais perfeitos e, como sempre, a conjunção é considerada o

¹⁹ Parto do princípio de que o leitor já está familiarizado com a técnica básica da comparação de horóscopos, nomeadamente 1) localizar os aspectos quase perfeitos entre os planetas das duas pessoas; e 2) verificar que casas, num dos horóscopos, são activadas pelos planetas do outro. Outra técnica importantíssima consiste em analisar a harmonia geral dos planetas pessoais e dos Ascendentes das duas pessoas, consoante os elementos, visto que a discórdia entre dois planetas pessoais (por exemplo, Marte num signo da terra, comparado com Marte num signo do fogo) pode também indicar conflitos definidos.

mais potente de todos os aspectos possíveis. Ainda com mais clareza do que nos horóscopos individuais, os aspectos desafiadores que envolvem os planetas pessoais ou o Ascendente em comparações revelam conflitos e discórdia com a excepção de algumas oposições que — apenas em comparações de horóscopos — podem indicar forte atracção, estímulo e um sentimento de plenitude. Estas oposições são Lua oposta a Lua, Sol oposto a Lua, Vénus oposto a Lua e Vénus oposto ao Sol ou a Vénus em *alguns* casos). Com mais regularidade e segurança do que nos horóscopos individuais, os aspectos desafiadores, nas comparações de horóscopos, tendem a manifestar-se como áreas *imediatas* e *nítidas* de problemas dos quais as duas pessoas estão quase sempre conscientes em alguma medida. Estes aspectos constituem um factor seguro para a compreensão das relações porque quando um aspecto assim está presente num horóscopo, o indivíduo contém em si toda a interacção de energia e pode, mesmo na infância, começar a integrar as tendências conflituosas e a aprender a servir-se dessas energias. No entanto, numa relação com outra pessoa não podemos modificar as energias do nosso companheiro; temos apenas de nos relacionarmos com essa pessoa da maneira que nos for possível. Se a expressão das energias do Sol, da Lua ou de Vénus do nosso companheiro não se harmonizar com a nossa, pouco podemos fazer, excepto aprender a aceitá-lo sem criticismos ou exigências. Podemos aprender a ajustarmo-nos ao seu modo de ser, mas não podemos mudá-lo. Na verdade, se exigirmos que o outro tente satisfazer as nossas necessidades, adoptando um comportamento que não é autêntico nem espontâneo, acabaremos por sentir ainda mais frustração, visto que a nossa dependência dessa pessoa se torna dolorosamente óbvia e o seu comportamento mecânico é invariavelmente insatisfatório para ambos.

Um exemplo ajudará à compreensão da diferença entre determinado aspecto num horóscopo individual e o mesmo aspecto numa comparação de horóscopos.

Se a pessoa nasceu com Mercúrio em quadratura com Saturno deve operar com esta tensão, trabalhando duramente para aprender factos e técnicas, para desenvolver um modo de auto-expressão caracterizado por um cérebro ordenado e eficiente ou para ajustar as suas prioridades (Saturno) quanto à inteligência e às capacidades verbais. Estes esforços pessoais podem, de facto, levar muito tempo a produzir resultados evidentes e alterações de personalidade, mas não há dúvida de que se pode proceder conscientemente a um ajustamento pessoal. Numa relação, por outro lado, em que Saturno de uma pessoa esteja em quadratura com Mercúrio da outra, a pessoa de Mercúrio sente a pressão do criticismo, das exigências

ou das reservas da pessoa de Saturno, independentemente daquilo que possa fazer para evitar ou alterar essa circunstância. A pessoa de Mercúrio pode concluir que a modificação da sua atitude para com a pessoa de Saturno constitui uma solução para o problema e, na verdade, pode mesmo compreender que beneficia bastante com a necessidade que se impôs de disciplinar os seus pensamentos e o modo de comunicar. Todavia, a interacção de energias indicada por este aspecto continuará presente, e a pessoa de Mercúrio pode concluir que viver ou cultivar uma interacção extensiva com a pessoa de Saturno significa uma pesada carga sobre o seu sistema nervoso e uma redução da confiança na sua própria inteligência. A força com que a pessoa de Saturno exprimir criticismo afectará, evidentemente, aquilo que a pessoa de Mercúrio experimenta, mas a negatividade muda nem por isso deixa de ser negatividade e pode ser sentida por outro como um impacte ameaçador no seu campo de energia. Do mesmo modo, a pessoa de Saturno será incapaz de modificar a maneira como a pessoa de Mercúrio pensa, faça o que fizer. E, assim, se se sentir ameaçada pelas ideias da pessoa de Mercúrio, apenas pode abandonar a relação *ou* abrir-se a essas ideias para ver em que medida contribuirão para a autocompreensão. As ideias da pessoa de Mercúrio podem, de facto, beneficiar o seu trabalho ou ambições, dando-lhe uma perspectiva diferente e ajudando-a a perder a rigidez de algumas das suas opiniões e de alguns dos seus preconceitos, visto que Mercúrio é flexível onde Saturno é rígido. Não vale a pena negar que tal aspecto pode indicar qualidades extremamente positivas, mas utilizo este exemplo sobretudo para mostrar que determinado aspecto se exprime de um modo mais previsível e nítido numa relação do que quando encontrado apenas no horóscopo de um indivíduo.

Quando existe *mais do que uma* conjunção, quadratura ou oposição envolvendo *um dos quatro planetas exteriores* numa comparação, devemos ter o cuidado de verificar se isso anuncia um tema dominante na relação.

Por exemplo, se Saturno de Mary está em conjunção com a minha Lua e em quadratura com o meu Vénus, é evidente que as minhas reacções emocionais perante Mary podem ser criticadas, neutralizadas ou ignoradas, e que o meu modo de me relacionar com ela emocionalmente pode activar os seus medos e reserva saturninos. Se o meu Úrano estiver, noutro exemplo, em oposição ao Sol de Nancy e em quadratura com o seu Marte, a minha reserva e o meu comportamento egocêntrico e imprevisível podem facilmente despertar-lhe o sentimento de que não deve confiar em mim ou de que não deve planear seja o que for que exija a minha

cooperação, porque o mais certo é eu desligar-me das suas actividades e aspirações a qualquer momento. Pode mesmo ficar muito ressentida comigo por causa da frustração que lhe causo. Estes temas em qualquer relação indicam quase sempre pelo menos dois — às vezes mais — aspectos dinâmicos envolvendo determinado planeta exterior, por um lado, e os planetas pessoais ou o Ascendente, por outro. Os mesmos temas podem também ser mostrados pela repetição de um intercâmbio idêntico (ou, pelo menos, muito semelhante) envolvendo um dos quatro planetas exteriores no horóscopo de *cada* pessoa. Por exemplo, se o meu Úrano estiver em quadratura com Marte de Jerry, e o *seu* Úrano em oposição ao *meu* Marte, a explosividade deste intercâmbio é duplamente reforçada. Lembro-me de uma comparação que usei em conferências sobre sinastria e que incluía três destas ênfases duplas (aquilo a que chamo muitas vezes, nas conferências, «feitiços duplos»); e, conhecendo este casal há vários anos, observei que os temas mostrados pelos intercâmbios duplos têm sido, de facto, os temas dominantes na relação. Resumidamente são os seguintes:

- O Vénus dele está em conjunção com o Neptuno dela; e o Vénus dela em conjunção com o Neptuno dele.
- O Saturno dele está em oposição ao Vénus dela; e o Saturno dela está em quadratura com o Vénus dele.
- O Úrano dele está em oposição ao Sol dela; e o Úrano dela está em quadratura com o Sol dele.

Os significados destes vários intercâmbios serão abordados mais adiante; e quem quer que esteja familiarizado com o livro de Lois H. Sargent *How to Handle Your Human Relations* verá imediatamente como eles se manifestam. Mas basta dizer que a compaixão e simpatia mostradas pelas combinações Vénus-Neptuno não foi suficiente para permitir a estas pessoas tolerarem a frustração emocional das combinações Vénus-Saturno e as energias esporádicas instáveis das combinações Sol-Úrano. Divorciaram-se dois anos após o casamento, embora tivessem vivido juntos a intervalos (Úrano) durante anos, antes de se consorciarem.

Outro factor importante a considerar no estudo dos aspectos de uma comparação é saber de que modo os planetas de uma pessoa se relacionam com as principais configurações do horóscopo da outra. Por exemplo, se o Ascendente de alguém activa a mais perfeita quadratura do meu horóscopo, estando em conjunção com um planeta e em quadratura com outro, o papel dessa pessoa na minha vida — pelo menos em parte — será o de me desafiar a enfrentar uma área de vida que pode ser extremamente problemática para

mim. Posso não gostar da frustração desse confronto nem estar disposto a suportar a dor implícita na obtenção do necessário auto-conhecimento, mas isso não significa que a relação seja «má» ou que sejamos, em última análise, «incompatíveis». Se eu trabalhar conscientemente para resolver a tensão e o conflito indicados pela quadratura, posso, nos meus momentos mais reflectidos e espirituais, apreciar o desafio que a outra pessoa me apresenta. Se, noutro exemplo, alguém de Mercúrio activar a mesma quadratura no meu horóscopo, posso tornar-me mais consciente dos meus problemas, através do *diálogo* com essa pessoa; e, de facto, comunicando com uma pessoa assim pode ser especialmente eficaz como experiência terapêutica, visto que ela detecta tão prontamente os meus conflitos interiores. Outro tipo de intercâmbio no qual os planetas de uma pessoa se ligam com as principais configurações de outra pode exemplificar-se assim: se Vénus de alguém está em trino com um dos planetas envolvidos numa quadratura perfeita no meu horóscopo de nascimento, essa pessoa pode ter capacidade para me ajudar a harmonizar a expressão de energias que geralmente me perturbam. O indivíduo exercerá, deste modo, sobre mim, um efeito particularmente calmante e encorajador quando procuro exprimir-me por vias, regra geral, bastante difíceis.

O que acima fica escrito deve estar sempre presente na análise de aspectos entre dois horóscopos; caso contrário, a explicação desses intercâmbios terá, muitas vezes, algo superficial, não permitindo a exploração do significado da relação ao mais profundo nível da experiência. Além disso, os aspectos não serão suficientemente entendidos, de molde a permitir às pessoas uma perspectiva realmente rica da relação.

Na parte restante deste capítulo utilizarei o termo «interaspecto» em vez da expressão mais rebuscada «aspecto inter-horóscopo» para designar um aspecto fundamental quase perfeito entre planetas de dois horóscopos diferentes. A primeira vez que ouvi este termo foi quando assisti a excelentes conferências sobre sinastría feitas por Mr. e Mrs. Kenneth Negus, na Convenção da AFA de 1976. É um termo útil e conciso que contribui para o desenvolvimento de uma linguagem especializada própria para o estudo de todas as formas de comparações de horóscopos.

Interaspectos desafiadores de Saturno

Quando comecei a fazer comparações de horóscopos e estava ainda preso de noções tradicionais segundo as quais os aspectos

dinâmicos, em comparações, são «maus» e condenam uma relação ao fracasso (provavelmente ao divórcio, tratando-se de casamento) não conseguia compreender o motivo de quase todas as comparações de casamentos — incluindo os que duram décadas — apresentarem, pelo menos, um destes aspectos e, muitas vezes, mais do que um. Os mais comuns são os interaspectos de Saturno com o Sol, a Lua, Vénus ou o Ascendente da outra pessoa. No entanto, depois de apreciar estes intercâmbios em centenas de comparações e após ter obtido uma melhor compreensão do significado essencial de Saturno e das suas relações com o karma, comecei a perceber o que se passava.

Saturno simboliza geralmente coisas que duram ou — noutros casos — revela uma *ânsia* de estabelecer uma firme estrutura de vida que se mantenha por muito tempo, mesmo que a experiência acabe por demonstrar o contrário. A relação de Saturno com ligações kármicas específicas (frequentemente ligações rígidas, das quais depende a segurança de uma ou de ambas as pessoas) constitui também um significado relevante dos interaspectos de Saturno em comparações, especialmente quando se começam a ver todas as relações importantes na vida de um ser humano como de natureza kármica, em última análise. Por isso, se considerarmos relações sérias (principalmente casamentos) como acordos estruturados e empenhos profundos nos quais duas pessoas devem aprender a enfrentar as suas dependências, expectativas e dívidas mútuas, o significado desses aspectos adquire uma dimensão inteiramente nova. Algumas das palavras-chave para estes interaspectos são, portanto: segurança, respeito, autoridade e responsabilidade. Examinemos cada um destes termos, no âmbito das relações e das suas implicações kármicas.

Os interaspectos de Saturno com planetas pessoais ou o Ascendente manifestam-se, muitas vezes, no primeiro encontro, como um sentimento de precaução acerca da outra pessoa. Regra geral, é a pessoa cujo planeta pessoal ou o Ascendente está envolvido no aspecto que é cautelosa e mostra mesmo receio de encetar uma relação com a pessoa de Saturno, como se sentisse subconscientemente que existe no outro um intenso karma a enfrentar. É, portanto, muito comum, nas fases iniciais do conhecimento, a tentativa de evitar a relação ou mesmo de a pôr completamente de parte. No entanto, uma vez vencida esta hesitação inicial e que a pessoa entre na relação activamente, verifica-se, muitas vezes, a existência de um sentimento de profundíssima segurança da parte das duas pessoas. Mesmo que não acreditem na reencarnação, sentem que se conheceram antes, por se acharem tão bem e tão seguros na companhia um do outro. Há, com frequência, um sentimento de familiaridade, nalguns casos como

se tivessem recuperado uma parte de si próprias, perdida há muito tempo. Os laços indicados por estes aspectos são incrivelmente fortes e parece que as pessoas são mantidas na ignorância das dimensões negativas da relação até à tomada de algum compromisso, o que garante que ficarão ligadas uma à outra por determinado período de tempo, a fim de *enfrentarem* o karma presente. Mas, como é tantas vezes verdadeiro a propósito de tudo o que diz respeito a Saturno, «o tempo o dá»; e a passagem do tempo revela lentamente níveis de relação que não eram imediatamente aparentes porque subjaziam ao sentido de segurança. À medida que estes factores da relação se evidenciam, o sentido de segurança de ambas as pessoas corre riscos. A de Saturno, principalmente, começa a sentir essa segurança ameaçada enquanto o desenvolvimento da outra progride. Muitas vezes, a pessoa de Saturno começa então a exigir (regra geral, inconscientemente) que a outra continue a ser a mesma que era no passado ou que, pelo menos, se comporte como se não se tivesse verificado qualquer alteração. Mas a verdade é que a outra pessoa se tem desenvolvido e alterado desde há muito e não quer ficar presa ao velho padrão de vida que a pessoa de Saturno lhe quer impor. Estas exigências tomam a forma de críticas acerca de novas maneiras de fazer coisas, de imposições autoritárias, restritivas e aparentemente arbitrarias (a pessoa de Saturno tem geralmente a autoridade na relação) ou simplesmente de um comportamento defensivo e receoso. Por isso, o que dantes era uma fonte de segurança torna-se um hábito opressivo porque os sentimentos de segurança se baseavam em associações passadas, em memórias subliminais e num velho modelo de interacção — tudo aquilo que já não serve para as realidades da presente fase de desenvolvimento de cada pessoa. O principal meio de ajustar estes tipos de problemas consiste, para a pessoa de Saturno, em aprender a controlar as suas exigências induzidas pelo medo, em «voltar-se para *dentro*», a fim de se tornar mais auto-suficiente e interiormente segura, e em usar as suas tendências disciplinadoras consigo própria, mais do que com a outra pessoa. Do mesmo modo, a outra pessoa pode aprender a evitar a expressão de certas coisas que sabe pela experiência serem causa de perturbação ou ansiedade para a pessoa de Saturno; e, na verdade, pode descobrir que alguns dos conselhos autoritários ou algumas das críticas ouvidas são válidos e, em última análise, benéficos.

Se o Saturno de alguém estiver em conjunção, quadratura ou oposição com os vossos planetas pessoais ou o Ascendente, podeis sentir que esse indivíduo de algum modo vos domina. Em casos extremos, sentir-vos-eis «debaixo da pata» dessa pessoa; e, noutros casos, sentireis um grande respeito pela sua autoridade. Tendereis

a procurá-la e a admirá-la (pelo menos durante algum tempo). Isto pode acontecer também se os planetas natais de alguém activarem a vossa X casa porque esta é uma casa saturnina e tem conotações semelhantes. Numa relação destas pode deduzir-se que a outra pessoa exercerá poder sobre vós, poder que talvez provenha de uma situação de uma vida passada na qual deteve autoridade. Sendo assim, podeis sentir-vos responsáveis perante a pessoa de Saturno e procurar agradar-lhe, a fim de obterdes os seus favores. Do mesmo modo, a pessoa de Saturno pode sentir-se responsável por vós, criando-se, assim, um sentimento mútuo ou único de dívida, um profundo sentido de dever algo à outra pessoa. Este sentimento de dívida persiste até esta ser paga, processo que geralmente leva bastante tempo, mas que é, muitas vezes, realizado de um modo particularmente concentrado durante importantes trânsitos de Saturno. Deve, contudo, salientar-se que o sentimento de dívida é um modelo *psíquico*, uma dependência que gera interminavelmente karma. Por isso, só quando estamos prontos para nos libertarmos por completo da dependência da outra pessoa pode este sentimento desaparecer; e a altura própria para tal é, muitas vezes, quando Saturno regressa à sua posição natal ou quando entra em conjunção com o vosso Sol, o vosso Ascendente, a vossa Lua, o vosso Vénus ou o vosso planeta regente. Deve ainda sublinhar-se que, embora o sentimento de dívida seja, com frequência, sentido pelas duas pessoas, a que tem o planeta pessoal ou o Ascendente envolvido no interaspecto é *geralmente* a que se sente mais obrigada perante a outra durante muito tempo, mesmo que nada receba em troca.

Estes interaspectos são mais problemáticos nas relações em que se partilham importantes deveres e responsabilidades, tais como contratos de negócio, sociedades ou casamento. Por outras palavras, quando se tentam atingir objectivos definidos, e governar à vida, o dinheiro, as energias e as prioridades em uníssono com alguém, existe sempre uma necessidade de chefia e de delegação de autoridade. É nestas relações orientadas por um objectivo que os conflitos acerca da autoridade e do poder mais pronta e rapidamente se manifestam. Algumas dessas relações podem ser extremamente produtivas e até bastante felizes, se o resto da comparação revelar harmonia, carinho e sensibilidade mútuas, e se as duas pessoas forem suficientemente maduras para enfrentar os modelos negativos do passado com objectividade e flexibilidade. Quase todos os tipos de relações em que existem estes interaspectos são caracterizados por uma grande lealdade e um sentido de dever mútuos, embora se admita que estas qualidades saturninas positivas degeneram, às vezes, em ódio, ressentimento e desvitalização, especialmente no casamento — visto que

esta estrutura de vida constitui talvez o maior teste de cooperação e de compatibilidade existente. (Repare-se que Saturno é *exaltado* em Balança, o signo tradicional do casamento.) Há muitas amizades duradouras entre pessoas que têm estes interaspectos, em que a lealdade e o sentido do dever predominam sem se tornarem demasiado pesados e esgotantes; de facto, numa amizade ambas as pessoas são capazes, uma e outra vez, de seguir os seus caminhos, de cultivar o seu espaço independente e o seu estilo de vida, e de satisfazer as suas várias necessidades com muitas pessoas diferentes. Num casamento, as pessoas procuram-se, muitas vezes, uma à outra de um modo excessivamente exclusivo para satisfazer as suas necessidades e desejos, e o que começa como um saudável desfrutar da conjugação das suas naturezas acaba num estado isolado de dependência infeliz. No melhor dos casos, nestas relações, a pessoa de Saturno pode usar a sua experiência, sabedoria e autoridade para ajudar a outra a estruturar a expressão das suas energias e a tornar-se mais organizada e eficiente; mas esta experiência positiva só resulta se a pessoa de Saturno amar, for paciente e meiga.

Embora seja impossível deduzir a natureza específica das relações da vida passada apenas através de dados astrológicos (visto que o horóscopo revela fundamentalmente os modelos kármicos arquetípicos provenientes do passado, mais do que as correlações exactas com os vários papéis interpessoais) parece que os modelos assim indicados podem classificar-se num ou dois grupos. Primeiro, os interaspectos de Saturno podem mostrar simplesmente a repetição de um velho modelo de interacção, ao qual as duas pessoas continuam ligadas. Em segundo lugar, podem revelar que houve no passado uma *falta* de empenho definido ou uma fuga à responsabilidade, devendo as pessoas compensar agora essa falta, assumindo deveres específicos em relação uma à outra. Em qualquer dos casos, o facto de estes aspectos serem tão comuns em comparações de casamento leva-nos a deduzir que simbolizam um envolvimento mútuo extremamente profundo e que a natureza deste envolvimento no passado não foi inteiramente positiva ou promotora de desenvolvimento. Por isso, é tempo de enfrentar os resultados das nossas acções passadas e, sem fazer exigências, de trabalhar na construção de uma relação baseada no amor e na responsabilidade.

Interaspectos desafiadores de Úrano

Estes intercâmbios podem também ser considerados como indicadores de dois modelos kármicos bastante diferentes: ou a repetição

de um velho modelo de interacção esporádica e imprevisível, ou uma compensação para a falta de liberdade no passado. Creio, contudo, que estes interaspectos indicam, *regra geral*, uma repetição do mesmo ritmo espasmódico e imprevisível de relação mútua que caracteriza a associação passada das pessoas. Tanto quanto posso apurar das várias visões psíquicas que os meus clientes têm tido e das minhas próprias intuições, as pessoas que nesta vida experimentam uma repetição de um modelo passado cabem numa de duas categorias. A primeira é o tipo de relação na qual existiu, no passado, demasiada liberdade e demasiada impersonalidade; em alguns casos, as pessoas parecem ter sido amigas uma da outra, mas não particularmente seguras no seu comportamento mútuo. O segundo tipo de relações passadas que estes aspectos mostram é aquele em que as circunstâncias impediram as pessoas de manterem uma relação consistente e estável, casos, por exemplo, em que as pessoas viviam em época de guerra constante, durante a qual eram separadas por mais de uma vez. Neste casos, os indivíduos viam-se apenas esporadicamente e habituavam-se a esperar pouca consistência das suas relações momentâneas, das quais extraíam, isso sim, *grande excitação*. Por isso, nesta vida, as pessoas experimentam outra vez essa excitação quando se encontram pela primeira vez, e a relação tende a desenvolver-se com grande intensidade e rapidez, por vezes manifestando-se em casamento ou noutro tipo de compromisso apenas umas semanas ou meses após o encontro inicial. No entanto, ambas as pessoas esperam que o mesmo nível de excitação se mantenha através de toda a relação e, por isso, ficam geralmente desapontadas quando, pouco tempo mais tarde, a relação parece fixar-se numa rotina, o que dificilmente pode crescer-se como «excitante». Uma ou as duas tentam, então, manter o velho sentimento de excitação, repetindo as separações do passado e/ou insistindo na sua liberdade individual.

Existe sempre uma pronunciada nota de liberdade em qualquer destas relações e — como alguma liberdade individual é necessária para que qualquer relação seja autêntica e promotora de desenvolvimento — isso pode manifestar-se no facto de as pessoas serem as melhores amigas uma da outra e cultivarem mutuamente um grande respeito pelas necessidades individuais. Todavia, Úrano é o planeta do extremismo e esta tendência para a liberdade pessoal é muitas vezes levada a extremos, caso em que as pessoas se descobrem tão livres na relação que perguntam a si próprias se existirá mesmo alguma relação. Com alguns dos interaspectos de Úrano a pessoa que tiver o planeta ou o Ascendente envolvido ressentir-se-á da insistência da pessoa de Úrano na liberdade, na impersonalidade e na reserva; e a pessoa de Úrano pode revoltar-se contra quaisquer

constrangimentos que a outra tente impor-lhe para lhe limitar essa liberdade. Quando existem vários aspectos desafiadores de Úrano numa comparação envolvendo o *Úrano natal das duas pessoas*, a nota de impersonalidade e de independência pode vir a ser tão dominante que cada uma delas ignorará as necessidades e os desejos da outra na maior parte dos casos, o que pode conduzir a uma situação em que, vivendo juntas fisicamente, dificilmente se encontrarão no plano emocional e espiritual. O que tende a ser uma expressão característica do ritmo esporádico, espasmódico de Úrano: uma alternância consistente entre distância e proximidade, em que as pessoas se libertam uma da outra tanto quanto podem, sentindo-se depois frustradas com a falta de intimidade gerada por uma vida egocêntrica, e a seguir se revoltam ou explodem de frustração ou solidão até que, por fim, retomam nova fase de excitante cooperação. Esta cooperação é, todavia, altamente instável e, mal se instala, logo reaparece o mesmo modelo pronto a abrir novo abismo entre os dois. Um bom exemplo deste ritmo instável e esporádico está presente naquelas relações sempre prestes a romper-se, mas que nunca terminam. Os tipos de casamento e de caso amoroso caracterizados por sucessivas separações e reconciliações que todos conhecem exemplificam esta vibração. Tais relações são marcadas pela nota de incerteza e de imprevisibilidade e, particularmente nos primeiros tempos, estas características podem ser muito desconcertantes para as duas pessoas. No entanto, uma vez que se acostumem a este ritmo especial da sua relação e que aceitem a necessidade das separações periódicas (o que requer uma certa dose de flexibilidade e de auto-suficiência) a relação pode durar e ser excelente. Será sempre uma união inconveniente, e as pessoas têm apenas que a aceitar tal qual é, mais do que tentar adaptá-la a qualquer esquema de renovação tradicional que lhes pareça «decente». Claro que se a nota uraniana na relação for demasiado forte — o que se vê pela presença excessiva de interaspectos desafiadores de Úrano — as pessoas tornar-se-ão cada vez mais independentes uma da outra e cada vez mais resistentes a qualquer forma de cooperação, a ponto de a relação acabar por se romper.

Neste tipo de relação uma ou as duas pessoas sentem, muitas vezes, a necessidade de fugir da outra, sentem que serão em absoluto sufocadas se não fizerem algo de novo e excitante. Se a outra pessoa resistir à separação temporária, a tensão anterior aumentará. Por outras palavras, se os planetas pessoais de alguém ou o Ascendente activarem em profundidade o meu Úrano natal, através de uma conjunção, de uma quadratura ou de uma oposição, a natureza da pessoa estimulará a minha necessidade de excitação e mudança. Se a outra resistir à minha expressão das necessidades e ânsias de

Úrano, isso activará ainda mais o meu Úrano! Por isso, deve ficar claro que tais relações só podem perdurar se se conceder à pessoa de Úrano suficiente espaço e liberdade (de Úrano podem ser as duas pessoas). Úrano (como o seu signo, Aquário) detesta todas as formas de ciúme e manipulação. Assim, se tiver uma relação com alguém cujo Úrano natal esteja em aspecto desafiador com qualquer dos seus planetas pessoais e se sentir que essa pessoa está a cansar-se de si, deve lembrar-se que tentar dissuadi-la da sua actividade independente na busca de novas sensações apenas contribuirá para criar mais problemas. Se a pessoa puder satisfazer as suas necessidades de liberdade e de mudança, então as velhas rotinas podem eventualmente parecer também uma excitante mudança, gerando, assim, novo entusiasmo na relação que antes parecia tão maçadora.

Interaspectos desafiadores de Neptuno

Sob a categoria de «interaspectos desafiadores» neste capítulo referimo-nos fundamentalmente à quadratura e à oposição, pois são estes os ângulos que se manifestam como áreas mais problemáticas em comparações de horóscopos. As conjunções que envolvem Neptuno em comparações podem, na maior parte dos casos, ser classificadas como aspectos fluentes, porque a maior parte delas (tal como acontece com os aspectos fluentes de Vénus em comparações) amaciam as coisas e limam as arestas de qualquer relação. Esta harmonia deve-se ao facto de os aspectos fluentes (incluindo o sextil e o trino) serem vibrações compreensivas e compassivas que permitem à pessoa entender as necessidades e sentimentos da outra telepaticamente. De todas as conjunções que envolvem Neptuno e um planeta pessoal, a única que é *habitualmente* problemática é a conjunção Marte-Neptuno — e mesmo esta pode manifestar-se em algumas relações de maneira positiva. As outras conjunções *podem* ser problemáticas, mas isso deve-se, em primeiro lugar, a um excesso de compaixão ou, em alguns casos, de piedade. Regra geral, as conjunções de Neptuno com planetas pessoais em comparações simbolizam uma forte identidade mútua com a outra pessoa e, muitas vezes, um sentimento de obrigação para com ela. (Esta obrigação também se sente quando a XII casa é activada pelos planetas natais de alguém.) Existe, por vezes, uma *idealização* da outra pessoa que nos leva a dar-nos, sem esperar ou desejar compensação. Do ponto de vista do karma, pode dizer-se que, de facto, devemos à outra pessoa algo de uma vida passada e que existe um poderoso empenho subconsciente para lhe pagar através de quaisquer meios disponíveis. Por isso,

como sentimos esta obrigação tão fortemente, tendemos a ser indulgentes, generosos e incrivelmente tolerantes com a outra pessoa; e muitas vezes sentimos que ela nada nos deve em troca. Assim, aprendemos a *nada* esperar dela. Este sentimento de obrigação não é o mesmo que experimentamos com os interaspectos de Saturno, caso em que com frequência sentimos *ter* de pagar ao outro. No caso dos aspectos de Neptuno, existe algo de profundo dentro de nós que nos diz que *queremos* pagar por qualquer coisa que a outra pessoa nos deu ou fez por nós no passado. Apenas precisamos de velar por que tal sentimento não leve a ressentimentos se nada obtivermos em troca, ou a uma obsessão de dever algo indefinível que nunca *possa* ser pago, caso em que a outra pessoa pode começar a servir-se de nós à vontade, pois sempre contará connosco para lhe satisfazer qualquer exigência. O karma envolvido em tais relações é extremamente subtil; e, por isso, não é fácil explicar em pormenor o que esses aspectos podem significar num caso determinado. Devemos tomar simplesmente estes interaspectos como pistas de que possuímos algum tipo de laço kármico que se concentra em determinada área de relação, mas devemos também ter os olhos abertos, a fim de distinguir claramente entre um sentimento real de dívida e vagos sentimentos de confusão que conduzirão a posteriores ressentimentos.

Com as quadraturas e as oposições, os sentimentos de que falamos serão evidentes em alguns casos; mas, na maioria das vezes, surge um padrão inteiramente diferente. Os aspectos de quadratura e oposição de Neptuno são quase sempre sentidos pelo nativo como uma necessidade de fugir de uma certa maneira à influência de outra pessoa (maneira indicada especificamente pela posição do planeta pessoal em relação a Neptuno). Geralmente, a pessoa de Neptuno é submergida por uma poderosa vaga de confusão e desorientação quando se confronta com o modo de expressão desafiador da outra. A pessoa de Neptuno só se sente capaz de funcionar claramente e com concentração se conseguir fugir a essa energia. Por exemplo, estava uma vez a trabalhar com uma editora cujo Mercúrio está em quadratura quase perfeita com o meu Neptuno natal. Trata-se de uma excelente editora e sempre acertámos no nosso trabalho comum. Todavia, de uma vez, resolvemos analisar juntos determinados capítulos, depois de ela já ter lido todo o material e tomado algumas notas. A ideia era a editora mostrar-me aquelas partes que, em sua opinião, deviam ser modificadas. Eu lê-las-ia depois novamente e juntos decidiríamos das correcções a fazer, alterações à redacção, etc. No entanto, ao trabalhar tão de perto com ela, descobri que o seu Mercúrio activava intensamente o meu Neptuno; e quando me mos-

trou várias partes do material não pude concentrar-me e caí num estado de extrema confusão. Tentar preparar obras assim pode tornar-se tão frustrante e implicar uma tão grande perda de tempo que desisti. Porém, enquanto experimentava, descobri que tinha de ficar pelo menos a uns três metros dela para fugir à influência do seu campo de energia, antes de me poder concentrar suficientemente no que tinha a fazer. Fora desse campo já podia concentrar-me e pensar com clareza. Acabámos, assim, por descobrir que o trabalho podia ser feito com mais eficiência e em cerca de um quinto do tempo se ela se limitasse a submeter-me uma lista das correcções que sugeria para eu estudar sozinho. Assim, com Mercúrio em quadratura com Neptuno, o meu Neptuno era activado, como expliquei, mas também a expressão do Mercúrio dela se frustrava, pois eu não podia entender o que me dizia. Ficava extremamente nervosa e desorientada quando começávamos a trabalhar.

Nos interaspectos de Neptuno, o tipo de confusão que descrevi manifesta-se, quase sempre, de uma maneira ou de outra. Uma vez trata-se apenas de uma leve irritação, como no caso que mencionei; outras, porém, manifesta-se como má interpretação, profunda confusão mental e mesmo ilusão. A ilusão provém da tendência da pessoa de Neptuno para evitar encarar as coisas com total honestidade. Ficam coisas por dizer, outras são ambiguamente ditas, a fim de levar o outro a ouvir algo que não é a verdade completa. A pessoa de Neptuno quer manter as suas auto-ilusões, e sente-se mal e insegura se tiver de lidar com o problema em termos concretos. Sendo vaga ou fugindo à questão, consegue defender-se da influência do outro, sem se comprometer com nada. Se estes interaspectos de Neptuno envolvem o Sol da outra pessoa, o intercâmbio pode ser tremendamente dominante, manifestando-se muitas vezes na evasão habitual por parte da pessoa de Neptuno e numa considerável frustração por parte da pessoa do Sol, visto que esta não obtém resposta ou reconhecimento directos quando exprime autenticidade e energia criativa. A *conjunção* de Neptuno e do Sol pode partilhar algumas dessas qualidades, mas, regra geral, mostra também uma forte identificação mútua que, às vezes, raia pelo místico, quando cada uma das pessoas se sente como sendo a outra. Há casos de relações extremamente íntimas que têm este aspecto, existindo com frequência um poderoso — mas altamente refinado — fluxo de amor entre os dois indivíduos. A oposição poderá, em certos casos, partilhar esta qualidade mística, embora os elementos problemáticos que mencionámos acima se manifestem quase sempre. A quadratura, é, no entanto, de longe o mais frustrante aspecto e o mais propício à produção de grandes conflitos porque, enquanto ocasionalmente

possa existir uma forte identificação mútua, a relação baseia-se geralmente numa idealização irrealística da outra pessoa e a identificação assenta, por isso, na ilusão ou em preconceitos subconscientes.

Interaspectos desafiadores de Plutão

A natureza geral destes interaspectos pode facilmente deduzir-se a partir das características de Plutão já descritas em anteriores capítulos. Nesses capítulos, dei exemplos da associação de Plutão com manipulação e absorção, e também do seu simbolismo de transformação potencial de um modo total e altamente positivo. Todos estes significados são aplicáveis aos interaspectos de Plutão em comparações de horóscopos. Na verdade, podemos facilmente esboçar os caminhos alternativos manifestados por tais aspectos porque — visto que Plutão, à semelhança de Escorpião que rege, é um planeta de extremo emocional — as energias tendem a ser expressas com bastante radicalismo, quer positiva, quer negativamente. Contudo, devemos recordar que Plutão, tal, como qualquer outro factor astrológico, manifesta-se em termos de *polaridades*: aquilo que em determinada altura é extremamente negativo, pode, a curto prazo, transformar-se num modo de expressão extremamente positivo. E especificamente em relação a Plutão, é impossível sabermos o fim último dos vários tipos de comportamento ou experiência que podem, à primeira vista, parecer bastante negativos. Na verdade, Plutão quer sempre penetrar no âmago da experiência, dominar a essência do significado que está por debaixo das aparências de superfície e enfrentar todos os tipos de experiência com intensidade e rudeza. Por isso, para conhecer a essência destes interaspectos, os intercâmbios de Plutão com planetas pessoais manifestam-se na manipulação ou na transformação. Por outras palavras, a pessoa de Plutão pode dominar espiritualmente a outra e em alguns casos contribuir para a degradar (ou para encorajar a autodegradação) ou encorajá-la a autotransformar-se de um modo concentrado e determinado. Todavia, a última manifestação depende em absoluto de a pessoa de Plutão ter atingido determinado grau de consciência espiritual na sua própria vida. Deficilmente podemos esperar que uma pessoa que continue espiritualmente adormecida e totalmente à mercê das compulsões inconscientes possa contribuir para o aperfeiçoamento espiritual de outra.

Tentar compreender o significado dos interaspectos de Plutão em qualquer comparação de horóscopos é sempre difícil e envolve sempre uma parte considerável de suposição e intuição ou, pelo menos,

um conhecimento extremamente penetrante da interacção de duas pessoas, porque Plutão raramente opera só à superfície da vida e — a não ser que conheçamos intimamente as pessoas e tenhamos podido testemunhar, durante algum tempo, o seu modo de interacção — será impossível descrever como tal aspecto se manifesta, a não ser em termos gerais. A compensação destes aspectos também se torna difícil pelo facto de o significado de Plutão ser muito complexo; e se tentarmos avaliar as coisas pelas suas aparências superficiais quase podemos ter a certeza de estar a avaliar incompletamente o intercâmbio de Plutão.

Eis um exemplo para demonstrar a verdade desta asserção. Suponhamos que o Plutão de John está em quadratura com o meu Mercúrio; poderia dizer-se que John está a dominar-me, levando-me a pensar em coisas «proibidas», a estudar assuntos tabus ou a exprimir ideias socialmente impopulares e ameaçadoras. Um observador superficial diria, portanto: «Vejam como John influencia o espírito daquele homem; está a destruir o seu raciocínio e o seu senso comum! Que pessoa tão má é esse John!» No entanto, aquilo que experimento através da associação com John pode ser de grande valor para mim. Ele pode estar, de facto, a dominar-me, a empurrar-me para a profundidade, mas talvez eu necessite de uma viagem à profundidade da vida e do meu próprio espírito, das minhas emoções, a fim de me libertar de detritos psíquicos, de velhos medos, de atitudes ultrapassadas ou de compulsões. Da minha viagem à profundidade posso regressar à superfície com grande riqueza de compreensão interior e ainda com mais coragem do que antes. Mesmo que as motivações de John sejam inteiramente negativas, quem poderá dizer que não estou a aproveitar da confrontação? Logo que tenha ganho tudo o que possa na experiência, sentir-me-ei à vontade para romper com John.

Outra razão que nos recomenda cautela na interpretação destes aspectos é que, como Plutão se move muito lentamente, partilhámos o mesmo interaspecto com milhões de seres humanos. Por exemplo, se eu tiver nascido com Plutão em oposição exacta ao meu Sol, o meu Sol natal estará também em oposição ao Plutão natal de todas as pessoas que nasceram anos antes ou depois de mim. Isto significa que partilharei o mesmo modelo básico de relação com todos esses milhões de pessoas? Não diria tanto. O problema representado pela oposição no meu horóscopo de nascimento é apenas activado mais intensamente pelas pessoas da minha geração; mas o problema principal é meu, não delas! Por isso, quando veja que um aspecto natal envolvendo Plutão (ou, em certa medida, Urano ou Neptuno) se repete em determinada comparação, dou-lhe geralmente muito

pouco valor e prefiro considerar as outras dimensões mais individualizadas da relação. Só quando um *tema* particularmente plutoniano surge nessa comparação, mostrado por diversos aspectos desafiadores de Plutão (e, às vezes, incluindo a colocação dos planetas pessoais de uma pessoa na VIII casa natal da outra) dedico especial atenção às potencialidades simbolizadas por Plutão. E para serem consideradas especialmente importantes, essas combinações devem incluir, pelo menos, um aspecto que não se encontre em nenhum dos horóscopos individuais. Em comparações entre duas pessoas de idade aproximada, isto significa geralmente um aspecto envolvendo o Plutão de uma delas e um dos ângulos cardeais do outro horóscopo. Em comparações de pessoas com idades muito diferentes, as possibilidades de encontrar tal aspecto são muito maiores; e, nestes casos, *qualquer* conjunção (e, em certa medida, qualquer quadratura ou oposição) do Plutão de uma pessoa com o planeta pessoal da outra deve ser considerada como extremamente significativa na caracterização da qualidade e significado da relação. No entanto, sublinhamos mais uma vez que — mesmo que não existam aspectos importantes de Plutão — uma acentuação na VIII casa de uma ou das duas pessoas *na comparação* revelará, muitas vezes, uma qualidade plutoniana. A pessoa cuja VIII casa é activada pelos planetas natais da outra é, regra geral, a que sente a ânsia de manipular e absorver, de reformar ou de transformar o outro.

Em termos de karma, o único modelo que parece aparecer regularmente em relações caracterizadas por um forte tema de Plutão é a necessidade de uma ou de as duas pessoas aprenderem a viver independentemente e deixarem a outra ser aquilo que é, desenvolvendo-se de um modo espontâneo e natural. Mas esta lição é difícil de aprender em tais casos, porque a ênfase de Plutão parece indicar que as pessoas partilharam vidas passadas de absorção mútua, situações em que as identidades estavam amplamente fundidas ou em que a dependência mútua, a intimidade ou a manipulação eram sobrevalorizadas. Pensa-se, naturalmente, na relação mãe-filho nalguns destes casos, mas o karma presente pode também ser produto de outros tipos de relações passadas. Apontemos como exemplo as experiências de outras vidas de «amantes» que quase se *possuíram* um ao outro, ou as relações marido-mulher ou senhor-escravo em que, de facto, o primeiro possuía o segundo (segundo as leis da sociedade nessa época). Outra dimensão deste tipo de relação é o *poder*. Na maioria dos casos, uma pessoa (geralmente a de Plutão) exerce um domínio extremamente poderoso sobre a outra, especialmente se o Sol, a Lua ou o Ascendente estiverem envolvidos com Plutão. Embora este controlo raramente seja evidente existe, no entanto, e é mantido através de

um magnetismo que a outra pessoa sente vindo da de Plutão. Em muitos casos, a não ser que a pessoa de Plutão desista do poder que exerce sobre a outra, esta pode eventualmente achar necessário furtar por completo a sua personalidade à presença desta energia perturbadora, a fim de viver e respirar livremente.

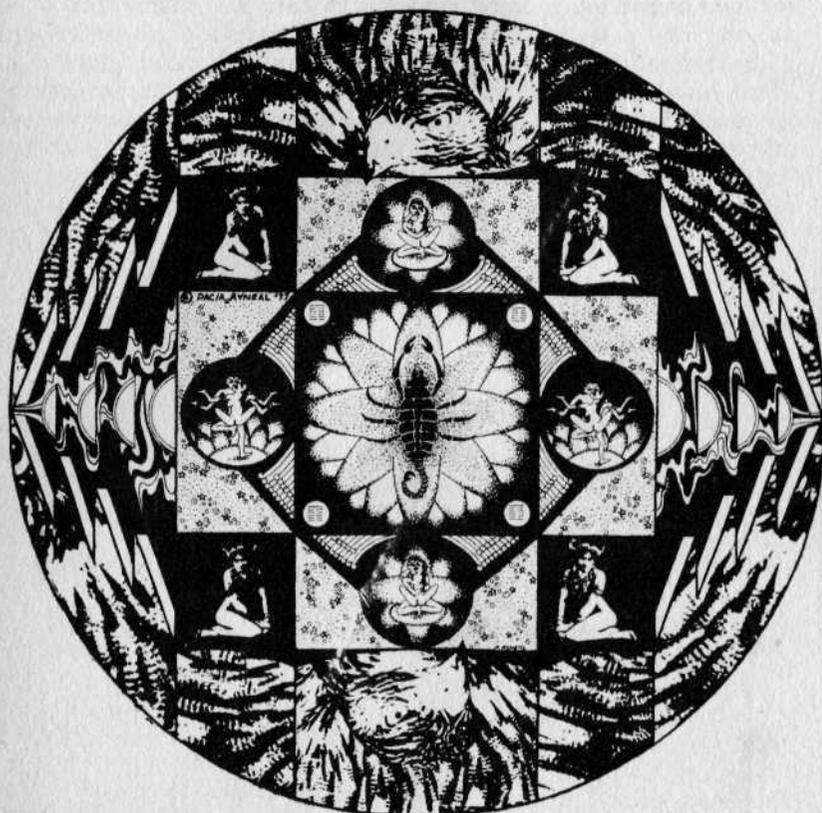
Horóscopos compostos

Como este capítulo trata de factores que revelam o karma presente em relações específicas, devemos também mencionar um aspecto complementar desta análise, nomeadamente o *dharma*, ou o objectivo essencial de determinada interacção. Só muito recentemente comecei a interessar-me por horóscopos compostos²⁰, embora já tivesse trabalhado um pouco com eles. A minha falta de interesse devia-se ao facto de nenhuma das explicações que lera acerca das indicações que estes horóscopos compostos, em princípio, fornecem, parecer aplicar-se àqueles com que trabalhara. A ausência de uma filosofia significativa e de uma estrutura teórica para iluminar tais horóscopos levaram-me, assim, a pensar que toda a técnica era puramente especulativa e, na realidade, talvez sem interesse. Estas ideias reforçaram-se quando verifiquei as interpretações dadas nalguns livros que tratam de horóscopos compostos: não se adaptavam de modo algum à experiência que eu tinha de determinadas relações.

Todavia, quando conheci uma astróloga chamada Judy Weinstein, que se tinha dedicado ao estudo dos compostos, ela explicou-me que eu devia ver o horóscopo composto como o indicador do *objectivo* de uma dada relação. Com esta nova perspectiva, os horóscopos compostos começaram a adquirir para mim um significado claro. Os factores que antes não faziam qualquer sentido porque não descreviam a minha *experiência* da relação como nas tradicionais comparações de horóscopos, mostravam-se agora significativos. Simbolizavam claramente actividades específicas que as duas pessoas ence-

²⁰ Para os que não estão familiarizados com estes horóscopos, direi que um horóscopo composto abrange os pontos centrais entre os Sóis, as Luas, etc. das duas pessoas, obtendo-se, assim, um horóscopo que mostra os pontos focais da expressão energética que podem não ser dominantes em cada um dos horóscopos individuais. Um horóscopo composto será melhor interpretado se realçarmos o Ascendente e as casas ocupadas como símbolos dos tipos específicos de actividades, e valorizando menos aspectos e signos. Esta perspectiva dos compostos exige, naturalmente, que os dois horóscopos se baseiem em momentos rigorosos de nascimento.

tam em comum, bem como o modo pelo qual a unidade formada pelos dois se exprime espontaneamente. Pouco mais tarde, quando viajava para Seattle, a fim de proferir conferências, outra astróloga, June Marsden, disse-me que também concluíra ser esta perspectiva dos horóscopos compostos especialmente útil e rigorosa, independentemente daquilo que os vários livros sobre o tema deixam acreditar. Desde então, a minha experiência tende a confirmar que um composto revela o objectivo essencial de uma relação. Por isso, se conhecermos outra pessoa que parece ter um papel importante a desempenhar nas nossas vidas e principalmente se o método tradicional de comparar horóscopos não iluminar o bastante a base da interacção, devemos fazer um horóscopo composto. Deste modo, talvez possamos obter uma melhor perspectiva do objectivo da interacção e do processo definitivo pelo qual as energias combinadas das duas pessoas se exprimirão.



Escorpião

CAPÍTULO VIII

CICLOS DE TRANSFORMAÇÃO

Parte I: PROGRESSÕES

A vida que não se examina não vale a pena
ser vivida

SÓCRATES

Vive a vida como a vida se vive a si própria

LAO TSU

Neste capítulo e no seguinte (sobre trânsitos) examinaremos alguns dos mais importantes aspectos destes dois métodos de compreender a natureza cíclica do aperfeiçoamento e desenvolvimento humanos. Enquanto os trânsitos têm sido tratados com bastante profundidade em diversas obras contemporâneas, o tema das progressões — embora delas se fale com maior à vontade em quase todas as revistas de astrologia que inundam o mercado — ainda não foi tratado com a mesma profundidade ou com a mesma qualidade²¹. Por isso, nesta época de evolução de uma moderna teoria astrológica, precisamos ainda de criar uma linguagem apropriada para a compreensão das progressões de um ponto de vista *experimental*, mais do que pela perspectiva tradicional de ver as progressões apenas como indicadores de acontecimentos exteriores. É fundamentalmente sobre esta nova linguagem que me quero debruçar neste capítulo. Mas, primeiro, devemos definir que tipo de progressões vamos estudar e também distinguir entre os significados de trânsitos e progressões.

²¹ *The Expanded Present*, por Noel Tyl, constitui uma exceção ao que afirmo, pois trata-se de um livro valioso e instrutivo que não só aborda diferentes métodos de progressão e sua aplicação, como também proporciona um grande avanço na expressão do significado de progressões específicas numa linguagem dinâmica e experimental.

Existem, pelo menos, doze métodos diferentes de progressões correntemente utilizadas pelos astrólogos, o que só por si nos mostra a subtilidade de experiência que algumas progressões indicam; na realidade, se as progressões correspondem invariavelmente a experiências ou acontecimentos definidos, observáveis, das nossas vidas, seria natural que apenas alguns métodos se usassem, aqueles que tivessem demonstrado o seu rigor através de anos de emprego. Em certa medida, existe, de facto, entre a maioria dos astrólogos uma preferência por determinados métodos, mas se ela provém de maior confiança que esses métodos encerram ou do facto de serem os únicos ensinados pela maior parte das escolas de astrologia, é uma questão ainda por esclarecer. O certo é que os métodos de progressão mais amplamente usados pelos astrólogos ocidentais são o sistema das Progressões Secundárias (ou «método do dia-ano») e, em especial, nos últimos anos o método do Arco Solar. Como estes dois métodos são aqueles de que possuo mais experiência, falarei aqui apenas deles.

Tanto quanto concluí, as progressões secundárias são melhores para compreender acontecimentos psicológicos e períodos de florescimento pessoal e de aperfeiçoamento intensivo, embora, muitas vezes, correspondam também a acontecimentos específicos e a experiências fundamentais. A segurança de tais progressões (isto é, se podemos saber ao certo que determinada progressão secundária se manifestará de um modo perceptível) é bastante boa quando se usam os aspectos do Sol e da Lua em progressão, mas torna-se mais problemática quando começam a usar estas progressões dos outros planetas. Isto pode indicar apenas que as pessoas estão mais em contacto com os ciclos de aperfeiçoamento e desenvolvimento mostrados pelo Sol e pela Lua em progressão e não a ausência de significado ou de valor prático dos outros planetas em progressão. Um aspecto exacto de, por exemplo, Marte, Mercúrio ou Vénus em progressão corresponderá, muitas vezes, a tendências evidentes na vida individual, mas de modo algum todas as pessoas serão capazes de as identificar ou relacionar com o seu suposto significado. Trata-se, assim, de saber quão consciente o indivíduo está das suas alterações e da sua dinâmica interiores, visto que algumas pessoas afirmam poder detectar uma «influência» definida de quase todos os aspectos exactos das progressões secundárias, enquanto outras apenas acusam as do Sol e da Lua em progressão (e talvez um aspecto em progressão ocasional de outro planeta).

As progressões do arco solar, por outro lado, parecem ser ligeiramente mais seguras do que as secundárias, primeiramente porque a progressão do arco solar de todos os planetas — não só do Sol e da Lua — parece ter igual poder, visto que todos progridem no horó-

copo à mesma velocidade. As progressões do arco solar parecem ser muito mais indicadoras de acontecimentos definidos do que a maior parte das progressões secundárias (a principal excepção é a conjunção da Lua em progressão secundária com um planeta natal) e estão, por isso, a ser cada vez mais usadas pelos astrólogos orientados para os acontecimentos. No entanto, como a principal aplicação das progressões do arco solar é a compreensão ou a previsão de acontecimentos e alterações definidas nas circunstâncias exteriores, creio que aqueles que se interessam, acima de tudo, pela vida interior do indivíduo devem dar preferência às progressões secundárias sem, contudo, excluírem o método do arco solar. Dado que as medições do arco solar se baseiam no facto de os planetas se moverem à mesma velocidade do Sol em progressão secundária (aproximadamente 1º por ano de vida) têm forte semelhança com o método de progressão que move simplesmente cada planeta e cada ponto importante do horóscopo exactamente 1º por ano de vida. E, assim, esta citação dos escritos de C. E. O. Carter parece aplicar-se às progressões do arco solar:

Se abandonar todos os outros (isto é, todos os outros métodos de progressão e de «directão») ficarei, pelo menos, com medida 1º=1 ano (...) No meu próprio caso, nunca a vi falhar. (In *Some Principles of Horoscopic Delineation*, p. 75.)

Devemos, contudo, ter presente que a segurança das progressões do arco solar é mais fácil de verificar do que a das progressões secundárias, porque estas últimas simbolizam, muitas vezes, acontecimentos da vida que — embora extremamente importantes — são tão subtis que o seu significado nem sempre se manifesta de imediato. Como o tema principal deste livro é constituído pelas «dimensões ocultas» do horóscopo de nascimento e pela experiência pessoal do indivíduo, os meus comentários acerca do significado das progressões específicas aplicam-se fundamentalmente às secundárias. E como o Sol e a Lua em progressão são — de todos os planetas em progressão no sistema secundário — os mais seguros e indicadores de importantes acontecimentos interiores, concentrar-me-ei no significado das progressões secundárias daqueles dois astros.

Antes, porém, de abordarmos os pormenores da interpretação das progressões específicas, precisamos de esclarecer uma questão, nomeadamente a diferença entre trânsitos e progressões, quer no significado, quer no âmbito de aplicação.

A primeira coisa que devemos salientar é que a afirmação tantas vezes repetida de que as progressões mostram apenas acontecimentos

interiores e que os trânsitos mostram fundamentalmente mudanças ambientais e circunstanciais, constitui uma tentativa para simplificar em excesso a situação, ignorando muitos factos importantes. Este processo de distinção entre as duas técnicas baseia-se numa dicotomia artificial entre interior e exterior, pessoal e ambiental. O mundo exterior é um reflexo do nosso karma e da nossa situação interior, e todos nós já sentimos de que modo uma mudança de atitude pode dar-nos uma visão completamente diferente das circunstâncias externas. Determinada progressão corresponde, às vezes, a acontecimentos do mundo exterior, outras vezes a mudanças na nossa consciência psicológica e, muitas vezes, a ambas as coisas; e o mesmo se pode dizer dos trânsitos. Como salientei na introdução, a presença do karma e do destino, manifestada no mundo exterior sob forma de acontecimentos que nos afectam, depende, em grande parte, do nível de consciência que temos acerca de nós próprios. Na excelente introdução ao seu livro *Planets in Transit*, Ropert Hand explica pormenorizadamente a distinção artificial entre experiências «interiores» e «exteriores»:

A questão é que aquilo a que chamamos uma descrição objectiva não passa de uma experiência subjectiva colectiva. Pode haver uma realidade absoluta exterior à experiência de uma pessoa, mas trata-se de uma realidade irrelevante para a nossa vida diária. Nós actuamos sobre o nosso universo e recebemos reacções dele num campo contínuo de consciência psicológica. (P. 5.)

Hand detém-se depois na comparação entre progressões e trânsitos, e aconselha o leitor a estudar as suas observações. Esta citação resume excelentemente o que concluiu:

Um determinado conjunto de símbolos astrológicos pode manifestar-se de muitas maneiras. Os trânsitos indicam de que modo o simbolismo da nossa vida se desdobra no tempo, exactamente como as progressões, embora os trânsitos forneçam mais pormenores a curto prazo. As progressões indicam uma estrutura mais geral a longo prazo. (P. 6.)

Vemos também que os trânsitos se referem a uma *sintonia mais específica de uma energia* que pode realmente ser sentida muito imediatamente, enquanto a maior parte das progressões indica maneiras de ser, novos interesses e novas orientações de vida que, regra geral, não são acompanhados pela consciência de uma mudança do fluxo de energia no interior do campo energético. É como se os pla-

netas, no momento do nascimento, estabelecessem a nossa sintonia inicial ou o modelo condicionante cósmico da energia e continuássemos, depois, a vibrar a esse ritmo e frequência através de toda a nossa vida. No entanto, as mudanças no ambiente cósmico (trânsitos) indicam períodos em que vibramos (ou *ressoamos*), quer em harmonia, quer em desarmonia com a nossa sintonia básica natal. Um trânsito pode, de facto, alterar *temporariamente* o nosso modelo energético natal, acrescentando outra vibração ao nosso modo habitual de ser. Por vezes, este novo fluxo energético cessará terminado o trânsito, revelando que poucas mudanças se verificaram durante o período em que actuou. Noutros casos, todavia, o indivíduo parecerá ter assimilado alguma dessa nova energia (o que se manifesta numa perspectiva transformada de determinada dimensão de vida) e — embora o modelo natal de energia se tenha geralmente mantido — ocorreram, sem a menor dúvida, grandes mudanças de personalidade. As progressões, por outro lado, revelam a periodicidade pré-estabelecida ou modelo cíclico a que estamos submetidos durante a nossa vida. Por outras palavras, o campo energético a que estamos sujeitos desde o nascimento sofre, natural e regularmente, mudanças rítmicas periódicas internas e essas mudanças são indicadas pelas progressões.

Parece-me que as progressões são excessivamente valorizadas em muitas escolas de pensamento astrológico, por vezes mesmo com a total exclusão dos trânsitos. Não posso compreender como pode alguém que utiliza os trânsitos regularmente durante anos pôr de parte as percepções extraordinariamente úteis que um conhecimento dos trânsitos proporciona. Alguns astrólogos também valorizam em demasia, na minha opinião, o chamado «horóscopo de progressão», elaborando um horóscopo baseado nas progressões correntes e interpretando-as depois em abstracto, sem as relacionar com o horóscopo de nascimento do indivíduo. À semelhança de muitos outros astrólogos, creio que todas as progressões e todos os trânsitos devem ser relacionados com o horóscopo de nascimento, visto que tais técnicas revelam desenvolvimento e desdobramento das potencialidades simbolizadas, com extrema clareza, no próprio horóscopo. Concordo também com Carter quando diz que os trânsitos mostram muito mais vezes do que as progressões importantes alterações na vida e que, neste sentido, os trânsitos são mais úteis na prática da consulta astrológica do dia a dia do que as progressões. Como Carter escreve:

Tanto quanto a minha experiência pessoal revela, creio que pelo menos três quartos dos acontecimentos da minha vida (que tem sido bem cheia deles) podiam ser adequa-

mente explicados e pelos trânsitos devidamente entendidos. (*Some Principles of Horoscopic Delineation*, p. 73).

As últimas duas palavras da citação de Carter «devidamente entendidos» encerram a chave de toda esta controvérsia; de facto, mal uma pessoa começa a familiarizar-se com a aplicação correcta dos trânsitos — perspectiva que só se desenvolve após muito estudo e muita prática — descobrirá que aproximadamente 90% das experiências e dos períodos de tempo importantes podem ser clara e especificamente compreendidos através do uso dos trânsitos. No capítulo seguinte inclui muitos dados para a utilização correcta dos trânsitos, cujo significado verifiquei e que raramente vêm mencionados na maioria dos livros de astrologia. Mas, às vezes, há que confessá-lo, não há método de compreensão dos ciclos da vida que pareça capaz de explicar adequadamente uma determinada experiência. Isso só raramente acontece, mas temos de admitir que é verdade, se formos intelectualmente honestos e recusarmos, por isso, forçar o significado dos ciclos presentes apenas para tentar explicar todas as experiências de vida. Carter abordou esta questão no seu opúsculo *The Seven Great Problems of Astrology*, já em 1927, e os seus comentários aplicam-se tanto aos trânsitos como às progressões:

Quando vemos mil causas diversas concorrendo para o preciso instante em que uma direcção tem de ocorrer e correspondendo intimamente à natureza dessa direcção, podemos ser levados a pensar que é sempre assim e que temos um exemplo maravilhoso da unidade da natureza em que tudo se coordena.

Mas devemos-nos, para já, lembrar que as direcções (isto é, as progressões) nem sempre se manifestam desta maneira maravilhosa; às vezes, temos de admitir que os acontecimentos surgem sem direcções apropriadas ou que as direcções não funcionam ou funcionam na altura imprópria, ou de modo impróprio, ou com mais ou menos poder do que as regras astrológicas deixariam prever. Muitos sistemas têm sido propostos e, de tempos a tempos, continuam a aparecer mais alguns novos, mas não se sabe se se aproximam da perfeição. O problema reside na infinita complexidade da vida, não só no que toca ao indivíduo, mas também no que respeita à sua interminável relação com os outros; (...) Esperar a perfeição de qualquer sistema direccionado é manifestamente mais do que optimismo. É, em particular, o caso quando muitas pessoas são afectadas por um acontecimento:

tecimento: se um padrão morre e numerosos empregados são afectados, têm todos as direcções apropriadas com o M. C. ao mesmo tempo? Se assim fosse, então a perfeição da astrologia significaria enredar o homem numa máquina rígida, matematicamente exacta. (P. 10.)

A verdade das afirmações de Carter deve levar-nos a uma compreensão mais clara de que a prática da astrologia é uma arte, uma arte altamente requintada, na qual o astrólogo é não só artista, mas também o principal meio de expressão; os trânsitos, progressões e outras técnicas são apenas instrumentos utilizados na prática de arte. Outro ponto importante que os principiantes de astrologia costumam levar muito tempo a aprender e que muitos e experientes práticos parecem também não entender, é que todos os processos simbolizados pelos trânsitos e progressões não passam de partes de um grande processo: a pessoa viva. Os ciclos e períodos de mudança indicados não são acontecimentos isolados que caem do céu. Como escrevi na introdução, são todos eles aspectos (ou dimensões de uma consciência psicológica unificada e em desenvolvimento (a pessoa) que opera em simultâneo a muitos níveis diferentes do ser. Por outras palavras, não é possível uma pessoa ter, por exemplo, um Sol em progressão em quadratura com o Marte natal. Não é isso coisa que se possa comprar numa loja ou que alguém vos possa dar. É um produto directo de VÓS, da vossa natureza, da vossa situação de vida e das vossas futuras potencialidades. O que realmente acontece pode exprimir-se melhor dizendo: «O VOSSO Sol progrediu até ao ponto em que activa o VOSSO Marte». Isto significa apenas que a vossa identidade, a vossa consciência psicológica e o uso que fazeis das vossas energias criativas (Sol) progrediram (ou desenvolveram-se) até ao ponto em que estais prontos a desencadear a vossa capacidade de iniciativa e auto-afirmação (Marte). Por isso, podereis integrar a energia de Marte na vossa vida consciente e aperfeiçoar-vos assimilando e controlando mais essa energia a partir de agora.

Por outras palavras, a nossa interpretação das progressões tem que se personalizar, isto é, relacionar com a natureza fundamental do indivíduo (e, assim, com o horóscopo de nascimento). Só deste modo o uso das progressões (e trânsitos) pode constituir uma técnica construtiva e penetrante para uma melhor autocompreensão. Dizendo a mesma coisa de outra maneira, o efeito de qualquer progressão ou trânsito depende da natureza da nossa sintonia natal com as energias envolvidas na configuração em análises. Por exemplo, um aspecto do Sol ou da Lua em progressão com Saturno natal pode indicar um período de profunda satisfação e rápido desenvolvimento para

alguém que esteja harmoniosamente sintonizado (e, portanto, não resiste) com o princípio de Saturno. Pode ser necessário algum esforço, mas a pessoa tem-no garantido e obtém, na verdade, grande satisfação com ele. Se Júpiter estiver presente, embora o aspecto em progressão possa ser um ângulo «harmónico», o resultado deste período pode ser apenas a perda de oportunidades ou o desperdício de esforço se o indivíduo não estiver sintonizado com Júpiter de um modo saudável e fluente. Mais do que tudo, as progressões secundárias (especialmente as do Sol e da Lua) dão-nos uma oportunidade para integrar aspectos diferentes da nossa natureza e para nos tornarmos mais conscientes e mais dominadores das nossas energias. Assim, uma compreensão destas progressões pode dar-nos a chave para abriremos os segredos da autotransformação e ajudar-nos a fluir com o processo de maturação pelo qual o tempo nos conduz.

Afirmo que uma compreensão correcta dos trânsitos permitiria, na maior parte dos casos, «explicar» aproximadamente 90% dos períodos importantes na vida de uma pessoa. Pode, assim, perguntar-se por que motivo há-de um prático de astrologia preocupar-se com progressões, especialmente quando astrólogos bem conhecidos e muito respeitados nunca as usam. Quanto a mim, acho que um astrólogo deve familiarizar-se com todos os métodos astrológicos, experimentá-los e, depois, concentrar-se naqueles que dão os melhores resultados, consoante os objectivos particulares em vista. Costumo aconselhar os estudantes a aprenderem, quer o sistema das Progressões Secundárias, quer o método do Arco Solar e a estudarem em especial o Sol em progressão (o mesmo nos dois sistemas) e a Lua em progressão no sistema secundário. Na verdade, embora os aspectos do Sol e da Lua em progressão simbolizem apenas uma pequena percentagem das experiências e dos períodos importantes da vida de uma pessoa, os que estão simbolizados são, regra geral, de extraordinária importância. Existem, contudo, alguns outros tipos de progressões secundárias em que vale a pena atentar e que mencionaremos no fim deste capítulo.

O Sol em progressão

Não obstante os aspectos do Sol em progressão com os planetas natais poderem ser interpretados de muitas maneiras e com diversos tipos de linguagem, o que vamos escrever a seguir representa o modo de exprimir e compreender tais aspectos que eu próprio concluí ser significativo e que os clientes que não possuem qualquer conhecimento de astrologia parecem ser capazes de relacionar sem grande

difficuldade. Ao usar o Sol em progressão analiso principalmente os aspectos que ele forma com os planetas ou ângulos natais. Ao contrário de alguns astrólogos, presto pouca atenção ao signo e à casa do Sol em progressão, mas creio que a importância destes factores tem sido muitas vezes exagerada. Embora possa haver algum significado no signo e na casa ocupada, no momento, pelo Sol em progressão, ele é demasiado geral para ter grande importância para a pessoa numa consulta, pois permanece em cada signo e casa aproximadamente trinta anos. No entanto, já considero aqueles períodos em que o Sol em progressão está a *mudar* de signo ou de casa, pois tais períodos de transição são, muitas vezes, importantes e sentidos pelo indivíduo como fases de reorientação e substituição de valores. Mas, signifique o que significar a posição de signo ou de casa do Sol em progressão, a pessoa ajusta-se inevitavelmente à mudança de uma maneira ou de outra num ano ou dois e, por isso, já não tem consciência desse factor como um foco *dinâmico* de preocupação. E, assim, usando-se o Sol em progressão, os *aspectos* revelam a mais valiosa informação acerca da orientação presente do indivíduo. Embora se deva atentar especialmente na conjunção, quadratura e oposição, *todos* os aspectos exactos do Sol em progressão com pontos natais podem ser usados com bons resultados, devendo-se mesmo usar aspectos «menores», tais como o semi-sextil e a semi-quadratura. A velocidade do Sol em progressão é tão lenta que um aspecto permanecerá a 15' (ou 1/4 de grau) do exacto por cerca de seis meses. Durante este tempo, quando existe uma interacção dinâmica de duas energias poderosas por um período dilatado, é quase inevitável que um indivíduo comece a tomar consciência de um certo grau de intensidade interior e de impulsos de mudança, mesmo que os indicadores simbólicos deste desenvolvimento sejam os chamados aspectos «menores».

Estes comentários trazem ao espírito a questão da órbita a usar quando se interpretam aspectos do Sol em progressão. Por outras palavras, como devemos exprimir e entender o provável espaço de tempo durante o qual um dado aspecto do Sol em progressão estará particularmente activo? Como as preferências extremamente diferentes dos vários astrólogos indicam, trata-se de uma questão em grande parte individual, pois algumas pessoas são mais sensíveis do que outras às mudanças interiores e a novas tendências e vibrações nas suas vidas. No capítulo seguinte, voltaremos a falar sobre esta questão das órbitas, mas eu uso órbitas muito mais pequenas para o Sol em progressão do que a órbita de 1º, tantas vezes recomendada. Se se usar a órbita de 1º para a aproximação e para a separação do ângulo exacto, um aspecto do Sol em progressão seria sentido ao

longo de dois anos. Embora isto, às vezes, aconteça, não é, regra geral, o caso na minha experiência, porque a maioria das pessoas está demasiado ocupada para prestar atenção a qualquer mudança importante enquanto ela não se impuser à sua consciência psicológica com um grau de intensidade que não possa ser ignorado. Prefiro dar uma órbita *máxima* de 30' (ou 1/2 grau) para a aproximação, e de 15' (ou 1/4 de grau) para a separação. Isto indica que a *maior parte* das pessoas não começará a sentir *fortemente* os efeitos de um aspecto quase perfeito do Sol em progressão antes de, pelo menos, seis meses de o aspecto exacto se formar. E logo que o aspecto exacto comece a desfazer-se, o contacto com a experiência indicada começará, regra geral, a diluir-se com bastante rapidez (muitas vezes dentro de três meses), embora a pessoa possa levar muito mais tempo a assimilar por completo o seu significado. Tanto quanto tenho visto, a maior parte das pessoas parece sofrer a experiência indicada por um aspecto do Sol em progressão por um período de mais ou menos seis meses. É durante este período de tempo que a fase mais intensa da experiência *predominará* nas suas vidas.

O significado dos aspectos do Sol em progressão pode entender-se melhor se se definir o princípio astrológico representado pelo Sol e por Leão como «a ânsia de ser, de se *transformar* e de exprimir o ego». Se pudermos ver o Sol em progressão a esta luz, poderemos então descrever todos os seus aspectos como indicadores de períodos em que uma pessoa assimila novas qualidades de ser e desenvolve novos modos de auto-expressão. Outras posições do Sol em progressão relativamente a outros planetas dão-nos a oportunidade de nos tornarmos mais conscientemente sintonizados com as potencialidades mostradas por esses planetas, e assim, para aprendermos o que esses símbolos significam nas nossas vidas de um modo específico e altamente pessoal. Para tornar mais claro o que pretendo dizer com «assimilar novas qualidades de ser», consideremos o signo de Leão e examinemos como essa energia opera.

De facto, uma pessoa de Leão diz: «Serei isto»; e Leão organiza-se para se tornar aquilo que foi delineado. Desempenham até ao fim seja qual for o papel que represente o que querem vir a ser. O facto de não serem *agora* aquilo em que querem *tornar-se*, de modo algum os embaraça; começam simplesmente a transformar-se, manifestando essa intenção — pelo que demonstram um dos segredos da autotransformação. Há outros processos de uma pessoa se modificar, mas Leão demonstra o modo de operação do princípio do Sol. Relacionando este conceito com o Sol em progressão, temos que quando o Sol entra em posição com um planeta natal, a pessoa *torna-se* mais parecida com a natureza desse planeta. Tal aspecto

mostra um período em que o indivíduo *se torna* mais do que era antes. E este processo de transformação acontece quer a pessoa tenha ou não consciência dele. Pode, na verdade, dizer-se que tanto o Sol como Leão representam a ânsia de se ser mais do que aquilo que se é, a vontade de se ser maior e mais completo do que no presente. Por isso, se virmos o Sol como essencialmente um símbolo de *transformação*, cada um dos aspectos exactos do Sol em progressão indica um período em que seremos activamente envolvidos em rápido desenvolvimento e aperfeiçoamento; toda a nossa personalidade pode mudar durante esse período, e o âmbito da auto-expressão que nos satisfaz pode expandir-se consideravelmente.

Alguns exemplos dos meus arquivos ajudarão a explicar esta perspectiva dos aspectos do Sol em progressão:

Sol em progressão em conjunção com Marte (homem, 25 anos): começou a aperceber-se da sua masculinidade, da sua força pessoal, do seu poder. Os medos e inibições (mostrados por uma quadratura natal de Saturno com Marte) que antes o impediam de lutar por aquilo que queria, começaram a dominá-lo cada vez menos; e, na verdade, este período foi de grande desenvolvimento em confiança e coragem. Nunca regressou ao velho modo de agir e de falar, receoso e hesitante, pois parecia ter assimilado por completo uma forte dose de energia de Marte. *Tornou-se* mais semelhante à natureza de Marte: mais afirmativo, mais intrépido, mais enérgico, mais inclinado a iniciar novos projectos e actividades, alguns envolvendo mesmo considerável risco. Foi um período de autotransformação radical.

Sol em progressão em conjunção com Vénus (mulher, 48 anos): nunca casara e quase não tinha experiência no amor ou em relações sexuais. Começou a despertar para esta parte desprezada da sua natureza durante este período. Principiou a ter relações sexuais com dois homens e, embora essas relações não durassem muito e ela começasse a sentir-se perturbada por numerosos conflitos acerca das suas acções e dos seus desejos, foi um período de grande desenvolvimento, pois ela passou a aperceber-se mais das suas necessidades, capacidades e desejos típicos de Vénus, obtendo, assim, maior confiança na sua feminilidade e na sua atracção, abrindo-se a toda a dimensão da experiência simbolizada por Vénus. Durante esta época, *tornou-se* mais identificada com o planeta, desfrutando de maior sensibilidade e profundidade emocionais.

Sol em progressão em quadratura com Júpiter (homem, 19 anos): foi um período de grande expansão, auto-aperfeiçoamento e aventura. Começou nesta época a experimentar novos estilos de vida, novas ideias, novos ideais, novas maneiras de se relacionar que abriram muitas portas para um maior autoconhecimento. Foi um período

de se «descobrir a sua própria» e de se tornar mais confiante, feliz e independente. Descobriu também novos interesses religiosos; abriu-se pela primeira vez aos ensinamentos orientais sobre reencarnação e filosofia taoísta. A protecção financeira também esteve presente, pois recebeu um automóvel e uma mesada para estudar.

Sol em progressão em conjunção com Neptuno (mulher, 26 anos): foi um período em que se tornou mais idealista e em que tentou realmente viver de acordo com esses ideais. Houve um despertar espiritual e uma maior consciência de muitos factores subtis e intangíveis na sua vida, que antes ignorava. O princípio deste período foi assinalado pelo abandono do emprego e a retirada do mundo durante cerca de três meses, durante os quais começou a elaborar um plano para o futuro que seria mais satisfatório e inspirador do que o seu anterior estilo de vida. Ao longo desta progressão, começou a interessar-se por uma carreira no campo médico que tem seguido desde há muitos anos e que a realiza extremamente. Tornou-se também mais neptuniana durante esse período, no sentido em que passou a estar mais aberta a factores espirituais, como o karma, o destino, etc.

Sol em progressão em conjunção com Úrano (homem, 27 anos): período de grandes mudanças, quer na vida exterior, quer no sentido interior de objectivo de vida e individualidade. Mudou-se para um novo estado no princípio deste período, a fim de realizar uma ambição radicalmente nova: um curso superior de música (embora a sua licenciatura fosse em psicologia). Alguns meses depois da mudança, o seu desassossego levou-o a abandonar o curso e a regressar à sua antiga residência, para estudar astrologia e consultoria, outro caminho radicalmente novo para ele, pois nunca antes fizera consultoria e apenas ocasionalmente se interessara por astrologia. Tornou-se mais uraniano, o que se prova não só pelas numerosas mudanças na sua vida exterior, como também pelo interesse na astrologia, que aumentou extraordinariamente.

Sol em progressão em quadratura com Plutão (homem, 30 anos): um período de deixar para trás o velho, compreendendo que já não era um «jovem», cujos valores e orientações provinham das suas experiências do liceu. Foi um período para assimilar o facto de que o passado tinha ficado irrecusavelmente para trás e que também a perspectiva compulsiva mecânica que tinha de muitas situações de vida já não o realizava nem sequer o interessava. Este período coincidiu com uma doença que durou três semanas e anunciou um renascimento fundamental porque, uma vez restabelecido, pôs fim a todas as actividades em que ocupara a vida durante anos, abrindo, assim, caminho a uma carreira inteiramente nova. Enquanto doente, compreendeu que não podia de modo algum continuar a desem-

penhar as antigas actividades, desinteressantes e sem significado. Tornou-se, então, plutoniano, sendo muito rude (de um modo positivo) no seu método de conduzir a vida e muito mais concentrado acerca dos seus objectivos.

Sol em progressão em quadratura com Saturno (homem, 25 anos): período em que se tornou muito mais conservador nas suas opiniões e valores e durante o qual assimilou muitas qualidades saturninas; algumas delas foram enfrentadas através do seu contacto com um professor mais velho com quem tinha conflitos. Sentiu necessidade de abandonar o trabalho e o curso durante umas cinco semanas para pensar se devia ou não prosseguir na realização daquilo que antes haviam sido as suas principais ambições. Terminado este período conformou-se, pela primeira vez, com muitas realidades práticas da vida e tornou-se muito mais saturnino, o que se traduziu num aumento de paciência e numa maior aceitação dos membros mais velhos do «establishment».

Estes exemplos familiarizarão suficientemente o leitor com o modo de encarar os aspectos do Sol em progressão que temos vindo a referir, permitindo-lhe, assim, verificar o método na prática, se a sua ênfase no desenvolvimento psicológico é apropriada ao tipo de trabalho astrológico que executa. Embora os aspectos «menores» do Sol em progressão e os seus trinos e sextis nem sempre indiquem desenvolvimentos psicológicos fundamentais, atentar neles vale sempre a pena. Pode sempre saber-se com antecedência que uma conjunção, uma quadratura ou uma oposição do Sol em progressão assinalarão uma fase importante de autotransformação e potencialmente um período em que a pessoa é capaz de integrar conscientemente uma parte dominante da sua natureza. Se a pessoa estiver sintonizada com as mais subtis dimensões das experiências diárias pode aperceber-se de que um fundamental modelo kármico está a ser activado e trazido à luz da consciência psicológica. Para aqueles que não são sensíveis ao progresso da vida interior, estes períodos começarão, muitas vezes, por um acontecimento ou experiência relevantes que, por assim dizer, os obrigarão a enfrentar determinada parte de si próprios. E iniciam uma fase de desenvolvimento da personalidade e de maturidade cuja falta não teriam conscientemente admitido.

A Lua em progressão

A Lua em progressão por progressões secundárias é um instrumento particularmente valioso, pois a sua velocidade relativamente rápida torna possível utilizar não só os aspectos que forma com os

pontos natais, mas também a posição da casa que ocupa como orientações interpretativas. Além disso, o período do ciclo completo da Lua em progressão através de um horóscopo individual (aproximadamente 26 a 28 anos) serve de complemento perfeito ao ciclo de Saturno em trânsito (28 anos e meio a 30 anos). A posição de casa da Lua em progressão indica, entre outras coisas, que nos tornamos conscientes dessa área de vida e desse campo de experiência; sentimo-nos *impelidos* para eles e o nosso estado de espírito tende a analisar quase constantemente estas questões²². Ao contrário, a posição de casa de Saturno em trânsito, como a descrevemos no capítulo V, representa especificamente uma área de vida e de expressão na qual trabalhamos conscientemente ou em cujo âmbito as circunstâncias nos impelem a fazer esforços. A posição de casa da Lua em progressão pode também indicar o seguinte:

- a) Que os modelos passados de resposta e de atitudes subconscientes (karmas de vidas passadas) nesta área de vida tendem a tornar-se aparentes.
- b) Que muita atenção se dedicará a essa área de experiência enquanto a Lua estiver nessa casa.
- c) Que se tornará evidente uma modificação de interesses, à medida que a Lua em progressão mude de casa (especialmente quando entra em posição com os vários planetas natais).
- d) Que novos contactos, encontros ou relações ocorrerão, quer quando a Lua mudar de casa, quer quando formar aspectos quase perfeitos com os planetas natais.
- e) Que a disposição geral será simbolizada pela posição de casa da Lua em progressão e, por isso, que desenvolvimentos psicológicos definidos tendem a ocorrer à medida que a pessoa assimila esta nova experiência. (Repare-se que a Lua está intimamente relacionada com a alimentação e a maternidade, isto é, com o sustento; pode-se dizer que *alimentamos* essa área de experiência enquanto a Lua está em determinada casa).

²² Repare-se que a Lua simboliza o «espírito» na astrologia hindu, isto é, o fluxo constante de pensamentos, sentimentos, impressões, atitudes, imagens, necessidades e recordações que caracterizam o nosso «estado de espírito» geral. Diferente deste tipo de «espírito» é o espírito consciente racional, simbolizado por Mercúrio e que, na realidade, é uma faculdade especial apenas do espírito consciente. E por isso incorrecto atribuir a palavra-chave de «espírito» a Mercúrio, embora não se possa negar que a função de Mercúrio é, de facto, totalmente mental.

- f) Que a posição da Lua em progressão mostra, em alguns casos, como muitos autores sublinham, as circunstâncias quotidianas e o meio ambiente; mas em quase todos os casos revela aquilo que preocupa o nosso espírito.
- g) Que a posição de casa da Lua em progressão mostra para onde vão as nossas energias vitais, em direcção a que campo de experiência e a que tipo de interesses somos *arrastados* e em que área da nossa vida somos particularmente sensíveis e capazes de responder.

Quando a Lua em progressão (ou Saturno em trânsito) está numa casa angular, tende a corresponder um período de marcada actividade; quando está numa casa sucedente, a um tempo de consolidação e construção, ou de busca de segurança; e quando está numa casa cadente, a muitas experiências e a muita aprendizagem nova, por vezes através de viagens ou de frequências de estudos regulares. O movimento da Lua em progressão (e, em certa medida, o de Saturno e Júpiter em trânsito) pode ser melhor explicado se classificarmos as casas de acordo com os elementos dos signos com os quais estão relacionados:

Passagem pelas casas do ar (III, VII e XI): estimulam o planeamento, novas ideias, novas relações, troca de ideias e a obtenção de uma perspectiva isenta das coisas.

Passagem pelas casas do fogo (I, V e IX): estimula uma forte ânsia de acção e de empenhamento nas coisas que faz, ou quer ou aspira a fazer. Forte envolvimento com o mundo exterior.

Passagem pelas casas da água (IV, VIII e XII): estimula a reflexão, uma necessidade de isolamento do mundo exterior e de aprendizagem em profundidade. Pode ser um período de assinalável desenvolvimento espiritual e maior sensibilidade psíquica.

Passagem pelas casas da terra (II, VI e X): estimula a consciência das necessidades e questões imediatas relacionadas com o trabalho, deveres práticos e, em geral, com o modo pelo qual ocupamos o nosso lugar no mundo exterior. Mostrará, por vezes, também, períodos de sobrecarga ou de pagamento do karma específico, mediante um duro esforço.

Deve reparar-se que a posição da Lua em progressão numa casa do fogo ou do ar indica geralmente uma disposição mais alegre no dia-a-dia do que quando a Lua está numa casa da terra ou da água. Na verdade, é muitas vezes surpreendente o modo como se torna visível a mudança da disposição quando a Lua em progressão muda de casa. As energias vitais parecem fluir mais fácil e espontaneamente quando a Lua em progressão está numa casa do fogo ou

do ar, enquanto já parecem ser retidas ou inibidas quando o planeta se encontra numa casa da água ou da terra. Suponhamos, por exemplo, uma pessoa que teve a Lua em progressão na VIII casa durante dois anos e meio e experimenta agora a entrada da Lua na IX casa. Todo o seu modo de ser deverá mudar de um feitio intenso, introspectivo e taciturno, para outro optimista, aventureiro e mesmo jovial.

Como referi no capítulo V, outro factor relevante para o uso da posição de casa da Lua em progressão é o fenómeno comum de um acontecimento ou experiência decisivos ocorrerem precisamente antes de a Lua abandonar determinada casa e entrar na seguinte. Não quero com isto dizer que tal transição da Lua de uma casa para outra esteja sempre relacionada com uma experiência importante e definida, mas — usando o sistema de casas Koch tenho visto isso acontecer com tanta frequência quando a Lua fica a seis ou oito graus da cúspide seguinte, que estou sempre preparado para tal possibilidade. O trajecto da Lua em progressão através de qualquer casa pode descrever-se como segue (este modelo aplica-se também ao trânsito de Saturno por qualquer casa):

Quando o planeta está no princípio de uma casa temos, muitas vezes, que «tomar decisões» ou, pelo menos, de obter uma compreensão mais consciente de uma nova direcção para a nossa energia e para o nosso desenvolvimento; quando está no fim da casa, os resultados dos nossos planos e esforços (bem como o modelo do nosso karma nessa área de vida) manifestam-se, em muitos casos, definida e concretamente. É como se as potencialidades a princípio apenas abstractas — somente estavam vivas ao nível das ideias e da imaginação — se catalisassem numa forma específica. E quando isto acontece verificamos muitas vezes que toda a área de vida mostrada por essa casa se tornou mais firme, mais confortável e familiar para a pessoa.

Existe também outro paralelo entre Saturno em trânsito e a Lua em progressão, a saber o regresso de cada um deles ao seu lugar natal entre as idades dos 27 e dos 30 anos. Enquanto o regresso de Saturno tem a ver com a aceitação do nosso destino, especialmente em relação ao mundo exterior, o regresso da Lua em progressão é uma questão mais íntima, mais subjectiva. De certo modo, à semelhança do período de regresso de Saturno, é um tempo de aprender a aceitar o nosso ego tal qual ele é, e as nossas necessidades e sentimentos interiores como reais e vitais. Mas talvez a mais importante aplicação do regresso da Lua em progressão seja o dar-nos a oportunidade de nos pormos finalmente *bem* connosco. Pressões familiares, sociais, religiosas e educacionais todas se juntaram para nos criarem a incerteza sobre quem somos, sobre se está certo ser o que somos. Por

isso, desenvolvemos, na maioria, uma desconfiança em relação a parte de nós próprios e, por isso, nos sentimos muitas vezes vagamente mal com essas partes da nossa natureza que não receberam a aprovação de qualquer fonte autorizada. Mas quando a Lua em progressão regressa, podemos começar a deixar para trás as inseguranças da infância e a instalarmo-nos naquilo que acabamos por reconhecer sermos nós, sem culpa, sem tensão ou sem constrangimento. É importante observar os signos e os aspectos da Lua natal porque o signo da Lua natal mostra determinadas qualidades que podemos agora começar a exprimir mais livremente, e os seus aspectos revelam o grau de tensão que podemos libertar e transformar em energia construtiva, criativa.

A Lua em progressão através das casas

Mais do que repetir os significados tradicionais das várias casas ou descrever todas as manifestações possíveis da Lua em progressão em determinada casa, pretendo aqui esboçar apenas algumas das tendências gerais que parecem ser sentidas com mais frequência por todos os tipos de indivíduos.

CASA I: o princípio de um novo ciclo, quando as pessoas sentem que estão «a regressar a si próprias», após terem sido inibidas por todos os géneros de factores para além do seu controlo (especialmente quando a Lua está na XII casa). É evidente uma maior independência e uma maior confiança; a pessoa relaciona-se com o mundo exterior e experimenta a vida em geral com grande espontaneidade e rapidez. Pode ser um sentimento de libertação.

CASA II: estabelecimento de um ritmo de trabalho, de uma estruturação da vida e seu planeamento mais consistentes. Lançamento dos alicerces para muitos tipos de segurança (especialmente segurança material), baseada em valores mais práticos e profundos.

CASA III: a pessoa é *espontaneamente responsável perante os outros*, pois tem consciência do que pode aprender com todos. Existe, muitas vezes, uma nova abertura e um forte desejo de ter uma ampla variedade de experiências, bem como a consciência da necessidade de aprender para obter maior versatilidade.

- CASA IV: a pessoa torna-se consciente do fim de um ciclo e do início do outro. Tempo de isolamento, de preparação, talvez de ficar em casa mais do que antes. Quase sempre um período de reflexão, quando o indivíduo necessita de intimidade e, de certo modo, de um «útero» social, doméstico ou familiar no qual novas partes da personalidade possam incubar e desenvolver-se numa atmosfera protectora.
- CASA V: mais confiança e exuberância. Sentem-se as capacidades com maior rigor e compreendem-se mais claramente as potencialidades de êxito e de criatividade. Começa-se a correr riscos na auto-expressão e na satisfação das necessidades próprias de reconhecimento social, de amor e de prazer. Um tempo de «saber o que se vale» para se ver o que podemos fazer se nos derem *e dermos a nós próprios* oportunidades.
- CASA VI: purificação do ego. Pode dar novo significado à nossa vida, através da auto-análise e tem a ver com o nosso estado de saúde ou com a adopção de um caminho disciplinado de desenvolvimento pessoal ou discipulato. Por vezes, um retrocesso físico, destinado a impelir a pessoa à reavaliação da personalidade e ao seu aperfeiçoamento. Em certos casos, é um pouco deprimente quando reparamos que tudo corre mal connosco. Durante este período, a felicidade provém principalmente do trabalho devotado ou de actividade eminentemente social, que podem absorver todas as nossas energias mentais.
- CASA VII: sentimento de um forte impulso de partilha e companheirismo. Injecção de mais energia nas relações a dois, nas relações com o público (ou em ambos os tipos de relação). Começam novas relações e terminam as antigas, especialmente quando a Lua se encaminha para o fim da casa. Maior tendência para os empenhamentos sociais de todos os tipos.
- CASA VIII: profunda orientação para todas as virtualidades de vida. Para muitas pessoas, um dos mais intensos e profundos períodos das suas existências. São comuns interesses ocultos, metafísica e espirituais, bem como a preocupação com a polaridade negativa e suas manifestações: luxúria, egotismo, avareza e ânsia de poder que causam, muitas vezes, fortes conflitos interiores e sofrimento. No melhor dos casos, um tempo para refi-

- nar a personalidade e procurar valores mais profundos, após se ter rompido com os necessários tabus e ter visto que os velhos valores socialmente condicionados eram vazios e superficiais. O indivíduo sente-se geralmente como se estivesse no purgatório.
- CASA IX: uma tendência para a expansão dos horizontes próprios, para aprender o que é, em última análise, *verdadeiro*, para desenvolver e aperfeiçoar a personalidade e para procurar um modo de viver definido e idealista ou um conjunto de crenças. Para os que andam à *procura* é um período de busca e interrogação incessantes. Para os que pensam que encontraram alguma coisa, trata-se, muitas vezes, de uma época de partilhar essa coisa com os outros, através de conversas, conferências, livros, etc. Forte ânsia de longas viagens pelo mundo exterior e por dentro de nós próprios.
- CASA X: orientação ambiciosa, constante preocupação de atingir alguma coisa ou de trabalhar por alguma coisa. Perspectiva impessoal da vida, quer os outros se encaixem nos nossos objectivos práticos ou não se integrem, de modo algum, nas nossas vidas. Forte impulso para realizar qualquer coisa ou obter um lugar no mundo. Indica mais um cume da *luta* pela realização do que a conquista dessa realização (como tantos livros explicam), especialmente para pessoas com menos de 35 anos.
- CASA XI: desenvolvimento de um crescente sentido de envolvimento social, de responsabilidade social e de dever, sempre que uma pessoa compreende o seu *objectivo* relativamente a muitos outros seres humanos (isto é, de que modo nos integramos nas suas vidas e quais as necessidades deles que satisfazemos). Muitas vezes, sensibilidade à popularidade ou à falta dela, e à aceitação pelos outros. Pode ser uma época de dedicação a muita gente, por vezes oferecendo-lhes os nossos conhecimentos.
- CASA XII: período importante em que somos devolvidos a nós próprios e nos sentimos soltos de todas as velhas âncoras que antes davam ordem, significado, à nossa vida. Pode ser um período de solidão (por causa das circunstâncias ou por causa da necessidade interior de isolamento do mundo). Período em que tudo o que pode passar passa,

deixando-nos apenas com a essência e o significado espiritual das experiências passadas.

A posição do signo da Lua em progressão deve também ser considerada em qualquer horóscopo, embora na minha experiência raramente simbolize algo extraordinariamente importante, se vista separadamente da posição da casa da Lua. No entanto, como um horóscopo de nascimento é um todo integrado, o modo ideal de analisar o significado da Lua em progressão é combinar as qualidades do signo com o significado característico da sua colocação nas casas. Alguns astrólogos têm-me dito que parecem atrair e, muitas vezes, envolver-se com pessoas que são geralmente descritas pela posição de signo da Lua em progressão. Não tenho visto este facto como invariável, mas conheço exemplos suficientes deste género de tendência para justificarem um estudo.

Aspectos da Lua em progressão

Os mais importantes aspectos formados pela Lua enquanto avança através de um horóscopo são, como já disse antes, a conjunção, a quadratura e a oposição. Na maior parte dos casos, quando a Lua forma estes aspectos com os planetas natais, existirá um desenvolvimento ou uma experiência perceptíveis, embora existam excepções ocasionais. Todavia, na minha experiência, as conjunções da Lua em progressão nunca deixaram de se relacionar com acontecimentos, experiências ou realizações significativas e evidentes; e, por isso, considero a conjunção como o mais poderoso e seguro aspecto seguido da oposição e da quadratura. Além disso, é útil observar qualquer outro aspecto formado pela Lua em progressão (mesmo o sextil e o quincócio) porque — apesar de estes aspectos não corresponderem habitualmente a acontecimentos importantes — também «actuarão» decisivamente em algumas circunstâncias. Por exemplo, casei quando a Lua em progressão formava um sextil *exacto* com o meu Vénus, embora, na altura, não tivesse qualquer conhecimento sobre progressões; e tratava-se, de facto, do único indicador de um possível casamento que mais se aproximava da exactidão naquela altura. Mas, de qualquer modo, creio que atentar nas conjunções, quadraturas e oposições da Lua em progressão pode dar ao astrólogo prático a maior parte dos dados *úteis* que derivarão desta técnica de progressão. A Lua em progressão é muito significativa, não só porque se relaciona com mudanças interiores, mas também

porque os seus aspectos assinalam com frequência acontecimentos exteriores importantes: encontros com novas pessoas que serão decisivas na nossa vida; novos interesses e actividades que se desenvolverão no futuro; e transições, viagens e decisões importantes. Na realidade, os aspectos da Lua em progressão manifestar-se-ão como acontecimentos externos definidos durante mais tempo do que os aspectos do Sol em progressão. É como se a Lua em progressão simbolizasse o ponteiro de um relógio que marcasse acontecimentos e situações kármicas que precisamos de enfrentar no mundo exterior. De modo algum todos estes acontecimentos importantes serão simbolizados pelos aspectos da Lua em progressão, mas os mais poderosos aspectos da Lua em progressão simbolizam, muitas vezes, acontecimentos e experiências importantes que outros métodos não evidenciam.

Usar uma órbita rígida de 1º ou 2º para estes aspectos, não é tão útil como utilizar uma órbita de *tempo*. Como princípio geral, recomendo o uso de uma órbita de um mês no *máximo* (antes e depois do aspecto exacto) tempo durante o qual a situação potencial indicada pode manifestar-se. Parece ser um processo rigoroso, de acordo com a minha experiência, e explica-se simplesmente pelo facto de muitas progressões (e trânsitos também) não parecerem «agir» enquanto a Lua em trânsito as atravessa. Por isso, utilizando uma órbita de um mês haverá dois momentos diferentes em que a Lua em trânsito entra em conjunção com cada ponto constante do aspecto em progressão. A minha opinião quanto à duração do poder da Lua em progressão confirma a observação de C. E. O. Carter. Carter diz que os aspectos lunares em progressão actuam, *regra geral*, durante um mês aproximadamente, a não ser que se trate de uma conjunção ou oposição, aquilo a que ele chama «os mais potentes contactos», os quais, segundo afirma, podem ocasionalmente agir por um período mais longo.

Outras progressões importantes

As outras progressões importantes que quero mencionar neste capítulo são as que envolvem um dos quatro ângulos do horóscopo. São de dois tipos e ambos se relacionam, muitas vezes, com importantes acontecimentos na vida. Podem descrever-se como segue:

- 1) Aspectos formados pelo Ascendente ou a Meio do Céu em progressão com planetas natais que, portanto, envolvem

simultaneamente o Descendente ou o Imum Coeli em progressão.

- 2) Aspectos formados por um planeta em progressão quando entra em conjunção com os ângulos do horóscopo de nascimento.

A primeira classificação dos aspectos em progressão pode ser confusa para estudantes de astrologia, visto que existem muitos métodos para avançar o Meio do Céu ou o Ascendente. Aconselho sempre os principiantes a usarem apenas o método do Arco Solar na progressão destes pontos isto é, acrescentando ao Ascendente e ao Meio do Céu natais os graus e minutos totais de longitude que o Sol em progressão percorreu. O outro método mais comum de avançar o Ascendente consiste em observar o Meio do Céu (avançado pelo método do Arco Solar) numa tábua de casas e descobrir o Ascendente que corresponde à latitude dada. No seu livro *Some Principles of Horoscopic Delineation*, C. E. O. Carter dá grande relevo a estes tipos de progressões:

Os aspectos formados pelo Ascendente e o Meio Céu em progressão (...) são conhecidos como fazendo parte dos mais potentes índices estelares, produzindo quase sempre ou mesmo invariavelmente acontecimentos de carácter epocal. Os aspectos do Sol em progressão apenas podem competir com esta classe quanto a importância; e algo abaixo na escala talvez venham os aspectos de corpos em progressão com os ângulos radicais. (P. 74.)

Quando um Ascendente ou um Meio do Céu em progressão contacta com os planetas natais (especialmente por conjunção), a pessoa começa a absorver imediatamente as qualidades, energias e actividades simbolizadas por esses planetas; tais aspectos assinalam, muitas vezes, períodos de tomadas de decisão, de novas realizações ou de acontecimentos importantes.

Os aspectos formados pelos vários planetas em progressão com o Ascendente ou o Meio do Céu natais (mais uma vez especialmente por conjunções) indicam, regra geral, que a dimensão de experiências representada pelo planeta em progressão salta à vista da pessoa de um modo particularmente directo. Os aspectos relativos ao Meio do Céu representam geralmente factores que têm influência nos nossos planos e ambições a longo prazo, bem como na estrutura de vida, enquanto os aspectos com o Ascendente tendem a indicar um novo desenvolvimento na nossa vida, uma alteração na consciência, um

novo interesse importante ou uma alteração no nosso modo de auto-expressão. Por exemplo, se Vénus em progressão entrar em conjunção com o Meio do Céu, pode verificar um desenvolvimento nos nossos planos a longo prazo, na nossa perspectiva vocacional ou no nosso lugar na sociedade que parece promissor e agradável. Por outro lado, se Vénus em progressão entrar em conjunção com o Ascendente natal, é mais provável que a dimensão da experiência simbolizada por Vénus nos salte à vista de um modo pessoal imediato, por exemplo um caso amoroso, envolvimento financeiro, actividades artísticas ou agradáveis contactos sociais, podendo qualquer destas novidades despertar-nos para o significado de Vénus no nosso horóscopo de nascimento. As conjunções dos planetas em progressão com os outros ângulos (o Descendente e o Imum Coeli) podem também ser importantes e neles se deve igualmente atentar. Tais conjunções significam, muitas vezes, desenvolvimentos evidentes nas nossas relações (Descendente) ou na vida doméstica e situação (Imum Coeli), tal qual se pode esperar do significado tradicional destes pontos. No entanto, como o Ascendente/Descendente e o MC/IC formam eixos de poder e de fluxo de energia no horóscopo, uma conjunção com qualquer dos quatro ângulos manifestar-se-á, muitas vezes, de um modo que sem dúvida é uma reminiscência do ponto oposto. Para compreender estas progressões é, portanto, aconselhável tomar em conta a acção de polaridade entre pontos opostos e casas opostas. Por exemplo, uma conjunção com o Meio do Céu pode manifestar-se na compra de uma nova casa (Imum Coeli). Isto é apenas mais uma indicação de que o horóscopo de nascimento não é um conjunto de factores não relacionados, mas um *todo* unificado e interpenetrado.



Sagitário

CAPÍTULO IX

CICLOS DE TRANSFORMAÇÃO

Parte II: TRANSITOS

Não se chega à consciência psicológica sem dor.

C. G. JUNG

Neste capítulo, quero fundamentalmente apresentar uma síntese bastante breve de um tema vasto, sublinhando as potencialidades transformadoras e promotoras de desenvolvimento dos trânsitos. Por isso, procurarei explicar alguns significados essenciais dos vários tipos de trânsitos, referindo o seu uso prático, quer como símbolos de tipos específicos de experiência, quer como indicadores temporais de fases bastante previsíveis de intensa modificação pessoal. Como existem diversos livros excelentes que tratam de trânsitos de um modo sistemático e como alguns deles são bastante completos, creio não haver necessidade de ilustrar os vários princípios através da listagem das interpretações de cada trânsito possível. Tal tratamento dos trânsitos apenas pode ser apresentado num livro razoavelmente grande e que não trate de outra coisa. Entre os melhores livros sobre trânsitos contam-se *Astrology for the Millions*, de Lewi, que há mais de trinta e cinco anos continua a merecer um estudo pormenorizado; *Planets in Transit*, de Robert Hand, e uma nova e extremamente interessante abordagem dos trânsitos, de uma perspectiva humanística e holística, pelo astrólogo suíço Alexander Ruperti, *Cycles of Becoming*²³. Por isso, mais do que maçar o leitor com a repetição de muitos factores que já foram abordados noutros livros, pretendo fornecer aqui uma visão concisa do valor dos trânsitos para a compreensão dos períodos transformadores da vida, bem como algumas regras para o uso de trânsitos que concluí serem significativas e seguras.

Gostaria de sublinhar algo que raramente se salienta nas obras sobre trânsitos e me levou muitos anos a compreender: a simpli-

²³ *Cycles of Becoming: The Planetary Pattern of Growth*, publicado por CRCS Publications no Verão de 1978.

cidade essencial dos trânsitos. Tudo o que respeita à astrologia é, de facto, muito simples; a astrologia liga fundamentalmente com quatro energias fundamentais (os quatro elementos) e cada princípio planetário mostra um ponto focal de fluxo energético. Por isso, todos os trânsitos apenas estimulam (ou activam) essas energias, de modo a fluírem de certa maneira e com um certo ritmo. Por exemplo, todos os trânsitos por Vénus natal são semelhantes pois *todos* eles activam o princípio de Vénus no nosso horóscopo; por outras palavras, todos estimulam a dimensão de experiência mostrada por Vénus e afectam o fluxo da energia elementar que a posição de Vénus no signo indica. Mas os trânsitos de cada planeta activam ou afectam este fluxo de energia e experiência de modo diferente. Os trânsitos mais importantes são os dos cinco planetas exteriores (à excepção dos aspectos quase perfeitos formados pela Lua Nova com os pontos natais), já que agitam o inconsciente e põem-nos em contacto com a essência do factor natal. Todos os trânsitos dos cinco planetas exteriores exercem, por assim dizer, pressão sobre o inconsciente, a fim de nos impelir à mudança, à transformação, à libertação e — mais do que tudo — à consciência. De facto, pode dizer-se que todos os trânsitos são, *em última análise*, iguais. Embora esta generalização suscite uma reacção de espanto ou de ultraje por parte de muitos astrólogos, parecerá menos radical se considerarmos os seguintes pontos:

1) Cada indivíduo é uma *unidade* viva e todos os trânsitos de um determinado horóscopo reflectem alterações que ocorrem nessa pessoa. Se um trânsito afecta uma parte de um todo, afecta o todo; por isso, quando um trânsito específico incide sobre uma ou duas dimensões determinadas de experiência na vida dessa pessoa, na realidade afecta toda a pessoa.

2) Todos os trânsitos nos confrontam com experiências que estamos prontos para enfrentar; quer *saibamos* ou não conscientemente que é tempo dessas experiências, os trânsitos tendem a elevar à consciência as partes de nós próprios e as dimensões da nossa vida que estão prontas a ser compreendidas e assimiladas. Se alinharmos com o nosso verdadeiro modelo de ser e com o nosso ritmo de desenvolvimento, compreendendo que a vida é uma experiência de *aprendizagem* e que tudo o que experimentarmos é *bom para nós* do ponto de vista do desenvolvimento último da nossa personalidade, muito poucos trânsitos ou nenhuns nos surpreenderão totalmente porque teremos já sentido a *necessidade* dessa experiência. Na verdade, podemos querê-la conscientemente de antemão, mesmo que saibamos que isso arrastará considerável *stress*, trabalho ou até sofrimento. Mas, em muitos casos, a orientação consciente da pessoa opõe-se

rigidamente ao que ela realmente precisa. Nesses casos, a resposta do indivíduo a experiências desafiadoras ou imprevistas parece ser: «Não quero isso! Afastem isso de mim!» O seu comportamento é, assim, semelhante ao de uma criança com uma birra.

A simplicidade dos trânsitos é também mostrada pelo facto de existirem apenas doze princípios fundamentais em astrologia. Por isso, todos os trânsitos de *determinado planeta* pelos nossos planetas natais ou por pontos importantes são semelhantes, já que a vibração específica é especialmente activa na nossa vida durante o tempo em que o trânsito se efectua. Por exemplo, todos os trânsitos de Plutão assinalam períodos algo semelhantes na nossa vida porque durante esse tempo a vibração e a função de Plutão são especialmente poderosas. Esta força básica de Plutão será nalguma medida sentida quer o trânsito seja pelo Ascendente pelo Sol, pela Lua, por Vénus ou por outro planeta. (Embora os trânsitos pelos planetas pessoais e o Ascendente sejam, *regra geral*, os mais importantes, há muitas excepções). Assim, quando vemos determinado trânsito aproximar-se, devemos tentar compreendê-lo o mais completamente possível em todas as suas possíveis ramificações, mas não devemos perder de vista o facto de que se, por exemplo, Plutão em trânsito formar um aspecto com *qualquer* planeta natal, isto assinalará um *tempo plutoniano* na vida da pessoa. Ter consciência da qualidade geral de um dado período de tempo é tão importante como ser capaz de ordenar muitos pormenores das possíveis experiências que podem acompanhar determinado trânsito. E especialmente nos casos comuns, quando muitos trânsitos fundamentais estão activos durante o mesmo período de tempo, um conselheiro astrológico que procure explicar a um cliente (que não tem conhecimento de astrologia) todos os pormenores de cada trânsito em acção, pode facilmente falhar no esboço de um modelo de ordem na vida do indivíduo. O conselheiro pode, neste caso, estar apenas a substituir temporariamente uma massa de pormenores confusos por uma massa de emoções confusas. Mas, por outro lado, se o conselheiro lenta e claramente explicar as vibrações *gerais* que estão em actividade nessa altura *em toda a vida da pessoa* (mais do que nas várias categorias conceptuais isoladas da experiência) terá dado um grande passo na revelação de alguma semelhança de ordem que a pessoa pode agarrar para dela extrair força.

Creio que mais de 70% dos meus clientes nos últimos cinco anos me procuraram pela primeira vez quando experimentavam, pelo menos, dois (e, muitas vezes, três ou quatro) trânsitos principais. Embora um trânsito importante possa, na verdade, simbolizar uma mudança radical e um período de transição crucial, parece que a maior parte das pessoas que atingem um nível de tensão, conflito ou

confusão que as impele a procurar ajuda profissional estão a sofrer mais do que um trânsito simultaneamente. Se, por exemplo, George tem Júpiter transitando em conjunção com o seu Ascendente, Plutão transitando em quadratura com a sua conjunção Vénus-Mercúrio e Úrano transitando em quadratura com a sua Lua, tudo ao mesmo tempo, sofrerá inevitavelmente mudanças fundamentais, poderosos períodos de *stress* e reorientações radicais por mais de um ano. Pode ser útil explicar cada trânsito *específico* com o pormenor suficiente para que ele possa entender a sua influência, mas uma elaboração assim de pormenores deve ser seguida de um *resumo* da qualidade e tom *gerais* de todo o período de tempo. George pode, então, recordar todos os pormenores que ache úteis durante o ano seguinte, mas o mais certo é que recorde o resumo do conselheiro feito para todo esse período, dispondo, assim, de uma perspectiva geral dessa fase da sua vida.

Afirmo acima que as reacções de algumas pessoas a experiências «desagradáveis» durante os vários trânsitos se assemelham à birra de uma criança e constituem uma resistência emocional a enfrentar a dor. Uma excelente explicação da atitude de uma pessoa perante a dor consta de uma série de artigos de Donna Cunningham na revista *Horoscope*, publicada há uns anos. A série intitulava-se «Uma Perspectiva Espiritual — Psicológica sobre Trânsitos» e é um dos melhores trabalhos que já li sobre o assunto²⁴. Na parte primeira dessa série, Cunningham escreve que «parte da nossa dor emocional é realmente um tipo de reacção birrenta por não nos terem dado o que queríamos quando queríamos» e que «muita da dor dos trânsitos parece provir da resistência à mudança». Donna Cunningham explica também um modo positivo de encarar a dor em termos de potencial de desenvolvimento:

[...] a dor é o grito proverbial de socorro; se lhe prestarmos atenção, se fizermos algo de construtivo com ela, podemos evitar futuras complicações e entrar num tempo mais saudável das nossas vidas.

A dor surge, muitas vezes, durante o processo de reajustamento a uma maior exigência, mas o organismo desenvolve-se para se adequar à exigência; depressa esse mais elevado nível de funcionamento deixa de ser doloroso para ser

²⁴ Estes artigos foram ampliados e incluídos no novo livro de Donna Cunningham, *An Astrological Guide to Self-Awareness* (publicado por CRCS Publications). Este livro inclui também um tratamento digno de nota de muitos outros temas astrológicos e de uma perspectiva psicológica orientada para o desenvolvimento, e é escrito numa linguagem positiva, terra a terra, na verdade muito fresca.

por nós sentido como normal. Ao nível espiritual, também podemos experimentar alguma dor quando tentamos puxar por nós; mas em breve funcionamos melhor do que antes. É, muitas vezes, um trânsito duro que nos dá o ímpeto para puxarmos por nós ou que nos proporciona as condições sobre as quais somos forçados a puxar por nós, se o não fazemos voluntariamente.

... muita da dor dos trânsitos não passa, creio eu, de um efeito colateral do processo de fortificação, cura e desenvolvimento que acompanha todos os trânsitos fundamentais. Erramos ao concentrar a atenção mais na dor do que no processo de desenvolvimento ...

Cunningham também explica que «os trânsitos não são acontecimentos isolados sobre os quais não possuímos controlo; são, em vez disso, parte de um processo psicológico integral de que participamos». Na verdade, como ela salienta, um bom meio de utilizar os trânsitos na consulta astrológica é perguntar sempre à pessoa o que aconteceu no ano anterior, observando, ao mesmo tempo, os trânsitos principais que durante esse período de tempo se manifestavam. Desta maneira podemos fazer uma ideia da profundidade das modificações pessoais que o indivíduo continua ainda a sofrer e podemos também obter pistas importantes sobre o modo como a pessoa enfrenta geralmente os impulsos cósmicos de desenvolvimento, avaliando como enfrentou tais desafios no passado. Uma vez compreendido o modo habitual do indivíduo de enfrentar as fases críticas da vida poderemos mais facilmente ajustar o nosso estilo de expressão para lhe explicarmos aquilo que com ele se passa no presente. E também esse interrogatório pode começar a mostrar-nos o modo como os símbolos abstractos do horóscopo de nascimento se manifestam realmente na experiência de todos os dias. Sem qualquer ideia da maneira como a dinâmica do horóscopo de nascimento se exprime na experiência real, é muito difícil compreender em absoluto os trânsitos específicos e, muito menos, prever o que tais factos celestiais representarão no futuro. Mas, claro, pessoalmente estou mais interessado na *compreensão* do que na previsão, visto que se nos preocupamos com as previsões desviamos a atenção da pessoa do processo que se desenvolve. Cunningham, que é assistente social diplomada e tem muita experiência em trabalho de consultoria, diz a mesma coisa nos seus escritos:

Presta-se demasiada atenção em astrologia, aos acontecimentos, e não a suficiente ao processo que os provoca. Realmente, os acontecimentos assemelham-se a tabuletas —

são mais visíveis é claro, do que o processo. Mas não se salta de uma cidade para outra; cobre-se a distância a pouco e pouco. Os acontecimentos podem parecer a culminação de um processo ou o catalizador que inicia um processo, mas é mais útil estudá-los como indicadores exteriores de uma tendência interior. A interpretação dos trânsitos que atenta apenas nos acontecimentos deixa de parte um poderoso instrumento para o autoconhecimento e a mudança.

Durante trânsitos importantes podemos sentir uma ânsia interior de mudança (se estivermos sintonizados connosco), deparar com os impulsos de uma mudança através de circunstâncias externas ou combinar *ambas* as situações. Os trânsitos podem ser vistos como barómetros que *reflectem* as mudanças do «ambiente» interior da pessoa; e, muitas vezes, as circunstâncias externas também se reflectirão num estado interior, especialmente se precisarmos de encorajamento para olharmos para dentro de nós. Os trânsitos não podem separar-se da pessoa e dos seus processos de desenvolvimento. Principalmente durante trânsitos importantes dos cinco planetas exteriores, que são aqueles que abordamos neste capítulo, podemos permitir ser transformadores e, assim, *sujeitarmo-nos* completa e profundamente à experiência ou, então, enfrentar circunstâncias externas e tentar escapar-lhes, bem como à pressão interior de mudança que lhes corresponde. Uma pessoa que opta pela última solução tentará provavelmente recuperar velhos modelos de pensamento e comportamento logo que o trânsito cesse, mas numa nova situação. Este esforço pode ter resultados espantosos porque os velhos modelos de comportamento parecerão agora desajeitados, vazios e artificiais, criando considerável frustração e desorientação. E o que é mais, a pessoa será compelida a enfrentar as mesmas saídas quando um ciclo transformador semelhante se iniciar.

Trânsitos e karma

Os trânsitos mostram *de que modo* as energias (e o karma) se libertam, não necessariamente *aquilo* que é libertado. Por outras palavras, revelam uma qualidade característica da experiência, embora não possamos, regra geral, conhecer antecipadamente e com precisão que experiência é indicada. Os trânsitos regulam o relógio cármico, cada um deles activando uma corrente de energia (ou onda de karma) de certa maneira. Variam em velocidade, qualidade, intensidade, profundidade e força com que trazem as coisas à luz da

consciência. (Ver o subtítulo seguinte para pormenores sobre as diferenças dos planetas em trânsito). Durante qualquer trânsito, podemos semear um novo karma ou colher o karma que anteriormente foi activado. Na maior parte dos casos, é impossível saber se estamos simplesmente a deparar com karma do passado, se criamos novo karma, com o qual teremos de lidar mais tarde, ou se se trata de uma combinação de ambas as coisas. Portanto, devemos encarar todas as experiências presumindo que estamos a criar novo karma e, assim, ter uma certa cautela quando a situação parecer exigir-la. Mas se os nossos *melhores* esforços não conseguirem manter-nos ao abrigo de certa confusão ou actividade que sentimos possuir influência negativa sobre o nosso desenvolvimento espiritual, devemos presumir que se trata de karma passado a amadurecer para pagamento.

Como a citação de Donna Cunningham indica, os acontecimentos podem ser uma culminação de um processo ou um catalizador que inicia um processo. Do mesmo modo, embora não haja processo seguro de saber se estamos a colher karma ou a semear novo karma, existe uma distinção geral entre alguns trânsitos que deve ser sublinhada. Os trânsitos de Saturno e de Plutão são, muitas vezes, tempos de colheita, período em que nos confrontamos com resultados de acções e pensamentos passados. Na verdade, é esta a razão pela qual Saturno tem sido conhecido, através dos tempos, como «planeta do karma», pois os seus trânsitos relacionam-se muitas vezes com acontecimentos sem dúvida predestinados. E os trânsitos de Plutão revelam com frequência um modelo de experiência algo semelhante que não só parece predestinado, como também, muitas vezes, completamente insondável.

Os trânsitos de Júpiter e Úrano, por outro lado, relacionam-se geralmente com tempos de sementeira, quando acontecimentos futuros potenciais se nos revelam. Durante certos trânsitos de Júpiter, especialmente quando Júpiter está em conjunção com o Ascendente, foram-nos, muitas vezes, proporcionados relances proféticos do futuro, através de sonhos, de *flashes* intuitivos ou, simplesmente, de um novo curso de pensamento orientado para o futuro que, nesses períodos, se impõe fortemente ao espírito. Também já testemunhei esta tendência para sonhos proféticos, sentimentos ou visões quando Júpiter em trânsito forma um aspecto com o Sol natal quer por conjunção, quer por trino; e os acontecimentos futuros, em ambos os casos, provaram a verdade de tais relances proféticos. A relação dos trânsitos de Júpiter com experiências proféticas tem a ver com o facto de o signo de Júpiter, Sagitário, sempre ter sido conhecido como um signo de profecia, de aspirações para o futuro. (Repáre-se, por exemplo, nos poemas e desenhos proféticos, visionários, de William Blake,

que tinha nascido com Júpiter em conjunção com o Sol, em Sagitário). Devemos, evidentemente, ter cuidado ao aceitar tal experiência como uma revelação divina de verdade absoluta, em particular se tivermos tendência para sermos excessivamente jupiterianos ou neptunianos. Mas esses relances *podem* ser extremamente válidos, não só como orientação para planos e actividades no futuro, mas também como fonte de força e confiança que só um conhecimento interior pode proporcionar. Deve ainda sublinhar-se que nem todas as pessoas entrarão em rápida sintonia com essas indicações, pois há quem não seja suficientemente aberto para as perceber, quem não tenha consciência suficiente para as reconhecer; alguns pensam demasiado e impedem, assim, que a natureza compreensiva das visões jupiterianas penetre nos seus espíritos analíticos.

Do mesmo modo, durante os trânsitos de Úrano (especialmente pelo Ascendente, pelo Sol ou pelo planeta que rege o Ascendente) podemos também receber *flashes* intuitivos que constituem uma semente de acontecimentos futuros. O que então se experimenta pode levar dez anos ou mais a realizar-se no mundo material, mas a excitação e rapidez com que tal experiência se recebe é, muitas vezes, sentida como indicação segura de que, sejam quais forem as sementes lançadas à terra, elas darão inevitavelmente fruto um dia. Experiências deste género durante os trânsitos de Júpiter e de Úrano constituem novos exemplos do fenómeno que mencionei no capítulo V: recebemos com frequência mensagens e instruções durante períodos em que actuam trânsitos importantes. Saber se estas mensagens provêm dos próprios planetas, de forças espirituais do cérebro inconsciente ou de qualquer outra fonte tem, na realidade, pouco interesse. O certo é que aquilo que *experimentamos* nesses períodos pode, muitas vezes, descrever-se como um diálogo que determinado planeta tem connosco, proporcionando-nos informação específica e imediatamente útil. Podemos também obter alguma informação acerca da relação dos trânsitos com o karma se observarmos as casas ocupadas pelos planetas em trânsito. As casas mais importantes são as casas ocupadas pelos planetas em trânsito. As casas mais importantes neste estudo são quase sempre aquelas em que encontramos Júpiter e Saturno. Os planetas pessoais atravessam qualquer casa com demasiada rapidez para indicarem nitidamente tendências importantes, embora, por vezes, a casa onde se encontra Marte em trânsito indique um significativo foco de actividade. E, por outro lado, as posições de Úrano, Neptuno e Plutão em trânsito não são, regra geral, factores muito úteis para a consulta astrológica (à excepção dos períodos em que esses planetas mudam de casa, principalmente quando atravessam um dos quatro ângulos do horóscopo). Isto acon-

tece porque eles permanecem muito tempo numa casa e o indivíduo habitua-se a essa vibração numa determinada área da sua vida relativamente em pouco tempo. No entanto, Júpiter permanece numa casa durante cerca de um ano e Saturno durante cerca de dois anos e meio, períodos que o cliente pode ver como assinalando significativas fases da vida. As posições de Júpiter e Saturno são, portanto, de grande importância, por serem muito reveladoras da estrutura, qualidade e ritmo da participação cíclica da pessoa no mundo em geral.

O modo como a pessoa experimenta esses trânsitos de Júpiter e Saturno pelas casas, acima ou abaixo do horizonte, depende, quase em absoluto, da orientação fundamental da vida de cada um. Se somos introvertidos, reflectidos, se preferimos viver num certo isolamento, então sentiremos os trânsitos *acima* do horizonte relacionados com actividades que *temos* de fazer, mais do que com coisas que pessoalmente *queremos* fazer. Quando Júpiter e/ou Saturno transitam acima do horizonte podemos descobrir a urgência de enfrentar todos os tipos de necessidades, obrigações e circunstâncias exteriores. (Os que forem mais extrovertidos podem retirar extrema satisfação deste período, já que os objectivos e deveres exteriores desempenham um papel fundamental nas suas vidas). Se formos introvertidos, quando Júpiter e/ou Saturno transitarem pelas casas *abaixo* do horizonte tenderemos a trabalhar nas áreas de vida indicadas, em parte, pelo menos, porque somos mais pessoalmente motivados para o fazer pela nossa própria necessidade de segurança e felicidade. Uma pessoa mais extrovertida pode sentir, nessa altura, que está a ser *forçada* a voltar-se para dentro, a isolar-se de distrações e das actividades do mundo exterior que consomem energia.

Em geral, quando Júpiter transita acima do horizonte temos de expandir as nossas actividades em prol de um maior envolvimento no mundo exterior, para nos sentirmos confiantes e em sintonia com os ritmos da vida. Somos mais sensíveis às necessidades, desejos e expectativas das *outras* pessoas, e sentimos a necessidade de nos familiarizarmos com elas. *Muito do apoio de que dispomos provém do exterior*. Mas quando Júpiter começa a atravessar a I casa e enquanto está abaixo do horizonte sentimo-nos mais confiantes ao fazer aquilo que queremos, simplesmente porque somos *nós*, e sem ter em grande conta os conselhos e a aprovação dos outros. Ganhamos segurança e confiança interiores enquanto Júpiter está abaixo do horizonte. Sentimos a vibração expansiva e protectora de Júpiter *dentro* de nós e, por isso, não nos preocupamos muito com aquilo que os outros fazem ou dizem. O mesmo acontece com Saturno, atendendo a que a sua passagem pelas últimas seis casas pode envol-

ver-nos em muitos deveres e obrigações exteriores, bem como sujeitar-nos a fardos kármicos. A sua passagem pelas primeiras seis casas assinala um período em que o trabalho apurado e as preocupações se encontram principalmente a um nível pessoal e bastante privado. O trânsito de Saturno abaixo do horizonte é, por isso, um período em que materializamos o nosso karma relacionado com ansiedades e inseguranças pessoais, e com capacidades e potencialidades básicas.

Conceitos-chave da «influência» dos trânsitos

As experiências correspondentes aos trânsitos dos vários planetas são, muitas vezes, descritas em termos de «influência» que um indivíduo sente na sua vida nesse período. A seguir se apresenta uma série concisa de conceitos-chave relacionados com cada *planeta em trânsito*:

PLUTÃO: traz à superfície e transforma, fazendo, muitas vezes, cessar por completo um velho estilo de vida ou de expressão.

NEPTUNO: mina, dissolve, sensibiliza, refina e espiritualiza.

ÚRANO: acelera o ritmo da natureza, precipitando a mudança; perturba, revoluciona e traz à luz da consciência o que estava aquém do limiar da consciência psicológica.

SATURNO: atrasa e abranda o ritmo da natureza, concentrando, assim, a nossa experiência; constrange; confronta-nos com uma perspectiva realista da vida.

JÚPITER: abre portas para novos planos, aspirações e melhoramentos; sintoniza-nos com possibilidades futuras; impele-nos a invadir novas áreas de experiência.

MARTE: transtorna o ritmo usual da natureza, tonificando-o; impulso para a acção; torna, muitas vezes, as pessoas impacientes e temperamentais.

VÊNUS: harmoniza, suaviza o fluxo da experiência e a expressão das energias da pessoa. Por vezes, corresponde a notícias agradáveis ou uma sensação de relaxação.

MERCÚRIO: raramente importante; corresponde, por vezes, a comunicações e encontros significativos.

SOL e LUA: devem ser considerados como uma unidade; por isso, a posição da Lua Nova é a mais importante, visto que tonifica tudo aquilo com que forma aspectos. A Lua Cheia pode também activar os planetas natais.

Mais algumas palavras se tornam, porém, necessárias quanto ao uso do Sol e da Lua como trânsitos. Embora muitos livros apontem a «influência» do Sol ou da Lua em trânsito, os trânsitos da Lua raramente são, *em si próprios*, significativos, não obstante parecerem, de facto, activar outros trânsitos (e progressões) que se verificam no momento. Do mesmo modo, os trânsitos do Sol raramente são significativos de per si, apesar de, por vezes, corresponderem a qualidades evidentes de experiência por um dia ou dois. No entanto, o Sol e a Lua constituem uma polaridade completa e uma unidade de fluxo energético e devem, por isso, ser usados em conjunto nos trânsitos. Qualquer estudo de trânsitos deve, assim, incluir o uso da Lua Nova e da Lua Cheia. A Lua Nova em particular é extremamente poderosa porque costuma activar fortemente um planeta natal, se estiver em conjunção, oposição ou — até certo ponto — em quadratura com aquele. A Lua Cheia e a Lua Nova parecem não possuir qualquer qualidade característica ou «influência» em si; tonificam apenas o que é mostrado como potencial num horóscopo de nascimento. Muitas vezes, a Lua Nova em posição com um planeta natal será o único indicador de uma experiência importante.

Algumas das Luas Novas ou Cheias serão também eclipses solares ou lunares, fenómenos celestiais que tradicionalmente são tidos como muito mais poderosos do que outras Lunações e Luas Cheias. No entanto, a minha experiência leva-me a crer que os eclipses, no *trabalho com horóscopos individuais*, são muitíssimo sobrevalorizados. Não nos devemos esquecer que as tradições astrológicas relativas ao poder dos eclipses foram elaboradas numa época em que o uso principal da astrologia consistia na previsão de acontecimentos terrenos; e, na verdade, essas regras tradicionais podem ainda aplicar-se à astrologia terrena. Só que não tenho experiência suficiente em astrologia terrena para avaliar da sua correcção. Alguns investigadores, todavia, descobriram significados importantes associados não só com os próprios eclipses, mas também com a sua rota, à medida que percorrem várias nações. Creio que relativamente aos horóscopos individuais os eclipses não são mais poderosos do que a Lua Cheia ou a Lua Nova vulgares, com a excepção possível daqueles eclipses *visíveis* na localidade onde a pessoa habita. A astrologia geocêntrica baseia-se totalmente na superfície terrestre como ponto de observação, e devemos, por isso, ser cautelosos na aplicação desta hipótese fundamental. Isto significa que devemos ver um eclipse como uma mensagem especificamente poderosa que nos é dirigida pessoalmente apenas nos casos em que não só forma um aspecto com um importante ponto do horóscopo de nascimento, mas também quando é visível onde vivemos.

ver-nos em muitos deveres e obrigações exteriores, bem como sujeitar-nos a fardos kármicos. A sua passagem pelas primeiras seis casas assinala um período em que o trabalho apurado e as preocupações se encontram principalmente a um nível pessoal e bastante privado. O trânsito de Saturno abaixo do horizonte é, por isso, um período em que materializamos o nosso karma relacionado com ansiedades e inseguranças pessoais, e com capacidades e potencialidades básicas.

Conceitos-chave da «influência» dos trânsitos

As experiências correspondentes aos trânsitos dos vários planetas são, muitas vezes, descritas em termos de «influência» que um indivíduo sente na sua vida nesse período. A seguir se apresenta uma série concisa de conceitos-chave relacionados com cada *planeta em trânsito*:

PLUTÃO: traz à superfície e transforma, fazendo, muitas vezes, cessar por completo um velho estilo de vida ou de expressão.

NEPTUNO: mina, dissolve, sensibiliza, refina e espiritualiza.

ÚRANO: acelera o ritmo da natureza, precipitando a mudança; perturba, revoluciona e traz à luz da consciência o que estava aquém do limiar da consciência psicológica.

SATURNO: atrasa e abranda o ritmo da natureza, concentrando, assim, a nossa experiência; constrange; confronta-nos com uma perspectiva realista da vida.

JÚPITER: abre portas para novos planos, aspirações e melhoramentos; sintoniza-nos com possibilidades futuras; impele-nos a invadir novas áreas de experiência.

MARTE: transtorna o ritmo usual da natureza, tonificando-o; impulso para a acção; torna, muitas vezes, as pessoas impacientes e temperamentais.

VÊNUS: harmoniza, suaviza o fluxo da experiência e a expressão das energias da pessoa. Por vezes, corresponde a notícias agradáveis ou uma sensação de relaxação.

MERCÚRIO: raramente importante; corresponde, por vezes, a comunicações e encontros significativos.

SOL e LUA: devem ser considerados como uma unidade; por isso, a posição da Lua Nova é a mais importante, visto que tonifica tudo aquilo com que forma aspectos. A Lua Cheia pode também activar os planetas natais.

Mais algumas palavras se tornam, porém, necessárias quanto ao uso do Sol e da Lua como trânsitos. Embora muitos livros apontem a «influência» do Sol ou da Lua em trânsito, os trânsitos da Lua raramente são, *em si próprios*, significativos, não obstante parecerem, de facto, activar outros trânsitos (e progressões) que se verificam no momento. Do mesmo modo, os trânsitos do Sol raramente são significativos de per si, apesar de, por vezes, corresponderem a qualidades evidentes de experiência por um dia ou dois. No entanto, o Sol e a Lua constituem uma polaridade completa e uma unidade de fluxo energético e devem, por isso, ser usados em conjunto nos trânsitos. Qualquer estudo de trânsitos deve, assim, incluir o uso da Lua Nova e da Lua Cheia. A Lua Nova em particular é extremamente poderosa porque costuma activar fortemente um planeta natal, se estiver em conjunção, oposição ou — até certo ponto — em quadratura com aquele. A Lua Cheia e a Lua Nova parecem não possuir qualquer qualidade característica ou «influência» em si; tonificam apenas o que é mostrado como potencial num horóscopo de nascimento. Muitas vezes, a Lua Nova em posição com um planeta natal será o único indicador de uma experiência importante.

Algumas das Luas Novas ou Cheias serão também eclipses solares ou lunares, fenómenos celestiais que tradicionalmente são tidos como muito mais poderosos do que outras Lunações e Luas Cheias. No entanto, a minha experiência leva-me a crer que os eclipses, no *trabalho com horóscopos individuais*, são muitíssimo sobrevalorizados. Não nos devemos esquecer que as tradições astrológicas relativas ao poder dos eclipses foram elaboradas numa época em que o uso principal da astrologia consistia na previsão de acontecimentos terrenos; e, na verdade, essas regras tradicionais podem ainda aplicar-se à astrologia terrena. Só que não tenho experiência suficiente em astrologia terrena para avaliar a sua correcção. Alguns investigadores, todavia, descobriram significados importantes associados não só com os próprios eclipses, mas também com a sua rota, à medida que percorrem várias nações. Creio que relativamente aos horóscopos individuais os eclipses não são mais poderosos do que a Lua Cheia ou a Lua Nova vulgares, com a excepção possível daqueles eclipses *visíveis* na localidade onde a pessoa habita. A astrologia geocêntrica baseia-se totalmente na superfície terrestre como ponto de observação, e devemos, por isso, ser cautelosos na aplicação desta hipótese fundamental. Isto significa que devemos ver um eclipse como uma mensagem especificamente poderosa que nos é dirigida pessoalmente apenas nos casos em que não só forma um aspecto com um importante ponto do horóscopo de nascimento, mas também quando é visível onde vivemos.

Fora dessas circunstâncias, creio que devemos encarar os eclipses como semelhantes a quaisquer outras Luas nova ou cheia.

Uma Lua Nova é suficientemente poderosa para tonificar qualquer campo de experiência (simbolizado por uma casa natal), mesmo que não forme nenhum aspecto com um planeta natal. Estas experiências não são, regra geral, tão importantes como as mostradas pelos aspectos quase perfeitos, mas existe, muitas vezes, durante este período, uma disposição, um tipo de actividade ou uma tendência pronunciadas. Por exemplo, se a Lua Nova cair na III ou na IX casas não é raro viajar-se mais durante o mês seguinte. Se a Luação cai na V casa podemos sentir fortes impulsos para o prazer, o jogo, o esbanjamento e outras áreas influenciadas pela V casa. A Lua Nova na XII casa todos os anos significa, para algumas pessoas, um período anual de reflexão sobre o passado ou de enfrentamento dos resultados dos pensamentos e desejos do ano anterior. As Luas Novas, por outras palavras, constituem a chave para a compreensão daqueles ciclos anuais que muitas pessoas (mesmo que muitas não «acreditem» na astrologia) concluem ser modelos regulares nas suas vidas. Por exemplo, todos nós já ouvimos amigos dizer algo parecido com isto: «Todas as coisas importantes da minha vida me acontecem no Outono» ou «Todos os anos, por esta altura, tenho problemas de saúde». O uso dos ciclos de Luação permitir-nos-á não só compreender estas tendências anuais, como também definir mais precisamente estes períodos.

Conceitos-chave sobre planetas activados por trânsitos

Quero agora esboçar alguns significados característicos dos vários planetas que *são activados por trânsitos*. Por outras palavras, qual o significado geral de um trânsito por determinado planeta ou ponto natal? Quando determinado planeta forma um aspecto com qualquer planeta em trânsito, a dimensão da experiência mostrada pelo planeta natal é, de algum modo, potencializada. Como já disse antes, creio que este tipo de análise é útil como processo de avaliar a simplicidade dos trânsitos. Por exemplo, qualquer número de trânsitos por Mercúrio natal pode manifestar-se de maneiras algo semelhantes: trânsitos de Saturno, Úrano ou Plutão em aspecto desafiador com Mercúrio podem todos ser sentidos — pelo menos em parte — como a ânsia de abandonar velhos amigos e conhecimentos. A motivação ou a fundamentação racional subjacente a este impulso será diferente consoante os casos: com Saturno não queremos perder tempo nem

energias mentais com pessoas que já não servem as nossas necessidades práticas; com Úrano sentimo-nos impacientes com a lentidão e falta de excitação das relações; com Plutão estamos insatisfeitos com a futilidade da relação, visto que precisamos de mais profundidade e intensidade. Mas, em todos os casos, os comportamentos evidentes que brotam deste tipo de impulsos interiores podem ser quase idênticos.

PLUTÃO: Trânsitos por Plutão natal afectam o uso dos poderes e recursos interiores. Por vezes, são evidentes experiências psíquicas e, noutros casos, activam-se vários modelos compulsivos de pensamento e comportamento. Os trânsitos por Plutão não são, muitas vezes, aparentes para aqueles que têm pouca consciência da sua vida interior. Estes trânsitos assinalam, nalguns casos, o fim de todo um capítulo de vida, especialmente se o planeta em trânsito for Saturno, Úrano ou Neptuno, deixando como resíduo apenas uma concha vazia e recordações distantes.

NEPTUNO: os trânsitos por Neptuno são sobretudo importantes para as pessoas espiritualmente orientadas. Como Neptuno representa um estado de extrema passividade, tem de ser activado por outros planetas (principalmente Saturno, Úrano, Plutão ou a Lua Nova), a fim de se manifestar forte e construtivamente. Estes trânsitos específicos indicam, muitas vezes, um período de transformação ou de definição dos ideais, de enfrentamento da tendência para a fuga ou de melhoramentos da sensibilidade psíquica. Tenho visto muitas pessoas que experimentaram um nível particularmente alto de consciência psicológica quando Úrano entrou em conjunção com Neptuno natal. Existe, geralmente, uma leve crise quando Saturno ou Plutão activam Neptuno, pois ambos proporcionam um impulso para a *integração* dos ideais ou para a libertação de actividades escapistas e de auto-ilusões. Muitas vezes, durante estes períodos, há circunstâncias que nos obrigam a enfrentar algo que queremos ignorar. E com frequência, mas, de modo algum, sempre, trata-se de um problema sexual (especialmente com Plutão em trânsito), visto que a cultura ocidental parece especializar-se em auto-ilusões, ideais irrealistas, hipocrisia e hesitação nesta área de experiência; de facto, a cultura ocidental não possui qualquer mito vital ou outro meio de compreender rigorosamente a relação entre a energia do sexo e as realidades espirituais (Neptuno).

ÚRANO: os trânsitos por Úrano natal afectam a sensação de liberdade, o modo como a pessoa exprime a sua singularidade e originalidade, o modo como enfrenta o desassossego e os desejos de mudança e excitação. Estes trânsitos também têm um impacte em quaisquer novos empreendimentos excitantes, nos quais uma pessoa

participe. O conceito da pessoa daquilo que precisamente constitui a verdadeira independência sofre, com frequência, uma importante modificação quando Úrano é activado por Júpiter, Saturno, Neptuno ou Plutão.

SATURNO: os trânsitos por Saturno natal podem ter um impacto em toda a estrutura de vida e em todas as ambições a longo prazo, mas a ênfase é, regra geral, sentida na área da existência mais relacionada com os sentimentos de segurança material. Por isso, o emprego, a vocação ou o trabalho diário são, na maior parte das vezes, o objecto dessas mudanças; e isto inclui o papel de dona de casa e de mãe, tanto como qualquer função no mundo profissional. Enquanto um trânsito de Júpiter por Saturno se relaciona, muitas vezes, com uma melhoria ou expansão da situação vocacional, um trânsito de Úrano, Neptuno ou Plutão é, com frequência, sentido como um período de marcada insegurança e incerteza quanto ao trabalho e à posição social do indivíduo.

JÚPITER: os trânsitos por Júpiter afectam fundamentalmente os planos e as aspirações para o futuro, quer eles envolvam especificamente negócios ou empreendimentos financeiros, planos educativos ou de viagem, ou a direcção geral dos esforços pessoais, rumo a um autodesenvolvimento através de actividades religiosas, filosóficas ou metafísicas. Por isso, os trânsitos dos quatro planetas exteriores por Júpiter têm, muitas vezes, o efeito de alterar significativamente os planos para o futuro e a consciência das verdadeiras potencialidades que encerram.

MARTE: os trânsitos por Marte são sentidos como mudanças no modo como nos avaliamos e nos métodos que usamos para atingir os nossos objectivos. É, regra geral, evidente uma maior clareza sobre *aquilo que queremos* (excepto no caso de um trânsito de Neptuno), bem como uma nítida alteração no nosso fluxo de energia física e sexual. Para os homens, existe, muitas vezes, uma profunda mudança nos seus sentimentos de força e na sua confiança na masculinidade e, em ambos os sexos, verifica-se com frequência um sentido melhorado da competência e da capacidade para avaliar os desejos próprios.

VÊNUS: os trânsitos por Vénus são sentidos como mudanças numa ou em diversas áreas: relações e actividades emocionais, questões financeiras, gostos estéticos e valores pessoais. Estes trânsitos estão também directamente relacionados com o grau de felicidade que a pessoa sente na vida diária. Para ambos os sexos existe, muitas vezes, uma assinalável mudança nos seus sentimentos de atracção e à-vontade social; e as mulheres sentem com frequência importantes transições no desenvolvimento da sua sexualidade e da confiança na sua feminilidade.

MERCÚRIO: a importância dos trânsitos de Mercúrio é geralmente subestimada, visto que, regra geral, não se relacionam com mudanças radicais *imediatas* nas circunstâncias nem por crises particularmente dolorosas. No entanto, como os trânsitos por Mercúrio afectam o modo como uma pessoa pensa e exprime as suas percepções e já que «como pensarmos, assim seremos», devemos prestar-lhes tanta atenção como a qualquer outro trânsito importante. Especialmente quando os cinco planetas exteriores formam um aspecto com Mercúrio, existe um poderoso efeito sobre o modo como funciona o espírito consciente, podendo, em muitos casos, levar a uma atitude completamente diferente perante a vida (mesmo que a mudança possa ser subtil e não de imediato evidente para os outros) e/ou a um empenhamento numa nova capacidade ou área de estudo.

LUA: os trânsitos pela Lua natal afectam aquilo que uma pessoa sente acerca de si própria, o modo como se sente consigo própria, e na situação que tem e o modo como vê as suas relações com os filhos e os pais, a vida familiar e outras áreas relacionadas com as «raízes». Os factores de segurança ocupam um lugar proeminente nas preocupações da pessoa que, muitas vezes se inquieta com o lugar a que *pertence* (isto é, onde se sente verdadeiramente bem). As mulheres desenvolverão uma nova consciência da sua natureza e das implicações desta nos seus planos futuros. Homens e mulheres, contudo, têm a oportunidade de intensificar a consciência da sua própria natureza lunar: as qualidades meigas, *yin*²⁵, maternas do ser.

SOL: qualquer trânsito pelo Sol natal pode ser importante, mesmo os de Vénus, Mercúrio e Marte, visto que qualquer planeta que forme aspecto com o Sol se reflecte de imediato na consciência. Estes trânsitos afectam, na maior parte dos casos, o modo como procuramos exprimir-nos de uma maneira confiante e integrada, e têm impacto nas nossas potencialidades criativas e no nosso sentido de bem-estar. São importantes na atitude geral perante a vida e no modo de exprimir a personalidade; têm também impacto directo na nossa vitalidade física.

Um trânsito por qualquer planeta pode ser importante para determinado indivíduo, tudo dependendo do modo como essa pessoa está sintonizada com a vibração planetária. Se um planeta é o regente do Ascendente, do signo do Sol ou do signo da Lua, o impacto será quase sempre maior se esse planeta estiver relativamente dissociado dos temas fundamentais do horóscopo. A área de vida simbolizada pela casa que determinado planeta «rege» impor-se-á

²⁵ Princípio feminino, segundo a cosmologia tradicional chinesa. (N. do T.)

também, muitas vezes, à atenção da pessoa quando por esse planeta transitarem outros. Por exemplo, se Mercúrio rege a sua VI casa, um trânsito de um dos planetas externos em aspecto desafiador com Mercúrio não só se manifestará no tipo de mudanças encontradas em todos os trânsitos de Mercúrio, como também se relacionará, muitas vezes, com importantes acontecimentos no seu trabalho, emprego ou saúde. Qualquer conjunção, quer do Ascendente, quer do Descendente, formada com um dos cinco planetas exteriores, é, regra geral, significativa, com frequência de um modo dramático e imediato que tem ramificações a longo prazo. Estes trânsitos afectam não só a sua perspectiva de vida em geral e a sua confiança naquilo que é, como também o seu estado de saúde e o seu nível de vitalidade. Os trânsitos pelo planeta que rege o Ascendente são de importância semelhante e têm também um efeito poderoso na saúde e no nível de auto-expressão do indivíduo. Como afirma uma antiga lei astrológica, «Quando um planeta passa por cima do Ascendente impõe as matérias da(s) casa(s) que rege à sua atenção pessoal». Verifiquei que esta regra é muito certa e, por isso, vale a pena atentar em todos os trânsitos sobre o Ascendente; na verdade, mesmo um trânsito de Vénus ou de Mercúrio sobre o Ascendente pode ser extraordinariamente significativo se este planeta for especialmente poderoso no seu horóscopo. Deve ainda acrescentar-se que qualquer planeta no horóscopo de nascimento que forme um aspecto quase perfeito com o Sol e/ou a Lua na I casa é altamente sensível, visto que estamos particularmente sintonizados com a sua energia. Os trânsitos por esses planetas são, assim, invulgarmente importantes e fortemente sentidos.

TRÂNSITOS DOS CINCO PLANETAS EXTERIORES

Quero agora recapitular alguns dos princípios essenciais destes planetas em trânsito e apresentar estes princípios de uma maneira concisa, a fim de poderem ser usados sem dificuldade, mesmo por aqueles que iniciam o estudo da astrologia. Neste ponto do livro será já clara a razão pela qual os trânsitos destes cinco planetas merecem uma referência especial, em comparação com os dos outros, mas será útil mencionar alguns exemplos sobre cada um para sintetizar as muitas ideias já indicadas.

Trânsitos de Júpiter

O trânsito de Júpiter por qualquer casa natal pode descrever-se concisamente como um período em que uma pessoa pode: 1) obter uma compreensão mais completa dessa área de vida, através de uma experiência mais ampla; 2) alargar o âmbito dessa área de vida e, possivelmente, melhorá-lo; e 3) agir de um modo que terá ramificações futuras e/ou se baseia em considerações futuras. Com todos os trânsitos de Júpiter pode verificar-se uma tendência para a sobreexpansão, levando a uma dissipação de energia e dos recursos. Mas, ao contrário daquilo que tantos livros sobre trânsitos indicam, as pessoas experimentam muitos destes aspectos (incluindo as quadraturas) como períodos em que são impelidas a agir mais confiadamente e a fazer aquilo que realmente *queriam* fazer. Por outras palavras, toda a expansão dos planos e actividades pessoais pela qual desde há muito se ansiava pode, nestes períodos, ser realizada porque existe uma maior motivação para melhorar a situação corrente e também uma maior confiança num resultado positivo. Parece que são mais as pessoas inclinadas a conterem-se desnecessariamente do que a expandirem-se na vida diária e, por isso, os trânsitos de Júpiter proporcionam a necessária oportunidade para romper com essas restrições auto-impostas. Alguns exemplos de trânsitos de Júpiter podem clarificar estes pontos.

Com Júpiter em trânsito pela I casa uma pessoa pode: 1) compreender mais absolutamente o tipo de auto-expressão de que realmente necessita para se sentir vital e espontânea; 2) alargar o âmbito da auto-expressão; e 3) agir de um modo baseado numa visão futura da auto-expressão potencial e definitiva no mundo. No meu próprio caso, comecei a escrever um artigo sobre elementos astrológicos enquanto Júpiter estava na minha I casa (em oposição ao meu Sol natal) e verifiquei que esse artigo desabrochou espontaneamente num livro que três editores diferentes se ofereceram para editar. Foi assim que nasceu o meu livro *Astrology, Psychology & the Four Elements*; não planeei escrever tal livro e, na verdade, tinha outras obras planeadas, às quais me iria dedicar logo que terminasse o chamado artigo sobre os elementos. De facto, fiquei muito surpreendido ao descobrir que tinha tanto a dizer sobre elementos, mas o impulso de Júpiter para a expansão e a amplitude não pode, nestes períodos, ser reprimido.

Outro exemplo do efeito de Júpiter: duas mulheres minhas clientes que tinham sofrido de graves inibições sexuais tornaram-se ambas muito mais aventurosas e abertas relativamente ao sexo, enquanto

Júpiter transitava pela VIII casa; e as duas obtiveram não só uma compreensão muito mais completa da energia sexual e do seu lugar na vida, mas também uma maior consciência das suas necessidades sexuais e emocionais. Dois outros clientes ampliaram os seus negócios e subiram os preços, enquanto Júpiter em trânsito entrava em *quadratura* com Júpiter natal; e, ao contrário do que se poderia esperar de certas afirmações acerca deste trânsito em diversos livros, ambos obtiveram assinaláveis rendimentos e êxito profissional daquelas iniciativas empreendedoras sem quaisquer ramificações negativas. Vale a pena dizer que as oposições de Júpiter em trânsito são, com frequência, mais problemáticas do que as quadraturas. As quadraturas são mais dinâmicas e parecem favorecer a expansão de novas acções ou uma nova fase de desenvolvimento à qual se pode de imediato responder. *Algumas* oposições de Júpiter são experimentadas de modo semelhante, como períodos extremamente positivos e mesmo «de sorte», mas outros parecem manifestar-se num *excessivo* bloqueio em alguma área ou na expansão da expressão problemática do planeta natal que é activado. Por exemplo, um homem sentiu dolorosas câibras nas costas quando Júpiter entrou em oposição com o seu Saturno natal, em Leão. Outro fez uma liquidação no seu negócio enquanto Júpiter em trânsito estava em oposição com Vénus natal e verificou que muito poucas pessoas compareceram, não obtendo, assim, qualquer lucro.

As *conjunções* de Júpiter em trânsito com os planetas natais ou com os ângulos do horóscopo são quase sempre poderosas. A conjunção com o Sol assinala geralmente um ganho em confiança e um aumento de energia criativa, mesmo que, simultaneamente, não se registre um evidente êxito público. (O aumento de autoconfiança acompanha também, muitas vezes, a quadratura, o trino e a oposição de Júpiter com o Sol natal.) Na conjunção com a Lua existe igualmente mais confiança e a sensação de que as coisas fluem com mais facilidade do que o costume. Durante este período, algumas pessoas tendem a reagir demasiado a estímulos que normalmente os não afectariam, mas isso é mais comum quando o aspecto é uma quadratura ou uma oposição. Quando Júpiter está em conjunção com Mercúrio existem, muitas vezes, novos planos, novas ideias e rápidos avanços nas aspirações educativas da pessoa. A conjunção de Júpiter com a sua posição natal é quase sempre um período extremamente importante de reorientação e de renovada fé, bem como de reforço dos sentimentos religiosos, em alguns casos. Este período dura, regra geral, cerca de um ano e oferece a oportunidade de melhorar rapidamente a situação de vida, se nos empenharmos numa nova visão do futuro. A principal manifestação problemática dos trânsitos de

Júpiter pode ser resumida numa palavra: *exagero*. Se uma pessoa puder conter-se e moderar a expressão exagerada das suas energias durante os trânsitos de Júpiter, não há, de facto, motivo para se impedir de correr alguns riscos em tais períodos da vida, porque existe a promessa não só de óptimos ganhos, mas também de maiores autocompreensão e satisfação.

Trânsitos de Saturno

Como os princípios e características de Saturno foram explicados em pormenor no capítulo V, precisamos apenas de resumir aqui alguns conceitos-chave. Os trânsitos de Saturno em aspectos dinâmicos com planetas natais desafiam-nos a enfrentar as coisas com realismo, especialmente aquelas que temos evitado. Estes trânsitos *podem* relacionar-se com problemas, doenças, demoras e frustrações, mas apenas se tivermos desprezado alguma responsabilidade para conosco ou para com os outros, ou se não tivermos avaliado realisticamente as coisas. Estes trânsitos não *causam* problemas; apenas nos pressionam a enfrentar áreas de vida em que nos falte disciplina, estrutura ou força interior. Testam a qualidade da nossa vida e dos nossos compromissos, e abrandam o ritmo natural da existência até que aquilo que experimentamos durante esses períodos seja concentrado e nos impressione em profundidade.

Eis alguns exemplos de trânsitos de Saturno diferentes daqueles que mencionamos no capítulo V.

A conjunção de Saturno em trânsito com Plutão natal é, muitas vezes, acompanhada de experiências psíquicas ou espirituais ou, pelo menos, da ânsia interior de nos empenharmos nalguma forma de autotransformação. Existe com frequência uma maior consciência dos mais profundos deveres do indivíduo consigo próprio e um forte impulso para a modificação dos maus hábitos. Uma mulher de 60 anos conheceu alguém que a ensinou a meditar no dia em que esse trânsito era exacto. Horas mais tarde, em casa, sentou-se para experimentar essa técnica de concentração e imediatamente se desprende do corpo e teve brilhantes visões de luz e esplendor, tais como os místicos de muitas culturas têm descrito. Estava, mais do que nunca, cheia de alegria e fé e descreveu a experiência como algo por que tinha ansiado a vida inteira. Este exemplo ilustra o facto de as capacidades mentais e psíquicas de uma pessoa serem extremamente poderosas e concentradas durante esses períodos. Um homem experimentou diversos sintomas físicos e psicológicos quando Saturno

estava em quadratura com o seu Mercúrio. Houve muita tensão nervosa que se manifestou fisicamente numa forte dor de dentes (embora não se tivesse verificado a queda de qualquer dente, conforme se provou pelo exame médico). E, durante este período, pensou também muito seriamente, o que, apesar de o ter levado ao limiar do desânimo, o salvou de muitos problemas posteriores; na verdade, decidiu, nessa altura, não entrar numa sociedade que parecia oferecer oportunidades de lucros financeiros. Acontecimentos posteriores, contudo, mostraram que teria perdido a maior parte do seu dinheiro, e muito tempo e energia, se o seu pensamento prático o não tivesse dissuadido de participar nesse empreendimento. Duas outras pessoas, uma delas tendo a conjunção e outra a quadratura de Saturno em trânsito com Úrano natal, experimentaram frustração e o desejo de maior liberdade que novas responsabilidades impediam. Mas acabaram por compreender que a necessidade de aceitar limitações neste período era um factor-chave no princípio do desenvolvimento de uma forma prática de criatividade e de uma aplicação prática do seu idealismo e originalidade. Pode dizer-se que os trânsitos de Saturno por Úrano provocam uma compreensão da liberdade verdadeira e interior, e permitem um nível profundo de excitação, ao assumirmos voluntariamente deveres que eventualmente nos facultarão um modo mais estruturado de usarmos a nossa originalidade.

Um dos mais interessantes exemplos que tenho visto ocorreu quando um jovem tinha Saturno em trânsito em oposição com o seu Júpiter natal. Os trânsitos de Saturno por Júpiter assinalam, geralmente, períodos de conciliação das aspirações e planos para o desenvolvimento e auto-aperfeiçoamento futuros, e esta experiência não constituía excepção. No entanto, embora este tipo de trânsito esteja, regra geral, relacionado com acontecimentos financeiros, educativos ou intelectuais a sua experiência foi extraordinária. Enquanto Saturno estava em oposição com Júpiter teve duas visões separadas, em dois dias diferentes, cada uma das quais parecia favorecer-lhe a força e a sabedoria. Numa das visões havia um índio americano que exemplificava a paciência e a compreensão que visivelmente faltavam a este homem. O índio parecia ser um guia, um socorro espiritual com quem sempre se podia contar para ajuda e apoio, especialmente em emergências. A outra visão era a de um guerreiro viking preparado para combater, que simbolizava a força e a coragem de que o homem precisava para mostrar se ia utilizar completamente todas as suas potencialidades criativas. Mais tarde, resumiu estas experiências dizendo que lhe tinham dado mais fé (Júpiter) e autoconfiança, pois conhecera então não só os profundos recursos a que podia recorrer (simbolizados pelas qualidades daquelas figuras arquetípicas) como

também — e mais realisticamente — aquilo que ele próprio podia tornar-se no futuro.

Trânsitos de Úrano

Já referi alguns dos significados fundamentais dos trânsitos de Úrano no capítulo III e salientei a relação de Úrano com a velocidade e a subitaneidade. Os trânsitos de Úrano por quaisquer pontos do horóscopo de nascimento correspondem a um período de vida em que o tempo passa mais rapidamente e em que o ritmo de vida é acelerado, a fim de nos impelir a correr riscos e de estimular a experimentação e o desenvolvimento. Estes trânsitos não *causam* necessariamente eventos súbitos, mas indicam, muitas vezes, períodos em que actuamos inconscientemente, de um modo que pode atrair tais experiências. Um dos melhores processos de exprimir o princípio essencial envolvido nestes trânsitos é: podemos, neste período, obter uma perspectiva mais distanciada, mais objectiva, de uma dimensão particular de experiência se nos abrirmos e nos libertarmos dos estorvos da tradição, dos hábitos, dos conditionalismos do passado e dos preconceitos socioculturais. Como todos os trânsitos dos planetas trans-saturninos, os de Úrano activam aquilo que está pronto para acontecer *porque* nos desenvolvemos. Todos os impulsos em direcção a um novo aperfeiçoamento que ainda não desencadeámos (amontoando, assim, a energia num formidável reservatório de tensão interior) são rapidamente enfrentados nestes períodos. O desafio para nos desenvolvermos *livre* e rapidamente evidencia-se. Na verdade, os trânsitos de Úrano assinalam, muitas vezes, períodos em que compreendemos que temos de *ultrapassar* os nossos velhos modelos de vida. Claro que tendemos geralmente a persistir na nossa velha rotina por medo, inércia, desejo de segurança ou ansiedade, criada por mudanças imaginadas, mesmo quando já *suplantámos* essas velhas maneiras de viver. No entanto, quando Úrano transita por planetas ou ângulos natais, todas as mudanças necessárias para o futuro desenvolvimento depa-ram-se-nos subitamente. Apesar de podermos não o reconhecer, o que acontece então foi, na maior parte dos casos, programado pelos nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos cada vez mais descontentes. Mesmo que experimentemos algo de traumático que, evidentemente, não queremos de modo algum (por exemplo, a morte ou afastamento de um amigo íntimo) poderemos ver, meses ou anos mais tarde, que foi bom para nós, que isso nos libertou e nos tornou mais independentes e capazes de aprender a cuidar de nós próprios.

estava em quadratura com o seu Mercúrio. Houve muita tensão nervosa que se manifestou fisicamente numa forte dor de dentes (embora não se tivesse verificado a queda de qualquer dente, conforme se provou pelo exame médico). E, durante este período, pensou também muito seriamente, o que, apesar de o ter levado ao limiar do desânimo, o salvou de muitos problemas posteriores; na verdade, decidiu, nessa altura, não entrar numa sociedade que parecia oferecer oportunidades de lucros financeiros. Acontecimentos posteriores, contudo, mostraram que teria perdido a maior parte do seu dinheiro, e muito tempo e energia, se o seu pensamento prático o não tivesse dissuadido de participar nesse empreendimento. Duas outras pessoas, uma delas tendo a conjunção e outra a quadratura de Saturno em trânsito com Úrano natal, experimentaram frustração e o desejo de maior liberdade que novas responsabilidades impediavam. Mas acabaram por compreender que a necessidade de aceitar limitações neste período era um factor-chave no princípio do desenvolvimento de uma forma prática de criatividade e de uma aplicação prática do seu idealismo e originalidade. Pode dizer-se que os trânsitos de Saturno por Úrano provocam uma compreensão da liberdade verdadeira e interior, e permitem um nível profundo de excitação, ao assumirmos voluntariamente deveres que eventualmente nos facultarão um modo mais estruturado de usarmos a nossa originalidade.

Um dos mais interessantes exemplos que tenho visto ocorreu quando um jovem tinha Saturno em trânsito em oposição com o seu Júpiter natal. Os trânsitos de Saturno por Júpiter assinalam, geralmente, períodos de conciliação das aspirações e planos para o desenvolvimento e auto-aperfeiçoamento futuros, e esta experiência não constituía excepção. No entanto, embora este tipo de trânsito esteja, regra geral, relacionado com acontecimentos financeiros, educativos ou intelectuais a sua experiência foi extraordinária. Enquanto Saturno estava em oposição com Júpiter teve duas visões separadas, em dois dias diferentes, cada uma das quais parecia favorecer-lhe a força e a sabedoria. Numa das visões havia um índio americano que exemplificava a paciência e a compreensão que visivelmente faltavam a este homem. O índio parecia ser um guia, um socorro espiritual com quem sempre se podia contar para ajuda e apoio, especialmente em emergências. A outra visão era a de um guerreiro viking preparado para combater, que simbolizava a força e a coragem de que o homem precisava para mostrar se ia utilizar completamente todas as suas potencialidades criativas. Mais tarde, resumiu estas experiências dizendo que lhe tinham dado mais *fé* (Júpiter) e autoconfiança, pois conhecera então não só os profundos recursos a que podia recorrer (simbolizados pelas qualidades daquelas figuras arquetípicas) como

também — e mais realisticamente — aquilo que ele próprio podia tornar-se no futuro.

Trânsitos de Úrano

Já referi alguns dos significados fundamentais dos trânsitos de Úrano no capítulo III e salientei a relação de Úrano com a velocidade e a subitaneidade. Os trânsitos de Úrano por quaisquer pontos do horóscopo de nascimento correspondem a um período de vida em que o tempo passa mais rapidamente e em que o ritmo de vida é acelerado, a fim de nos impelir a correr riscos e de estimular a experimentação e o desenvolvimento. Estes trânsitos não *causam* necessariamente eventos súbitos, mas indicam, muitas vezes, períodos em que actuamos inconscientemente, de um modo que pode atrair tais experiências. Um dos melhores processos de exprimir o princípio essencial envolvido nestes trânsitos é: podemos, neste período, obter uma perspectiva mais distanciada, mais objectiva, de uma dimensão particular de experiência se nos abrirmos e nos libertarmos dos estorvos da tradição, dos hábitos, dos condicionalismos do passado e dos preconceitos socioculturais. Como todos os trânsitos dos planetas trans-saturninos, os de Úrano activam aquilo que está pronto para acontecer *porque* nos desenvolvemos. Todos os impulsos em direcção a um novo aperfeiçoamento que ainda não desencadeámos (amontoando, assim, a energia num formidável reservatório de tensão interior) são rapidamente enfrentados nestes períodos. O desafio para nos desenvolvermos *livre* e rapidamente evidencia-se. Na verdade, os trânsitos de Úrano assinalam, muitas vezes, períodos em que compreendemos que temos de *ultrapassar* os nossos velhos modelos de vida. Claro que tendemos geralmente a persistir na nossa velha rotina por medo, inércia, desejo de segurança ou ansiedade, criada por mudanças imaginadas, mesmo quando já *suplantamos* essas velhas maneiras de viver. No entanto, quando Úrano transita por planetas ou ângulos natais, todas as mudanças necessárias para o futuro desenvolvimento depa-ram-se-nos subitamente. Apesar de podermos não o reconhecer, o que acontece então foi, na maior parte dos casos, programado pelos nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos cada vez mais descontentes. Mesmo que experimentemos algo de traumático que, evidentemente, não queremos de modo algum (por exemplo, a morte ou afastamento de um amigo íntimo) poderemos ver, meses ou anos mais tarde, que foi bom para nós, que isso nos libertou e nos tornou mais independentes e capazes de aprender a cuidar de nós próprios.

O significado essencial de um trânsito de Úrano é que ele nos *desperta* para a nossa verdadeira condição de *liberdade relativamente àquilo que vencemos*. Liberta-nos de tudo aquilo a que já não estamos presos por dever, medo, karma ou necessidade e desperta-nos para um estado de ser independente e para o nosso objectivo individual de vida.

Eis alguns exemplos úteis para a compreensão desta dinâmica.

Um homem abandona o seu trabalho e rotina quando Úrano em trânsito entrou em quadratura com o seu Sol, pois compreendeu que era tempo de encetar tipos criativos de trabalho que em criança delineara, mas que tinha, entretanto, ignorado. Outro homem, quando Úrano entrou em conjunção com o Sol natal, recebeu rápidas instruções de outras dimensões acerca de leis cósmicas, evolução espiritual e verdades astrológicas. Compreendeu também que a sua verdadeira natureza exigia uma companheira e que lhe era impossível um estado autêntico de liberdade pessoal enquanto não se casasse. Por isso, conheceu alguém e casou nesse período. Em cada um destes casos verificou-se uma marcada abertura à verdade da natureza essencial da pessoa. Uma mulher de vinte e quatro anos, quando Úrano em trânsito formava quadratura com o seu planeta regente, Mercúrio, compreendeu que tinha ultrapassado muitos velhos modos de pensar, de agir e mesmo de se vestir (repare-se que o Ascendente e o seu planeta regente estão relacionados com a aparência). Cortou o cabelo, começou a aprender uma arte oriental meditativa de movimento e iniciou um trabalho em *part-time*, em vez de *full-time*, para ter mais tempo destinado a actividades criativas. Todo este processo se desenrolou ao longo de um ou dois anos, manifestando-se em descontentamento e forte ânsia de uma mudança radical, mas esta só pôde ser efectuada — e o impulso para a transformação só adquiriu forma e direcção definidas — quando o aspecto se aproximou da exactidão. Um homem que tinha Úrano em trânsito em quadratura com Saturno natal compreendeu que era, de facto, livre de trabalhar naquilo que gostava e que o entusiasmava, em vez de ficar preso a velhos tipos de trabalho, apenas para ganhar dinheiro. Despertou para um sentido de libertação de velhos deveres, obrigações e hábitos motivados pelo medo, e abandonou por completo a sua carreira para se entregar em tempo completo a uma actividade criativa. Antes de realizar este impulso, o seu trabalho começava a tornar-se tão maçador e frustrante que quase esteve à beira do colapso nervoso.

Os trânsitos de Úrano por Vénus e Marte são quase sempre sentidos como poderosos impulsos para a experiência sexual e/ou emocional; e embora estas experiências sejam, muitas vezes, extremamente ameaçadoras para relações estabelecidas, como o casamento,

a objectividade que se ganha na materialização ou, pelo menos, no confronto com esses impulsos permite, em muitos casos, à pessoa melhorar mais tarde as relações existentes. Durante os trânsitos verifica-se geralmente uma considerável perturbação; os aspectos desafiadore de Úrano com Marte natal são especialmente tumultuosos, manifestando-se com frequência em violento desejo de acção nova e excitante. Mas, nestes períodos, pode acontecer um *despertar* para as verdadeiras necessidades de Vénus ou Marte e para novos modos de exprimir essas energias, nos quais talvez nunca antes se tenha pensado. E, como já dissemos atrás, os trânsitos de Úrano por Neptuno natal estão, muitas vezes, relacionados com um despertar para a realidade de níveis do ser espirituais ou transcendentais, com o que a pessoa pode espontaneamente obter um nível de consciência psicológica que só como místico poderá ser descrito.

Trânsito de Neptuno

A maior parte dos princípios essenciais de Neptuno foram abordados no capítulo III. Basta-nos resumi-los aqui, salientando que os trânsitos de Neptuno sintonizam invariavelmente a pessoa com o domínio do intangível. Embora muitas vezes sentidas como períodos confusos de grande incerteza, podem também ser experimentados como tempos de inspiração ou mesmo de iniciação, mediante o aperfeiçoamento e a espiritualização da personalidade pelo processo indicado. Estes períodos são, em potência, épocas de aprendizagem das mais subtis lições de vida e de compreensão de que os factores intangíveis imateriais são mais importantes e poderosos do que as questões terrenas da vida diária, que a maior parte das pessoas parece considerar como a realidade última. Através da penetração na consciência psicológica das vibrações de Neptuno podemos-nos (voluntária ou involuntariamente) abrir para um reino de infinitas possibilidades, capaz de propiciar um espantoso alargamento da consciência e mesmo uma sintonia com os níveis do ser universais e cósmicos. Os trânsitos de Neptuno dão-nos oportunidade para apurar a nossa compreensão, as nossas atitudes e o nosso comportamento, com base numa aguda percepção das forças intangíveis actantes. Tendemos a sentir-nos confusos e desenraizados se não aceitarmos o desafio de nos entregarmos a um ideal.

Eis alguns exemplos específicos necessários para iluminarem a nossa interpretação dos trânsitos de Neptuno, visto que é difícil explicar a vibração transcendente de Neptuno de uma maneira lógica ou sistemática.

Uma mulher de trinta e quatro anos atravessou um período de profundas mudanças pessoais quando Neptuno em trânsito formou quadratura com o seu Sol natal, durante mais de ano e meio. Ao longo deste tempo, o marido com quem estava casada havia mais de doze anos deixou-a sem esclarecer se tencionava voltar ou se queria separar-se definitivamente. A mulher ficou, pois, desorientada, sem saber se devia começar nova vida ou esperar por uma decisão do marido. Começou também a interessar-se por astrologia, reencarnação e outras matérias afins, que a ajudaram a obter uma perspectiva do que se passava. Tais estudos deram-lhe, pela primeira vez, uma visão espiritual da vida que, na verdade, contribuiu para lhe proporcionar a força de que precisava para se divorciar do marido e iniciar o seu próprio caminho de desenvolvimento, em vez de manter uma doentia dependência dele. Durante este período, adquiriu um novo sentido de liberdade e de individualidade (o Sol); e as possibilidades de desenvolvimento começaram, pela primeira vez na sua vida, a surgir e a mostrar-se altamente prometedores. Um rapaz de seis anos, enquanto Neptuno formava conjunção com o seu Sol natal, foi levado a uma conferência de um mestre espiritual indiano porque sua mãe era devota dos ensinamentos deste mestre. Sem a menor hesitação ou aviso, o rapaz correu para o mestre e pediu para ser iniciado, o que, regra geral, nunca se concede a quem não tiver, pelo menos, vinte e um anos. Mas, neste caso, era, decerto, altura de o jovem contactar com uma fonte de inspiração espiritual, pois foi-lhe prometida a iniciação e, na verdade, desfrutou de uma experiência espiritual interior que o deixou indescritivelmente feliz.

Os trânsitos de Neptuno por Vénus natal são particularmente importantes no desenvolvimento de uma compreensão do amor, mais profunda e requintada. Uma mulher conheceu um homem em circunstâncias bastante invulgares, enquanto Neptuno se opunha ao seu Vénus. Esta relação teve um princípio do tipo «conto de fadas», como se estivesse destinada a ser importante. A relação foi, por isso, rodeada de um certo fascínio que logo se revelou como ilusório, mal o trânsito começou a passar. O homem era do signo de Peixes, espiritualmente orientado e, através dele, a mulher conheceu muitas outras pessoas do mesmo tipo. (Repare-se que Vénus tem a ver com todos os géneros de relações e não apenas com as românticas.) O seu interesse e a sua compreensão da espiritualidade desenvolveu-se neste período, embora também com uma aura de fascínio, mais do que com um estudo verdadeiramente sério. Através da influência deste homem, a mulher gastou uma apreciável quantia na frequência de um curso de controlo cerebral, apesar de não conhecer claramente os motivos que a levavam a frequentá-lo (Neptuno).

No curso, todavia, avaliou a sua capacidade psíquica de um modo imediato e surpreendente. Só para o fim do trânsito começou a desiludir-se com o modo *impessoal* pelo qual ele se relacionava com ela e a compreender que estava mais apaixonada por uma *imagem* do que por uma *pessoa*. E embora se sentisse emocionalmente (e, em certa medida, materialmente) «dilacerada» por ele, não alimenta agora qualquer ressentimento porque sente que a experiência foi uma lição importante no desenvolvimento da sua compreensão do amor.

Enquanto Neptuno formava conjunção com o seu Vénus natal, outra pessoa descobriu que a sua relação amorosa começava a dissolver-se. A visão idealizada da amante foi, no mínimo, minada quando soube que ela tinha dormido com o seu melhor amigo. Antes tentara pensar nela como sua propriedade exclusiva; e devia agora enfrentar dolorosamente o ciúme e o intenso sentimento de posse que sempre sentira em *qualquer* relação, *quer* com homens, *quer* com mulheres. Podemos ver, assim, que esta experiência continha importantes lições que podiam ser aplicadas em geral a muitas áreas da sua vida (outra vez a tendência neptuniana para a universalização). O desgosto deu-lhe não só uma considerável isenção na análise das suas emoções como aperfeiçoou toda a sua perspectiva do amor; mas este homem descobriu também que os seus sentimentos se abriam de molde a poder considerar agora a relação com outras mulheres.

Durante muitos trânsitos de Neptuno, a imaginação corre indisciplinadamente e a pessoa sofre, muitas vezes, de falta de concentração e da resultante ineficácia (qualidade sobretudo presente em trânsitos por Marte ou Saturno). Mas embora as questões materiais possam ser, deste modo, afectadas, trata-se de uma interferência temporária, visto que as experiências inspiradas e intangíveis destes períodos podem persistir por muitos anos, como recordação que guiará a vida da pessoa em importantes domínios.

Trânsitos de Plutão

Já abordámos os trânsitos de Plutão no capítulo IV, mas podemos recapitular aqui os seus princípios essenciais. Os trânsitos de Plutão confrontam-nos com a necessidade de encerrar os velhos e ultrapassados capítulos da vida. Dizem-nos para os «abandonarmos» e, se o não fizermos de livre vontade, seremos, muitas vezes, forçados a fazê-lo, sofrendo. Estes trânsitos mostram-nos recursos e ener-

gias interiores antes escondidos ou esquecidos, ao eliminarem as formas velhas da superfície da vida. Os trânsitos de Plutão não só submergem uma parte de nós próprios ou a fazem desaparecer por completo, como também *devolvem* à nossa vida pessoas, sentimentos, actividades ou aspectos da nossa própria natureza que havia muito estavam ausentes. Por outras palavras, estes trânsitos têm o poder de quebrar a velha concha para revelarem a *essência* do ser interior e a criatividade, a alegria e a liberdade espontâneas. Podem ajudar-nos a experimentar o tipo de energias e capacidades espontâneas que sentíamos e explorávamos na juventude, antes de desaparecerem sob o peso de padrões culturais ou do manto do karma. Depois de um trânsito de Plutão, com o campo já liberto, podemos conhecer a nossa natureza essencial e começar a exprimi-la. Os trânsitos de Plutão são, de facto, muitas vezes sentidos como um exorcismo ou uma forma de cirurgia (física, emocional, mental ou espiritual) que remove ou altera radicalmente uma parte de nós próprios.

Podemos penetrar mais profundamente na natureza de Plutão através de uma compreensão mais apurada do signo de Escorpião. O período de Escorpião do ano (pelo menos no hemisfério Norte) é um tempo em que a força da vida retira de todas as formas externas na natureza e se *concentra* na semente. É curioso observar que o símbolo cultural para este período do ano, nos Estados Unidos, é a abóbora-menina da véspera do Dia de Finados, apenas com a casca, transformada numa careta inexpressiva. Na verdade, a *jack-o-lantern* é um símbolo de morte, um crânio simbólico com os restos luzentes da força vital que desapareceu, representados pela vela no seu interior. (As pessoas de Escorpião sentem-se, de facto, muitas vezes, como conchas vazias, como se obedecessem a velhas compulsões, ao mesmo tempo que se sentem extremamente insatisfeitas com tal comportamento.) Tradicionalmente, a festa da véspera do Dia de Finados ou de Todos-os-Santos era um tempo em que a morte regressava à vida e em que os seres humanos, no corpo físico, podiam contactar imediatamente com espíritos de todos os tipos, bem como com os seus santos patronos. É significativo o facto de as crianças serem autorizadas a passear à noite, depois da sua hora habitual de deitar, e não devem andar de casa em casa a pedir comida enquanto o Sol (o símbolo da *vida* física) não se tenha completamente posto. Na verdade, as pessoas de Escorpião e de Plutão parecem ter uma afinidade com as áreas escuras da experiência, quer de um modo construtivo, quer através do medo combinado com o fascínio. Nessa noite, as crianças vestem trajos extravagantes, como se fossem almas perdidas em busca de alimento. Com

efeito, até o familiar «trick or treat»²⁶ soa como vaga reminiscência de um modo de pedir qualquer coisa, próprio de Escorpião. Escorpião e Plutão têm sempre a ver com a morte seja do que for e quem quer que tenha medo da morte terá, sem dúvida, medo dos trânsitos de Plutão. Escorpião e Plutão representam uma ânsia de penetrar no âmago da vida com grande intensidade, até que a pura força da vida seja sentida através da fusão com outra fonte (humana ou divina). Podemos, assim, concluir que os trânsitos de Plutão têm o poder de nos pôr em contacto com as nossas próprias sementes, com experiências de vida na sua forma mais intensa, concentrada e completa, e com a nossa natureza essencial e potencialidades positivas no seu estado mais puro. E enquanto tudo isto acontece, as «velhas conchas» dos modelos emocionais e mentais ultrapassados podem desmoronar-se ou ser rejeitadas.

Os exemplos seguintes mostrarão como podem operar estes trânsitos.

Uma mulher de quarenta e três anos sofreu a morte do marido enquanto Plutão em trânsito formava conjunção com o seu Marte natal, na I casa. Nunca tinha tido uma relação correcta com um homem até o conhecer, e ele ajudara-a a ganhar força e confiança em si própria. Estavam casados há poucos anos quando ele morreu. O importante nesta experiência foi o ter constituído uma transformação da auto-suficiência, força e capacidade de auto-avaliação e de direcção da vida da mulher (tudo isto simbolizado por Marte). Mesmo sem conhecer as relações astrológicas desta experiência, ela compreendeu que, dali em diante, teria de cuidar de si própria e de começar a utilizar independentemente os recursos interiores que desenvolvera antes. Uma mulher de vinte e seis anos libertou-se de muitas velhas atitudes e recordações, enquanto Plutão formava conjunção com o seu Mercúrio natal. A manifestação externa mais evidente desta fase foi ela ter-se tornado mais descontraída (repare-se que Mercúrio rege o sistema nervoso) e as suas atitudes e pensamentos passaram a ser muito menos superficiais do que antes. Pode dizer-se que esta maior relaxação proveio da percepção aprofundada e da libertação de tensão que acompanha a eliminação plutoniana. Três exemplos diferentes do modo como o trânsito de Plutão em quadratura com Úrano natal se pode manifestar mostram como devem ser individualizadas as interpretações astrológicas: 1) uma jovem transformou, durante este período, o seu sentido de

²⁶ Tradição da véspera do Dia de Finados nos Estados Unidos. As crianças vão de porta em porta pedir comida, e pregam partidas aos que lha não dão. (N. de T.)

significado de «liberdade» e libertou-se da sua errática expressão de «liberdade» através da decisão de, em vez de se juntar a um violento grupo revolucionário com quem tinha tido contactos, começar a estudar quiroprática; 2) outra mulher adoeceu, reencontrou dois antigos namorados que já não via há anos e definiu melhor o tipo de liberdade pessoal que queria; 3) um jovem experimentou este período como uma fase duradoura de transformação psíquica e de perturbação psicológica, durante a qual teve sonhos muitos activos, se interessou por astrologia e se tornou adepto da consulta psicológica e da análise dos sonhos.

Enquanto Plutão em trânsito formava quadratura com o seu Vénus natal, uma mulher de trinta e cinco anos sofreu profundas alterações emocionais, todas dolorosas, mas que, em última análise, a prepararam para uma compreensão muito mais fascinante do amor. O marido, com quem estava casada havia quinze anos, abandonou-a e, pouco depois, um dos seus melhores amigos ficou paraplético (quando Úrano se opunha à sua conjunção natal Úrano-Marte). Foi um período de corte com as suas velhas ligações emocionais que lhe deu um nível de profunda compreensão que, de outro modo, nunca poderia ter obtido. Um homem de trinta anos abandonou toda a carreira que construíra durante oito anos, enquanto Plutão formava conjunção com o seu Sol. À medida que o aspecto se tornava perfeito o homem adoeceu, emocional e fisicamente, e teve de ficar de cama durante quase um mês. Mas, no período de convalescença, não só compreendeu que não podia continuar no seu trabalho — que estava a esgotá-lo por completo — como também começou a ler muitos livros relacionados com as matérias a que mais tarde se iria dedicar. Foi como se todos os vestígios dos seus velhos padrões de vida tivessem sido varridos de repente, deixando apenas as coisas que ele fizera espontaneamente, com grande alegria, na juventude; e foram essas velhas capacidades familiares que começou então a utilizar em nova direcção vocacional.

Um último exemplo especialmente importante para os que procuram seguir qualquer via espiritual ou ideal: os trânsitos de Plutão por Neptuno natal. Estes trânsitos podem manifestar-se em confusão e grande descontentamento quando velhos anseios, ideais e fantasias são trazidos à superfície. Podemos penetrar em profundidade nas nossas *verdadeiras* motivações e ânsias, naquilo que antes eram fortes sentimentos inconscientes a impelir-nos para um comportamento irrealista. Os impulsos de fuga podem ser fortes, mas somos capazes, neste período, de ver que só existe uma verdadeira fuga àquilo que nos preocupa o espírito: enfrentar os nossos autênticos desejos, as nossas verdadeiras necessidades, e transformarmo-nos,

bem como aos nossos próprios ideais. De facto, actividades vagas, ilusórias ou escapistas são, muitas vezes, eliminadas durante este período, e as auto-ilusões com frequência trazidas bem à luz do dia. Em resumo, a ânsia de auto-reforma que, em certa medida, está presente durante quase todos os trânsitos de Plutão, concentra-se, nesta altura, nos ideais da pessoa e, por isso, também naquelas áreas de vida em que traímos os nossos ideais. É comum as pessoas enfrentarem neste período os principais estratégias com que procuravam enganar-se; e é raro que tal trânsito passe sem que o indivíduo tenha de defrontar uma importante área de autodecepção. Podem manifestar-se vários desapontamentos, regra geral em resultado dos sonhos irrealistas ou das auto-ilusões; esses desapontamentos servem para ensinar ao indivíduo valores mais profundos e seguros.

O acompanhamento dos trânsitos

Afirmo antes que o acompanhamento das progressões e dos trânsitos, com vista a deduzir a incidência e grau dos seus efeitos, não pode definir-se através de regras rígidas, já que muito depende da sensibilidade do indivíduo e da rapidez com que a pessoa é capaz de assimilar o âmbito e o significado da experiência correspondente. Tenho visto, por exemplo, casos em que determinado acontecimento traumático ou uma frustração aos quinze anos (enquanto Saturno em trânsito se opunha a Saturno natal) continua a perseguir a pessoa durante os quinze anos seguintes; e o significado e profundidade da experiência original só foram, muitas vezes, totalmente compreendidos e aceites com o primeiro regresso de Saturno! Muitos casos semelhantes podiam ser aqui citados, visto que os trânsitos dos cinco planetas exteriores partilham todos esta qualidade: o seu impacto na vida do indivíduo é, por vezes, tão profundo que o nível de consciência da pessoa não é suficiente para o acompanhar e, muito menos, para integrar a experiência num curto período de tempo. Na verdade, a grande maioria das técnicas psicoterapêuticas orienta-se fundamentalmente para a integração e aceitação das várias experiências que não foram devidamente enfrentadas na altura em que aconteceram, porque eram dolorosas de mais. Estas técnicas terapêuticas são muito diferentes das tradicionais técnicas astrológicas, mas ambos os métodos de compreensão se complementam perfeitamente. (Por isso, os que dizem que os astrólogos não têm nada a aprender com a «psicologia» estão a resignar-se a uma forma incom-

pleta de consulta astrológica que apenas tem a ver com o espírito, ficando as emoções de fora. Muito poucos astrólogos podem tornar-se terapeutas qualificados, mas os conselheiros astrológicos devem, pelo menos, conhecer os tipos de terapêuticas disponíveis para tipos específicos de problemas, a fim de a elas recorrerem quando necessário.) De facto, um dos maiores valores da astrologia é poder ajudar-nos a assimilar o *significado* de uma dada experiência, mais rápida e completamente; ela pode ser, digamos, uma forma de «medicina preventiva» que reduzirá a necessidade de psicoterapia intensiva no futuro.

O conhecimento da astrologia é particularmente útil no contacto com as crianças, quer dos pais, quer de especialistas em qualquer campo. Muito poucas crianças têm suficiente consciência, perspectiva ou força de vontade que lhes permita enfrentar concretamente as dolorosas experiências da infância. Por isso, à semelhança da maior parte dos adultos, as crianças tendem a ignorar, a negar ou a reprimir os seus sentimentos dolorosos, adiando, assim, para mais tarde, a necessidade de enfrentar essas emoções. E como muito poucos adultos são capazes de perceber o que se passa com a criança e a maior parte deles tende a considerar os sentimentos das crianças como coisas sem importância, dá-se muitas vezes, àqueles, este conselho: «Não te preocupes! Isso é apenas uma fase que estás a atravessar. Quando fores mais velho, verás que isso não teve importância nenhuma.» Mas o certo é que, para a criança, isso tem importância agora! E se o pai, o conselheiro, o professor ou o parente puder recorrer à astrologia, será capaz de penetrar na profunda experiência da criança e, assim, começar a relacionar-se com ela com outra sensibilidade. Muitas das dolorosas experiências da infância poderiam ser suavizadas se a criança tivesse *alguém* com quem falar que realmente compreendesse o que se passa.

Voltando, porém, ao problema do acompanhamento dos trânsitos, é evidente que se trata mais de uma arte do que de uma ciência por ter a ver com uma questão individual. No entanto, podemos esboçar aqui alguns princípios úteis, pelo menos até o prático ter experiência suficiente para poder *sentir* o impacto dos vários trânsitos de um modo específico. Um dos pontos mais importantes a ter em conta quando se trabalha com trânsitos, algo que poucos livros sobre a matéria mencionam, é o fenómeno comum de determinado trânsito se repetir três vezes (ou, no caso de Neptuno ou Plutão, mesmo cinco) durante um período de muitos meses. Por exemplo, Plutão pode entrar em quadratura directa com a minha Lua, depois retrogradar para entrar outra vez em quadratura com a Lua e repetir esta quadratura como da primeira vez. Em alguns

casos, Plutão retrogradará outra vez e repetirá o aspecto mais duas vezes. Eventualmente, um planeta em trânsito atingirá uma das suas «estações» (isto é, onde o seu movimento aparente é zero, quando se torna directo ou retrógrado) num ponto em que está em aspecto quase perfeito com um planeta natal. Estes períodos são essencialmente poderosos. Quando se vê que determinado trânsito se repetirá durante um período de muitos meses, deve encarar-se esta série de trânsitos como representativa de todo um *processo* de mudança e transformação que será particularmente profundo e começará algum tempo antes do primeiro aspecto exacto, para continuar mais algum tempo depois do último aspecto. É como se os aspectos exactos, durante todo este período, assinalassem vértices na intensidade do fluxo de energia *sentido*, embora o processo de mudança continue nalgum nível, mesmo quando o planeta abandonou temporariamente o aspecto quase perfeito. Experiências e acontecimentos importantes nem *sempre* se manifestarão quando tais aspectos são exactos, embora isso aconteça na maior parte dos casos. Mas os aspectos exactos são invariavelmente períodos de «sementeira», durante os quais o impacto na consciência psicológica e no conhecimento é, regra geral, intensíssimo. Como já dissemos antes, o primeiro trânsito nestas séries corresponde, *geralmente*, à mais profunda experiência de todas as que ocorrerem durante o período de mudança; e estará, regra geral, relacionado com a mais problemática experiência, no caso dos aspectos dinâmicos. (Deve, contudo, salientar-se que se o planeta natal activado era retrógrado no nascimento, o período retrógrado da série de trânsitos significará, por vezes, a experiência mais visivelmente intensa.) É como se tivéssemos de eliminar todas as obstruções durante o primeiro trânsito, a fim de nos prepararmos para as necessárias lições durante a parte restante do processo.

Com alguns trânsitos, a questão das órbitas pode simplificar-se se utilizarmos órbitas de *tempo*, em vez de órbitas de determinado número de graus. Como referi no capítulo VIII, creio que, para fins gerais, o uso de uma órbita de um mês antes e depois de um aspecto exacto constitui um método válido para os trânsitos dos planetas exteriores. Isto significa que a Lua em trânsito terá entrado duas vezes em conjunção com cada ponto da configuração durante esse período de dois meses. Se usarmos uma órbita de, por exemplo, 1º, deixaremos, muitas vezes, de ver os trânsitos que realmente se relacionam com uma determinada experiência, embora possam não ter sido exactos na altura do acontecimento visível.

Como o Sol e a Lua regulam o fluxo energético nas nossas vidas, devemos compreender que, não obstante muitos trânsitos se manifestarem claramente quando exactos, outros manifestar-

-se-ão um pouco antes ou depois de se formar o aspecto exacto, conforme as posições do Sol e da Lua. No entanto, a órbita de um mês é um *máximo*, visto que, na maior parte dos casos, uma órbita de duas semanas (abrangendo, pois, um ciclo completo da Lua em trânsito) será suficiente para definir um período de tempo durante o qual determinado aspecto em trânsito se manifestará poderosamente. Devo, todavia, repetir que se trata apenas de um princípio de orientação porque, na prática, existem diversos factores específicos relacionados com os planetas em trânsito que não se inserem em nenhuma regra geral e que abordarei a seguir mais pormenorizadamente.

LUNAÇÕES: A lua nova em aspecto quase perfeito com um planeta natal manifestar-se-á, muitas vezes, uns dias antes do momento exacto em que o Sol e a Lua entram em conjunção. Isto explica-se pelo facto de, à medida que a Lua em trânsito se aproxima do Sol em trânsito, as suas energias começarem a fundir-se; e quando a Lua em trânsito entra no *signo* em que está o Sol em trânsito, a libertação de energia intensifica-se ainda mais.

TRÂNSITOS DE MERCÚRIO, VÊNUS E MARTE: normalmente, uma órbita de 1º será bastante para compreender estes trânsitos. Isto significa que, por exemplo, Marte em trânsito em oposição ao Sol manifestar-se-á, regra geral, *fortemente* durante três dias *no máximo*. O único princípio adicional a considerar nestes trânsitos é que a sua posição de signo pode, só por si, simbolizar uma tendência geral durante um curto período; por exemplo, sempre que Vénus em trânsito está no nosso signo do Sol, esse período pode coincidir com um maior interesse em estabelecer relações ou em conhecer novas pessoas.

TRÂNSITOS DE JÚPITER E SATURNO: além das órbitas de *tempo* referidas, deve também sublinhar-se que a posição de signo desses planetas em trânsito se tomará em conta; na verdade, a simples presença de um desses planetas no signo onde temos o Ascendente ou o Sol, a Lua ou outros importantes planetas natais, afectará toda a atitude com que exprimiremos essas energias durante muitos meses, mesmo sem qualquer aspecto específico quase perfeito. Por exemplo, o trânsito de Júpiter pelo nosso signo da Lua pode dar-nos mais confiança na expressão das energias com as quais *sempre* nos sentimos particularmente à vontade, e este novo sentimento pode durar um ano inteiro. Ora, todo o período durante o qual Saturno transita pelo nosso signo do Sol pode ser caracterizado como uma época de vida bastante séria em que procuramos estruturar o modo de utilizar as nossas energias criativas. Este impulso para a estruturação será intensificado quando Saturno entrar em aspecto perfeito com o Sol natal. Deve também dizer-se que os trânsitos de Júpiter são, muitas vezes, sentidos como uma antecipação de acontecimentos

futuros em larga escala, talvez quatro a seis meses antes de o aspecto exacto se formar. (Repare-se novamente no significado de Júpiter como uma sintonia com o futuro.) Os trânsitos de Saturno, por outro lado, significam, muitas vezes, um retardamento, fruto da tradicional relação de Saturno com atrasos e lentidão; por isso, podem verificar-se muitos acontecimentos importantes durante um longo período — um ano e meio, por exemplo — após ter passado um aspecto exacto de Saturno.

TRÂNSITOS DE ÚRANO: devem ser considerados importantes, principalmente quando ocorrem a 5º ou menos de um aspecto exacto; a sua posição de signo não tem a importância das posições de Júpiter e Saturno. Os trânsitos de Úrano são os mais rigorosos de todos os processos de acompanhamento em astrologia, porque parecem manifestar-se com grande subitaneidade, quase sempre quando o aspecto é exacto. Por fim, como salientam Charles Jayne e Isabel Hickey, estes trânsitos são particularmente úteis para a rectificação de horóscopos. Por fim, deve sublinhar-se que um indivíduo fortemente sintonizado com a energia de Úrano no seu horóscopo de nascimento (como são a maior parte dos que se envolvem intensamente na astrologia) será mais sensível a estes trânsitos e, portanto, começará a sentir os seus efeitos sob forma de uma aceleração geral do ritmo de vida, muito antes de se formar o aspecto exacto. É fundamentalmente nestes casos que se torna necessária a órbita máxima de 5º a que já nos referimos.

TRÂNSITOS DE NEPTUNO: o acompanhamento destes trânsitos depende também principalmente da sintonia do indivíduo. Pessoas totalmente envolvidas nas grandes questões da sobrevivência e das responsabilidades materiais tendem, muitas vezes, a aperceberem-se desses trânsitos só quando eles estão a 1º ou 2º do aspecto exacto, ao passo que os que se abrem às subtilezas da vida tendem a perceber a vibração de Neptuno quando este planeta está ainda a 5º dessa situação. Tal como com Úrano, a posição de signo de Neptuno em trânsito é só por si de pouca importância para os indivíduos.

TRÂNSITOS DE PLUTÃO: estes trânsitos podem ser surpreendentemente poderosos, mesmo quando a cerca de 5º do aspecto exacto. Em certos casos, creio que se deve dar a Plutão uma «órbita de influência» maior do que a qualquer outro planeta em trânsito, excepto Júpiter e Saturno, a despeito do seu pequeno tamanho físico. Na verdade, enquanto os aspectos *exactos* de Plutão em trânsito pelos planetas natais se relacionam geralmente com importantes mudanças detectadas pela maior parte dos indivíduos, parecem ser, com frequência, evidentes efeitos extremamente poderosos um ano antes de o aspecto exacto se formar, quando Plutão está ainda a 5º dessa

posição. É como se Plutão preparasse a pessoa para as mudanças profundas e em larga escala que virão mais tarde, atacando alguns dos alicerces do velho estilo de vida individual antes que as fundamentais potencialidades de renascimento se tornem evidentes. As pessoas tendem a abrir-se mais ao novo quando estão desorientadas; e os trânsitos exactos de Plutão são muitas vezes precedidos de experiências de cansaço, tédio, busca e dor emocional que afectam profundamente a pessoa — o suficiente para induzirem um estado geral de desorientação psíquica. Embora, por vezes, dolorosa ou confusa, esta situação pode constituir, evidentemente, uma experiência muito rica. Não obstante a maior parte dos nossos preconceitos educativos e culturais nos inclinarem para nos aterrorizarmos ao pensar no caos, podem aprender-se valiosas lições se nos adaptarmos a todas as situações que surjam durante estes períodos de transição. Como Carl Payne Tobey escreve em *The Astrology of Inner Space*,

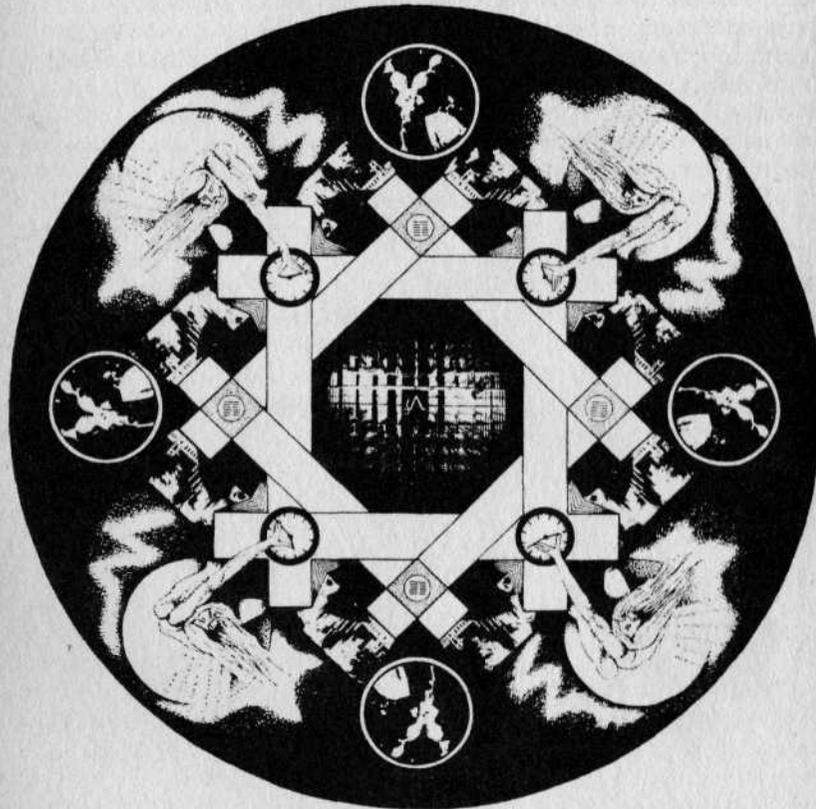
Nunca temais o caos, porque do caos nasce sempre algo de novo. Em vez de me preocupar com a situação caótica, eu aguardo sempre o nascimento. Quando o vosso espírito se tornar caótico — ou quando o meu espírito é caótico — é porque é impossível ver o todo.

CAPÍTULO X

O ASCENDENTE E O MEIO DO CÉU: FACTORES VITAIS DA ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

O horóscopo de nascimento só pode ser correctamente interpretado por homens e mulheres de sabedoria intuitiva; e destes há poucos.

PARAMAHANSA YOGANANDA



Capricórnio

Fui durante muitos anos incapaz de perceber o significado do Ascendente e do Meio do Céu, apesar de ler todos os livros sobre astrologia que podia encontrar e também de ouvir conferências sobre o assunto. Só quando comecei a fazer consultas em série, que me obrigavam a explorar em profundidade os vários componentes de um horóscopo de nascimento, comecei a aperceber-me do significado daqueles factores astrológicos. Enquanto não pude dispor de experiência imediata através da consulta astrológica — que me permitia, assim, observar muitas pessoas diferentes e os seus vários modos de expressão — todas as explicações teóricas do Ascendente e do Meio do Céu se continham, para mim, no domínio do abstracto e quase da inutilidade.

Creio que esta experiência directa foi necessária por dois motivos. Primeiro o *Ascendente* simboliza o modo como toda a personalidade se exprime tão imediata e espontaneamente que não há palavras capazes de captarem a sua essência. Tem, por isso, quase um significado transcendente, do ponto de vista da sua importância na integração total de uma pessoa como um indivíduo dinâmico e funcionando em pleno. Em segundo lugar, o significado do Meio do Céu parece muito abstracto quando se é jovem, mas — à medida que envelhecemos e participamos mais completamente na sociedade, à medida em que uma pessoa se dedica mais à realização das suas ambições e que a estrutura da personalidade adquire uma configuração mais definitiva — o significado do Meio do Céu torna-se mais relevante na experiência de cada um e, por isso, mais facilmente compreensível. Tendo em conta a relação de Saturno e das suas qua-

lidades com o Meio do Céu (cúspide da X casa, na maior parte dos sistemas) podemos apreciar a relação do Meio do Céu, quer com a maturidade, quer com a busca de uma estrutura integrada de vida.

Deve também referir-se que a pesquisa do estatístico francês Michel Gauquelin confirma as tradições astrológicas acerca da importância do Ascendente e do Meio do Céu, em particular as conjunções com estes pontos. No entanto, o trabalho de Gauquelin parece-me indicar que o Ascendente e o Meio do Céu *não* são o princípio das suas respectivas casas, mas antes importantes pontos focais de fluxo energético. A I e a X casas parecem começar alguns graus antes desses pontos; na verdade, os estudos de Gauquelin mostram que um planeta é especialmente proeminente quando está localizado em áreas tradicionalmente denominadas XII e IX casas, a alguns graus das cúspides da I e da X. Esta descoberta confirma o que eu e muitos outros astrólogos começamos a fazer espontaneamente, isto é, considerar a cúspide como uma poderosa área de cada casa, mas não o princípio absoluto de uma casa, como tantas vezes se afirma. Todavia, não vou ao ponto de dizer que a cúspide é o meio da casa, como também já tem sido sugerido. Creio que a cúspide e suas imediações, num raio de aproximadamente 6º, constitui a mais poderosa área de qualquer casa e, por isso, com cúspides, utilizo sempre uma órbita de *pelo menos* 6º. Segundo as tradições astrológicas, um planeta que passa a cúspide da I casa (Ascendente) no momento do nascimento é considerado como tendo influência particularmente poderosa na vida da pessoa. A razão pela qual um planeta perto do horizonte é tão importante ficará esclarecida se considerarmos os seguintes fenómenos.

O Ascendente

Qualquer posição de um planeta no horizonte (isto é, perto do Ascendente) pode ser considerada como indicadora de uma proeminência invulgar das qualidades e energias desse planeta na vida de uma pessoa que nasça nesse momento. (Também os trânsitos pelo Ascendente são sentidos como essencialmente fortes.) Sendo a maior parte da astrologia geocêntrica e conferindo, assim, importância aos vários factores celestiais, consoante o seu aparecimento observado da Terra, é natural que essa tendência (extraída da observação astrológica) se torne evidente na percepção directa do próprio fenómeno astrológico. E, na verdade, assim é, porque qualquer planeta no horizonte é visto como que *ampliado!* Imagine-se uma Lua Cheia próximo do equinócio do Outono, libertando laranja e ouro, mesmo acima

do horizonte. Parece monstruosa, com o dobro, à vontade, do seu diâmetro normal. Muitas pessoas atribuem este aparente aumento de tamanho (que é também observado com o Sol, planetas e constelações quando próximos do horizonte) à distorção atmosférica; mas se o nevoeiro, o pó e outros componentes atmosféricos dão à Lua a sua enorme aura dourada, não ampliam a sua imagem. Nem a Lua está mais perto quando no horizonte, embora assim pareça. (Na verdade, está mais perto do observador quando directamente sobre a sua cabeça!) O curioso é que o aumento de tamanho apenas constitui um efeito de percepção «aos olhos do espectador». Se fotografarem e medirem a Lua no horizonte e por cima da cabeça, os diâmetros são idênticos; o tamanho não se modifica de forma alguma. Este fenómeno é, portanto, considerado pelos cientistas como uma «mera ilusão óptica». No entanto, visto que na astrologia geocêntrica o modo como as coisas nos parecem olhadas da Terra (por exemplo, o movimento retrógrado dos planetas) é tido como extremamente importante, devemos ver este fenómeno como simbolizando o facto de qualquer planeta perto do horizonte ser especialmente proeminente nas nossas vidas, porque a sua «influência» é, assim, ampliada.

Como exemplo do significado de um planeta perto do Ascendente examinemos o caso de um homem cujo Sol está em Capricórnio, a Lua em Virgem e o Ascendente em Caranguejo. Se fôssemos avaliar o seu temperamento apenas com base nestes três factores, concluiríamos que devia ser um tipo de pessoa bastante conservadora: cauteloso, autodefensivo, consciente da segurança e talvez mesmo um pouco céptico em relação a tudo que não esteja firmado em tradições, culturais ou familiares. No entanto, se este homem também tiver Úrano em conjunção com o Ascendente (quer na XII casa, quer na I) começamos a ver uma dimensão inteiramente nova da sua personalidade. De facto, a despeito de todos os factores natais apontando para a segurança e para o tradicionalismo, a vibração de Úrano pode indicar um poderoso traço de experimentalismo, de heterodoxia e de abertura ao novo e ao diferente. Mais do que uma pessoa rotineira e ancilosada, cheia de pavores e de dúvidas, pode muito bem exemplificar o pensamento progressivo e mesmo dimensões revolucionárias a um ou outro nível. Com efeito, este homem pode nunca se sentir satisfeito com um tipo de vida capricorniano, caracterizado pelo dever e pela limitação pessoal, pois terá necessidade não só de pensar, mas também de agir para realizar a constante ânsia que o impele para uma variante de experiências e para a liberdade de auto-expressão.

Outro exemplo: suponhamos uma mulher que tem o Sol em Aquário, a Lua em Sagitário e Leão ascendente. Trata-se de uma

combinação poderosa de energias positivas, exuberantes, que devem exprimir-se dinamicamente de um modo particularmente aberto. Mas se esta mulher tiver Plutão em conjunção com o Ascendente exprimir-se-á decerto num jeito que faz lembrar os que têm Escorpião ascendente: reservada, reflectida, taciturna e auto-repressiva. Explorando isto mais concretamente, pode sentir um forte medo de exprimir o tipo de espontaneidade que os outros factores do horóscopo simbolizam. Neste exemplo, a presença de Plutão perto do Ascendente amplia a qualidade plutoniana, muito mais do que se Plutão estivesse noutras áreas do horóscopo.

O Ascendente mostra a área em que somos mais sensíveis e conscientes — e é esta outra explicação para o facto de um trânsito pelo Ascendente ser sentido com tanta força. Ele afecta-nos, na verdade, na área das nossas vidas e na dimensão do nosso campo energético mais sensíveis. Alguns astrólogos afirmaram até que o Ascendente mostra o ponto em que o espírito entra no corpo, no momento da primeira inspiração. Não sei se isto é verdade, mas a minha experiência nas artes curativas (especialmente a Terapia da Polaridade) leva-me a crer que a parte do corpo associada ao signo ascendente indica a área em que estamos dinamicamente relacionados com os nossos corpos mais subtis (ou com mais subtis campos de energias) e, por isso, onde se verifica um reforço de poderosas energias.

Eis alguns dos significados do Ascendente:

- A) O Ascendente representa a *imagem* da personalidade vista pelos outros. Isto não significa que esta imagem constitua o retrato fiel da personalidade completa de um indivíduo; refere-se apenas àquilo que os outros muitas vezes detectam como primeira impressão. A imagem do Ascendente pode, na verdade, revelar qualidades pessoais, claramente em desacordo com orientações mais interiores.
- B) O Ascendente representa o modo como nos *fundimos* activamente com a vida no mundo exterior, sempre que a nossa energia flui espontaneamente. Por isso, revela uma perspectiva geral de vida que nos mais antigos tratados astrológicos se denominava «temperamento».
- C) O Ascendente simboliza um importante aspecto do nosso destino pessoal, no sentido em que *devemos* simplesmente viver e exprimir-nos desse modo para nos sentirmos livres e integrados.
- D) O Ascendente (especialmente consoante o seu elemento: fogo, água, ar ou terra) revela a qualidade do fluxo ener-

gético que vitaliza directamente o corpo *físico* e indica, assim, se existe uma nítida condutibilidade (ar ou fogo) ou uma forte resistência (água ou terra) ao fluxo espontâneo das energias vitais. Esta relação explica o motivo pelo qual os trânsitos pelo Ascendente afectam com tanta força a nossa vitalidade, o nosso aspecto e o nosso estado geral de saúde.

- E) A relação entre o Ascendente e o corpo físico é também evidente noutro aspecto: o facto de o corpo constituir o nosso mais imediato ambiente físico. Quando nascemos, o nosso corpo físico e, em certa medida, o da mãe, constitui todo o nosso ambiente; e embora anos mais tarde nos esqueçamos disso, ao identificarmo-nos mais com o corpo, o nosso veículo físico continua a ser sempre uma parte essencial desse ambiente. Por isso, vemos por que razão o Ascendente tem sido tantas vezes relacionado com a qualidade do ambiente natal, porque qualquer contacto com o mundo exterior é filtrado pela sintonia do Ascendente. O corpo (e, assim, o Ascendente) dá vida ao meio ambiente e, portanto, o Ascendente afectará, mais tarde, o modo como vemos o nosso meio total e a nossa atitude perante o mundo externo.
- F) O Ascendente representa uma dimensão da natureza do indivíduo que alguns têm relacionado com o ego. Embora não se possa estabelecer uma correspondência directa entre o Ascendente e o ego, pode afirmar-se que o Ascendente representa uma importante *dimensão* do ego. Quando uma pessoa é ameaçada, tende a retirar da forma de expressão mostrada pelo Ascendente para um centro de personalidade mais seguro, simbolizado pelo Sol, ou a sublinhar as qualidades do Ascendente, a fim de afirmar a sua individualidade e garantir a sua sobrevivência. Como o Ascendente, no horóscopo natal, se relaciona com o signo de Carneiro, indica sempre um modo de exprimir a individualidade e, por isso, em certo sentido, o ego. No entanto, não deve considerar-se tal qualidade como negativa, a não ser, talvez, que uma pessoa seja excessivamente compulsiva.
- G) A dimensão «transcendente» do Ascendente que mencionámos atrás pode ser vista pelo mundo como ele mostra a nossa fusão pura e espontânea com a vida; trata-se de um modo de viver e de ser para além da «compreensão». Muito mais do que o Ascendente, o signo do Sol

indica em que medida «compreendemos» e assimilamos a experiência. O Ascendente revela mais o modo como sentimos a nossa singularidade, o ponto mais elevado da sintonia e da acção conscientes e espontâneas.

Esta última referência à qualidade transcendente do Ascendente pode, a princípio, parecer um pouco rebuscada ou confusa e, por isso, vale a pena explicar a ideia com mais pormenor.

O Ascendente assinala o ponto de separação entre a XII casa (coisas para além do controlo consciente) e I (forças que podemos utilizar conscientemente). Por isso, qualquer planeta no Ascendente (quer natal, quer em trânsito ou progressão) indica que uma pessoa se torna consciente dessa função, dessa energia ou dessa lei universal, com grande rapidez. O psicólogo Patrick Harding, da escola de Jung, explica assim a questão:

[...] vemos o Ascendente tomar uma posição exacta, se o acompanhamento for realmente correcto, entre a vida no útero e a vida no mundo exterior. Isto mostra-nos, portanto, a posição exacta da zona intemporal entre as duas situações. Parece, assim, que o ponto intemporal pode desempenhar — e quase de certeza desempenha — algum papel na impressão das qualidades do signo ascendente na psique da criança.

Se tomarmos o Ascendente no ponto médio exacto entre o mundo uterino, inconsciente, e o mundo exterior, consciente, parecerá então lógico que quando ambos estão em equilíbrio ou num estado de intemporalidade, funcione o princípio trinitário, e o terceiro membro da psique (o Inconsciente Colectivo) entre em jogo. No âmbito do inconsciente colectivo existem os Grandes Arquétipos, os quais, segundo algumas provas, são doze e correspondem às imagens simbólicas atribuídas aos signos do Zodíaco... Parece assim natural que quando a criança passa através da zona intemporal, no momento do nascimento, o arquétipo activo desse período se apodera dele e nele imprime as suas qualidades. (*In «Time Alone Can Tell», Journal of Astrological Studies*, vol. 1, p. 193.)

Como um planeta constitui um foco de energia muito mais concentrado do que um signo, deve salientar-se aqui que o signo ascendente não pode ser considerado isoladamente dos planetas que modificam, tonificam ou afectam o modo de auto-expressão mostrado

pelo Ascendente e toda a I casa. Existem, em princípio, dois tipos desses planetas: 1) qualquer planeta na I casa (o que inclui não só planetas abaixo do horizonte na tradicional área da I casa, excepto os que estão entre 6º a 8º da cúspide da II, mas também os planetas situados na área da XII casa tradicional, mesmo a 10º do Ascendente); e 2) o planeta regente (ou planetas) do Ascendente.

O planeta regente do Ascendente será tratado à parte, porque uma compreensão total da sua importância exige uma certa profundidade de análise. No entanto, podemos já examinar brevemente o significado de um planeta situado na I casa natal.

A primeira coisa a sublinhar é que um planeta da I casa pode ofuscar as vibrações simbolizadas pelo Ascendente, pelo menos nas suas manifestações óbvias. As qualidades representadas pelo signo ascendente continuam a existir e em acção, mas a presença de um planeta na I casa (especialmente se esta for chegada ao Ascendente) indica um modo de expressão particularmente enérgico. Existe um contraste especialmente forte nos casos em que o planeta da I casa está num signo diferente do ascendente. Por exemplo, uma pessoa com Leão ascendente manifestará inevitavelmente certas características de Leão; mas a presença de um planeta de Virgem na I casa pode proporcionar suficiente ênfase de Virgem para impelir outras pessoas a imaginar que o indivíduo tem Virgem em ascendente. Aqueles cujos horóscopos contêm um planeta da I casa num signo diferente do do ascendente caracterizam-se por possuírem uma perspectiva geral de vida mais complexa do que os outros. Nos casos em que o planeta da I casa está no signo ascendente existe uma dupla ênfase nas qualidades e energias desse signo, embora o tipo específico de energia libertada dependa, em grande parte, do planeta em questão. Por exemplo, se uma pessoa tiver Saturno em Carneiro, na I casa, e também Carneiro ascendente, a expressão da energia de Carneiro manifestar-se-á como profundamente importante para o indivíduo e algo que ele deve enfrentar com grande esforço. No entanto, embora as qualidades e impulsos de Carneiro sejam fortes nessa pessoa, a colocação de Saturno indica que a libertação real da energia de Carneiro pode ser pouco espontânea ou mesmo algo inibida. Em alguns casos, a pessoa pode mesmo parecer mais do tipo de Capricórnio ascendente do que de Carneiro ascendente.

O regente do Ascendente

O planeta regente do Ascendente, juntamente com a casa e a posição de signo, é outro factor que deve ser considerado em simul-

tâneo com qualquer análise do signo ascendente de um indivíduo. Na verdade, pode dizer-se que existem, por exemplo, doze tipos básicos de Carneiro ascendente (conforme a posição de signo de Marte), doze tipos de Touro ascendente (consoante a posição de signo de Vénus), etc. Tanto a posição de signo como a posição de casa do planeta regente são factores extremamente importantes em qualquer horóscopo, embora a posição de casa seja muito mais importante do que a de signo, se o regente em causa for Úrano, Neptuno ou Plutão. A posição do planeta regente significa a principal energia e a principal área de experiência de vida que nos motiva para a acção no mundo. Além disso, o elemento da posição de signo do planeta regente é, muitas vezes, indicador do nível de experiência que mantém o fluxo da nossa energia física. E como o Ascendente representa, ele próprio, a experiência *generalizada* de sermos nós próprios e compreendermos a nossa natureza individual mais espontaneamente, a posição de casa do planeta regente pode definir-se como representando o campo *específico* de actividade da vida onde podemos experimentar a nossa natureza essencial mais imediatamente. Uma vez sintonizados com o campo de experiência e o tipo de energia apresentados pelo planeta regente, sua casa e signo, começamos a sentir-nos mais vivos, mais motivados para nos exprimirmos, mais interiormente seguros e autênticos. Os aspectos que envolvem o regente do Ascendente são também particularmente importantes, a par dos aspectos que envolvem o Sol, a Lua ou o próprio Ascendente. Tais aspectos são muito significativos porque indicam dinâmicas específicas que afectam o fluxo ou a inibição gerais da nossa auto-expressão. A relação do regente do Ascendente com o fluxo da energia física e com o estado de saúde dificilmente será sobrestimada e a sua importância neste aspecto pode facilmente verificar-se se observarmos os trânsitos pelo planeta regente. Muitas vezes, esses trânsitos relacionam-se com nítidas mudanças na saúde, vitalidade ou aspecto da pessoa. Por exemplo, um cliente (um homem de 34 anos com Virgem ascendente) sofreu um colapso nervoso total quando Úrano entrou em quadratura com o seu Mercúrio natal. Não obstante Úrano em trânsito e em quadratura com Mercúrio natal poder relacionar-se com um período de *stress* nervoso, esse trânsito nunca seria tão dominador para aqueles que não tivessem Mercúrio como regente do Ascendente.

Pode perguntar-se *por que* motivo o regente do Ascendente é tão importante, mais importante nas vidas da maior parte das pessoas do que o regente do signo do Sol em termos de experiências profundas e imediatas e de mudanças completas na atitude de cada um perante a existência. Para responder a esta pergunta parece-me

necessário regressar a um conceito muito antigo, isto é, à ideia de que o planeta regente é o «senhor» que preside não só ao nascimento, mas também a toda a vida de uma pessoa. Em vários conceitos antigos das forças astrológicas, o planeta regente do Ascendente era considerado como a divindade ou o poder cósmico destacado por Deus para presidir a toda a encarnação de um indivíduo. Em termos mais modernos, pode dizer-se que a natureza do planeta regente empresta um tom geral a toda a vida da pessoa, quer às suas experiências, quer ao modo como se integra no mundo exterior. A posição de signo deste planeta regente é, por isso, de grande importância como símbolo da qualidade da experiência, do fluxo de energia e da orientação geral da vida que dominará o modo de ser do indivíduo durante esta encarnação. Embora não possa arrogar-me suficiente experiência directa que me permita confirmar concretamente o antigo conceito acima mencionado, tive, mesmo assim, uma experiência que me impressionou muito e que pode ser significativa neste aspecto.

Há uns anos, acompanhei um nascimento e dei instruções específicas a outra pessoa para tomar nota da sua hora exacta. Por isso, sei que a criança que nasceu tem um horóscopo de nascimento extremamente correcto. Quando tudo indicava que o parto estava iminente, calculei um Ascendente aproximado e concluí que seria Aquário. Quando a criança nasceu, o quarto encheu-se de uma poderosa e quase tangível presença. A intensidade da pressão nesse momento só podia ser descrita como uma energia e vibração saturninas, e disse a um dos presentes que a atmosfera estava carregada dessa poderosa força. Mais tarde, depois de tudo ter acalmado e de o bebé ter adormecido, calculei o seu horóscopo com precisão e descobri, para minha surpresa, que ele tinha 28º de Capricórnio ascendente. O seu planeta regente era, portanto, Saturno, e não poderia imaginar uma experiência de nascimento mais saturnina nem uma vibração mais saturnina do que aquela que acompanhou a sua entrada neste mundo. Como o nascimento para o mundo material é obviamente um acontecimento bastante saturnino, não posso dizer se a mesma experiência teria ocorrido se a criança fosse, por exemplo, regida por Vénus ou Júpiter; mas creio que vale a pena mencionar este caso, a fim de encorajar as pessoas a prestar atenção às vibrações que podem ser sentidas durante o nascimento de outras almas no plano físico.

Fica, pois, claro que nunca se considerará completamente o Ascendente se, ao mesmo tempo, não se analisar todo o complexo de factores intimamente relacionados com ele. Por outras palavras, as qualidades do signo ascendente e do seu planeta regente (incluindo

o seu signo e casa), bem como qualquer planeta da I casa, mostram impulsos, necessidades e orientações que constituem uma das mais cruciais combinações de energia na nossa vida. Juntos, todos estes factores constituem um fulcro sobre o qual se equilibra toda a estrutura da personalidade; e revelam um tema que afecta a projecção de toda a personalidade. Se uma pessoa não for capaz de exprimir estas energias com facilidade, desenvolverá uma tensão generalizada e, em muitos casos, um sentimento de tédio, de vazio, de falta de direcção e objectivo. Para dar um exemplo do modo como tantos factores podem combinar-se numa interpretação, estudemos o caso da criança de que falei acima, cujo «complexo do Ascendente» contém os seguintes factores:

- 1) Capricórnio ascendente.
- 2) Planeta regente Saturno em Gémeos e na V casa, em conjunção com Vénus e Mercúrio.
- 3) Júpiter em Aquário na I casa.

Esta combinação pode ser descrita assim:

Uma necessidade para enfrentar a vida com precaução (Capricórnio ascendente) e com profunda criatividade (Saturno na V casa), quer mental, quer emocionalmente (Mercúrio e Vénus em conjunção com Saturno); uma necessidade para pensar em profundidade e para comunicar os pensamentos de uma maneira séria (Saturno em Gémeos, em conjunção com Mercúrio); e uma necessidade para ver resultados tangíveis dos seus esforços organizados, autodisciplinados (Capricórnio ascendente e Saturno na V casa), tudo combinado com uma fé independente e uma generosidade expansiva, optimista (Júpiter em Aquário).

Aspectos com o Ascendente

Outro factor adicional que participa no complexo do Ascendente de que falei é constituído por qualquer aspecto quase perfeito com o Ascendente. Tradicionalmente, estes aspectos têm sido considerados como influenciando o carácter e temperamento da pessoa, embora muito poucos livros incluam princípios para a sua interpretação. Não me proponho aqui fornecer uma lista sistemática de «interpretações», mas existem alguns pontos-chave a ter presente para reconhecer os mais importantes aspectos com o Ascendente num horóscopo.

Como regra geral, os aspectos com o Ascendente mostram o modo como uma pessoa se exprime mais caracteristicamente no mundo exterior, ora com facilidade e naturalidade (algumas conjunções, os sextis e, sobretudo, os trinos), ora com um certo grau de stress, tensão, inibição ou uma ambição extraordinariamente forte (quadraturas e oposições). Por outras palavras, os aspectos com o Ascendente revelam se as várias dimensões de uma pessoa (simbolizada pelos planetas natais) estão em harmonia ou em desacordo com o modo de expressão para o qual as energias do Ascendente constantemente nos impelem.

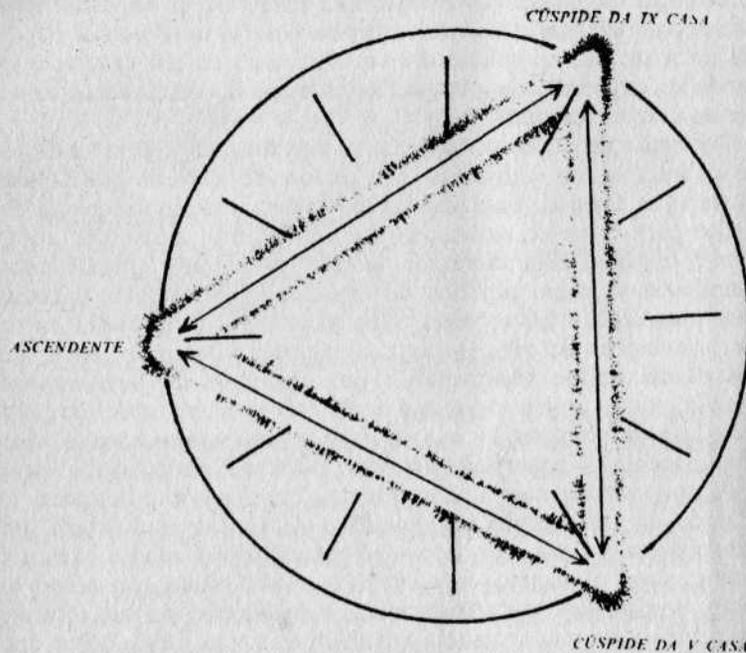
As OPOSIÇÕES com o Ascendente revelam, em alguns casos, uma divisão interior no indivíduo, um estado de ser em que a pessoa suporta uma tensão quase constante, dada a existência de um forte impulso para tipos de actividade que, em muitos casos, são completamente opostos. Esta dimensão interior pode gerar grande energia e manifestar-se como um tipo de consciência psicológica particularmente complexo. Muitas vezes, uma pessoa assim alternará entre as duas orientações de vida durante um certo número de anos, umas vezes dando ênfase consciente a um dos tipos de auto-expressão, outras seguindo outra orientação. Parece também com frequência que a Lua em progressão ou Saturno e Júpiter em trânsito trazem periodicamente à superfície um dos lados da natureza da pessoa.

A QUADRATURA com o Ascendente simboliza, muitas vezes, uma qualidade de meio ambiente primitivo da pessoa que, regra geral, se manifestou como um tipo de opressão ou inibição (especialmente quando o planeta envolvido está na IV casa) ou como uma pressão invulgarmente forte dirigida à realização ou ao reconhecimento social (quando o planeta envolvido está na X casa). Por outras palavras, existem basicamente dois tipos de quadratura com o Ascendente que podem classificar-se assim: 1) o tipo da IV casa que indica modelos emocionais que nos impedem de atingir a espontaneidade de expressão mostrada pelo signo ascendente; e 2) a quadratura da X casa que revela forças existentes dentro de nós que nos impelem para um qualquer tipo de realização.

O SEXTIL com o Ascendente mostra, regra geral, que a energia do planeta envolvido pode ser activada sem sobressaltos, uma vez verificado um período de aprendizagem. Terão provavelmente que ser feitos alguns pequenos ajustamentos antes que essa dimensão de experiência se integre por completo na energia do Ascendente, mas o período de transição é geralmente rápido e encorajador.

As CONJUNÇÕES e os TRINOS com o Ascendente devem ser tratados em conjunto, devido à sua participação num fenómeno astrológico importante mas raramente mencionado. Este fenómeno é o

triângulo formado pelas «casas do fogo» (casas I, V e IX). O triângulo formado pelos *signos* do fogo é evidentemente mencionado na maior parte dos livros básicos de astrologia, tal como os triângulos (ou trindades) associados aos signos dos outros elementos. Mas o



UM CIRCUITO DE ENERGIA FLAMEJANTE—
Espírito, inspiração, ser, transformação, alegria e fé

triângulo das *casas* do fogo só em muito poucos livros é abordado. A razão para este aparente desprezo está em que este triângulo representa um modelo de fluxo energético que, em muitos casos, se aproxima do transcendente. Já expliquei como o Ascendente pode ser considerado como representando um tipo de expressão e de libertação de energia temporal espontânea e tão natural que não nos deixa captar a sua essência em palavras. E, de um modo geral, esta qualidade aplica-se também ao triângulo das casas do fogo porque as casas do fogo têm a ver com o puro ser e a pura transformação.

A pureza de auto-expressão que representam pode, em alguns casos, ser correctamente classificada como espiritual (sobretudo naqueles casos em que a pessoa deixou de identificar a sua personalidade com as forças criativas que através dela fluem e, em vez disso, se vê a si própria apenas como o canal para a manifestação de um poder maior). Deparei com a importância das casas do fogo bastante cedo nos meus estudos astrológicos, anos antes de ter visto qualquer referência escrita a este fenómeno. Esta compreensão ocorreu-me quando elaborei e estudei os horóscopos de uns doze mestres espirituais. Quando tentei descobrir factores comuns em todos eles, vi que a única coisa que regularmente se destacava na maioria dos horóscopos era a ênfase na colocação dos planetas nas casas do fogo. Depois de tentar compreender este modelo sem grande êxito, tive um sonho vivido durante o qual me foi mostrado um fluxo de energia flamejante, ligando o Ascendente e as V e IX casas. A subitaneidade da compreensão que acompanhou este sonho é impossível de descrever em palavras, mas constituiu uma lição directa e profunda sobre o fluxo energético representado por aquelas casas. O diagrama do «triângulo flamejante» que aqui apresento é uma tentativa de traduzir o sonho em imagem.

A aplicação prática desta ideia consiste em reconhecer a potencialidade mostrada num horóscopo em que os planetas natais se localizam em trino quase perfeito com o Ascendente ou em conjunção com ele. Isto não significa que tais colocações planetárias indiquem sempre grande espiritualidade porque, na maior parte dos casos, a ênfase nestas casas não pode ser rigorosamente classificada de orientação «espiritual», visto que a maioria das pessoas é inegavelmente egocêntrica. Em geral, no entanto, existe um fluxo particularmente dinâmico de energia criativa que pode ser expresso espontânea e poderosamente. Seja qual for a dimensão da experiência simbolizada por um planeta em trino ou conjunção quase perfeitas com o Ascendente, ela pode ser expressa activamente com um grau de naturalidade, subitaneidade e energia positiva maior do que o representado pela maior parte dos outros factores astrológicos. Por exemplo, uma pessoa que tenha Marte, quer em conjunção com o Ascendente, quer em trino com ele na V ou IX casas, pode ser um líder natural e caracterizado por um assinalável grau de coragem e talvez uma certa rudeza de comportamento. Ou uma pessoa que tenha Saturno em posição semelhante pode ser caracterizada por um sentido prático, uma capacidade de organização e uma expressão de sabedoria muito superior à normal na sua idade.

Embora cada uma das casas do fogo possa distinguir-se das outras e possuir o seu próprio conjunto de significados, devemos ter

consciência do facto de que qualquer planeta situado dentro deste triângulo dinâmico exercerá provavelmente uma poderosa impressão na orientação do indivíduo na vida. Na verdade, um dos mais simples processos de caracterizar as casas do fogo como um grupo é dizer que os signos das cúspides da I, V e IX casas, juntamente com os planetas localizados nessas casas (*sobretudo os que formam aspectos quase perfeitos com o Ascendente*) significam qualidades dominantes na atitude geral do indivíduo perante a vida. Como a nossa atitude perante a vida determina a maior parte das nossas experiências (visto que atraímos o que exprimimos), facilmente poderemos ver por que motivo esses factores desempenham, em qualquer horóscopo, tão importante papel no modelo geral de vida da pessoa. O outro ponto a considerar é que a nossa atitude perante nós próprios é inseparável da nossa atitude perante a vida em geral. Com efeito, pode dizer-se que são a mesma coisa. É evidente que a nossa atitude geral perante a vida emana directamente da nossa atitude perante nós próprios; e o contrário também é verdadeiro, pois todos nós conhecemos a transformação do âmbito da autoconfiança que o indivíduo sofre quando adoptou uma filosofia positiva de vida. O triângulo flamejante simboliza, assim, *a qualidade essencial do nosso mais oculto sentido de personalidade* e indica também a nossa perspectiva geral da própria existência.

A I casa e os seus planetas podem indicar um fluxo espontâneo de energia vital, com vibrações tão positivas que a pessoa se caracteriza por uma aura quase radiante, ou um alto grau de egocentrismo e, muitas vezes, de orgulho excessivo. Naturalmente que estes dois modos de ser representam manifestações extremas daquelas energias, mas não é raro encontrarmos pessoas que exemplificam claramente estes extremos. Qualquer planeta *em conjunção com o Ascendente* pode indicar que temos um considerável orgulho na área indicada pelo planeta. Por exemplo, o Sol em conjunção com o Ascendente está frequentemente relacionado, em alguns casos, com uma simplicidade e uma generosidade infantis, ou com uma tendência infantil para mostrar as nossas capacidades através de exhibições dramáticas; muitas vezes, verificam-se as duas situações. O Sol em conjunção com o Ascendente é semelhante a Leão ascendente em muitos aspectos, embora a arrogância e o egocentrismo tantas vezes encontrados naqueles que têm o Sol em conjunção com o Ascendente seja, regra geral, muito mais visível do que nos que têm um Leão ascendente. Outro exemplo é o da pessoa que tem Mercúrio em conjunção com o Ascendente; nestes casos, encontramos um orgulho considerável nas capacidades intelectuais e de aprendizagem. Noutros, com a conjunção de Mercúrio a tendência para tentar esmiu-

çar as mais pequenas coisas provoca problemas desnecessários e uma preocupação constante. Estas pessoas possuem com frequência espíritos particularmente agudos e a capacidade para exprimir ideias com extraordinário sentido do drama, embora as suas opiniões possam ser o seu pior inimigo.

A V casa e os seus planetas revelam recursos criativos abundantes e que podem também simbolizar o nível pessoal de autoconfiança ou, pelo menos, aquilo que a pessoa sente que deve fazer para atingir uma autêntica autoconfiança. Como a V casa corresponde ao próprio signo do Sol, Leão, não surpreende que eu me tenha, a pouco e pouco, inclinado para considerar esta casa como a mais forte no horóscopo depois da I; na verdade, a V casa reforça não só as potencialidades criativas do indivíduo, mas também as vibrações que caracterizam o modo como a pessoa dá espontaneamente o corpo às suas energias. E, na prática, qualquer planeta na V casa (especialmente se estiver em trino quase perfeito com o Ascendente) pode afectar todo o âmbito e método de autoprojecção da pessoa tão fortemente como um planeta na I casa.

A IX casa e os seus planetas significam crenças e aspirações criativas, orientadas para o futuro. A relação de IX casa com a atitude geral da pessoa perante a vida pode ser mais evidente do que a da I ou V casas, visto a IX casa estar tradicionalmente relacionada com a orientação religiosa ou filosófica do indivíduo. Tal como muitos livros afirmam, a IX casa e os seus planetas estão intimamente ligados com o espírito mais elevado; e estando as nossas mais elevadas aspirações e crenças entre os factores dominantes na formação das nossas atitudes, pode compreender-se facilmente de que modo os factores da IX casa se harmonizam com a orientação geral do triângulo das casas do fogo.

Destas três, a V tem sido a mais mal compreendida, por causa do hábito existente de apenas valorizar a sua relação com crianças, jogo, casos amorosos e outros prazeres. No entanto, a V casa está intimamente relacionada com o significado transcendente do triângulo flamejante que já referimos. Devo dizer que me surpreende bastante verificar que gerações de astrólogos continuem a dar tão relativamente pouco valor à casa que corresponde ao próprio Sol! Embora as energias da V casa *se manifestem*, muitas vezes, em especulação, casos amorosos, prazeres sensuais e egocentrismo infantil, todas estas actividades radicam na urgência de correr riscos, a fim de permitir que um poder maior opere através da personalidade individual. Como já se disse, a V casa mostra o poder do amor ou o amor do poder. No melhor dos casos, indica a capacidade de deixar que o amor e a luz de Deus fluam através de nós, e uma confiança simples

na bondade da própria vida. Está relacionada com a nossa capacidade para permitir às forças criativas da vida manifestarem-se *por nosso intermédio*, como se vê pelas suas relações com as crianças de corpo e espírito (o desejo de que através de nós nasça algo de maior do que a nossa limitada personalidade). As crianças e a autêntica criatividade ensinam-nos que devemos fazer o que *amamos* para atingirmos um pleno sentido de vitalidade. Este tipo de alegria é uma dádiva ou um acto de graça divina, não um «prazer» num sentido sensual. A melhor análise desta dimensão da V casa é, sem a menor dúvida, a de Dennis Elwell, num artigo sobre o tema que publicou no *Journal* da Associação Britânica de Astrologia, no Verão de 1973. Neste escrito extremamente penetrante Elwell afirma:

A V casa [...] representa um barómetro da nossa confiança na vida, em particular nos seus elementos incalculáveis e da medida em que a vida nos assegura o sentido do nosso próprio valor, através de pequenos sinais de aprovação que nos chegam como uma dádiva, uma bênção inesperada.

Alguns destes «pequenos sinais» podem ser «apaixonarmo-nos», o que está, evidentemente, muito para além do nosso controlo, deixar que através de nós nasça uma criança ou um trabalho criativo (acontecimento que também não podemos controlar) ou mesmo ganhar ao jogo. Elwell sublinha que o amor talvez seja cego, como muitas vezes se diz, mas o certo é que clarifica o significado espiritual da V casa e os princípios do Sol simbolizam este tipo de amor:

Talvez só quando nos «apaixonamos» por alguém vejamos esse alguém como ele deve ser visto! (...) Quando nos apaixonamos, as temperaturas de cada um de nós invertem-se: olhamo-nos friamente e os nossos defeitos tornam-se demasiado evidentes, ao passo que sentimos calor, admiração e entusiasmo pelo outro.

Quando estamos apaixonados, o céu é mais azul, todas as experiências da vida se intensificam, tudo nos parece melhor porque estamos a ver as coisas como elas são; na verdade, o fogo do amor queimou o nosso ego! Podemos dizer que o princípio da V casa representa o *fogo do ego* ou o *fogo do amor* que queima esse ego. E, de um modo geral, *todo o triângulo das casas do fogo encerra este significado essencial*. Os planetas nestas casas são, por isso, quase sempre de grande importância e, em especial, os que formam aspec-

tos quase perfeitos com o Ascendente podem considerar-se como indicadores de um extraordinário poder de desenvolvimento.

O Meio do Céu e os seus aspectos

Quase todos os textos astrológicos mencionam o Meio do Céu como um ponto importante no horóscopo de nascimento, mas muito poucos fornecem aquilo a que eu chamaria princípios práticos para a compreensão do seu significado. Em geral, tenho verificado que vários factores da X casa (ou Meio do Céu) partilham um significado comum; e isto aplica-se não só ao signo no Meio do Céu, mas também ao planeta regente desse signo e a quaisquer planetas na X casa. Todos estes factores indicam modos de ser, capacidades pessoais ou qualidades da personalidade que uma pessoa tende a admirar, a respeitar ou a trabalhar para as desenvolver e transformar.

O signo do Meio do Céu simboliza algo que em nós flui e cresce espontaneamente num sentido positivo, à medida que envelhecemos, (embora possamos revelar algumas dessas qualidades sob «forma embrionária» quando somos jovens), mas exige, muitas vezes, um esforço apreciável para que a expressão óptima dessas qualidades possa ser atingida. Por exemplo, Carneiro no Meio do Céu pode indicar que a pessoa admira a força e a coragem e, por isso, se sente impelida a agir no sentido de desenvolver as suas qualidades afirmativas. Touro no Meio do Céu pode mostrar que a pessoa procura uma imagem de serenidade, de à vontade e de beleza, e se esforça, assim, por desenvolver pessoalmente estas qualidades. Escorpião no Meio do Céu pode revelar que a pessoa respeita as qualidades carismáticas e poderosas dos outros e busca, assim, usar ao máximo as suas próprias capacidades semelhantes. Peixes no Meio do Céu pode indicar que o indivíduo admira qualidades compassivas e intuitivas nos outros e procura conscientemente cultivar essas mesmas qualidades.

O planeta regente do signo do Meio do Céu é importantíssimo, não só devido ao seu significado simbólico geral, mas sobretudo ao facto de *a sua posição de casa mostrar, muitas vezes, em que área a nossa verdadeira vocação se manifesta mais claramente*. A palavra *vocação* significa literalmente «o fim a que somos chamados» e não só o signo do Meio do Céu como também outros factores da X casa estão intimamente relacionados com o tipo de vocação para o qual nos sentimos impelidos. Mas, na minha experiência, o factor mais útil parece ser a posição de casa do regente do Meio do Céu, pois esta casa representa um campo de experiência que se revela como o nosso verdadeiro chamamento a um nível muito profundo. Podemos

sentir que fazemos realmente aquilo que queríamos fazer quando começamos a compreender a nossa verdadeira vocação. É curioso que o Meio do Céu se localiza no topo do horóscopo e que ele e o seu planeta regente simbolizem o «cume» das nossas realizações e ambições conscientes.

Outro modo de se exprimir o significado do Meio do Céu e dos factores da X casa tem a ver com o facto de esses factores simbolizarem, num horóscopo, o que é *importante* para nós. Esta terminologia é especialmente relevante para o significado dos planetas que caem na X casa (sobretudo os que estão em conjunção com o Meio do Céu — mesmo do lado da IX casa). Um planeta nestas condições representa modos de ser, qualidades ou tipos de actividade extremamente importantes para o indivíduo e que este respeita. Devido a este sentimento de respeito, as pessoas exibirão muitas vezes essas qualidades ou exprimirão essas energias publicamente, a fim de que os outros possam pensar bem delas. (Aqui a relação do Meio do Céu e da X casa com a «reputação» pessoal). Alguns exemplos ajudarão a esclarecer este ponto:

- Se Mercúrio está na X casa, é importante para a pessoa ser educada e apreciada. Se ela não possui a educação que respeita, trabalhará para a atingir ou tentará forçar os outros a obterem-na.
- Se Vénus está na X casa, a beleza em geral (incluindo a expressão artística) e o aspecto pessoal em particular serão considerados como importantes; muito dinheiro e energias podem, assim, ser gastos nestas direcções.
- Se Saturno está na X casa, haverá uma forma tangível de realização extraordinariamente importante para a pessoa, pois esta tenderá a respeitar muito o trabalho, a resistência e a capacidade para enfrentar responsabilidades.
- Se Urano está na X casa, é importante para a pessoa ser independente de corpo e espírito.
- Se Plutão está na X casa, é importante ser autoritário, poderoso e dispor de certa influência.

Apresentar conceitos semelhantes para os outros planetas seria maçador, mas deve salientar-se que o significado geral de, por exemplo, *Vénus na X casa* é idêntico ao de *Vénus regente da X* (isto é, Touro ou Balança no Meio do Céu). Outro exemplo: o significado geral de *Marte na X casa* é semelhante ao de *Marte regente da X*

casa (isto é, Carneiro no Meio do Céu). Em ambos os casos existem uma importância e uma seriedade fora do vulgar, atribuídas aos valores, qualidades, etc. que o planeta relevante simboliza. A única diferença é que um planeta realmente colocado na X casa deve ser visto como um foco de energia mais específico e concentrado.

Tal como a conjunção, que já mencionámos, os aspectos com o Meio do Céu podem ser tratados em conjunto. Estes aspectos são quase completamente ignorados na maior parte dos livros e o único estudo especializado disponível sobre o tema que conheço é o de Vivia Jayne, *Aspects to Horoscope Angles*. Neste livro, Vivia Jayne explica que o tipo preciso de aspecto (isto é, o sextil, o trino, a quadratura, etc.) com o Meio do Céu é muito menos importante do que o planeta que forma o aspecto. Inclino-me para a mesma conclusão, a partir da minha experiência, embora creia que o trino com o Meio do Céu ocupa o segundo lugar em poder relativamente à conjunção, devido ao facto de o planeta estar, regra geral, no mesmo elemento do próprio Meio do Céu. O livro de Jayne apresenta um significado geral dos aspectos de cada planeta com o Meio do Céu e, por isso, não vale a pena repeti-los aqui. Além da relação tradicional de tais aspectos com a «influência» na nossa auto-expressão pública, na nossa carreira e nos nossos objectivos vocacionais, apenas basta dizer que qualquer planeta em aspecto quase perfeito com o Meio do Céu indica, regra geral, um tipo de energia e de orientação essencial na estrutura da nossa posição no mundo e constitui um meio de que nos servimos para contribuir para a sociedade.

Os quatro ângulos em comparações

Poucos livros sobre comparações de horóscopos valorizam suficientemente a importância dos aspectos entre os planetas natais de uma pessoa, e o Ascendente, o Meio do Céu ou os seus planetas regentes, de outra. Uma das poucas excepções é a obra intitulada *How to Handle Your Human Relations*, de Lois H. Sargent, no qual a autora faz repetidas referências ao Ascendente e ao seu regente. Eis alguns dos seus comentários:

O mais importante na análise da atracção é o aspecto entre o Ascendente de um horóscopo e os planetas do outro. Isto é verdadeiro não só quanto ao casamento, mas também para todas as comparações.

O Sol, a Lua, Vénus ou Marte de um horóscopo no signo ascendente ou descendente do outro horóscopo constituem um testemunho astrológico de forte atracção.

A não ser que o Ascendente ou o Descendente de um horóscopo se combine, de facto, com os planetas do outro pelo signo, é duvidoso que a atracção resulte em casamento. Tanto quanto a minha experiência de verificação desta regra me diz, afirmaria que uma atracção nunca resultará em casamento se o Ascendente ou o Descendente de um ou de ambos os horóscopos não estiverem combinados.

É o Ascendente, símbolo da personalidade do indivíduo, que determina o verdadeiro poder ou magnetismo da atracção. O Ascendente de um horóscopo formando um aspecto com planetas do outro confirma e apoia qualquer identidade e compatibilidade observada nos aspectos formados entre planetas nos respectivos horóscopos.

Aconselho ao leitor o livro de Sargent para informação mais pormenorizada sobre o Ascendente e o seu regente em comparações de horóscopos. Na primeira parte do livro, Lois Sargent apresenta muitas das combinações possíveis (com horóscopos modelo) que se podem formar entre o Ascendente, o Descendente e os seus planetas regentes. Vale a pena estudar estas suas análises e todo o seu livro. Quero apenas sublinhar como são extraordinariamente importantes todos os aspectos com os quatro ângulos em comparações, pois raramente se faz uma comparação de horóscopos para duas pessoas envolvidas numa relação particularmente íntima e importante, na qual não exista um aspecto quase perfeito envolvendo um dos quatro ângulos.

O livro de Sargent, contudo, não dá muita importância aos aspectos com o Meio do Céu (e, por isso, ao seu ponto oposto o I. C.). Embora concorde com ela quando diz que os aspectos que envolvem o Ascendente e o Descendente são mais aparentes e mais geralmente importantes do que os que envolvem o Meio do Céu, a minha experiência diz-me que os aspectos envolvendo o Meio do Céu são extremamente significativos. Os aspectos envolvendo o Ascendente são muito importantes porque se, por exemplo, o Sol ou Júpiter natal de alguém estiver em conjunção ou em trino com o meu Ascendente natal, a influência desta pessoa sobre mim encorajar-me-á, pelo menos em parte, a exprimir toda a minha personalidade naturalmente, espontaneamente e dinamicamente. O impacto dessa pessoa na minha vida, por outras palavras, será imediato a um nível pessoal que afecte a minha auto-expressão e a minha ati-

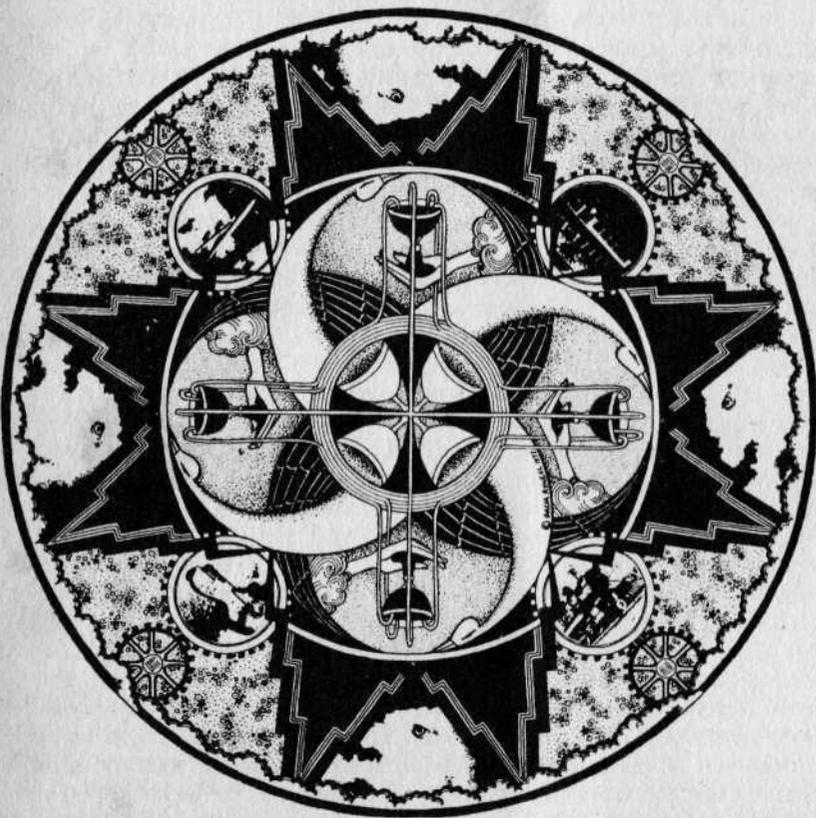
tude geral perante a existência. Todos os aspectos que envolvem o Ascendente em comparações de horóscopos têm este traço comum: significam todos um poderoso impacto nos nossos sentimentos de espontaneidade, vitalidade e autenticidade em qualquer dimensão da experiência. (Os Aspectos que envolvem o Descendente são também muito poderosos, mas tendem a indicar uma concentração na relação). Os aspectos do Meio do Céu em comparações indicam, por outro lado, tipos mais específicos de interacção e encontram-se, na maior parte das vezes, em relações nas quais existe um modelo definido de uma pessoa que exerce autoridade na vida da outra. Este modelo não se limita, como se poderia pensar, a relações que tenham apenas a ver com a carreira, o emprego ou a interacção entre pais e filhos; encontram-se com frequência modelos semelhantes em comparações entre amantes, elementos do casal ou amigos íntimos.

Um princípio geral para a compreensão dos aspectos do Meio do Céu em comparações é que estes indicam geralmente um de dois modelos dominantes: 1) a pessoa cujo planeta forma um aspecto com o Meio do Céu ajuda-nos a manifestar de algum modo o nosso potencial de realização; ou 2) a pessoa impede-nos de modo bem visível, através de qualquer forma de domínio, de perseguirmos as ambições para as quais somos impelidos. Como o Meio do Céu está relacionado com qualidades e actividades saturninas, todos os indivíduos cujos planetas natais formem um aspecto quase perfeito com o nosso Meio do Céu desempenham, regra geral, um importante papel formativo (Saturno) na nossa vida, quer ajudando-nos a realizarmo-nos como membros produtivos da sociedade, quer impedindo essa realização através de métodos autoritários de influência. Se o planeta natal de alguém formar um aspecto quase perfeito com o meu Meio do Céu (sobretudo se for uma conjunção) sentirei muito provavelmente um considerável respeito por alguma qualidade ou capacidade que essa pessoa exhibe. Posso admirar muito essa pessoa, embora se a minha admiração for excessiva corra o risco de me colocar sob a sua influência sem dar por isso, a ponto de, mais tarde, me arrepender. Do ponto de vista do karma, uma ênfase no Meio do Céu ou nos factores da X casa numa comparação (semelhante aos intercâmbios de Saturno em comparações) pode, muitas vezes, revelar um modelo em que uma pessoa detém poder ou autoridade sobre outra. Em alguns casos, tal ênfase (a qual, é claro, implica automaticamente uma ênfase da IV casa, que simboliza a família) parece relacionar-se com os laços familiares de uma vida passada, quando uma pessoa era filha da outra.

Um exemplo para esclarecer melhor estes pontos: se o Sol natal de alguém estiver em conjunção com o nosso Meio do Céu, pode-

mos verificar que essa pessoa não só nos encoraja as ambições e age mesmo no sentido de aproximar de nós os nossos objectivos de carreira, mas também que quer «meter-nos debaixo das suas saias» de um modo muito paternal. Na verdade, as pessoas podem sentir-se extraordinariamente protectoras das outras, de uma maneira que lembra uma relação entre pais e filhos. Através desta associação, seremos *encorajados* (o Sol, em particular, é o planeta do *encorajamento*; se estiver envolvido outro planeta, a qualidade do impacto na nossa vida é diferente) a desenvolver mais confiança na *nossa própria* capacidade para atingir os nossos objectivos e ambições.

Um último factor nas comparações de horóscopos a que devemos prestar especial atenção é a situação na qual os planetas regentes das duas pessoas (isto é, os regentes dos seus Ascendentes) formam aspecto quase perfeito. O tipo exacto de aspecto não é tão importante como o facto de existir *uma* relação íntima entre essas orientações de vida, individualmente dominantes. (Deve salientar-se, no entanto, que as conjunções ou aspectos fluentes indicam, *na maior parte dos casos*, um tipo mais harmonioso de interacção; quando o aspecto com o planeta regente é mais desafiador, pode ocorrer um certo tipo de conflito, de barreira ou de frustração inerente à relação, mesmo que as pessoas se sintam extremamente bem e mesmo que mantenham a relação por muitos anos). Considero sempre um aspecto entre os planetas regentes como um testemunho do facto de duas pessoas terem provavelmente uma relação de extraordinária intensidade e importância. Possuem, muitas vezes, laços kármicos mútuos, extremamente fortes, e por tal factor ser muito mais raro do que no caso em que o Ascendente ou o Descendente de uma pessoa está no mesmo *signo* dos planetas natais da outra, devemos prestar uma maior atenção a estas situações especiais. A interacção íntima das energias dos planetas regentes pode ser considerada como indicadora de um símbolo particularmente *específico* do modo como as duas pessoas se interpenetram e do que vêem uma na outra de especialmente estimulante. Na grande maioria dos casos, todos os outros níveis de interacção patentes numa comparação serão de importância secundária relativamente ao tipo intenso de intercâmbio simbolizado pelo aspecto entre os regentes. É como se toda a relação girasse em torno dessa permuta energética, e o modo como as pessoas enfrentam essa energia é crucial para o desenvolvimento da própria relação.



Aquário

CAPÍTULO XI

CONCEITOS DE ASTROLOGIA NAS INTERPRETAÇÕES DE EDGAR CAYCE

Quanto às aparições na Terra, estas têm sido muito variadas. Nem todas podem ser indicadas no presente porque — como se explicou — cada ciclo traz uma alma, uma entidade, a outro cruzamento ou a outro dos vários impulsos das suas actividades no plano material. Mas estas são escolhidas com o objectivo de indicar à entidade como e porquê esses impulsos fazem parte da experiência da entidade como uma unidade ou como um todo. Porque não se entra numa estada material por acaso; é a continuidade do modelo ou objectivo que é animada de vida, e cada alma é atraída para as influências que podem ser visionadas de cima. Nisto, pois, devem ser vistas as curvas do rio da vida.

INTERPRETAÇÃO DE EDGAR CAYCE 3128-1

As interpretações psíquicas de Edgar Cayce constituem um formidável repositório de informações relacionadas com a astrologia e creio que as pessoas que se dedicam ao estudo de qualquer ramo astrológico podem tirar proveito do estudo do material de Cayce. A profundidade e âmbito de todo o trabalho de Cayce são espantosos, e o facto de as suas interpretações psíquicas terem sido rigorosamente registadas e documentadas torna esse trabalho extremamente valioso para fins de pesquisa.

Edgar Cayce não acreditava conscientemente na astrologia quando começou a fazer «interpretações da vida» num esforço para explicar às pessoas as influências e o karma da vida passada. Estas interpretações, contudo, incluíam quase sempre referências a «influências» astrológicas de um tipo que pode parecer invulgar aos que se familiarizaram com a tradicional astrologia ocidental. Embora a

linguagem das interpretações (como se podem ver pela citação acima) seja, muitas vezes, caprichosa e mesmo um pouco confusa, devido ao facto de Cayce procurar comunicar com várias dimensões diferentes da vida ao mesmo tempo, podemos tentar aqui clarificar os principais conceitos das interpretações relacionados com a astrologia e explicar quais as suas implicações e como alargam a nossa compreensão dos mais tradicionais princípios astrológicos. Examinaremos dois tipos de ideias presentes nas interpretações de Cayce: 1) as que clarificam tradições astrológicas, quer através da explicação do modo de acção das «influências» astrológicas, quer da definição do âmbito de aplicação da astrologia), e 2) as que contrastam (ou até contradizem) com as tradicionais teorias astrológicas.

Um estudo completo de todos os conceitos de Cayce relacionados com a astrologia exigiria todo um livro e ele, de facto, já existe: a obra de Margaret Gammon, *Astrology and the Edgar Cayce Readings*, na qual a autora examina sistematicamente o que Cayce tinha a dizer sobre a natureza de cada planeta e compara essas interpretações com a explicação generalizada dada desse planeta nos tradicionais livros de astrologia. Além disso, estuda pormenorizadamente as interpretações de Cayce sobre «aspectos», «casas» e outros factores específicos dos horóscopos. Recomendo a todos os títulos o livro de Gammon aos que se interessam pelas dimensões mais profundas da astrologia, mas creio que vale a pena abordar aqui algumas ideias específicas sobre as interpretações que podem ser imediatamente integradas na prática astrológica comum. Na verdade, as interpretações de Cayce em geral são, muitas vezes, impenetráveis e em particular as suas declarações sobre astrologia espantam, pelo insólito de que se revestem, qualquer astrólogo que procura descobrir relações simples e directas entre as afirmações de Cayce e os horóscopos de nascimento tal como agora os entendemos.

Visitei pessoalmente a biblioteca Cayce (na sede da Associação para a Pesquisa e a Iluminação, em Virginia Beach) para estudar em primeira mão as interpretações originais. A data do nascimento de muitas pessoas para as quais foram feitas interpretações da vida constam dos arquivos e, por isso, pude, em muitos casos, elaborar correctamente, os seus horóscopos de nascimento, a fim de tentar estabelecer relações entre factores de horóscopos específicos e as afirmações de Cayce. Ao fim de bastante tempo e depois de considerável esforço, descobri que apenas podia usar algumas das informações de Cayce na minha prática e que outras ideias eram totalmente incompreensíveis para mim ou obviamente baseadas num antigo sistema de astrologia (persa ou egípcio) que já não existe em qualquer forma acessível. No entanto, como está demonstrada a

correção das informações de Cayce em milhares de interpretações psíquicas sobre outros assuntos, creio que devemos presumir que a sua informação astrológica era correctíssima, embora o nosso nível de compreensão nos impeça de a abranger. Por isso, o que se segue é uma tentativa para apresentar os valores que fui capaz de extrair das interpretações.

Em primeiro lugar, devo dizer que todas as interpretações de Cayce se inseriam no âmbito da reencarnação, do karma e das potencialidades individuais de desenvolvimento espiritual e de obtenção de uma mais elevada consciência psicológica. Portanto, muitas das suas ideias respeitam particularmente aos principais tópicos deste livro. Cayce sublinhou que cada vida compreende a soma total de todas as vidas anteriores, no sentido de que cada um de nós está apenas a «encontrar-se com o ego» em todas as nossas experiências. O que somos *agora* é um composto daquilo que fomos; e tudo o que foi antes construído, quer de bom, quer de mau, se contém nas oportunidades desta vida. Cayce incita-nos a reconhecer que aquilo que somos hoje é o resultado do que fizemos dos nossos ideais e do nosso conhecimento de Deus (ou as «Forças Criativas») em vidas passadas. Como afirma na citação com que abre este capítulo, a alma é «atraída para as influências que podem ser visionadas de cima». Por outras palavras, cada um de nós é arrastado para as vibrações astrológicas, os aspectos, etc. que melhor se adaptam ao nosso desenvolvimento. As interpretações de Cayce vão ao encontro da antiga ideia de correspondência microcosmos-macrocosmos quando afirma: «Todas as forças essenciais que se manifestam no Universo manifestam-se no homem vivo e, acima de tudo, a alma do homem» (Interpretação 900-70). A unidade de toda a criação era um dos principais ensinamentos de Cayce e esta unidade não era vista como um sonho etéreo, vago, antes como um facto absoluto da vida:

Existem, desde o princípio, no que respeita a este plano físico da Terra, regras ou leis na força relativa dos que governam a Terra e os seres do plano terrestre. Estas mesmas leis governam os planetas, as estrelas, as constelações, os grupos que constituem a esfera, o espaço no qual se movem os planetas. Provêm de uma força ... (Interpretação 3744-4).

Além do livro de Gammon que já referimos, podemos encontrar outra análise da perspectiva da astrologia de Cayce em *There is a River*, a bela biografia de Cayce escrita por Thomas Sugrue.

Sugrue explica que o sistema solar na concepção de Cayce é considerado como um ciclo de experiências para a alma. Tem oito dimensões correspondentes aos planetas (excluindo os vitalizadores fundamentais, Sol e Lua). Os planetas representam pontos focais destas várias dimensões da vida e simbolizam os vários níveis de consciência psicológica²⁷ pelos quais passa a alma entre as encarnações terrenas. A Terra é concebida como a terceira dimensão e como uma espécie de laboratório para todo o sistema, porque só nela a vontade livre é dominante. Nos outros planos, a alma está submetida a um maior controlo para ver se aprende as lições apropriadas. De acordo com as interpretações de Cayce, tudo o que a alma apreende deve ser materializado na vida, no plano físico, porque o desenvolvimento da alma deve ser feito enquanto ela se encontra no plano terrestre, com esforço e vontade aplicada.

Segundo Cayce, as inúmeras combinações de estrelas e planetas representam modelos de alma, e os signos do Zodíaco constituem os doze modelos fundamentais entre os quais a alma escolhe um, quando entra no plano terrestre para uma nova encarnação. Existem modelos de temperamento, de personalidade e de sintonia mental; e o corpo físico é considerado como uma objectivação do modelo da alma, um reflexo da «individualidade da alma». Como Cayce diz:

Os signos do Zodíaco são modelos kármicos; os planetas são os teares e a vontade o tecelão. (Interpretação 3654-L-1).

Tal como em muitas tradições ocultistas, Cayce relacionava os planetas com os vários *chakras* (ou centros de energia) existentes dentro de nós e com as correspondentes glândulas endócrinas. Aparentemente, a «influência» astrológica e o nosso karma particular manifestam-se em parte através dessas glândulas e desses centros de energia, o que afecta não só o corpo físico, mas também os «corpos» emocionais, mentais e vitais. Uma interpretação particularmente interessante apresenta as definições de Cayce de *personalidade* e *individualidade*, termos que em astrologia relacionamos, muitas vezes, com os princípios da Lua e do Sol: «A vossa personalidade é a expressão material; e a vossa individualidade a personalidade da alma» (Interpretação 2995-1). Para mim, esta afirmação indica que

²⁷ Estes «níveis de consciência psicológica», «planos de ser» ou «dimensões» são expressões que se aplicam à mesma realidade. Acabei por utilizar a expressão «dimensões de experiência» para explicar o que os planetas simbolizam porque esta expressão parece-me mais descritiva daquilo que experimento e evita uma visão bidimensional limitada no desenvolvimento pessoal.

o complexo de tendências e modelos emocionais representados pela Lua e denominados «personalidade», está imediatamente relacionado com a nossa experiência no plano material. De facto, diz-se que a Lua revela o «impulso do passado» e os modelos condicionadores de vidas passadas. Aparentemente, as interpretações de Cayce concordam com o que escrevi em capítulos anteriores, isto é, que as qualidades da Lua são uma emanção directa da nossa herança kármica. O Sol, por outro lado, tem sido relacionado com a «individualidade» em muitos livros de astrologia. Evidentemente que não se pode dizer que o Sol represente a própria alma, nem o signo do Sol pode relacionar-se com essa essência que existe dentro de nós, que nos dá singularidade, que não põe em contacto com o Senhor, visto que cada signo do Sol é apenas um doze avos do Todo. No entanto, dizer que o Sol e o seu signo representam a «personalidade da alma» constitui para mim uma declaração extraordinariamente correcta e incisiva, pois as qualidades do nosso signo do Sol têm muito a ver com o nosso modo de *ser* e são, muitas vezes, os aspectos da nossa natureza mais radiantes, criativos e dinâmicos.

O tema do karma é longamente explicado nas interpretações de Cayce e há vários livros que tratam das suas afirmações acerca da reencarnação e do karma. Os melhores são os de Gina Cermi-nara, *Many Mansions*, e o de Noel Langley, *Edgar Cayce on Reincarnation*. Algumas dessas ideias são especialmente adequadas a uma compreensão de questões fundamentais para a astrologia. Por exemplo, toda a questão de se saber porquê e como uma pessoa encarna em determinado momento e com um determinado horóscopo de nascimento pode ser clarificada através de um estudo das interpretações de Cayce. Diz-se que a escolha da reencarnação é, *regra geral*, feita no momento da concepção, quando o canal de expressão é aberto pelos pais. Um novo modelo (semelhante ao «modelo embrionário» de Rudhyar que o horóscopo de nascimento simboliza) é o fruto da mistura dos modelos de alma dos pais. Parece que a interacção e a concepção dos pais desencadeiam uma vibração específica (ou um complexo de vibrações) que atrai uma alma num estado de desenvolvimento adequado a esse modelo. A despeito deste facto, no entanto, Cayce insiste em que o horóscopo mais simbólico da natureza do indivíduo e mais útil para a auto-análise é aquele que se elabora a partir do nascimento físico e não do momento da concepção.

As interpretações de Cayce estão também cheias de referências a todos os tipos de ciclos, e já citámos algumas das suas afirmações acerca do ciclo de sete anos no capítulo V. Mais algumas citações podem aprofundar as perspectivas sobre os ciclos de vida, tão impor-

tantes no trabalho com trânsitos e progressões e que tantas vezes servem de alicerce à consulta astrológica.

O propósito da entrada de cada alma no mundo é completar um ciclo, aproximar-se mais do infinito, conhecer o objectivo com a entidade, na Terra (Interpretação 3131-1).

A ideia de que necessitamos de completar vários ciclos durante uma dada encarnação pode explicar-nos a natureza de diferentes aspectos. Cayce indica que a posição dos planetas mostra «o domínio do indivíduo sobre o planeta mais do que o do planeta sobre a entidade ...» Por outras palavras, a posição dos planetas (particularmente nos seus aspectos) talvez mostre de que modo dominámos vários testes e até que ponto completámos vários ciclos de experiência e aprendizagem. Esta ideia coincide com a crença de alguns astrólogos em que os aspectos «pressionantes» ou desafiadores num horóscopo revelam negócios inacabados e ciclos incompletos de realização, mais do que simples pesos atados à alma para dificultarem a sua expressão sem qualquer motivo. Na verdade, Cayce diz: «Somos um deus a construir». Talvez os nossos horóscopos de nascimentos nos mostrem em que fase da construção estamos e, especificamente, que ciclos de aprendizagem e desenvolvimento estamos agora a completar.

Outro tipo de ciclo mencionado inúmeras vezes nas interpretações de Cayce é o fenómeno de uma alma encarnando em sucessivas vidas, em momentos durante os quais agiam forças astrológicas semelhantes.

Encontramos nesta entidade particular, e muitas vezes, os que encetam uma experiência como um ciclo completo, isto é, no mesmo período, sob as mesmas experiências astrológicas, tal como na estada imediatamente anterior (isto é, nascidas no mesmo dia do mês (...) embora o tempo possa ter sido alterado); encontrámos períodos de actividade que serão muito semelhantes aos que se manifestaram na estada anterior, no desabrochar e nos impulsos latentes e manifestos (Interpretação 2814-1).

Se este tipo de ciclo é verdadeiro, então não há dúvida de que contradiz o que sempre me pareceu um propósito bastante simplista de relacionar factores astrológicos com modelos de reencarnação: a noção de que se uma pessoa é do tipo Carneiro-Sol nesta vida, terá, por exemplo, um Ascendente de Touro-Sol ou, talvez, de Carneiro na vida seguinte. Existem muitas teorias destas em escritos e

prelecções astrológicas, mas sempre me pareceram extremamente irrealistas e de duvidosa validade. Existem, sem dúvida, modelos definidos para a variação da sintonia astrológica, através das sucessivas vidas, mas creio que o modelo particular de uma pessoa terá que se adequar à sua natureza e reflectir a rapidez com que aprende as necessárias lições.

Cayce refere-se também a outro tipo de modelo de experiência kármica que pode contribuir para a compreensão dos ciclos astrológicos e das experiências individuais quando termina um capítulo da vida e outro começa. Este tipo de modelo é explicado assim por Thomas Sugrue, no seu livro *There is a River*:

As encarnações que influenciam a personalidade reflectem os seus modelos na vida da pessoa. Por vezes, interpretam-se: os pais de uma criança podem recriar o ambiente de uma experiência, enquanto os companheiros do filho recriarão o ambiente de outro. Outras vezes, as influências actuam por períodos: lar e infância podem recriar as condições de uma encarnação, escola e liceu as de outra, casamento as de uma terceira e uma carreira as de uma quarta (...) Os problemas kármicos apresentam-se-lhe como ele estivesse preparado para os enfrentar. (P. 319).

Estadas planetárias

O conceito fundamental para a compreensão das ideias de Cayce acerca da astrologia é também o mais radicalmente diverso dos ensinamentos astrológicos tradicionais. Na verdade, a descrição de Cayce das «estadas planetárias» constituiu uma ideia revolucionária que, em princípio, poderia oferecer de todas as teorias da «influência» astrológica uma nova e surpreendente perspectiva. Sempre pensei que um dos mais fracos elos na estrutura da astrologia, quer da tradicional, quer da mais moderna, era a ausência de uma teoria significativa e convincente sobre o modo e a razão pelos quais os factores astrológicos afectam as nossas vidas na Terra. Contudo, o conceito de Cayce das «estadas planetárias» satisfaz perfeitamente esta necessidade. Que são, afinal, essas «estadas» a que se refere? Já antes, neste capítulo, expliquei que cada planeta pode ser visto como representando todo um nível de «consciência psicológica» ou uma «dimensão de experiência»; e no contexto da reencarnação a alma é vista como atravessando essas várias dimensões, após deixar o corpo físico. Cayce afirma repetidas vezes que as «influências» astrológi-

cas constituem um facto da vida porque, entre as encarnações terrenas, cada alma tem de habitar essas diversas e subtis dimensões do ser e sintonizar-se com elas.

Não é propriamente por causa da posição do Sol ou da Lua ou de qualquer planeta no momento do nascimento que os impulsos astrológicos existem; é mais porque a alma da entidade faz parte da consciência psicológica universal e *tem morada nesses arredores*. (Interpretação 2132-L-1).

As interpretações de Cayce indicam, portanto, que a nossa sintonia astrológica é resultado directo da viagem da nossa alma por essas dimensões. Aparentemente, ao habitar-mos (ou ao residirmos temporariamente) nesses diferentes planos do ser, sintonizamo-nos com as várias vibrações e qualidades simbolizadas pelos planetas. E, na verdade, as dimensões através das quais a alma pode passar não se limitam aos planetas do nosso sistema solar, pois muitas interpretações de Cayce fazem referência a várias estrelas e constelações como tendo «influência» semelhante nas nossas vidas:

Verificámos também que as experiências da entidade nos intervalos das estadas planetárias entre as manifestações terrenas se tornam os impulsos mentais inatos que, de vez em quando, podem ou não fazer parte das nossas fantasias, ou do pensamento e das meditações do ego mais profundo.

Verificamos, por isso, que os aspectos astrológicos influenciam a experiência mais por causa da estada da entidade nas suas imediações do que por causa de determinada estrela, constelação ou mesmo signo zodiacal estar nesta ou naquela posição, no momento do nascimento. (Interpretação 1895-1).

As interpretações de Cayce referem-se também com frequência ao planeta do qual «a alma levanta voo», o que significa o último plano da consciência psicológica ou a dimensão de experiência em que a alma permaneceu antes da encarnação presente. Em muitos casos, este planeta do qual a alma «levanta voo» é o mais próximo do Meio do Céu, embora pareçam existir outros factores que nos impedem de transformar este princípio numa lei definida sem excepções. Todavia, um estudo de muitas interpretações da vida em comparação com os horóscopos de nascimento daqueles a quem as interpretações foram dadas, indica, *de facto*, que o planeta mais próximo do Meio do Céu é, muitas vezes, o símbolo da última dimensão

através da qual a alma passou antes desta vida, representando, por isso, qualidades específicas das quais a pessoa está fortemente dependente.

As interpretações de Cayce indicam que as nossas necessidades de desenvolvimento futuro da alma, bem como o tipo de vida que levamos durante a nossa mais recente encarnação, explicam o motivo pelo qual, na morte, uma alma pode ser encaminhada para Úrano, por exemplo, e outro para Vénus. Seja o que for que tivermos construído dentro de nós, pelos nossos pensamentos e acções, e o que tivermos assimilado durante a nossa vida mais recente, tudo funciona como uma poderosa força motivadora, ao abandonarmos o corpo físico e ao passarmos a outras dimensões.

Imediatamente após a morte, há um período de inconsciência, cuja duração é determinada pelo desenvolvimento espiritual da entidade. Depois da morte, a alma e o espírito *alimentam-se de — e, em certo sentido, são possuídos por —* aquilo que foi criado pelo espírito durante a recente experiência terrena. Tudo o que se ganhou no plano físico deve ser consumido. (3744.)

O conceito de Cayce da estada da alma noutras dimensões entre as vidas na Terra pode, talvez, explicar em grande parte a «influência» dos planetas nesta vida. Se, de facto, fundimos o nosso ser nessas dimensões do universo em algum momento do passado, podemos ver que a nossa sintonia actual com essas dimensões não acontece por acidente ou apenas em virtude de qualquer acção misteriosa dos «raios planetários»; na verdade, assinalámos realmente essas qualidades e sintonizamo-nos com essas energias durante a nossa estada nas várias dimensões planetárias.

Foi com surpresa que encontrei descrições semelhantes das estadas planetárias nas revelações específicas do famoso médium Arthur Ford, no livro de Ruth Montgomery *The World Before*. As informações contidas neste livro, apresentadas como tendo sido psiquicamente transmitidas por Ford após a sua morte, coincidem muito de perto com os conceitos de Cayce. No capítulo XIII, intitulado «Visitas Planetárias», encontramos descrições das viagens da alma pelas imediações de outros planetas quando fora do corpo, mesmo até Arcturus e outras estrelas. Estas «leituras» demonstram também que a Terra é o melhor local para a evolução espiritual, mas que todo o seu ambiente cósmico faz parte de um vasto sistema para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da alma.

Se uma pessoa se aproximar da perfeição na vida física, estas visitas planetárias não são dolorosas, pois o indivíduo passa sem beliscadura por esses testes que, para outra pessoa, são assustadoramente reais. (Estas visitas são necessárias) para enfrentar o ego, para nos redirmos das ofensas feitas aos outros e libertarmos o ego de atitudes egoístas e complexos de superioridade. Constituem um processo nivelador. Uma e outra vez nos diremos: enfrentai-vos na vida física. Arrecadai o necessário. Aperfeiçoai-vos e procurai emendar os erros de pensamento ou de acção cometidos contra outros, porque é de longe mais fácil fazer isso na Terra do que sofrer as torturas espirituais das visitas planetárias. Por que não começais já este processo de limpeza do Livro das Recordações de Deus? Avaliai o mal feito aos outros e começai, decididos, a emendá-lo, compensando ou ajudando aqueles que nos receiam. Que interessa se vos feriram? Esse não é o vosso karma, mas o deles, e quando enfrentarem o ego serão obrigados a compensar esse mal; deixai, pois, isso com eles, mas ajudai-os sempre que possível, perdoadando e esquecendo. É fácil fazer isto na vida física e tão difícil depois, na condição de espírito! Corrigi os erros enquanto é tempo e tirai o máximo de proveito desta oportunidade de vida física. (Pp. 164-165.)

As revelações de Ford descrevem a seguir o modo como tais visitas planetárias são experimentadas:

Para experimentarmos esta novidade aventuramo-nos para o interior e para o exterior, e detemo-nos, por exemplo, na área de Marte. Neptuno ou Úrano. Primeiro «pensámo-nos» lá, depois somos como partículas de luz que perfuram as trevas e, antes que possamos dar por isso, estamos na superfície, digamos, de Marte. (P. 159.)

O modo como Arthur Ford vê Saturno é particularmente interessante em comparação com os conceitos antiquados do planeta que o dão como representando apenas qualidades negativas e sofrimentos pessoais:

Saturno é onde vamos para elevação espiritual, e para a maior parte de nós está reservado para depois de termos enfrentado as outras influências planetárias; de facto, Saturno é tão importante para se atingir a perfeição (...) que

a maior parte de nós não está pronta para esse último teste da alma e terá, primeiro, de passar pelos outros. (P. 164.)

A visão que Ford tem de Saturno é confirmada pela afirmação de Edgar Cayce, segundo a qual Saturno é o planeta «para o qual todas as matérias insuficientes são projectadas, a fim de serem moldadas de novo». Esta associação de Saturno com «nova moldagem» parece semelhante à minha analogia no capítulo V: a influência de Saturno é, muitas vezes, experimentada como umas «mãos cósmicas» que tocam a vida de cada um para refazer e tornar a moldar o nosso modo de ser.

Tanto Cayce como Ford vêm em Arcturus uma importante dimensão no âmbito do desenvolvimento espiritual e da elevação da consciência psicológica. Ford declara que «Arcturus constitui um exemplo interessante de uma estrela que tem um efeito decisivo no nosso desenvolvimento espiritual»; Cayce complementa esta referência, ao afirmar que Arcturus representa não só um alto estado de consciência psicológica, mas também «a porta de saída deste sistema» por onde a alma pode sair para viajar para lá do sistema solar por outros sistemas do universo. Numa interpretação para uma alma particularmente desenvolvida, Cayce descreve este fenómeno:

O Sol, que é centro deste sistema solar, não é tudo o que existe. A entidade chegou a atingir o reino de Arcturus (...) esse centro no qual pode existir a entrada para outros reinos de consciência psicológica. E a entidade decidiu regressar à Terra para uma missão definida. (Interpretação 2823-L-1.)

A interpretação 630-2 fornece-nos um resumo desta visão da astrologia e, em particular, das estadas planetárias:

Ao referir aquilo que pode ajudar esta entidade na experiência presente com respeito às estadas na Terra, está certo que também se refiram os aspectos planetários ou astrológicos. Mas deve entender-se que a estada da alma nesse meio (planetário), mais do que a posição (quadratura, trino, etc., dos planetas do nascimento) é responsável por uma influência maior na expressão de uma entidade ou corpo, num dado plano.

Isto não pretende diminuir o estudo dos antigos, mas antes explicá-lo melhor. E, como indicámos, o mais (importante) não é saber que uma entidade é influenciada pela

Lua em Aquário ou pelo Sol em Capricórnio, ou por Vénus ou Mercúrio nesta ou naquela casa, neste ou naquele signo, ou pela Lua no signo do Sol ou por este planeta que está nesta ou naquela posição nos céus; é saber que as posições nos céus derivam da estada da entidade nelas, como alma!

Embora a visão que Cayce tem da astrologia difira bastante das perspectivas tradicionais, a verdade é que ele sempre estimulou as pessoas a investigar a astrologia *para a estudarem e compreenderem devidamente*. Deste modo, poderia ser extremamente benéfica para os indivíduos que procuram obter um maior autoconhecimento. Nalgumas interpretações, Cayce forneceu mesmo aquilo que pode ser considerado como pistas para interpretar horóscopos.

Os mais fortes desses poderes no destino do homem são, primeiro, o Sol, depois os planetas mais perto dele ou os que estão a ascender no momento do nascimento.

As inclinações do homem são, pois, governadas pelos planetas sob os quais nasceu. Nesta medida, o destino do homem contém-se no âmbito ou na esfera dos planetas... *independentemente do poder da vontade e sem que a vontade seja tomada em conta.* [Itálico meu.] (Interpretação 3744.)

A tónica no poder da vontade é um tema que encontramos em todas as interpretações de Cayce, visto que ele procurava colocar as «influências» astrológicas numa perspectiva correcta, avisando constantemente as pessoas de que deviam esforçar-se, tanto quanto possível, por ser donas dos seus destinos, em vez de confiarem demasiado nas influências planetárias:

Como tem sido dito, somos parte e parcela de uma Consciência Universal ou Deus. E assim (parte) de tudo o que se contém na Consciência ou no Conhecimento Universal, tal como as estrelas, os planetas, o Sol e a Lua.

És tu que os governas ou eles que te governam? Foram feitos para teu uso, como indivíduo. Sim, é para isso que servem (...) Tu és como um corpúsculo no corpo de Deus; por isso, um co-criador com Ele, naquilo que pensas e naquilo que fazes. (2794-3.)

Podemos então perguntar de que modo devemos estudar astrologia e usá-la para nosso maior benefício, ou até se devemos estudá-la, no caso de surgir uma tentação para confiar nela em demasia. Na Interpretação 3744, a pergunta foi feita: «Convir-nos-á estudar os

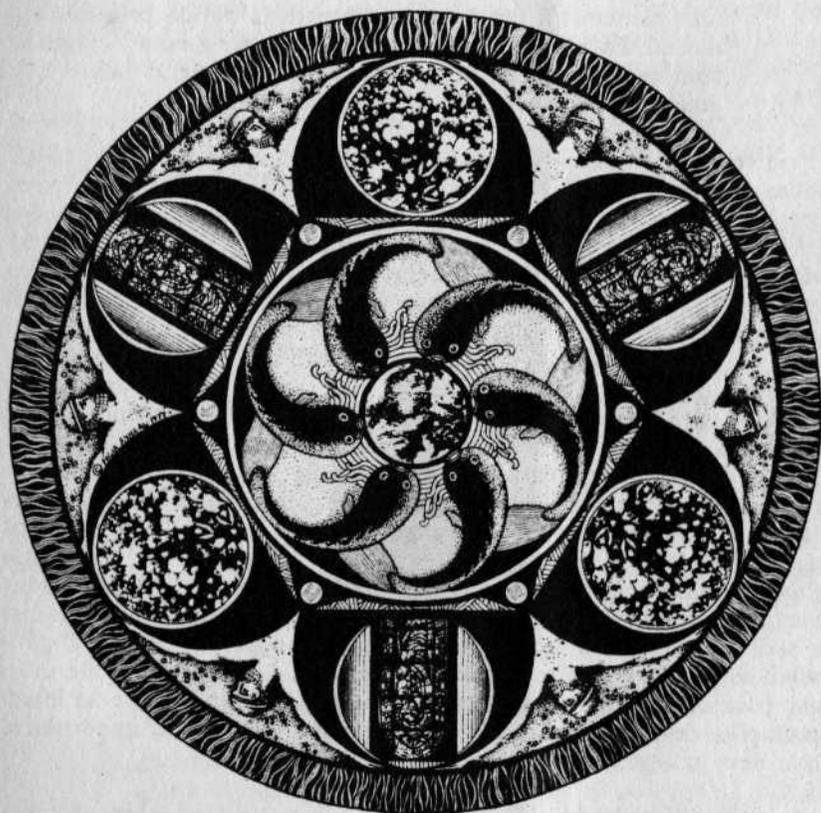
efeitos dos planetas nas nossas vidas, a fim de compreender melhor as nossas tendências e inclinações, já que são influenciadas pelos planetas?» Cayce respondeu assim:

Quando estudada como deve ser (tem) muito, muito, muito interesse. Como estudar bem? Estudando a influência (dos planetas) à luz do conhecimento já obtido pelo homem mortal. Facultando o máximo desse conhecimento — fazendo compreender que a vontade deve ser sempre o factor que guie o homem, sempre em ascensão.

Creio que o mais valioso aspecto das interpretações de Cayce sobre astrologia está em ajudarem-nos a colocar a astrologia na perspectiva do desenvolvimento espiritual, vendo esta antiga arte e ciência como instrumento prático para a compreensão. Além disso, através das afirmações de Cayce podemos penetrar não só na mecânica mais profunda da astrologia, como também nas suas limitações. Se assimilarmos a essência das inspiradas prevenções de Cayce, usaremos a astrologia com isenção e humildade, tendo sempre presente, para nós próprios ou para os clientes, que o esforço e a vontade são cruciais para enfrentarmos na vida diária o nosso karma. O uso da astrologia, quer na nossa vida privada, quer na prática profissional, deveria ser considerado com profunda seriedade, pois não se trata de um brinquedo ou de um jogo de palavras destinado a entreter ou a satisfazer a mera curiosidade. Os nossos próprios horóscopos de nascimento reflectem o que somos, o que podemos ser e — como Cayce tantas vezes salienta — o que fizemos dos nossos mais elevados ideais em vidas passadas. Nada existe, sem dúvida, de mais pessoal e sério e, por isso, digno de respeito e mesmo de admiração. O próximo capítulo apresenta um exercício que qualquer de nós pode utilizar para clarificar os nossos mais altos ideais *nesta* vida; e as interpretações de Cayce insistem continuamente na grande importância que deve ser atribuída aos nossos ideais:

O desenvolvimeto ou o atraso de uma alma durante determinada vida depende da fidelidade da pessoa e um ideal e do modo como o materializa nas suas relações mentais e materiais.

A vida é uma experiência que tem um objectivo e, no lugar em que se encontra, uma pessoa pode utilizar as suas capacidades, erros, fracassos e virtudes na caminhada para o objectivo pelo qual a alma decidiu manifestar-se no plano tridimensional. (In *There is a River*.)



Peixes

CAPÍTULO XII

O ASTRÓLOGO E A CONSULTA

«Rabbit é esperto», disse Pooh, pensativo.
«Sim», disse Piglet. «Rabbit é esperto.»
«E tem miolos.»
«Sim», disse Piglet. «Rabbit tem miolos.»
Fez-se um longo silêncio.
«Creio que é por isso», disse Pooh, «que ele nunca entende nada.»

A. A. MILNE, *The House at Pooh Corner*

«Toda a gente está realmente certa.»

POOH, *ibid.*

Desde que escrevi o capítulo intitulado «Os Usos da Astrologia nas Artes de Consulta» do meu livro *Astrology, Psychology and the Four Elements* aconteceram-me muitas coisas relativas à astrologia e à consulta que gostaria de divulgar. Muitas pistas se classificaram recentemente no meu espírito, e esta clarificação tem-me conduzido a uma perspectiva nova e mais saudável do meu trabalho, do meu sentido de objectivo e motivação e da prática da astrologia e da consulta em geral.

Há muitos anos, quando apenas começava a estudar astrologia, sabia que tinha que trabalhar com as pessoas utilizando uma faculdade íntima, mas não fazia a menor ideia da forma que ela devia tomar. Sabia que a astrologia podia ser um valioso instrumento em quase todo o tipo de trabalho com as pessoas, mas não pretendia ser «astrólogo» nem ser conhecido como tal. Na verdade, lutei contra este rótulo durante muitos anos e, de certo modo, ainda luto. Desde há muito tempo que ganho a vida exclusivamente em actividades associadas à astrologia, e habituei-me a ser conhecido como «astrólogo» e não desgosto do rótulo — ou, pelo menos, resignei-me a ele; no entanto, insisto em que a minha principal função num diálogo é a de conselheiro ou consultor, e, nesse trabalho, a astrologia funciona apenas como instrumento principal. Tendo muitos planetas na

VII casa do meu horóscopo de nascimento, a consulta processa-se facilmente, naturalmente, e tem constituído uma estimulante parte da minha vida, bem como uma profunda experiência de aprendizagem. E cada vez percebo melhor que mesmo que nunca me tivesse familiarizado com a astrologia conseguiria lidar com as pessoas de uma maneira imediata e pessoal. Estes pensamentos têm-se ultimamente tornado mais claros, a partir da consciência cada vez maior de que a astrologia não é tão essencial para o astrólogo como possa pensar-se. A prática da astrologia é uma arte individualizada e o «astrólogo» é, antes do mais, um ser humano a quem os outros, por várias razões, procuram, em busca de ajuda, orientação e esclarecimento.

Antes de voltar a este assunto, terá interesse para jovens estudantes de astrologia referir em breves palavras o processo que segui na minha busca de uma estrutura de trabalho significativa e também de uma perspectiva significativa da astrologia e da consulta em geral.

Não tendo vontade de ser conhecido como «astrólogo», com todas as conotações fantasistas, depreciativas ou bombásticas que o termo encerra para tanta gente, pensei que devia obter um diploma em Psicologia, tornar-me «psicólogo» e depois de ter assim confirmado a minha identidade social e garantido a sobrevivência, fazer o tipo de trabalho de consulta e de terapia de que gostava, com ou sem a ajuda da astrologia. Deste modo, matriculei-me em Psicologia com a ideia de me doutorar mas depressa compreendi que mesmo os professores «liberais» e de espírito aberto com que tinha de lidar não conseguiam, pura e simplesmente, entender a ideia da astrologia e todas as suas ramificações últimas. Ficavam nervosos quando lhes falava no tema e logo percebi que sofriam de uma espécie de indigestão mental e emocional quando confrontados com a necessidade de assimilar uma ideia tão estranha aos seus esquemas habituais de pensamento. A causa principal desta indigestão, creio, é apenas a rigidez do ego que provém de uma pessoa basear a vida na presunção — por examinar — de que o indivíduo *controla* todos os aspectos do seu destino.

Para encurtar razões, acabei a licenciatura mercê de uma incrível persistência e utilizando todos os meus poderes de persuasão (quando o Sol em progressão estava em quadratura com o meu Saturno natal) e com a ajuda de um professor relativamente simpático (um Caranguejo *triplo*). Fui-me conformando com a ideia de que nenhum programa de doutoramento em Filosofia existente no país se adaptaria provavelmente à minha natureza rebelde e curiosa. Tinha também concluído que de todas as «teorias da personalidade», técnicas, terapêuticas e estudos experimentais correntes nos círculos da

Psicologia académica, talvez só uns dez por cento possuíam alguma relevância para aquilo que eu entendia como vida real. Não quero dizer com isto que os astrólogos não devam estudar esses dez por cento; creio, na verdade, que não só devem fazê-lo, como também serão muito maus conselheiros se o não fizerem. Tenho ouvido muitos astrólogos dizer coisas como estas: «Não acha que a astrologia inclui toda a psicologia?» Claro que a astrologia, sendo uma linguagem simbólica e completa da vida, possui, em última análise, os instrumentos para *simbolizar* todas as fases da experiência psicológica; mas a implicação de declarações ou perguntas como a que citei é a seguinte: se a astrologia é tão grande, não seria mais fácil ignorar essa maçada que se chama psicologia? É como dizer que preferimos o cristianismo ao hinduísmo. No fim de contas, tratam ambos de Deus, não é verdade? Tais declarações baseiam-se na ilação de que a astrologia é uma *crença*, como a religião; escolhe-se uma e rejeitam-se as outras. Esta atitude ignora o facto de que a astrologia e a psicologia são apenas perspectivas diferentes da vida para a compreensão do funcionamento interior do indivíduo. Podem enriquecer-se mutuamente, e o trabalho de muitos dos mais inovadores astrólogos demonstra o valor desta interpenetração dinâmica das duas disciplinas.

Sou o primeiro a admitir que muitas teorias psicológicas e sistemas terapêuticos se baseiam em presunções falsas ou mesmo ridiculamente limitadas. Por isso, muitas vezes, elas reflectem apenas os preconceitos do teórico que as desenvolveu e — se tivermos o mesmo preconceito, se partilharmos da mesma perspectiva de vida — podemos achar as ideias dessa pessoa compatíveis com as nossas. Muita da teoria psicológica baseia-se não na verdade cósmica mas na projecção das insuficiências e meias verdades do teórico. Isto é inevitável quando qualquer pessoa tenta elaborar uma teoria e um sistema para descrever e explicar o funcionamento humano, não possuindo uma perspectiva universal em que baseie os seus conceitos. Por isso, embora creia que muitos astrólogos poderiam aproveitar de uma maior sofisticação psicológica e de uma familiarização com certas teorias psicológicas, não deveriam contemporizar com a idealização da psicologia. Em geral, os psicólogos andam muito mais às cegas do que os astrólogos. Na maior parte dos casos, o horóscopo de nascimento pode iluminar os *factos* da experiência, mas não as causas últimas, e as teorias psicológicas raramente revelam também essas causas últimas! Quando se trata de causas últimas, quando se trata de responder ao mais profundo *porquê* do cliente, nesse momento a prática da astrologia torna-se uma arte de consulta, nesse momento as presunções ou crenças religiosas, espirituais e filosóficas do astrólogo têm realmente impacte. E quanto mais o prático compreender este

facto, mais poderá assumir plena responsabilidade pela qualidade do trabalho e mais poderá começar a abrir-se a uma imediata compreensão de um mais elevado objectivo da sua função.

A minha atitude relativamente ao meu trabalho é, neste momento, difícil de exprimir. Não me identifico com o termo «psicólogo» nem com o rótulo «de astrólogo». Vejo o meu trabalho com clientes como um trabalho de conselheiro, de alguém que ajuda os outros a compreender os significados mais profundos das suas experiências de vida, função que, segundo creio, deve constituir um dos fundamentais objectivos de qualquer trabalho astrológico. Vejo a astrologia como um instrumento extremamente valioso e digno de admiração para auxiliar os outros a viver a vida e a compreendê-la mais completamente, mas não se trata, para mim, de uma religião nem sequer de um meio de vida. Constitui uma arte individualizada e, tal como o uso da astrologia pode ajudar os outros a entender com maior clareza a sua singularidade, as suas capacidades criativas e o seu potencial de desenvolvimento, *também pode ajudar o astrólogo a descobrir em si próprio essa essência do objectivo criativo que inevitavelmente transcende todos os rótulos ou pretensões profissionais*. Por outras palavras, creio que uma pessoa que descubra que o seu objectivo criativo o *impelle* para a prática da astrologia como uma profissão deve compreender que tem o privilégio de servir de guia aos outros na luta para descobrirem o seu caminho entre as tempestades, os redemoinhos e os naufrágios da vida no plano material. O rótulo usado interessa pouco. Pode-se ser psicólogo, astrólogo, conselheiro, consultor, guia, amigo, bom vizinho ou servo. O que interessa é a qualidade do trabalho, a qualidade da consciência psicológica que percorre e ilumina — assim se pretende — os encontros em profundidade com os outros.

Por isso, agora, quando os meus alunos me perguntam como se poderão tornar astrólogos profissionais, que escolas existem, que cursos devem ser seguidos, em que organizações se devem filiar, a que testes devem submeter-se, respondo-lhes: *você é que interessa, não a astrologia isolada de si*. Você não vai tornar-se um computador cheio de dados sem significado e de milhares de memórias de informação. Claro que deve aprender os fundamentos, familiarizar-se com os vários ramos da astrologia e com as diversas escolas de pensamento que têm a ver com as diferentes perspectivas e métodos de interpretação; mas isso é apenas a base, um alicerce sobre o qual construirá o seu ego, o seu trabalho, a sua estrutura essencial, através da qual a sua energia criativa possa fluir. Ao trabalhar, aprende a fazer o trabalho que lhe é exigido. Sendo o que é, torna-se o que é. Não há nenhum momento mágico em que todos os elementos mágicos

se ajustam e confirmam que você é um verdadeiro astrólogo. Se quer ocupar a sua vida aconselhando os outros, eles virão ter consigo porque *você é o que é*, mais do que porque você sabe o que sabe. Como Jung disse, é a personalidade do «médico» que tem ou não tem efeito curativo. O «sistema» que usar torna-se, em última análise, irrelevante, pois o que interessa é o facto de você usar o seu sistema pessoal, nascido da sua experiência: *você é o sistema*, o canal através do qual a sua consciência psicológica flui.

A minha experiência e as minhas mais recentes intuições levam-me a dizer que a astrologia deve ser vista e usada como parte da arte de consulta, não como algo que se contém em si, isolado dos diálogos íntimos das profissões cujo objecto é ajudar. A astrologia, se não for aplicada a uma pessoa *específica* e a uma situação *específica*, não pode ser utilizada em toda a sua potencialidade. Na verdade, creio que muitos astrólogos (e todos os astrólogos têm passado por esta experiência, quer o reconheçam ou não) perdem a perspectiva daquilo que fazem e do seu objectivo essencial ao absorverem-se demasiado em pormenores astrológicos, em jogos de espírito ou em intermináveis tecnicidades matemáticas ou «esotéricas». É difícil ter presente a todo o momento uma miríade de pormenores e de factos *aparentemente* sem relação e, ao mesmo tempo, atentar na totalidade da pessoa que temos na nossa frente e no efeito último, nas implicações últimas das nossas declarações. A qualidade maior do trabalho de Dane Rudhyar é lembrar-nos o objectivo fundamental do trabalho astrológico e a totalidade da pessoa humana. Mas dizemos demasiadas vezes «que grande ideia!» e esquecemo-nos de *viver* esta compreensão na nossa actividade. As pessoas são animais de hábitos e, a não ser que o astrólogo se examine continuamente e continuamente redefina e clarifique o objectivo da sua função, é quase inevitável que cairá num hábito que eventualmente o impedirá de manter a abertura de espírito requerida por um trabalho de consulta incisivo e frutífero.

Esta abertura de espírito é necessária porque, em minha opinião, o astrólogo serve de canal para uma dimensão de ordem, conhecimento e penetração normalmente inacessível aos outros conselheiros. Através das lentes de horóscopo de nascimento, o astrólogo é capaz de aprender a focar a sua consciência psicológica de tal modo que comece a perceber as coisas ou, pelo menos, a sentir a possibilidade de coisas que não pode logicamente calcular, por muitas fórmulas matemáticas que use. À medida que o prático usa a astrologia com diligência e profundidade ao longo dos anos, descobrirá que a intuição pode apurar-se, que a sensibilidade psíquica pode aumentar, que o seu sentido de intuição pode exceder todos os limites. De certo

modo, o conselheiro astrológico funciona, muitas vezes, como um médium, uma antena no cosmos sintonizada com dimensões de experiência para as quais não existe geralmente um termo psicológico adequado ou nem sequer uma explicação lógica. Por isso, os ideais, valores, objectivos, motivações e, em geral, a pureza do canal são fundamentais. É esta a razão, mais do que qualquer outra, porque a prática da astrologia constitui, em condições ideais, uma arte completamente individualizada que nunca se pode computarizar, dogmatizar ou — talvez surpreendentemente — ensinar como as outras «máticas» são ensinadas.

A astrologia utilizada deste modo serve, assim, ao prático, como método de aperfeiçoamento e evolução pessoal, um meio de desenvolver os poderes e as faculdades interiores que jazem adormecidas na maior parte dos seres humanos. Mas como se obtém esta sintonia com outras dimensões (simbolizadas no horóscopo de nascimento do astrólogo por uma tónica nos planetas trans-saturninos)? A resposta, creio, é a abertura de espírito (que necessariamente não admite demasiado egocentrismo ou demasiada arrogância), combinada com uma *prática* contínua e total. Devemos manter a sintonia através de um uso constante das faculdades de desenvolvimento; caso contrário, se «fizermos um horóscopo» uma vez por mês, toda a força de crescimento dessas novas faculdades se perderá. Por isso, quando os meus alunos que querem ser «astrólogos profissionais» me exprimem esse seu desejo, pergunto-lhes, muitas vezes, quantos horóscopos fazem por semana. Estão simplesmente a ler livros ou já começaram a aplicar as teorias de um modo imediato, verificando tudo e assimilando os significados essenciais dos factores astrológicos através da experiência pessoal? Se me dizem que estão a fazer dois horóscopos por semana, peço-lhes para fazerem três ou quatro. Só mediante uma prática constante e profunda arte tão transcendente e exigente como a da astrologia pode tornar-se completamente acessível e praticamente útil.

Não se procura seja o que for sem um objectivo. É muito difícil para um astrólogo de fim de semana estar suficientemente sintonizado e obter suficiente experiência para fazer um trabalho de alta qualidade. Por exemplo, quando estamos doentes iremos nós a um médico que só exerce a medicina nas horas vagas? Não quero ser demasiado dogmático neste ponto, mas parece-me claro que para atingir o mais alto nível da prática astrológica precisamos de muita experiência que nos proporcione a base e a amplitude necessárias para alcançar uma perspectiva correcta sobre as situações dos nossos clientes. Se apenas fizermos uma dúzia de horóscopos e todos eles de amigos ou parentes, possuímos realmente muito pouca experiência a que recor-

rer. Por isso, se, por exemplo, alguém nos pergunta o que esperar quando Úrano transita pelo Descendente e a única experiência que possuímos deste factor é termos visto a tia Mollie divorciar-se do tio Bill, facilmente poderemos sublinhar a possibilidade de divórcio como a manifestação provável desse período de tempo, ignorando o facto de que uma mudança revolucionária na atitude perante a vida em comum pode realmente ser boa para o casamento da pessoa. Do mesmo modo, é fácil para os astrólogos cair no hábito de esperarem as manifestações mais sensacionais, problemáticas ou traumáticas de qualquer configuração astrológica. Esta predisposição para atitudes negativas deriva de o conselheiro astrológico — como outros de profissões semelhantes — ser naturalmente confrontado com o lado problemático das coisas. A maior parte dos clientes dos astrólogos vão a uma consulta porque sentem que existe um problema, têm uma decisão difícil a tomar ou uma sensação de descontentamento ou ansiedade que querem esclarecer. Mas que se passa com os milhões de pessoas que nunca procuram ajuda, que *nunca* recorrem a qualquer prático destas profissões? Têm, decerto, os seus altos e baixos também, as suas crises e os seus conflitos. E atravessam, sem dúvida, períodos de trânsitos e de progressões dos quatro planetas externos que, muitas vezes, são denominados «difíceis». Que *sentem* durante esses ciclos? Creio que deve exigir-se ao astrólogo consciencioso um esforço para procurar as pessoas nos clientes, que faça os seus horóscopos e estabeleça um diálogo com eles, a fim de descobrir quais as outras possíveis manifestações desses períodos de «crise», a fim de os interrogar sobre a sua *experiência* pessoal durante essas importantes fases de mudança. Quem quer que se dedique a uma profissão cujo objecto é a ajuda pode facilmente criar uma visão distorcida das outras pessoas se não tiver o cuidado de manter um equilíbrio entre as suas relações com os que têm problemas evidentes, e relações razoavelmente normais com os que nada têm a ver com o seu trabalho.

Todo o problema do isolamento que tantas vezes constitui o obstáculo mais difícil a vencer para os que têm profissões de ajuda é tratado com grande profundidade no livro *Power in the Helping Professions*, de Adolf Guggenbuhl-Craig. O autor é presidente da direcção do Instituto C. G. Jung de Zurique, na Suíça, e a sua grande experiência do processo de diálogo na consulta e na terapia está bem patente na profundidade e na penetração que ilumina todo o seu livro. O autor mostra com clareza de que modo o papel do conselheiro, do médico ou do curador pode gravemente prejudicar as suas relações na vida privada e de que modo pode e, muitas vezes, leva a pessoa, sem estar dar por isso, a transformar-se no «charlatão» ou no «falso profeta» que julga que os outros são. Outros capítulos

do livro tratam de temas tão importantes para os conselheiros como sejam: de que modo enfrentar efectivamente os problemas criados pelo papel de «curandeiro»; a necessidade de autoconhecimento e de uma honesta introspecção se se quiser obter a integração pessoal, bem como a eficácia no trabalho; e o problema do sexo e de eros na consulta. Em resumo, o livro do dr. Guggenbuhl-Craig constitui uma análise completa de quase todos os problemas comuns que um conselheiro tem que enfrentar, não só no seu trabalho, como também na sua vida privada. Recomendo-o vivamente a quem se dedicar à consulta ou pretender dedicar-se a esta actividade.

Antes de passarmos a outras considerações sobre a astrologia e a consulta, parece-me adequado citar parte de uma carta que me chegou hoje pelo correio de um correspondente distante. Pode, com certeza, considerar-se um fenómeno sincrónico o facto de, enquanto escrevia este capítulo, a carta ter chegado com a citação deste excerto:

Aconselhar é tão eficaz quanto o terapeuta viver efectivamente... Se aconselhar não é um modo de viver, então é um jogo de técnicas. (In *Beyond Counseling and Therapy*, (In *Beyond Counseling and Therapy*, por Carkhuff e Benson.)

Creio que, do mesmo modo, podemos dizer que a prática da astrologia como arte pessoa a pessoa só é efectiva se o astrólogo viver realmente, e que se a nossa prática astrológica não se integrar no nosso modo de viver tornar-se-á um mero jogo de «técnicas», técnicas que embora talvez curiosas e divertidas, em última análise nada significam.

A arte de não dar conselhos

Apesar de muitos astrólogos considerarem talvez um dos seus principais deveres dar conselhos específicos aos seus clientes e não obstante muitas pessoas pensarem, sem dúvida, que vão a um astrólogo em busca de conselho, tenho sérias reservas sobre essa prática de aconselhar demasiado as pessoas sobre o que devem ou não devem fazer. Em primeiro lugar, devemos perguntar a nós próprios, honestamente, se sabemos na realidade o que determinada pessoa deve fazer. Como Jung escreveu:

É presunçoso pensar que podemos sempre dizer o que é bom ou mau para o doente. Talvez ele saiba de algo que

é realmente mau, o faça de qualquer modo e, depois, fique com remorsos. De um ponto de vista terapêutico, quer dizer, empírico, pode ser, de facto, muito bom para ele. Talvez ele deva experimentar o poder do mal e sofrer-lhe as consequências, porque só por este processo pode abandonar a sua atitude farisaica em relação às outras pessoas. Talvez o destino, ou o inconsciente, ou Deus — chamem-lhe o que quiserem — tenha que lhe dar um boa pancada e fazê-lo rebolar no chão, porque só uma experiência drástica pode surtir efeito, tirá-lo do seu infantilismo, amadurecê-lo. Como pode alguém descobrir de quanto precisa para ser salvo se está absolutamente certo de que não há nada de que deva ser salvo (*Civilization in Transition*, vol. 10, Obras Escolhidas).

A sabedoria desta afirmação tem-se manifestado muitas vezes no meu trabalho. Por exemplo, com frequência tenho visto clientes, meses após o nosso encontro, e descoberto que não seguiram os meus «inteligentes» conselhos (quer eles pensem que o são ou não) ou que algo aconteceu pouco depois do nosso diálogo e colocou todos os seus problemas a uma nova luz e num contexto radicalmente diferente. Então, perguntar-se-á, que deve um astrólogo fazer, qual é o seu objectivo? Que pode legitimamente oferecer às pessoas senão um conselho específico? Pode oferecer a sua capacidade de penetração, a sua compreensão, o seu apoio; e pode, com a ajuda da astrologia, esclarecer, dar um sentido de ordem e de significado, uma possibilidade de obter uma maior consciência e um sentido das implicações últimas da situação presente. A astrologia usada assim proporciona um meio pelo qual as pessoas podem enfrentar mais eficazmente a vida, reconhecendo a sua participação nos ciclos cósmicos, ajudando-as a obter uma verdadeira *perspectiva* sobre si próprias e das suas relações com o mundo externo. Um horóscopo de nascimento não é uma coisa estática que se «faça» e mais nada. É antes um mapa que pode ajudar a pessoa ao longo da estrada da autodescoberta e da autocompreensão. O mais elevado propósito da astrologia não é tentar *mudar* o destino de cada um, mas *cumprilo* através do aperfeiçoamento e da consciência. Mesmo que todos os aspectos e implicações de uma situação individual pareçam perfeitamente claros, podem existir factores que compliquem o esforço de dar um conselho. Citemos outra vez Jung:

As grandes decisões na vida humana têm, regra geral, muito mais a ver com o instinto e outros misteriosos fac-

tores inconscientes do que com a vontade consciente e o raciocínio significantes. O sapato que serve a uma pessoa apertada o pé de outra. Não existe receita universal para viver. Cada um de nós traz consigo a sua própria forma de vida — uma forma irracional que ninguém pode comprar (*The Practice of Psychotherapy*, vol. 16, Obras Escolhidas.)

A importância dos ideais

Outro factor com forte impacto não só no que dizemos a um cliente, mas também no modo como o dizemos, são os valores e ideais da pessoa. Jung salientou muitas vezes que um conselheiro terapeuta nunca deve ferir, criticar ou minimizar os valores importantes de um indivíduo. Deve-se trabalhar *com* a pessoa, não *sobre* a pessoa. Não há lugar para qualquer pregação. No entanto, muitas pessoas que procuram assistência astrológica sofrem de uma falta de valores, da ausência ou, pelo menos, da inconsciência de um ideal que os guie. Quase toda a gente actua com referência a algum ideal; mas a maior parte nunca esclareceu a si própria qual é esse ideal que tão irrecusavelmente a motiva ou confunde. Comecei a compreender a importância dos ideais que guiam um indivíduo através de um longo estudo das interpretações psíquicas de Edgar Cayce. As interpretações de Cayce sublinham repetidas vezes a importância de tomarmos consciência dos nossos ideais. Na verdade, Cayce aconselhava com frequência as pessoas a realizar um simples exercício para ajudar este processo de clarificação que eu próprio costumava recomendar aos meus clientes. (Trata-se de um exercício particularmente útil quando se verificam trânsitos por Neptuno natal ou quando Neptuno está em trânsito, porque só a consciência de um ideal mais elevado ou de uma realidade transcendente, imaterial, pode dar ao indivíduo um sentido de ordem nesses períodos). O exercício consiste simplesmente nisto:

1. Tome uma folha de papel e faça nela três colunas: *espiritual*, *mental* e *físico*.
2. Depois de pensar (o que pode demorar alguns dias) escreva em cada coluna, o mais rigorosamente que puder, qual o seu ideal em cada área de vida. Por outras palavras, o que quer ser espiritualmente, mentalmente e fisicamente?
3. Desenvolva algumas acções concretas para realizar esses ideais, através da assimilação ou prática consciente daquilo que o faça pare-

cer-se mais com o seu ideal. Por exemplo, se quer ser fisicamente mais forte e dispor de mais energia, talvez deva começar um programa de ginástica ou modificar o seu regime. Se quer ser mais generoso e conhecer melhor Deus, talvez deva aprender a meditar e seguir regularmente essa prática.

4. Lembre-se que os seus ideais mudarão e evoluirão à medida que o tempo passa. O que você queria ser quando tinha vinte e um anos não é necessariamente aquilo que quer ser quando tem cinquenta. Por isso, à medida que as alterações dos seus ideais se tornam aparentes, sintase livre para alterar ou redefinir aquilo que escreveu.

5. O principal é trabalhar *em direcção* aos ideais, compreendendo o que são *ideais* e que se você atingisse completamente essas qualidades elas deixariam de servir de pontos de referência no seu desenvolvimento.

Dou aqui este exemplo da necessidade de clarificar os ideais não só como uma «técnica» útil que os conselheiros astrológicos talvez queiram experimentar, mas também como uma introdução ao facto de que todos os «conselhos» dados aos clientes devem estar de acordo com os ideais dos clientes, com aquilo que tentam ser e em que procuram transformar-se. Na verdade, qualquer conselho dado que não esteja de acordo, pelo menos na generalidade, com os mais elevados ideais de um indivíduo, não se harmonizará com a sua mais profunda natureza e, por isso, será prejudicial e não só inútil. O conselho será ignorado ou rejeitado, e pode mesmo, por vezes, introduzir uma nova nota discordante na vida já perturbada da pessoa. Em resumo, se o astrólogo permanecer fiel aos seus ideais e sensível aos ideais e valores dos clientes, o seu trabalho como conselheiro será, muitas vezes, recompensado com subtis experiências, imensamente reveladoras e belas.



Col. «PORTAS DO DESCONHECIDO»

JEAN-CLAUDE BOURRET

**A
CIÊNCIA
FACE AOS
EXTRA-
TERRESTRES**

**É VERDADE QUE O HOMEM NÃO ESTA SÓ
NO UNIVERSO?**

O leigo na matéria, ainda que interessado pelo fenómeno dos OVNI, não faz ideia dos meios científicos, técnicos e, evidentemente, financeiros mobilizados para a empresa cujo objectivo último será quebrar a solidão do homem e pô-lo em contacto com os seus irmãos do cosmo.

Num estilo claro, o autor, especialista em «ovnilogia», confirma muitas das suspeitas do leitor e deixa igual número de novas interrogações.

237 páginas, sendo 24 ilustradas.



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — 2726 MEM MARTINS Codex